



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

**ALINE DA ROCHA JUNQUEIRA**

**Benfica da gente**

**Elos entre memórias do passado e memórias do futuro**

RIO DE JANEIRO  
2013

Aline da Rocha Junqueira

**Benfica da gente**

**Elos entre memórias do passado e memórias do futuro**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

RIO DE JANEIRO

2013

Junqueira, Aline da Rocha.

Benfica da gente: elos entre memórias do passado e memórias do futuro – Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

230 f.: il.;

Orientadora: Ana Paula Goulart Ribeiro

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2013.

1. Memória. 2. Território. 3. Narrativa audiovisual. I. Ribeiro, Ana Paula Goulart (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Título.

Aline da Rocha Junqueira

Benfica da gente  
Elos entre memórias do passado e memórias do futuro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovada em:

---

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro  
Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM)

---

Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho  
Prof. Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM)

---

Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Enne  
Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (PPGCULT)

*À minha mãe, Maria Eulália e à minha filha, Isadora,  
elos de amor e força incondicionais.  
A toda a comunidade de Benfica, em especial  
àqueles que me confiaram suas preciosas histórias*

## AGRADECIMENTOS

A história deste trabalho que fortaleceu e teceu novos elos.

A toda minha família, que me dá o suporte para assumir novas empreitadas, me impulsiona ao *devir*.

A todos que me inspiraram e ajudaram nessa reinterpretação de *Benfica da gente*, aos amigos feitos no PPGCOM da ECO e aos amigos da comunidade.

À Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, seus professores e funcionários.

À orientadora, Ana Paula Goulart Ribeiro, pela paciência e estímulo, principalmente na reta final, conseguindo me “resgatar” do campo inesgotável da memória e da “imersão” no pensamento de Bakhtin para concluir este trabalho.

Aos professores integrantes da banca, Eduardo Granja Coutinho e Ana Lúcia Enne, cujos trabalhos me auxiliaram na organização destes repertórios de memórias.

À professora Maria Aparecida Tardin Cassab pela sua leitura atenta do texto da minha qualificação, alertando-me sobre a distância entre juventude e memória.

À CAPES, cujo apoio financeiro, ainda que pequeno, foi imprescindível para que eu pudesse fazer o mestrado.

À Funalfa, que fomenta novas iniciativas culturais e produção de registros de memória em Juiz de Fora.

À FACOM/UFJF, onde meu contato com comunicação comunitária se iniciou, como também minhas reflexões acadêmicas, por incentivo da profa. Christina Ferras Musse.

Aos moradores que se dispuseram a emprestar suas histórias e aos jovens alunos do projeto *Benfica da gente*, que me proporcionaram encontrar outras histórias.

*Cada lugar é, à sua maneira, o mundo.*

Milton Santos

## RESUMO

JUNQUEIRA, Aline da Rocha. **Benfica da gente**: elos entre memórias e juventudes de um território. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

A realização de um documentário envolvendo *comunidade* e *memória* pode ser um *acontecimento* para os sujeitos do território narrado. Envolve um percurso, uma orientação e um horizonte social. Também movimenta os moradores em torno da sua construção e promove interações entre gerações. Partindo da nossa experiência na elaboração de uma narrativa audiovisual sobre a história de Benfica, um núcleo urbano localizado na periferia de Juiz de Fora, Minas Gerais, baseada em oficinas com jovens do Ensino Médio de uma escola pública local, este trabalho busca analisar os processos nela imbricados, aproximando sua produção ao trabalho etnográfico. Para isso, consideramos três momentos de realização do trabalho antropológico como também da prática audiovisual centrada no testemunho: o *encontro*, a *interpelação* e o *registro*. Para entender estes momentos e suas consequências, buscamos apoio, especialmente, no pensamento de Bakhtin, que considera os sujeitos como obras inacabadas que são atravessadas por fluxos de representações em constante modificação. Desse modo, ao fazer o exame detalhado dos caminhos trilhados para a realização do documentário *Benfica da gente*, que pretendia contar a história do “bairro-cidade” da sua origem à atualidade, verificamos como o *projeto* inicial se modificou diante do *campo de possibilidades* que se delineava diante de nós, utilizando as categorias identificadas por Gilberto Velho (1994). Em suma, nossas ponderações pretendem evidenciar a existência de *elos* entre *memórias do passado* e *memórias do futuro*, que podem ser acionados, ligados e confrontados no exercício de contar uma história sobre um determinado território para *registrar* uma versão da *memória coletiva* (HALBWACHS, 2006). Esta adquire o estatuto de *lugar da memória* (NORA, 1993), compreendendo-o como um *testamento* para os *herdeiros* das gerações futuras realizarem uma reflexão crítica e se apropriarem dos *repertórios* ali organizados.

**Palavras-chave:** 1. Memória. 2. Território 3. Narrativa audiovisual.



## ABSTRACT

JUNQUEIRA, Aline da Rocha. **Benfica da gente**: links between youth and memories of a territory. Rio de Janeiro, 2013. Dissertation (Master in Communication and Culture) - School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

The making of a documentary involving *community* and *memory* can be an event for the subjects of the territory narrated. Involves a journey, an orientation and social horizon. Also move the residents around the construction and promotes interactions between generations. Based on our experience in building a visual narrative about the history of Benfica, an urban center located on the outskirts of Juiz de Fora, Minas Gerais, based on workshops with young high school students from a local public school, this paper seeks to analyze the processes it overlapped, bringing its production to the ethnographic work. For this, we consider three moments of realization of anthropological work as well as audiovisual practice centered on the testimony: *encounter*, *interpellation*, and *recording*. To understand these moments and its consequences, seek support, especially in the thought of Bakhtin, who considers the subject in unfinished becoming. They are traversed by streams of representations, in constantly changing. Thus, to make the detailed examination of the pathways for the realization of the documentary *Benfica da gente*, who wanted to tell the "neighborhood-city" story, from its origins to today, we see how the initial *project* was modified before the *field of possibilities* be outlined before us, using the categories identified by Gilberto Velho (1994). In short, our weights intend to show the existence of *links* between past memories and future memories, which can be triggered, connected and confronted for the exercise of telling a story about a particular territory to record a version of *collective memory* (HALBWACHS, 2006). This acquires the status of a *Lieux de Mémoire* (NORA, 1993), understanding it as a testament to the heirs of future generations perform a critical and appropriate the repertoires organized there.

**Keywords:** 1. Memory. 2. Territory 3. Audiovisual narrative.

## **LISTA DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 – Produção audiovisual financiada pela LMM de 1995 a 2004

Quadro 2 – Autoavaliação do projeto Benfica da gente

Fig. 1 – Bandeira de Benfica de Minas idealizada por Vanderlei Tomaz

Fig. 2 – Brasão de Benfica de Minas concebido por Vanderlei Tomaz

Fig. 3 – Fernando olha para a câmera enquanto eu evito e me movimento

Fig. 4 – Salão Comunitário da Ocupação da BR, local da entrevista.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABCR – Associação Beneficente Cultural e Recreativa dos funcionários da FJF

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CDI – Companhia de Distritos Industriais de Minas Gerais

Cesama - Companhia de Saneamento Municipal

CESO – Centro Social dos Funcionários da FJF

CMH – Conselho Municipal de Habitação

CPM – Companhia Paraibuna de Metais

Engesa – Engenheiros Especializados S/A

FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador

FEEA – Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia

FJF – Fábrica Juiz de Fora

Funalfa – Fundação Alfredo Ferreira Lage

ICMS – Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços

IMBEL – Indústria de Material Bélico

IPASE – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado

ISS – Imposto sobre serviços de qualquer natureza

LMM – Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes

MAES – Micro-áreas de Exclusão Social

MNLM – Movimento Nacional de Luta pela Moradia

OSPB – Organização Social e Política do Brasil

PC – Partido Comunista

PJF – Prefeitura de Juiz de Fora

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

SMJ – Siderúrgica Mendes Júnior

SPM – Sociedade Pró-Melhoramentos

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

ZN – Zona Norte

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 O ENCONTRO .....</b>	<b>25</b>
1.1 A viagem .....	26
1.2 A bagagem .....	30
1.3 <i>Benfica da gente</i> , o projeto .....	41
1.4 <i>Benfica da gente</i> , o território .....	49
<b>2 A INTERPELAÇÃO .....</b>	<b>70</b>
2.1 O elo <i>memorialista</i> .....	80
2.2 Os elos <i>acadêmicos</i> .....	90
2.3 Os elos <i>tradicionais</i> .....	98
2.3.1 <i>Benfica rural</i> .....	100
2.3.2 <i>A Revolução de 1930</i> .....	104
2.3.3 <i>A fábrica de munição</i> .....	106
2.3.4 <i>Vida comunitária e política</i> .....	112
2.3.5 <i>Festas populares</i> .....	123
2.3.6 <i>O bairro-cidade e seus filhos</i> .....	132
2.4 Os elos <i>contemporâneos</i> .....	137
2.4.1 <i>A luta comunitária</i> .....	139
2.4.2 <i>A inclusão</i> .....	156
2.5 Os elos <i>possíveis</i> .....	165
2.5.1 <i>Quem era quem</i> .....	170
2.5.2 <i>O bairro por cada um</i> .....	174
2.5.3 <i>Oportunidades ou escolhas</i> .....	179
2.5.4 <i>O futuro</i> .....	186
2.6 Os elos <i>silenciados</i> .....	190
<b>3 O REGISTRO.....</b>	<b>201</b>
3.1 O projeto estético .....	202

3.2 O projeto ético .....	205
3.3 O documentário como <i>lugar de memória</i> .....	217
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>222</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>228</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz algumas reflexões sobre comunidade e memória a partir do processo de realização do documentário *Benfica da gente: a história do bairro-cidade contada por seus moradores*. Com 72 minutos, gravado em mini DV, conta a história de uma periferia<sup>1</sup> de Juiz de Fora, Minas Gerais, fundamentado em pesquisa documental e no resultado de oficinas de memória e audiovisual com jovens, de 15 a 21 anos, alunos de uma escola pública pertencente à localidade. O trabalho iniciou-se em 2004 e foi concluído em 2007, guiado por uma ótica comunitária<sup>2</sup>. Era nossa primeira prática na condução de um projeto de comunicação comunitária assim como na produção de um documentário. Exigiu grande responsabilidade, pois se tratava de construir uma representação do *nosso lugar* para uma exibição à comunidade e distribuição nas escolas e associações comunitárias. Seu propósito, inicialmente, consistia em motivar os moradores, principalmente os jovens, a se perceberem como sujeitos da história para que pudessem pensar ações visando intervir na realidade daquele território. Entretanto, desde o dia em que foi exibido publicamente para a comunidade, como também quando realizamos um estudo de recepção com outros jovens para a conclusão da habilitação em jornalismo, inquietava-nos a dificuldade de se “pensar” na relação entre memória e juventude pelos moradores como também nos diversos trabalhos acadêmicos que consultamos para sua elaboração. Esse incômodo nos desafiou a tentar realizar uma análise crítica sobre todo o percurso da produção do *Benfica da gente*, buscando desvelar os *elos* e os *nós* desta experiência.

O documentário inicia com uma cartela em fundo preto, informando que é fruto de uma oficina com jovens de uma escola pública e que “Benfica é um ‘núcleo urbano’<sup>3</sup> de Juiz de Fora, Minas Gerais que abriga mais de 20.000 habitantes”. O depoimento de abertura é de Raimundo João de Miranda, negro, com mais de setenta anos<sup>4</sup>, contando um “causo” da origem do nome do bairro. Segue um clipe de quarenta segundos, com cenas rurais e urbanas alternadas, apresentando moradores, fotografias antigas, eventos, paisagens, feira,

<sup>1</sup>Tomamos, neste momento inicial, periferia no sentido geográfico, não necessariamente no social.

<sup>2</sup>Na época, tínhamos como referência os trabalhos de PAIVA (1998) e PERUZZO (1998). Ambas debruçavam-se sobre a importância de uma comunicação com participação popular em todas as etapas de produção, para o fortalecimento da cidadania.

<sup>3</sup> Apesar de pretendermos tratar das questões de representações no terceiro capítulo, a opção por esta denominação expressa uma tentativa de não evidenciar o lugar como periferia ou subúrbio de Juiz de Fora, ainda que nos depoimentos isso possa aparecer.

<sup>4</sup>Não há precisão sobre a idade de todos os personagens do vídeo.

trabalhadores, encerrando com uma típica imagem de interior: um senhor, também negro, batendo palmas no portão de uma casa. A música começa como uma moda de viola mineira, até que entram outros instrumentos e adquire uma sonoridade mais contemporânea. O segundo depoimento, em contraponto à versão popular, é de Vanderlei Tomaz, branco, de olhos claros, com idade em torno de quarenta anos, em tom professoral, citando a versão descrita no livro “Contos Populares Brasileiros”, de Lindolfo Gomes. Logo depois, Conrado Barbosa, branco, com mais de noventa anos, afirma que o nome se refere a um padre de Mariana que rezava na ermida da fazenda situada onde se encontra, atualmente, a praça do bairro. O debate sobre a denominação encerra-se com a volta do *especialista*, Vanderlei, que relata sobre o que encontrara em documentos antigos e pondera que Benfica surgiu de uma das “variantes” do Caminho Novo<sup>5</sup>.

Até aproximadamente trinta minutos, o documentário é conduzido em perspectiva bem memorialista. Várias pessoas, a maioria idosa, falam de suas recordações sobre fatos e personalidades que “marcaram” o lugar. Os depoimentos nem sempre se reiteram. Chegam a ser contraditórios em alguns temas. Imagens de documentos, fotografias antigas e cenas da localidade e das casas dos entrevistados entram em *insert*<sup>6</sup>. As passagens de um assunto para o outro são assinaladas por imagens com *lettering*<sup>7</sup> referentes. São elas: Família Barbosa; Fazenda Benfica, 1912; Revolução de 1930; FEEA - Fábrica de Estojos e Espoletas do Exército; A explosão; Distrito Industrial, anos 1960; Visionários. Este trecho memorialista é concluído, mais uma vez, com a fala do *especialista* Vanderlei Tomaz, explicando que a partir do loteamento promovido pela viúva da família Garcia, Inês, Benfica teria tomado um “grande impulso”.

A segunda parte do documentário, em cerca de dez minutos, narra a origem dos bairros que compõem a região. Começa com uma fotografia panorâmica de Benfica nos anos 1950 em fusão com a imagem geral da parte central em 2007. Entra o depoimento do morador, Vicente Teixeira, branco, aos sessenta anos, aproximadamente, contando que Benfica se “dividiu”, como uma “explosão”, “fragmentou” e cita o nome de alguns bairros. Neste trecho, as histórias destas localidades são contadas. Os moradores, quase sempre, contam que não havia nada quando ali chegaram e relatam seus esforços por melhorias. As imagens dos bairros mais antigos mostram ambientes urbanizados em relação aos mais

<sup>5</sup> Rota que ligava o Rio de Janeiro às regiões do ouro em Minas Gerais.

<sup>6</sup> Termo técnico utilizado em TV para o recurso de cobrir o áudio com imagens.

<sup>7</sup> Palavras na tela estáticas ou em movimento.

recentes, Vila Esperança e a Ocupação da BR, ambos de origem irregular. Referente a estas áreas, os depoimentos narram a luta pela regularização dos lotes e casas, além de frisarem a existência de trabalhadores ali residindo. Sobre a última localidade, cenas da falta de infraestrutura urbana são mostradas e a fala do morador, José Roberto Alfrano, moreno, com cerca de quarenta anos de idade, revela uma condição de exclusão da própria cidade. “Você não mora em Juiz de Fora”.

Na última parte, a transição do tema é feita por uma passagem de trem, com áudio, e a Estação Benfica ao fundo, seguida de uma imagem em movimento panorâmico, que mostra um ângulo da região de Benfica, cheia de casas e prédios, entre os morros de Minas. Em menos de um minuto, os depoimentos apresentam uma série de cogitações sobre Benfica enquanto “cidade”. Edson Reis, outro idoso, próximo dos setenta anos, branco, ressalta que a região é maior do que seiscientos municípios mineiros. A primeira aparição de jovens no documentário é neste momento. Wagner Oliveira, negro, aos dezoito anos, diz que “tudo é nele [no bairro], todo mundo depende dele”. Alternam-se falas de mais dois jovens entre as de outros moradores. Edson aparece novamente. Termina com o senhor que participou da luta pela emancipação da região, apresentada na primeira parte, Domingos Sobreira Neto, também branco, com sessenta e poucos anos, afirmando-se testemunha do crescimento da região. “Quando digo que vi Benfica na condição de aldeia, de arraial e hoje de cidade”. O ritmo do documentário passa a ser mais rápido. Entra um clipe de imagens sob o *rap* com a letra<sup>8</sup> a seguir:

Olha aí, eu agora vou contar uma história, com muita luta, muita batalha e quem sabe uma vitória. É meu amigo Brasil, ele não anda bem, não tá legal e, desse jeito, vai acabar se dando mal. O cara é inteligente, vai na moral, já conseguiu até passar no mobral. Vende o almoço pra comprar a janta, com tudo isso, é feliz a pampa.

A primeira imagem do clipe é de gente andando a cavalo. Em seguida, alternam-se várias imagens do bairro, a maioria em planos mais fechados, mostrando a Ocupação da BR, trabalhadores, catadores de lixo, comércio, feira, bicicleta, casas em construção, concluindo com um aperto de mão entre dois colegas, com a carrocinha dos catadores ao fundo. Os depoimentos seguintes falam das consequências do progresso, chegando à conclusão do morador Vicente Teixeira na qual Benfica “é um bairro também que...[pausa] que hoje mete medo, conforme qualquer, qualquer cidade”. Os temas tratados, a partir daí, são relacionados aos problemas da região. Começa com segurança, passa por educação, emprego, saúde,

<sup>8</sup> *Batalha Desigual*, letra elaborada pelo morador MC Mará em parceria com MB do Funk.



enchente e a praça. Neste trecho, misturam-se falas sobre violência entre os jovens, drogas e diversão. Não há mais uma passagem de um assunto ao outro com *lettering*. As cenas vão pontuando as transições temáticas, ora com a continuidade do rap, ora com som ambiente. Os jovens falam de suas angústias, perspectivas ou falta delas e opinam com relação aos motes, junto a moradores que apareceram em momentos anteriores e a outros que entram no debate neste momento do documentário. Paulo Elias Gomes, negro, próximo de uns quarenta anos, dá o tom das abordagens sequentes.

Eu acho que a inclusão social, ela se desenvolve a partir do momento em que eu valorizo o meu espaço, né. Para que eu possa valorizar a minha comunidade, o meio, entendeu, o qual eu faço parte, eu tenho que me fazer, desenvolver alguma coisa dentro desse local.

Com quase uma hora de vídeo, entram em pauta as ações realizadas para a comunidade. Capoeira, dança, festa religiosa e a escola de samba Rivaís da Primavera. Um dos componentes, Lúcio Carlos de Oliveira, também negro e com idade próxima aos quarenta anos, fala da importância da valorização da agremiação, destacando a união em torno dela.

Então eu acho que todo mundo devia participar, contribuir pra escola ficar bonita. Quando chegar na..., na segunda-feira, se Deus quiser Rivaís ‘é campeão’, aí todo mundo: quem foi campeão não foi a Rivaís, foi a comunidade da Zona Norte, o povo de Benfica, todo mundo.

Depois de uma série de imagens da escola na avenida, entra a fala da jovem Renata Santos, morena, aos vinte e poucos anos de idade, sobre a necessidade de se conhecer o bairro para melhorá-lo. Intercalam-se comentários positivos e negativos sobre o futuro da região, declarações de afeto ao lugar, tanto dos jovens quanto dos idosos. O jovem Vagner Oliveira dá o último depoimento no documentário, mantendo o tom de convocação à participação dos moradores e tomando o nome do projeto que deu origem ao vídeo.

Eu acho assim que Benfica tem tudo pra ser um bairro modelo, sabe, na cidade. Benfica é, assim, eu acho, que todo mundo tem que pensar que *Benfica é da gente*, entendeu? E a gente tem que cuidar dele.

Sobe o som de um tambor, tocado por uma senhora que não apareceu antes cantando: “Aê, tambor, vai buscar quem mora longe. Aê tambor, vai buscar quem mora longe”. Há *insert* de imagens de beco, carroça, famílias, gente na porta de casa, gente andando, até entrar a música instrumental acompanhando as imagens dos bastidores do documentário, com os jovens e a equipe, revezando com outras cenas de temas e entrevistados que não entraram no vídeo, além de panorâmica da região com os créditos.

O objetivo do documentário não consistia em um vídeo etnográfico e nem em uma obra esteticamente inovadora. Muitas cenas e falas são significativas apenas para as pessoas que conhecem a região. Isto posto, mais que analisar o documentário, nossa dissertação pretende problematizar os processos de realização de um produto audiovisual com proposta *comunitária*, elaborado sobre o conjunto de memórias dos habitantes da localidade e de visões apresentadas pelos jovens nas oficinas, além das intenções dos próprios idealizadores. Para este trabalho acadêmico, partimos da questão geral: pode haver elos entre memória e juventude? Chegando a nossa experiência específica a questão torna-se: estes elos são o território ou a própria narrativa tecida no documentário? Ou ainda: a prática audiovisual com jovens de uma determinada comunidade pode estabelecer elos entre estes e os demais moradores para uma *versão da memória coletiva*<sup>9</sup> deste território?

Metodologicamente, para desenvolver estas questões e também por conta de alguns recursos e a forma como foi realizado o documentário, recorremos a um diálogo entre a antropologia e este gênero. Identificamos três momentos não estanques na etnografia e no fazer audiovisual centrado no testemunho que, inclusive, estruturam o corpo de nossa dissertação: o *encontro*, a *interpelação* e o *registro*.

O *encontro* é o impulso da viagem, de ir em direção ao estranho ainda que esteja próximo. A *interpelação*, o modo de interagir com o outro, as opções de contatos, as formas de obter o repertório de vozes. O *registro*, na etnografia, se expressa no diário de campo, na coleta de dados e no texto etnográfico, enquanto no documentário, materializa-se nos roteiros, enquadramentos e edição da narrativa audiovisual.

O primeiro capítulo, *O encontro*, expõe, a partir de uma descrição etnográfica, todo o movimento para se chegar ao projeto e à realização do documentário. Junto aos referenciais teóricos e cinematográficos, consideramos relevante apresentar nossa história de vida, as motivações para idealizar o vídeo sobre a história do nosso lugar de origem. Percorremos nossas lembranças, aliadas a apontamentos elaborados desde o período da faculdade de comunicação, na virada do século, até materiais armazenados em fitas e HDs, durante os três anos de realização do projeto para o documentário, que proporcionou um reencontro com a região de Benfica, tão perto e tão longe de nossa infância. Combinamos os

---

<sup>9</sup>Empregamos aqui o termo consagrado por Halbwachs (2006) acrescido de uma postulação de Gilberto Velho sobre a premissa da humildade no trabalho do etnógrafo, “é mais uma versão que concorrerá com outras – artísticas, políticas, em termos de aceitação perante um público relativamente heterogêneo” (2008:132). Dessa forma, pensamos contribuir para a atualização do conceito elaborado na primeira metade do século XX, influenciado pelo pensamento positivista de Durkheim, com a perspectiva do antropólogo brasileiro sobre *sociedades complexas* (1994).

percursos pela localidade, ora guiados pelas considerações dos adolescentes, ora indicados pelos depoimentos dos moradores, ora armazenados em nossas reminiscências de menina às reflexões sobre comunicação, sociedade e mídia. Elaboramos também um relato cronológico que tenta dar pistas sobre as marcas na memória coletiva dos habitantes deste pequeno território.

Destacamos a influência do *método-pensamento* proposto por Janice Caiafa (2007), do *retorno ao caderno de campo* elaborado por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2003), da resistência das *pedras da cidade* segundo Eclea Bosi (1995), das noções de *projeto e campo de possibilidades* de Gilberto Velho (1994) e suas reflexões sobre a *proximidade* (2003) e o *familiar* (2008). Para compor o histórico do desenvolvimento da região de Benfica, além dos trabalhos de pesquisadores mineiros e juiz-foranos, o *território* e o *lugar* que descrevemos está sedimentado no pensamento Milton Santos (1994, 1999, 2006, 2008).

O segundo capítulo tenta detalhar a *interpelação*. Simplificando, seria o momento da *entrevista*, mas optamos pela outra denominação para não entrar numa discussão da técnica em si, mas das opções e condições da abordagem. Tentamos evidenciar os *elos* da cadeia de memória e história de Benfica, tomando a tese de Ana Lúcia Enne (2002), sobre a Baixada Fluminense, para dispor o repertório acumulado no material bruto em *elos memorialistas, acadêmicos, tradicionais, contemporâneos, possíveis e silenciados*. A última denominação é nossa peculiaridade para designar aqueles temas e personagens que não entraram no documentário, apesar de terem sido registrados. Trata-se de uma referência a Michael Pollak (1989) que contribui para inferir a interpelação como um meio de tirar algumas memórias do *subterrâneo* como também *emudecê-las*.

Quando fomos buscar os testemunhos dos moradores sobre os temas que elegemos importantes para o documentário, defrontamo-nos com a tensão na relação entre documentarista e entrevistado. Evidenciar este conflito nos parece pertinente para entender a memória como *trabalho* (Bosi, 1995), como também a importância em despertar o *gosto pela palavra* e disponibilizar-se à *escuta*, atitudes identificadas por Consuelo Lins (2004) na obra do cineasta e documentarista Eduardo Coutinho. A nossa modesta experiência na coleta de depoimentos para este produto específico mostrou-nos algumas possibilidades de trabalho da memória, evocada pela interpelação e diante da câmera, que promoveu ou não o acesso do entrevistado ou da sua fala à narrativa audiovisual.

O terceiro capítulo concentra-se na análise do *registro*. Considerando o documentário como um *lugar de memória* (NORA, 1993), tentaremos refletir sobre as opções de gravação e edição, tanto nos enquadramentos e cenas como na orquestração das falas. Apoiamo-nos em Robert Stam (1992, 2006) para pensar as gradações de um discurso *politicamente correto, não eurocêntrico*, a variação no uso de *inserts* jornalísticos, de comprovação documental, de cenas reais, no sentido de atestar a *verdade* das falas, até a entrada das imagens festivas e do *rap* no período que o documentário enfoca o tempo presente. O pesquisador vale-se de que linguagem e poder estão imbricados em constantes rearranjos, adotando a metodologia bakhtiniana, convergindo com a nossa proposta para examinar os *elos* entre memórias do passado e memórias do futuro no documentário *Benfica da gente*.

Tomando estas contribuições, entre outras, a dissertação assume como norteador Bakhtin (1981, 1990, 1997, 2006). O contato com este pensador abriu uma infinidade de caminhos possíveis e intercambiáveis nesta pesquisa. Entretanto, como o trabalho acadêmico exige o exercício de entregar-se a certo cárcere pela limitação do tempo e do espaço, e pela forma inerente a sua realização, evidenciar esta tendência contribui na sua leitura e análise crítica.

Para Bakhtin, tudo é processo permanente. Ao contrário do seu contemporâneo Saussure que tenta enclausurar a língua nas estruturas e formas, ele liberta-a para a intensidade da vida, do movimento, das lutas, das negociações de sentido que permeiam a existência humana. Isso, porque com ele podemos pensar que o sujeito, o próprio homem, é uma obra inacabada, dependente do outro para dar conta de si, atravessado por fluxos de representações as quais, como vivemos em uma sociedade que se comunica pela língua, em última instância, sempre se limita e se emancipa pelas palavras.

“A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 2006, p. 34). Ainda em pensamento, há uma ordenação discursiva que remete a repertórios de significação anteriores e desencadeia outros processos de significação e produção de sentidos. “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p.291).

Temos o documentário como um *enunciado*, em certa medida *polifônico*, cuja intensão primária em dar voz e visibilidade aos moradores rendeu uma orquestração das falas com forças e ressonâncias para além de considerações sobre a *linha do tempo* daquele

território, sempre cambiante, ilimitado na sua dimensão social, política e ética, potencializado permanentemente pelas negociações entre *eu-outro*. A pesquisa pretende evidenciar que a elaboração de um documentário sobre memória e comunidade, quando o próprio processo de produção do vídeo com oficinas envolve um número considerável de entrevistados, torna-se a composição de uma *versão da memória coletiva* de um território. Pois o *trabalho* sobre memórias (BOSI, 1995), em vários aspectos, criou condições socioculturais para lembranças saírem do *subterrâneo*, outras *silenciadas* (POLLAK, 1989), ainda que possam reforçar ou se ater a algumas ideias dominantes.

Para nós, a memória é uma arena tão intensa de negociação e de luta por sentidos, abarcando *forças centrípetas* e *forças centrífugas* cruzando processos de *centralização e descentralização, unificação e desunificação* (BAKHTIN, 1990, p. 84), que os resultados apresentados neste trabalho, certamente, não estavam previstos conscientemente quando participamos da realização do documentário.

Depois de nos determos em uma revisão bibliográfica buscando aproximar os termos *memória* e *juventude*, aparentemente antagônicos e certamente complexos, intuímos que a ideia de separação destas palavras circunscreve-se sob uma perspectiva de relação de poder. Memória pertence àquele que já acumula uma bagagem de experiências, um olhar do presente sobre o passado. Ser jovem, nesta perspectiva, direciona o campo de visão no futuro. Porém, é preciso lembrar que, já na infância, os contextos sociais que atravessam e formam os sujeitos são imbricados de impressões de outrora. Hanna Arendt (2011) sintetiza de modo radicalizado esta afirmação na análise da crise da educação moderna, tomando o exemplo americano. Sua crítica pode ser estendida às dificuldades das políticas públicas para a juventude no Brasil, a partir dos anos 90. “Pertence à própria natureza da condição humana o fato de que cada geração se transforma em um mundo antigo, de tal modo que preparar uma nova geração para um mundo novo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua oportunidade face ao novo” (ARENDR, 2011, p. 226).

Na contemporaneidade, diversos autores das ciências sociais têm contestado os chamados *pós-modernos* identificando uma busca pelas memórias, ou melhor, uma *dilatação do campo do memorável* com práticas que remetem ao passado (RIBEIRO; BARBOSA, 2007). Um grande expoente deste pensamento é Andreas Huyssen. Ele aponta que, no final do século passado, aconteceu um deslocamento da atenção ao que ele chama de *futuros presentes* para os *passados presentes* (HUYSSSEN, 2000, p.9). Fazendo um retrospecto sobre o que levou a essa *cultura da memória* contemporânea ou ao *boom de memória*, o autor ressalta o

tempo e espaço como categorias de percepção já arraigadas. Na década de 1960, surge no ocidente uma busca por “outras tradições e pela tradição do outro” que desembocaram em narrativas fatalistas como o fim da história, do sujeito, da obra de arte e da metanarrativa. A partir dos anos 1970, há uma musealização generalizada, com a restauração de centros urbanos, investimentos em patrimônio, moda retrô, vídeos, literatura, enfim, uma “comercialização em massa da nostalgia” (HUYSSSEN, 2000, 14).

Os jovens não estão fora deste mercado. Maria Rita Fischer (2008), em um trabalho com estudantes do ensino médio e universitários, constatou um *saudosismo precoce* circulando na internet, relacionado ao consumo de determinados produtos, ratificado pelo recorrente uso da expressão “no meu tempo” utilizada pelos adolescentes de 15 e 16 anos pesquisados.

No nosso trabalho, o grupo de jovens em questão era oriundo de uma escola pública e participou do projeto em um período em que o acesso à internet, ao menos ali, era bastante limitado<sup>10</sup>. Outrossim, não é nosso objeto o fetichismo da memória por uma determinada geração. Para entender o discurso do documentário que foi elaborado por jovens (idealizadores e adolescentes das oficinas) buscamos os *elos* entre *memórias do passado*, verbalizada pelos moradores antigos, e *memórias do futuro*, tecidas pelos jovens envolvidos no projeto, considerando o pensamento de Halbwachs (2006), acrescido da crítica de Pollak (1986, 1989, 1992), sem perder de vista Bakhtin (1997).

Halbwachs (2006) tira a memória do campo subjetivo, radicalizando a proposta do seu mestre Bergson e contrapondo-se aos estudos dos contemporâneos Proust, James e Freud<sup>11</sup>. Segundo o teórico, não existem lembranças segregadas da vida na sociedade. Como fatores determinantes da memória, Halbwachs identifica *quadros sociais* que podem até parecer invisíveis, mas que não deixam de influenciar todas as recordações. Seriam os grupos aos quais o indivíduo está inserido como família, classe social, a escola, a igreja, partido político, sindicato, associações. Como pode pertencer ou passar pelos mais diversos, são diferentes as versões da memória coletiva por cada um.

Michael Pollak, afirmando que a tradição europeia do final do século XIX norteadora do pensamento de Halbwachs vislumbrava a *nação* como “forma mais acabada de

---

<sup>10</sup>Ver o primeiro capítulo.

<sup>11</sup>Para aprofundar no debate entre o conceito de Halbwachs e demais teóricos sociais, ver SANTOS (2003).

um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva” (POLLAK, 1989, p. 3) pondera que o sociólogo ignorava outros meios de moldar a memória, principalmente os relacionados à dominação.

Destarte, Pollak (1989) inscreve a memória nas relações de poder, verificando a memória coletiva como um objeto de disputa entre os vários segmentos que compõem a sociedade. Para estabelecer outra correlação de forças existem *enquadramentos* da memória que são o trabalho – do estado ao partido político, da igreja aos movimentos sociais – de constituir novas narrativas. E, além destes enquadramentos, existem aquelas lembranças que vêm à tona quando há condições para serem evocadas. Estas pertencem a outros grupos, minoritários. Elas não desaparecem frente a uma memória coletiva majoritária, ficam latentes, fazendo um trabalho de *subversão em silêncio*. Em suma, para Pollak, a memória tem uma dinâmica própria, mas se relaciona fundamentalmente com identidade, com pertencimento, com representações. O que nos interessa particularmente neste autor, combinado a outros, é a articulação que os sujeitos fazem com passado para sua representação, de si para si, agregando tanto repertórios *herdados* quanto outros elementos que dão coerência à *identidade*, no aspecto social do termo, “de si para os outros”, que não é construído objetivamente. “Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros” (POLLAK, 1992).

No trabalho anterior, *La gestion de l'indicible* (1986), Pollak mostra como certas lembranças ficam *silenciadas*, aguardando o momento certo de serem lembradas, conforme a reinterpretação que o sujeito faz da própria vida, até sobre traumas, e das condições que permitem que elas sejam remexidas, o que ele chama de *gestão da memória*.

Segundo o austríaco, o filme é um potente aparato de enquadramento da memória, dada sua capacidade de sensibilizar o público, alimentando o repertório de narrativas para a reorganização da memória coletiva. No contexto do autor, radicado na França nos anos 1970, os documentários centrados em testemunhos das grades tragédias, especialmente o Holocausto<sup>12</sup>, trouxeram à tona reflexões que mudaram a forma de pensar aqueles acontecimentos. As histórias de vida, naquele momento, ganharam mais importância

---

<sup>12</sup> Pollak (1989) cita *Le chagrin et la pitié* (1969), de Marcel Ophüls, e *Français si' vous saviez* (1972), de André Harris e Alain de Sedouy que tiveram sua exibição em TV proibida e de *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann, ao qual atribui o adjetivo de “monumental”, por ter influenciado na produção de pesquisas sobre o tema.

acadêmica<sup>13</sup>, tornando-se uma “nova área de pesquisa” a que ele reconhecia como um “campo privilegiado” (POLLAK, 1992).

Desse modo, percebermos que as lembranças são movidas. Elas ficam latentes porque só podem se manifestar quando adquirirem significado, quando *trabalhadas*. Retomamos, então Bosi e Bakhtin.

Na memória *fica o que significa* (BOSI, 1995, p. 66.) e, nesse processo, a representação carrega intensidades diferentes ou até uma mudança radical dependendo da mão-de-obra aplicada na *memória-trabalho*. A transformação na representação evocada tende a ser maior quanto mais vida social tiver o sujeito. Os enunciados, como aponta Bakhtin, estão relacionados a enunciados anteriores e posteriores, imagina-se a quem destina-se a fala e, mesmo inconscientemente, haverá uma resposta que ativa a *memória do futuro*, caracterizando a *respondibilidade*. Isso nos parece próximo da *gestão da memória* descrita por Pollak, na qual a pessoa omite suas reminiscências, acredita que tenha esquecido, lembre-se de um modo diferente ou, ainda, recorda-se do que não viveu.

Pensávamos que memória estaria em um campo distante da juventude. Mas entendemos que memória é processo arquitetado dialogicamente. Os fluxos que atravessam os sujeitos são inúmeros, mas os jovens ainda estão mais permeáveis, buscando o próprio enquadramento, e demonstram esse movimento no discurso sobre o presente da comunidade que é curto e reivindicatório.

É justamente pelo inacabamento e heterogeneidade do sujeito que há um jogo complexo entre *memória do passado* e *memória do futuro*. Conjecturamos permanentemente as potencialidades de ação no presente ponderando sobre o vivido. Não existem papéis e lugares estáveis, a memória opera de modo *cronotópico* e *exotópico* agregando temporalidades variáveis e espacialidades sociais mutáveis.

Existem deslocamentos referentes ao decorrido que compõem a memória de passado e em relação ao devir que está na memória do futuro. Aquela é *estética* porque tenta dar acabamento a existência, esta é *moral* porque justifica as práticas do presente. Existência e quimera intercambiando-se continuamente uma vez que são infinitas as virtualidades do ser humano organizadas nos enunciados nas sociedades complexas.

---

<sup>13</sup> A chamada primeira geração de pesquisadores é da década de 1950, nos Estados Unidos, mas a partir dos anos 1970, especificamente 1975, tem-se o “progresso da história oral”, reconhecendo-a e aprofundando o debate enquanto uma metodologia de pesquisa por pesquisadores da Europa e da América Latina (JOUTARD, 1996).



## 1 O ENCONTRO

Neste primeiro capítulo, relatamos o caminho percorrido até o reencontro com a nossa localidade de origem para registrá-la no documentário *Benfica da gente, a história do bairro-cidade contada por seus moradores*. O vídeo, de 72 minutos gravados em Mini DV, resulta de oficinas de memória e audiovisual com jovens, de 15 a 21 anos, estudantes da única escola pública, naquele momento, que oferecia ensino médio na localidade retratada. Iniciado em 2004, com o financiamento da Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes (LMM), o projeto original tinha o nome *Benfica da gente: narrativa audiovisual sobre o ângulo da comunidade* e pretendia realizar um documentário de 30 minutos, contando a história da região censitária de Juiz de Fora mais populosa da cidade mineira, característica que prevalece com o resultado do Censo 2010 do IBGE<sup>14</sup>. São 23.045 habitantes, superando a população do centro, da qual é separada por quase 14 km, além de agregar mais de 100 mil pessoas em torno do seu comércio, indústria e oferta de serviços, polarizando a zona norte da cidade.

Com relação às metrópoles, distância e população não são tão relevantes. Entretanto, esse lugar na periferia<sup>15</sup> juiz-forana foi rota do ouro, sediou batalhas da Revolução de 1930, integrou o projeto nacional desenvolvimentista de Getúlio Vargas, enviou as primeiras tropas ao Rio de Janeiro para o golpe militar de 1964, dentre outros fatos e, ainda na década de 1960, abrigou um movimento emancipacionista organizado por lideranças locais. As expectativas de alcançar a condição de cidade foram frustradas quando, em 1968, a região deixou de ser um distrito para tornar-se efetivamente um bairro. Contudo, a ideia de que Benfica deveria ser uma cidade povoou o imaginário da população. Baseado em pesquisa documental e com uma abordagem inspirada na história oral<sup>16</sup> para recolher os testemunhos, o

---

<sup>14</sup> Tribuna de Minas, 7 de agosto de 2011, disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/cidade/cidade-alta-e-a-regi-o-que-mais-cresce-em-jf-1.587969>

<sup>15</sup> Estamos conscientes do debate em torno do cunho simbólico que o termo periferia acumula, já que está ligado a uma concepção cartesiana para a constituição da “cidade formal” (Baudry, 2011). Neste trabalho, mantemos o uso do termo para referirmo-nos a um núcleo urbano que se desenvolve geograficamente periférico em relação ao centro urbano de Juiz de Fora, o que não significa que este mesmo núcleo não vá fomentar no seu entorno o surgimento de novas periferias.

<sup>16</sup> A História Oral suscita amplo debate entre os historiadores, mas hoje é reconhecida como metodologia para constituição de novas fontes para a pesquisa histórica. Partindo da entrevista estruturada por meio de um conhecimento documental anterior, a intenção não é de construir uma verdade histórica, mas outra visão e versão do passado, que emana da experiência de atores sociais, não se restringindo à prática acadêmica (LOZANO, J. E. A., 2000)

documentário conta esta história, da origem do povoado às margens do Caminho Novo até o tempo presente com suas contradições, quando os alunos do projeto tornam-se personagens.

### 1.1 A viagem

Como nosso trabalho se vale da etnografia, o termo *viagem* remete-nos à origem da antropologia com os relatos de contatos com outros povos, mas também às questões mais recentes desses estudos que se voltam aos temas urbanos nos quais o pesquisador pondera sobre uma realidade muito próxima a sua vivência. Em campo, ele encontra-se numa situação de exposição que também o transforma. Se o contato com culturas extremamente diferentes da sua poderia forjar a adesão à visão de mundo do outro ou exaltar o exotismo, ser membro da sociedade em estudo implica em um repertório de conhecimento que também lida com este dilema. Gilberto Velho (2008) indica o caminho da *relativização do outro*, ou ainda, da *transcendência*, voltando-se à pesquisa sobre as cidades e suas descontinuidades. O autor refere-se às noções ideológicas de experiência comum que não são absolutas entre os indivíduos ou mesmo entre o pesquisador e o seu meio familiar. Para além da familiaridade, existem níveis diferentes de conhecimento do próprio vizinho que podem determinar tanto o *reconhecimento* quanto o *estranhamento*.

Desde o seu início, passando pela consolidação enquanto método científico a que se deve o trabalho de Malinowski no início do século XX, criticado pela antropologia interpretativa de Geertz até a desconstrução da autoridade do etnógrafo postulada em *Writing Culture*<sup>17</sup>, a etnografia tem como especificidade ser um trabalho cuja experiência do pesquisador com o objeto – que também é sujeito –, bem como as falas do outro são matéria-prima. Estabelece-se uma relação de recepção e transmissão de discurso que Caiafa (2007, p. 138) aponta como lugar da *comunicação socioverbal*, recorrendo a Bakhtin e Volochínov e como a *fronteira com a palavra do outro*, mencionando o pensamento de Deleuze e Guattari.

A pesquisadora aposta em uma atitude de se disponibilizar ao acontecimento que o encontro proporciona. Entender e aplicar a etnografia como um *método-pensamento*. Nem a simplificação dos trabalhos que enquadravam as sociedades não-ocidentais em regras, nem a

---

<sup>17</sup>Publicação organizada por James Clifford e George Marcus com as ideias do seminário de Santa Fé, em Novo México em 1984.

totalização, que manipula a experiência do campo para dar consistência à própria visão de mundo do etnógrafo. O que está intrínseco ao estudar cultura é que lidamos com algo não estancado, mas fugidio e, portanto, possível somente se compreendido “no exercício afetivo da vida social” (2007, p. 139). A experiência singular acontece nos dois momentos, tanto no campo quanto na escritura.

Propomo-nos, então, a adotar o *método-pensamento* de Caiafa (2007), que entende a experiência singular do *encontro*, o trabalho de campo – se prevalecer sobre os dogmas teóricos ou à autoridade constituída pelo pesquisador – como um material denso, complexo e rico, no qual teoria e empirismo se complementam, sem sobreposição de uma ao outro.

O campo, lugar forte da pesquisa etnográfica, funciona como uma espécie de laboratório, onde o pesquisador pode experimentar e observar, mas, especificamente, distancia-se do seu próprio meio, imerge em outra realidade na qual, ainda que próxima a sua, requer *desfamiliarização* para não produzir estereótipos ou mitos e se defrontar de fato com a descoberta. Assim, envereda-se na viagem ao desconhecido em busca da diferença. Estranhamento não é algo natural, muito menos vontade, mas processo, que requer a *disponibilidade*.

A autora não aparta o acontecimento vivido do texto etnográfico para não apagar nenhum dos sujeitos envolvidos (nem o pesquisador, nem o objeto-sujeito) ou a experiência do encontro, numa perspectiva *dialógica* e *polifônica*, conceitos bakhtinianos. Entende a escritura como um *agenciamento coletivo de enunciação*, inspirada em Deleuze e Guattari<sup>18</sup>. Propõe, assim, a transcrição da experiência sem abusos da posição privilegiada do pesquisador para apenas repassar a experiência pessoal dentro de um contexto específico – histórico, científico e circunstancial. Recomenda, portanto, uma *ficcionalização*, proporcionando ao leitor a *viagem*, abarcando *estranhamento* como também *simpatia*, próxima à vivida em campo.

<sup>18</sup>A função do etnógrafo é ser arranjador dos *agenciamentos coletivos* constituídos na experiência de campo e no texto, o que não lhe dá predicado algum, apenas lhe coloca diante da tarefa de construir com outras vozes. Por meio da explicação de Caiafa acerca dos conceitos de Deleuze e Guattari, compreendemos que os *agenciamentos* são os ambientes de trocas entre heterogêneos, são múltiplos, transitórios e tocam nos limites até produzirem mudanças propulsoras de novos agenciamentos. Entre os componentes dos agenciamentos, encontram-se os *enunciados*, matéria-prima e ferramenta do etnógrafo. Mas diferente de estarem à disposição deste, eles estão em *co-funcionamento* ou *simpatia*, única unidade possível entre os *corpos* (nos mais diversos coeficientes), e não mais organizados em categorias estabilizantes como sujeito, identidade, significante, representação etc. Não cabe identificação, muito menos compaixão. Não julgar para entrar em composição com o outro, o *outrem*, revelador de novas possibilidades. Entender a subjetividade como processo inacabado e coletivo, ainda que limitada ao indivíduo, porém inscrita socialmente.

Desse modo, arriscamos nesta dissertação, a *viajar* por uma etnografia da nossa memória, inspirados nos trabalhos de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2003) e Eclea Bosi (1995)<sup>19</sup>, revelando os *nós* e *elos* que levaram ao nosso encontro, ou melhor, ao reencontro com o lugar onde crescemos e vivemos, a partir de um trabalho de comunicação comunitária, organizando em um produto limitado a rede de discursos sobre este território tal qual indicava Raquel Paiva (1998).

Um veículo comunitário deve valorizar a cultura local, prestigiando suas formas. Deve necessariamente fomentar a participação da população tanto em projetos urbanos como no próprio veículo. Promover a educação é ainda uma das principais diretrizes, especialmente por se tratar de lugares onde o acesso às instituições formais de ensino ainda é bastante reduzido. Entretanto, é preciso enquadrar essa preocupação educacional no propósito de entendimento do próprio cotidiano e da capacidade de transformá-lo. (PAIVA, Raquel, 1998, p.166)

Contextualizar essa produção, com a proposta aqui apresentada, passa por um memorial da nossa trajetória de vida, descrevendo as escolhas na elaboração, os problemas encontrados e, principalmente, expondo os repertórios que tínhamos disponíveis naquele momento para a ordenação de uma narrativa envolvendo *memória* e *comunidade*.

Memória e comunidade já rendem uma profunda discussão teórica. A primeira é emaranhada e múltipla. A segunda não tem fronteiras cravadas como nos tempos das sociedades agrárias. Ambas se modificam em virtude dos novos modos de vida. Para este trabalho, o importante é que, partindo da concepção dialógica elaborada na obra de Bakhtin, podemos dizer que não há memória sem comunidade, pois os processos de construção de ambas estão no campo das trocas simbólicas, logo, são arquitetados pelas relações sociais.

...o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse (BAKHTIN, 1997, p.55).

Recorremos as nossas lembranças, mas também aos resultados das oficinas, aos nossos cadernos de anotações, ao material bruto até a análise do vídeo final, com o rigor que a pesquisa acadêmica exige, evitando a literatura confessional. À época, não detínhamos conhecimento e nem pretensão de fazer um vídeo etnográfico ou mesmo uma obra cinematográfica com inovações estéticas. Tratava-se de um dilema pessoal, de uma opção

---

<sup>19</sup> Bosi em *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* (1995) narra suas lembranças e percepções no último capítulo do livro que como ela afirma é um trabalho na interseção de memória e velhice. Cavalcanti em *Conhecer Desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do Carnaval carioca* revisita seus cadernos de campo e conta como essas experiências transformaram o seu modo de perceber aqueles temas, como também o seu trabalho de pesquisadora.

político-ideológica e, fundamentalmente, de uma ação alicerçada na compreensão do nosso lugar de origem naquele momento. Talvez, seria melhor adotar a noção de *projeto* dentro de um *campo de possibilidades*, tal qual emprega Gilberto Velho (1994) e como Ana Lúcia Enne (2002) cita para o seu estudo sobre a memória, história e identidade na Baixada Fluminense.

*Projeto*, na perspectiva do antropólogo, sob a influência de Alfred Schutz, seria a “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, enquanto *campo de possibilidades* consiste na “dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos” (VELHO, 1994, p.40). Em síntese, o autor utiliza esses termos a fim de compreender melhor biografias e trajetórias de vida e suas singularidades como “expressão de um quadro sócio-histórico”. Um indivíduo pode ser portador de vários projetos, inclusive divergentes, e terá, necessariamente, que relacionar estes com outros dentro do campo de possibilidades que, para nós, é o campo de negociações de sentido, ou seja, o espaço onde valores e significados são compartilhados dentro de um universo cultural comum. Assim se dá o jogo na sociedade contemporânea, cujas relações sociais são ultrapermeáveis à complexa rede de informações propiciada pelo capitalismo que rompeu fronteiras nas formas de produção e consumo, mas também criou uma nova dinâmica cultural, intensa e transitória, em permanente movimento.

O conceito de lugar foi *fragilizado* (MUSSE, 2008; SANTOS, 1994). Entretanto, o que verificamos como realmente instável, pela acepção de Gilberto Velho, são os sujeitos e identidades.

Os *projetos*, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus *projetos*. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos (VELHO, 1994, p. 48).

Trabalhar com *projeto* e *campo de possibilidades* nos parece pertinente porque foi apresentada pelo autor como complementar às noções de identidade e memória. Justamente pelo fato de voltar-se à trajetória dos indivíduos como constituinte social é que a consciência da biografia se transforma em um potente instrumento de transformação da sociedade cada vez mais individualizada. É por compreender os *projetos* dentro do *campo de possibilidades*, negociando-os com os mais diversos atores e nos variados setores (família, estado, trabalho etc) que novos projetos são delineados, dando significado à própria existência e consistência à identidade<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Quando se fala em identidade é impossível ignorar o pensamento de Stuart Hall. Por ele, compreendemos que a estabilidade do *sujeito sociológico* foi quebrada, conferindo várias identidades ao *sujeito pós-moderno*. Não entramos no mérito de tentar demarcar se vivemos a Pós-Modernidade, mas compartilhamos da concepção do

## 1.2 A bagagem

Para entender o processo de realização do documentário *Benfica da gente*, ou seja, revelar os movimentos de construção deste vídeo, pretendemos esmiuçar alguns *elos* da cadeia de sentidos que o compôs em todos os níveis da produção, a começar pela idealização. Para viajar até Benfica, com o propósito de contar a história da região, havia uma *bagagem* que direta ou indiretamente deixou seus vestígios no trabalho. Apresento uma autobiografia, evidenciando de antemão que contar a própria história também é lembrança e esquecimento e, portanto, consiste em uma narração coerente com os propósitos aqui apresentados.

O nome *Benfica da gente* salienta a pretensão comunitária como também a relação pessoal que tenho com o projeto. Assumo uma condição *bairrista*, não como exaltadora do meu lugar, mas como alguém que por um bom período da sua vida, quase uma década, tem olhado e produzido narrativas sobre onde vive e atua, como também reinterpretado este Benfica por meio de outras contribuições, idas e vindas.

Desde que nasci, moro em Benfica. Meu pai chegou à localidade em virtude da instalação do Instituto Brasileiro do Café, na década de 1960, a primeira empresa do Distrito Industrial. Era funcionário público. Minha mãe, professora. Trabalhou na Escola Estadual Professor Lopes, desde quando se casou com meu pai, mudando-se para o bairro. Nesta escola, eu estudei da primeira à quarta série (quinto ano do ensino fundamental atualmente). Dali em diante, frequentei escolas particulares no centro de Juiz de Fora. Morar no Distrito Industrial me fez crescer afastada da vida central da região e próxima de outras áreas como a Várzea e a Ponte Preta. A primeira, era o meu caminho para o centro do bairro e a outra originou-se de uma única família de negros e seus descendentes, quando a viúva do fazendeiro doou as terras ao seu “escravo de confiança”, conforme relato de D. Almerinda, neta do negro (JUNQUEIRA, 2007). Cresci com empregadas domésticas oriundas destas áreas e brincando com as crianças de lá.

Na adolescência, aos quinze anos, mudamos para uma casa bem no centro do bairro, pois meus pais se aposentaram. Novas relações sociais se formaram ali, junto as

---

autor sobre a importância do passado histórico como elemento para a constituição das nossas possibilidades de ser que, no nosso entendimento, podem dialogar com a ideia de *projeto* apresentada por Velho. “Têm a ver não tanto com questões *quem nós somos* ou *de onde nós viemos*, mas muito mais com as questões *quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios*” (HALL, 2000, p. 109, grifos do autor).

minhas amigadas de escola particular, da “cidade”. Ao passar no vestibular, ingressando na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), localizada em outro extremo do município, passei a ser uma privilegiada em relação à maioria dos meus colegas de bairro. Na faculdade, me envolvi com o movimento estudantil e em projetos de extensão ligados à comunicação comunitária e popular.

Durante a graduação – de 1997 a 2001 – descobri o audiovisual, principalmente no Brasil, como um viés de representações sobre as comunidades se tomados por elas. Escolhi a habilitação em radialismo, hoje extinta na instituição. Meu trabalho de conclusão de curso foi *TV Comunitária via cabo, um estudo do veículo e registro da ocupação em Juiz de Fora* (2001), realizado junto com Rosana Lílian Vieira, sob a orientação de Christina Ferraz Musse e co-orientação de Cristiano Rodrigues.

À época, eu e minha parceira percebemos grandes dificuldades na implantação da TV Comunitária, principalmente em uma cidade média como a nossa. Custos elevados, pequeno alcance em função do preço da assinatura e do cabo não chegar aos bairros distantes como Benfica (como ainda não chegou), ausência de trabalhos da universidade para capacitação de agentes sociais na produção e debate restrito sobre a gestão do canal comunitário. Em suma, a TV Comunitária, naquele momento, parecia-nos um “videocassete” para um pequeno público, onde as entidades com mais recursos financeiros e influência política colocavam suas fitas (JUNQUEIRA; VIEIRA, 2001).

Por outro lado, a discussão em torno da ocupação do canal comunitário ajudava a fomentar a ideia de pluralidade na participação e nas regras de convivência para a construção de um veículo democrático que coubesse os mais diversos segmentos da sociedade, desde que organizados. Nossa investigação motivou inclusive a disputa do canal por grupos de entidades distintas em Juiz de Fora. Naquela ocasião, o meio não tinha nada de popular, mas era uma possibilidade. “Como este produto ainda se encontra em fase de estruturação no Brasil, suas características podem caminhar para a lógica do comunitário. Isto vai depender da intervenção do movimento social” (JUNQUEIRA; VIEIRA, 2001, p. 71). Ao mesmo tempo, conhecíamos iniciativas que nos inspiravam pela criatividade e envolvimento da população. De qualquer forma, eu, particularmente, pensava que a luta pela TV Comunitária a cabo em Juiz de Fora estava além das minhas possibilidades de ação. De fato, o canal não foi à frente.

Paralelamente, quando iniciei a graduação, em 1999, a Universidade Federal de Juiz de Fora adquiriu recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para transformar a

região em um Polo Audiovisual. O cineasta e documentarista Eduardo Coutinho ministrou o curso de Direção em Documentário e, naquele ano, concluía *Santo Forte*. Penso que, exatamente neste período, assistimos a produção documental brasileira ganhando fôlego se voltando à periferia, não mais com um tom *sociológico* (BERNARDET, 2003), mas trazendo à tona os conflitos das histórias de vida ali apresentadas e também realizando uma montagem que valorizava o testemunho e deixava um pouco de lado a narração em *off*.

Ainda que prevalecessem temas sociais (violência e vida nas comunidades), iniciava-se a partir daí uma *dessociologização* do documentário brasileiro, surgindo experiências da *subjetivação* do gênero. Aquela, com narrativas que arranjavam os pontos de vistas dos entrevistados, aparentemente, sem a pretensão de mostrar uma ideia predominante, e esta, escancarando as autorreflexões e representações da própria periferia e do realizador.

Assisti a *Santo Forte* (1999), *Babilônia 2000* (2000) e *Edifício Master* (2002), todos de Coutinho. Particularmente, estes filmes me fascinavam pela forma como os depoimentos eram fortes sem estarem impregnados de palavras de ordem. Revelar a presença de Coutinho em cena, tal qual muitos trabalhos apontaram como fundamental no estilo do cineasta, sinceramente, me era indiferente. As exposições do melodrama da vida, sem canonização da periferia nem satanização do sistema, proporcionavam-me o tempero na medida certa.

Outras produções da época fundamentais, de certa forma, deram vigor a esta *reconquista*<sup>21</sup> do cinema documental brasileiro. Destaco algumas a que tive acesso. *O Chamado de Deus* (2000), de José Joffily, mostrava a motivação dos vocacionados de correntes distintas da igreja católica: um grupo ligado à Renovação Carismática seguidores de Padre Marcelo e, o outro, próximo à Teologia da Libertação que negavam esta afinidade, para se dedicarem à vida religiosa. Evidenciar para o espectador a reação dos grupos ao assistirem os argumentos do outro me parecia uma grande inovação no gênero. *Ônibus 174* (2002), de José Padilha, remontava tudo que já havia passado na mídia nacional sobre o sequestro do coletivo pelo sobrevivente do massacre da Candelária, Sandro do Nascimento, porém humanizando-o e evidenciando-o como um produto social. *O Prisioneiro da Grade de Ferro* (2003), que utiliza imagens produzidas pelos próprios detentos de Carandiru, São Paulo, antes da implosão do pavilhão, de Paulo Sacramento, talvez tenha sido uma das inspirações para o projeto *Benfica da gente*. De alguma forma, estes documentários quebraram paradigmas de

<sup>21</sup> Utilizei aqui, especificamente, o termo “reconquista” por não querer me debruçar sobre o “cinema de retomada”, mas à volta do documentário brasileiro às telas grandes e sua repercussão na mídia com o advento das tecnologias digitais.



quem cresceu sob a perspectiva de *Os anos JK: uma trajetória política* (1980) e *Jango* (1984), ambos de Silvio Tendler, exibidos nas aulas de história do ensino médio e considerava o gênero “chato”.

Formada, em 2002, sem experiência com edição não-linear e câmera, entrei na equipe de um programa de variedades de uma pequena produtora de Juiz de Fora, que reunia diversos profissionais recém-formados. Chegamos a produzir matérias em Super-VHS até passarmos para Hi8 e lá, em cerca de oito meses de trabalho, pude ver e viver a transição para a era digital do vídeo.

Falido o projeto e a produtora, fui para o Rio de Janeiro, capital, trabalhar como estagiária de outra pequena empresa em 2003, no bairro Humaitá. Meu pai havia morrido em fevereiro daquele ano. Novos contatos e novas possibilidades de aprendizado, editando comerciais, vídeos institucionais e *teaser* de projetos, além de autoração de DVDs. Apesar do porte tímido, a empresa se especializava em tradução e legendagem, obtendo contrato com festivais (FestRio e Animamundi). Meu trabalho mais intenso consistia em copiar o material em VHS para os tradutores, o que, certamente, contribuiu para que eu assistisse outras produções que não chegavam às cidades médias.

Participei do encontro de Comunicação Comunitária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde conheci um pouco do trabalho do Observatório Social das Favelas, oriundo na Favela da Maré em 2001, por meio de Jaílson de Souza e Silva, como também o grupo Eco, constituído desde a década de 1970, na Favela Santa Marta, pela apresentação de Itamar Silva. Ambos foram fundadores e atuam nestas entidades, além de outros espaços institucionalizados nacionalmente voltados a políticas públicas. O primeiro era um morador que se tornou professor universitário e desenvolveu um trabalho de inserção dos jovens da Maré na universidade, bem como de produção de informação e pesquisa sobre a favela pelos próprios moradores e atores de espaços populares. O segundo nasceu e mora ainda no Santa Marta, é militante de movimentos sociais desde a década de 1970 e diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), fundado em 1981.

Fazendo uma breve reflexão sobre essas atuações, nota-se que os dois realizam percursos diferentes para o reconhecimento de “suas” favelas. Jaílson entra em cena na virada do século, no período de consolidação da democracia brasileira, quando os movimentos sociais e outras organizações dialogam com o estado, ainda que insatisfatoriamente. Tem uma trajetória político-acadêmica que o projetou para fora da Maré, onde não reside mais, mas

mantém referências, como fala em entrevista sobre o conceito dos *novos cariocas* para o site do Observatório.

A Lapa, de certa forma, apesar da lógica de mercado, é um espaço em que diferentes grupos ainda conseguem conviver. A meta é que possamos cada vez mais construir lugares assim. Considerando a Maré um território criativo, de invenção, a ideia é que ela se torne um destes espaços de encontro. (ANSEL, Thiago. *Novos Cariocas*. In: Observatório Notícias e Análises. 8 ago. 2012<sup>22</sup>)

Já Itamar, jornalista, cravou os pés no morro e sua postura é fruto de uma luta anterior, pela própria democratização do país, pelo direito de permanecer na favela e por uma urbanização que respeite os moradores. Sua postura é marcadamente militante e crítica, conforme notamos na matéria especial do Canal Ibase sobre as eleições 2012.

Aqueles que tentam o debate são acusados de não ver os benefícios que a cidade está recebendo. É uma visão plastificada, de uma cidade idealizada, como se todos os investimentos que estão chegando estivessem construindo um bem-estar geral. Isso não é verdade. (GONÇALVES, Marília. *Eleições 2012: o que não está em pauta*. In: Canal Ibase. 2 out. 2012<sup>23</sup>)

Cada um a sua maneira, Jailson e Itamar produzem conhecimento sobre seus territórios. Ambos pesquisam e projetam a periferia a partir de experiências concretas.

Para viver na “cidade grande”, era necessário um projeto e, assim, tentei ingressar na vida acadêmica no Rio de Janeiro. Visitei o morro Santa Marta com outro militante do grupo ECO, Ismael de Oliveira. Pretendia analisar o funcionamento da TV Favela, criada em 1996, exibindo inicialmente o material bruto do acervo de centenas de fitas VHS, gravações das realizações da entidade desde meados da década de 1980. Majoritariamente, consistiam em registros da Colônia de Férias, uma atividade político-pedagógico-cultural antiga do grupo, ainda mantida. Naquele momento, alguns jovens já haviam se capacitado em produção e edição de vídeo. A entidade adquiriu uma ilha não-linear permitindo que iniciasse um trabalho mais elaborado de produção de conteúdo. Tudo era exibido por meio de uma antena coletiva, inviabilizada em 2004.

Descrevi detalhadamente este episódio porque, decerto, foram estas práticas junto às leituras realizadas nesta passagem que compuseram a base do projeto *Benfica da gente*. Entre as obras que me fizeram refletir as relações entre cidade, comunidade e comunicação no Brasil estão: *Cidade Partida* (VENTURA, 1994), a tese de doutorado *Saber e poder: algumas*

---

<sup>22</sup> Disponível em: [http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias/mostraNoticia.php?id\\_content=1224](http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias/mostraNoticia.php?id_content=1224), acessado em 10/10/2012

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.canalibase.org.br/eleicoes-2012-o-que-nao-esta-em-pauta/>, acessado em 10/10/2012

*implicações na relação favela/asfalto* (ROCHA, 1997) que fundamenta o livro *Cidade Cerzida* (ROCHA, 2005), *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo* (PAIVA, 1998) e *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania* (PERUZZO, 1998). Por outro lado, algumas publicações de autores que se debruçaram em explicar as mudanças na conjuntura internacional e as novas relações entre os sujeitos, mídia e cultura também foram fundamentais: *Dos meios às mediações* (MARTÍN-BARBERO, 2003), *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização* (CANCLINI, 1999), *A identidade cultural na pós-modernidade* (HALL, 2001) e *Globalização: as conseqüências humanas* (BAUMAN, 1999) e *Reinventando a cultura* (SODRÉ, 1999).

Motivos à parte, o projeto de vida acadêmica foi interrompido e eu voltei para Juiz de Fora. Meu regresso era marcado pelo reencontro com as produções cinematográficas locais. Os investimentos em cinema, via leis de incentivo, respingavam na cidade. Em 1995, foi sancionada a Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes (LMM), proposta do então vereador Vanderlei Tomaz<sup>24</sup> apresentada no ano anterior. Diferia-se das demais, por destinar o recurso público diretamente ao proponente invés de conceder renúncia fiscal. Foi a primeira iniciativa deste porte no interior do Brasil, segundo o site da Prefeitura<sup>25</sup>. O nome homenageia o notório poeta juiz-forano. Os recursos municipais nela aplicados aumentaram progressivamente, passando de R\$ 100 mil da primeira edição para R\$ 1 milhão em 2005, valor que com raras exceções se mantém. Em 2009, vinte por cento do fundo passou a ser destinado a projetos de baixo custo, cujos orçamentos giram em torno de R\$ 4 mil, favorecendo algumas propostas populares. Montamos um quadro<sup>26</sup> que nos auxilia a compreender melhor o panorama de produção da cidade em audiovisual, financiado por estes recursos, da primeira concorrência em 1995 até 2004, ano em que a proposta do documentário *Benfica da gente* foi aprovada.

### **Quadro 1. Produção audiovisual financiada pela LMM de 1995 a 2004**

<sup>24</sup> Morador de Benfica, personagem do documentário e possuidor de um grande acervo de documentos e publicações sobre a história local e regional.

<sup>25</sup> Ver <http://www.pjf.mg.gov.br/funalfa/murilomendes/historico.php>

<sup>26</sup> As informações dispostas no quadro não estavam organizadas. Recolhemos de planilhas disponibilizadas pela Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa), instituição responsável pela política cultural do município, e acrescentamos os dados que encontramos no site da Prefeitura, em matérias locais e sites especializados.

Aprova- ção	Conclu- são	Valor destinado	Título	Direção	Gênero	Duração	Suporte
1995	*	20.249,43	Lanterna Mágica	Alexandre Alvarenga	Ficção	*	*
1996	1999	10.000,00	O Rei do Samba	José Sette	Ficção	80'	Super 16, Betacam
1997	1998	4.000,00	O Sagrado Coração da Memória	Rogério Terra Jr.	Ficção	5'	Betacam
1999	2000	15.656,00	João Carriço, o amigo do povo	Martha Sirimarco	Docu- mentário	17'	Betacam
1999	1999	13.993,00	Calçadão, Onde Tudo Acontece	Franco Groia	Ficção	18'	35 mm
1999	2000	10.500,00	Os fantasmas da cidade	Rogério Terra Jr.	Ficção	10'	35 mm
1999	2001	7.070,00	O Fio e a Cidade	Thiago Almeida Júnior e Alexandre Guerreiro	Ficção	7'	16 mm
1999	2002	7.000,00	Assim era nosso rádio	Cristina Brandão	Docu- mentário	50'	**
2001	2002	12.329,00	As Princesas de Minas	Marcos Pimentel	Docu- mentário	52'	Betacam
2001	2005	15.379,00	Poliandro, o resgate	Alessandro Driê	Anima- ção	22' 54"	Digital
2001	2002	24.940,00	Vertigem	José Sette	Ficção	8'	35 mm
2002	2003	12.609,83	Como defender um cafofo***	Leo Ribeiro	Anima- ção	11'	Digital
2002	2003	21.569,44	Cemitério da Memória	Marcos Pimentel	Docu- mentário	10'	35 mm
2002	2002	24.375,00	Crepúsculo	Alexis Parrot	Ficção	12'	Mini-DV
2002	2002	21.975,00	O Alferes e o Poeta	Rogério Terra Jr.	Ficção	15'	35 mm
2003	2003	25.000,00	Labirinto de Pedra	José Sette	Ficção	80'	Digital
2003	2004	19.273,60	Roque	Leo Ribeiro	Anima- ção	11'	Digital
2003	2004	24.360,00	Biografia do	Marcos	Docu-	8'	35 mm

			Tempo	Pimentel	Mentário		
2003	2004	24.975,53	Ausência	Aleques Eiterer	Ficção	15'	35 mm
2003	2007	13.498,72	Benfica da gente	Aline Junqueira	Documentário	72'	Mini-DV
2004	2005	24.911,65	A Visita	Alex Parrot	Ficção	**	**
2004	2005	24.271,95	Os anos dourados do rádio em Juiz de Fora	Sérgio Bara e Isabel Pequeno	Documentário	39'	**
2004	2004	24.800,00	O Coração de Maria	Rogério Terra Jr.	Ficção	16'	**

\* indisponível porque o filme ainda não foi finalizado

\*\* sem informação até o momento

\*\*\* O título original é *Como defender um cafofo ou As aventuras do Lobo Guará no Reino da Especulação Imobiliária*

Como se pode verificar, dos 23 produtos audiovisuais que obtiveram recursos com a LMM, a maioria (13) é ficção. De 1999 para frente, documentários passaram a ser aprovados (6). Experiências de animação iniciam-se a partir de 2000 (3), junto à produção digital (6) que além deste gênero é usada em um documentário e duas ficções. Entretanto, o modo de fazer cinema tradicional ainda era preferência, verificado no predomínio de trabalhos que utilizaram película (9) por todo o período descrito. Com relação à duração, grande parte é curta-metragem (16), não superando 40 minutos.

Com recursos bem modestos para fazer cinema àquela época, Juiz de Fora tem um percurso bem parecido com o cinema nacional na distribuição das verbas. O primeiro investimento no setor foi destinado ao filme *Lanterna Mágica*, de Alexandre Alvarenga, conhecido na cidade como Xanxão, que também foi aprovado na Lei Rouanet. Formado em Comunicação Social pela UFJF em 1985, regressava à cidade depois de trabalhar no Rio de Janeiro e ter atuando na assistência de direção do longa *Menino Maluquinho, o filme* (1995), de Helvécio Ratton. O trabalho pretendia ser uma grande produção, em película. Depois de várias dificuldades de captação de recursos para finalizar, Alvarenga se associou à Groia Filmes. Independente dos motivos – pois os recursos da LMM para as pretensões eram um tanto quanto irrisórios e renúncia fiscal via Lei Rouanet não necessariamente garante financiamento –, quase duas décadas depois, a “super-produção” do interior não foi concluída, mesmo com *making of* disponível no *youtube*, datado de 7 de agosto de 2006<sup>27</sup>. Tal episódio,

<sup>27</sup>Ver <http://www.youtube.com/watch?v=wCtsl0dohFo>, acesso em 12 out. 2012

resguardada as devidas proporções, remete-nos ao caso nacional de *Chatô, o Rei do Brasil*, primeira experiência como diretor de Guilherme Fontes. Ambos parecem “vítimas do próprio personagem”, usando as palavras do ator<sup>28</sup> e considerando a sinopse de *Lanterna Mágica* elaborada para captação de recursos em comunidade no *Orkut*<sup>29</sup>.

O cinema e o legado de João Gonçalves Carriço, importante cinejornalista e um dos pioneiros do cinema mineiro, é a linha mestra da história deste filme, cheio de emoção, surpresa e magia. O filme, produzido pela Groia Filmes, tem a direção de Alexandre de Alvarenga e conta a história fictícia de um diretor de cinema frustrado que tenta a todo custo realizar um filme sobre Carriço, mas tudo parece não dar certo, até o momento que o espírito do próprio cinejornalista aparece para ajudá-lo em busca da paz eterna. Paralelamente a este inusitado encontro, várias histórias se entrelaçam tendo a cidade de Juiz de fora como o local deste encontro. Enfim, como nas produções da Carriço films, todos os sonhos podem se tornar realidade.

O segundo projeto audiovisual *O rei do samba*, premiado pela LMM em 1996, também foi de um cineasta, de outro período do cinema nacional. Recuperava a história do compositor juiz-forano Geraldo Pereira. José Sette de Barros Filho nasceu na pequena cidade mineira de Ponte Nova, em 1948, oriundo de uma família tradicional e de forte influência política. Exilou-se na Europa e retornou ao Brasil em 1975, quando lançou *Bandalheira Infernal*, ficção, 80 min, rodado em 35 mm, sem roteiro, filmando por sete dias e escrevendo simultaneamente. Contemporâneo e conhecido de Rogério Sganzerla, Paulo César Pereio atua neste e no outro longa *Um Filme 100% Brasileiro*, também ficção, 90 min e em 35 mm, de maior reconhecimento àquela época por ter participado do Festival de Berlim e distribuído pelo Grupo Novo de Cinema<sup>30</sup> (RAMOS; MIRANDA, 2000, p.144).

---

<sup>28</sup>Após ser condenado a devolver R\$ 2,5 milhões para a Petrobras Distribuidora e para a Petrobras S/A, divulgada em 25 de setembro de 2012, o portal IG publicou matéria com as justificas de Fontes para o atraso do filme que se arrasta também desde 1995. O ator informou que iria recorrer e que até o final do ano *Chatô* estaria nas telas. Ver: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/cinema/2012-09-26/guilherme-fontes-tiver-que-fazer-novela-atras-de-novela-para-bancar-chato.html>, acesso em: 12 out. 2012

<sup>29</sup>Ver <http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=18058058&hl=pt-BR>, acesso em 12 out 2012

<sup>30</sup>José Sette foi técnico de som do documentário *Umbanda no Brasil* (35mm, BP, 28', 1977) de Rogério Sganzerla e do som do longa de ficção *Samba da Criação do Mundo* (35mm, COR, 93min, 1978), de Juana Elbein dos Santos com direção de Vera de Figueiredo; fez a direção de fotografia do documentário *Irani* (16mm, COR, 8min, 1983), de Rogério Sganzerla; dividiu a direção com Helvécio Raton no documentário *Primeiro Plano* (35mm, COR, 6', 1983); dirigiu a ficção com inserção de depoimentos *O rei do samba* (Super 16, cor, 80', 1998); assinou direção, roteiro e fotografia do documentário *Encantamento: Camargo Guarnieri* (35mm, cor, 35', 2002) e da ficção *Vertigem* (35mm, cor, 8min, 2002), na qual também atuou na câmera, montagem e edição; montagem e edição do documentário *Geografia do Som* (35mm, cor, 6', 2001), de Fábio Carvalho; editou o longa de ficção *General* (35mm, cor, 70', 2003), também de Carvalho; e fez a direção de fotografia e câmera dos episódios *A infância* (Betacam SP, cor e BP, 26'16, 2007), *A crítica* (Betacam SP, cor e BP, 26'27, 2007), *O Romântico* (Betacam SP, cor e BP, 25' 57), *A primeira vez* (Betacam SP, cor e BP, 26'), *A alegria* (Betacam SP, cor e BP, 26'4), da série *Esse é Carlos Manga*, exibida no Canal Brasil e o longa *Esse é Carlos Manga!* (Betacam SP, cor e BP, 60'50), todos com direção de Oscar Maron. Consulta ao endereço eletrônico <http://www.cinematica.gov.br>, em 8 de novembro de 2012.

Com forte produção em película, até mesmo porque possuía equipamentos, Sette também realizou nove documentários neste suporte e um único em Betacam. Entre aqueles, encontra-se *A janela do Caos* (2000), 28 min em 35 mm, que ele chama de “documentário ficcional” sobre o poeta Murilo Mendes. Sette voltou a produzir cinema, sob novas tecnologias em Juiz de Fora, a partir do longa de 80 min, *O Rei do Samba* (1999), em 16 mm e editado em Betacam, financiado pela LMM, tornando-se referência para qualquer estudante de comunicação da cidade naquele período.

Assim, delineava-se um grupo de cineastas em Juiz de Fora. A maioria dos diretores beneficiados pela LMM passou ou montou equipes com pessoas que fizeram os cursos do FAT, citados anteriormente. As produtoras de comerciais locais se associavam aos idealizadores. Alguns aprovavam seus projetos várias vezes: José Sette (3), Marcos Pimentel (3), Rogério Terra Jr. (4) e Alexis Parrot (2). O que não significa que eles eram os proponentes. Era comum uma pessoa da equipe apresentar o projeto, ou então, o diretor de um projeto trabalhar em outra função na iniciativa do colega. Após o insucesso do *Lanterna Mágica*, os trabalhos aprovados passaram a ter baixo orçamento, num primeiro momento. Até o ano 2000, não havia nenhuma proposta aprovada com valor superior a deste filme. As primeiras produções eram memorialistas, ou possuíam alguma relação com o tempo, ou ainda tomavam referências em personalidades e artistas juiz-foranos falecidos.

Entre as biografias, o cinejornalista João Carriço, por exemplo, além de ser inspiração do infelizmente *Lanterna Mágica*, tem a trajetória contada no *João Carriço, o amigo do povo*, resultado da pesquisa da jornalista Martha Sirimarco (1980, 2005) sobre o pioneirismo do fundador do Cine Teatro Popular (1927) e da Carriço Film (1934) na cidade. O personagem produziu um grande acervo de cine-jornais e documentários, coberturas de eventos sociais e políticos diversos, de visitas importantes a festas populares, disponível atualmente na Cinemateca Brasileira em São Paulo. As imagens de Carriço são recorrências nos documentários de Juiz de Fora. A era do ouro do rádio foi abordada por dois trabalhos documentais, um de Cristina Brandão e outro de Sérgio Bara e Isabel Pequeno, ambos frutos de estudos.

José Sette, novamente, evoluiu-se em dois projetos biográficos, seguindo sua visão peculiar. *Vertigem* interpreta poeticamente a trajetória do artista plástico Arlindo Daibert e *Labirinto de Pedra* debruça-se sobre o memorialista Pedro Nava, personagens com mortes abruptas. O primeiro sofreu um ataque cardíaco em evento público e o segundo suicidou-se.

Mesmo na ficção, reflexões sobre o tempo e lembranças estão presentes em *O sagrado coração da memória e Os fantasmas da Cidade*, por exemplo, de Rogério Terra Jr. *O fio e a cidade*, de Almeida Jr. e Guerreiro, relaciona as diferenças entre o campo, por meio da encenação, e a cidade utilizando fotografias do período da industrialização em Juiz de Fora (década de 1930).

*As princesas de Minas, Cemitério da Memória e Biografia do Tempo* são experiências mais estéticas e subjetivas, trabalho documental do cineasta premiado Marcos Pimentel que continua atuando na área. O primeiro conta um pouco da história da cidade por meio de personalidades femininas. O segundo e o terceiro realizam um diálogo entre literatura local e imagens. *Cemitério da Memória* é uma montagem das cenas de acervos pessoais em super 8 mm, super 16 mm e do material de João Carriço, sobreposta por *lettering* com fragmentos de textos de outros nomes da literatura juiz-forana<sup>31</sup> acrescida de uma primorosa edição sonora conjugando músicas de compositores locais<sup>32</sup>, ruídos, *jingles* publicitários, inserções radiofônicas e a narração do poema *Carta aos Mortos* de Affonso Romano de Sant'Anna, pelo próprio poeta. O filme conduz a um passeio pela modernidade e chega à atualidade com cenas do processo de produção, da montagem da película conduzindo à constatação de que o século fora registrado em montes de latas de filme. *Biografia do Tempo* segue a mesma linha, porém mescla o texto do memorialista juiz-forano Pedro Nava com as imagens do cineasta cubano Santiago Alvarez.

José Sette e Marcos Pimentel são duas gerações distintas do cinema mineiro que me marcaram. Esteticamente, procuram inovar e possuem referenciais em outras artes, sobretudo, na literatura. Tive oportunidade de trabalhar com ambos. Com Sette, em campanha eleitoral em 2003, quando iniciava minha própria produção e aprendi alguns “milagres” de uma iluminação pensada e do trabalho com escassez de recursos. Pimentel cursou disciplinas junto comigo. Éramos os sobreviventes da habilitação em radialismo e sua vocação para o cinema já despontava, embrenhando-se em produções com câmera de vídeo em Super-VHS. Destaco, neste momento, o trabalho que ele realizou sobre outra periferia de Juiz de Fora, o *Bela Aurora*. Dedicção e envolvimento com o cinema e busca pelo aprimoramento da linguagem já eram claros. Ele consolidou sua formação na Escola Internacional de Cinema e TV de San Antonio de los Baños (EICTV), em Cuba, o que elucida um pouco sua proposta no

---

<sup>31</sup> Murilo Mendes, Pedro Nava, Rangel Coelho, Fernando Fábio Fiorese Furtado, Iacyr Anderson de Freitas e Marta Gonçalves.

<sup>32</sup> Sueli Costa, Ministrinho, Mamão, Estevão Teixeira, O Banco, Kim Ribeiro e Chico Cúrzio.



filme citado realizado após o seu retorno. Anteriormente, já havia feito cursos com Eduardo Coutinho e João Moreira Salles. Além de questões técnicas, eles fundamentalmente me abriram o *baú*<sup>33</sup> das memórias e alargaram meu horizonte sobre o tempo.

No ano de 2002, o *Luzes da Cidade, grupo de cinéfilos e produtores culturais*<sup>34</sup> realizou a primeira edição do *Festival de Cinema Primeiro Plano*, uma mostra competitiva dedicada exclusivamente a estreantes. Eu participei como editora do curta *Por volta das seis*, de Patrícia Almeida. O vídeo *Macho Mass*, de um grupo de estudantes de comunicação da UFJF, foi o ganhador. Entre os membros encontrava-se Fernando Farias Rocha, que posteriormente se junta a mim para a realização do *Benfica da gente*. De alguma maneira, este festival marca o início de outro momento da produção audiovisual na cidade, pois o evento cresceu, tem o aval das leis de incentivo à cultura estadual e federal e já passou de dez edições. A cidade também ganhava outra conformação, com mais faculdades e novas iniciativas na área, mudando o viés de outros tempos. Independente disso, diretores contemplados da Lei Murilo Mendes nas edições anteriores participam na organização do evento.

Esta foi a *bagagem* que norteou o projeto e abriu o campo de possibilidades para o reencontro com Benfica.

### 1.3 *Benfica da gente, o projeto*

Meu regresso à cidade foi marcado por algumas inquietações. Por que a *periferia* de Juiz de Fora tinha pouca ou nenhuma representação na mídia local<sup>35</sup>? Por que estudar a periferia “alheia”? Por que as recentes produções financiadas pela lei de incentivo a cultura municipal retratavam “grandes nomes” se, nacionalmente, o nicho *favela movie* já era promissor<sup>36</sup>?

---

<sup>33</sup> Alusão a *Baú de Ossos*, de Pedro Nava (1972).

<sup>34</sup> O grupo começou esse movimento também na primeira edição da Lei Murilo Mendes, quando foi contemplado para realizar mostras e palestras.

<sup>35</sup> Questão que esboço no artigo *A mixologia da “cidade legal” com a “cidade oculta” nas cidades médias*, apresentado no V Congresso de Estudantes de Pós Graduação, realizado na Universidade Federal Fluminense, de 24 a 26 de outubro de 2012.

Assim o projeto *Benfica da gente: narrativa audiovisual sob o ângulo da comunidade* foi esboçado, dentro de outro *campo de possibilidades*, pleiteando financiamento da Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes sem pretensões de realizar uma obra cinematográfica. Na época, foram 234 inscritos para trabalhos nas mais diversas áreas.

As influências citadas acima são claras ao reler o projeto que tinha como objetivo, além das oficinas com jovens e o desenvolvimento do produto, “valorizar a cultura local e a memória da comunidade; proporcionar o contato destes jovens com as novas tecnologias; desenvolver um trabalho de Comunicação Comunitária” (JUNQUEIRA, 2004, p.7). As justificativas reforçam o vínculo com a experiência no Rio de Janeiro.

Ao trabalhar com jovens da região, além de resgatar a memória de Benfica, é fortalecida e motivada a pluralidade das identidades locais. Quando eles pesquisam e pensam em como registrar a história e o cotidiano em um produto audiovisual, identificam-se e passam a se ver como atores dessa realidade. (...)

Tendo se identificado, no decorrer da graduação, com Comunicação Comunitária e conhecendo práticas de outras comunidades como a TV Favela no Morro do Santa Marta (Rio de Janeiro, RJ) desperta, na presente responsável, o interesse por colocar em prática na sua própria comunidade ações por ela vistas e estudadas, ou seja, construir um produto de forma democrática, participativa e horizontalizada. (JUNQUEIRA, 2004, p.7)

Dentro daquele contexto da produção cinematográfica nacional e local eu, uma iniciante no gênero, obtive o financiamento de R\$13.498,72, para a execução do projeto. Com recursos próximos a R\$24 mil, foram contemplados, juntamente, no segmento audiovisual o documentário já citado *Os Anos Dourados do Rádio em Juiz de Fora* (2005), de Sérgio Bara e Isabel Pequeno, e os curtas de ficção *A visita*, de Alexis Parrot e *O coração de Maria* (2004), de Rogério Terra Jr., estes últimos, dois diretores com projetos aprovados em outras edições da Lei Murilo Mendes.

O projeto *Benfica da gente: narrativa audiovisual sob o ângulo da comunidade* teve início em maio de 2004. Como relatamos, partia de um olhar crítico sobre as representações da periferia e da cidade e buscava um viés comunitário. O trabalho estruturava-se, seguindo o projeto, em sete etapas: mobilização, seleção e pesquisa; pesquisa, leitura crítica de documentários e programas de TV; oficina de roteiro; oficina de produção; gravação; edição e finalização; exibição pública. Evidentemente, a prática alterou consistentemente este percurso e, a partir das nossas anotações, detalharemos o trajeto.

<sup>36</sup> *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles voltava a emplacar o cinema brasileiro no cenário internacional, conseguindo vários prêmios, críticas positivas e quatro indicações ao Oscar (direção, roteiro adaptado, fotografia e edição).

Inicialmente, como previa o orçamento, chamamos outro morador, também estudante de jornalismo da UFJF e para exercer a função de estagiário: Fernando Farias Rocha. Com origem diferente da minha, pois sua família vinha de Belo Horizonte, ele era crítico, admirador de documentários e com um perfil mais historiográfico, contribuindo tanto no desenrolar das oficinas, quanto no produto final. O fato de ele estar na faculdade também colaborava para conseguirmos materiais específicos e utilizá-los nos cursos. Mais que um estagiário, Fernando foi um parceiro do projeto.

Pretendia-se, em função dos baixos recursos, utilizar equipamento Super-VHS com finalização digital. Escolhemos como local da intervenção, a Escola Estadual Presidente Costa e Silva, o Polivalente, por ser uma escola tradicional que reunia alunos de várias partes da região de Benfica, em virtude de ser a única a oferecer ensino médio.

Com autorização da direção para mobilizar, fomos aos intervalos de aula, nos três turnos, e realizamos um esquema de *povo fala* com os alunos, sem revelar o objetivo. Perguntamos de onde eles eram, se tinham uma história para contar, o que gostariam de ver na tela, quais os temas importantes, o que faltava no bairro e junto com as imagens dos adolescentes editamos um vídeo de três minutos para motivá-los a participarem do projeto, vendo-se na tela. O *off* de abertura demonstra essa intenção: “Já pensou sua ideia aqui?” (JUNQUEIRA, 2004c).

Depois, retornamos à escola e passamos o vídeo na televisão de todas as salas da oitava série (hoje, nono ano do ensino fundamental) em diante. Pedimos aos interessados que assinassem uma lista e marcamos o dia da seleção. Curiosamente, foram mais de cem inscritos, mas no dia da escolha, compareceram apenas dezoito: sete garotos e onze garotas.

Solicitamos que fizessem uma redação com o tema *Benfica da gente* para conhecermos como pensavam o bairro, suas qualidades, os problemas e a história. Os jovens, de antemão, ficaram ressabiados e necessitamos convencê-los de que não se tratava de uma avaliação tradicional da escola. Em seguida, aplicamos um questionário para abordar, além dos dados pessoais, a relação com a região – tempo de moradia e envolvimento em atividades socioculturais, por exemplo, além de noções de audiovisual.

O grupo se mostrava bastante rico. Dois jovens moravam totalmente fora da região. Benfica constituía uma referência sócio-territorial importante, pois todos os outros declararam residência no bairro, ainda que suas casas se localizassem nos bairros vizinhos.

Havia um forte vínculo, uma vez que a maioria, onze, afirmou viver na localidade desde o nascimento. Apenas quatro passaram por outros bairros da cidade e três vieram de outros municípios. Uma vez que a atividade do projeto era extraclasse, não lidamos com jovens trabalhadores. A maioria, quatorze, era menor de idade e não exercia qualquer ofício. Dos quatro restantes, três possuíam atividades na região, sendo que dois eram “ajudantes” de suas próprias famílias, um no conserto de sapatos e outro no de sombrinhas.

Havia um bom envolvimento destes meninos e meninas em outras atividades sociais da região, predominando a participação em programas institucionalizados como o *Bom de bola, bom de escola*<sup>37</sup>, seguido de atividades culturais auto-organizadas como bandas de pagode, música pop e dança de rua, além de movimentos religiosos. Em suma, o engajamento social destes adolescentes era proporcionado pela prefeitura, escola e igreja.

Em relação ao contato com o audiovisual, eles tinham a televisão como principal veículo de informação, sendo a *TV Globo*, o canal predileto por unanimidade. As novelas eram favoritas. Mais da metade do grupo, dez, não acessava a internet. O contato com o computador, dos poucos que declararam utilizar a ferramenta, era propiciado pela escola ou cursos extracurriculares, casa de amigo e trabalho. Não existiam *lan houses* populares naquele período. Sobre documentário, os jovens apresentaram definições confusas e díspares. Nenhum, de fato, sabia explicar o gênero e a metade respondeu de forma totalmente equivocada. De algum modo, suas expressões relacionavam *lugar, informação, pesquisa, fatos reais e históricos, registro*<sup>38</sup>, o que pode sinalizar alguma influência da nossa entrada na escola mobilizando para o projeto.

Na redação, o ponto positivo mais citado foi o comércio, seguido da praça como local de lazer e de encontro. As expressões “tem de tudo” e “bairro-cidade” apareceram em uma significativa parcela, sete e cinco, respectivamente, reforçando a ideia de que a independência em relação ao centro de Juiz de Fora permanecia no imaginário dos jovens. Sobre os pontos negativos, eles destacaram tanto a violência quanto às questões de

<sup>37</sup> Programa de iniciação esportiva, desenvolvido pela Prefeitura, que oferecia aulas de futebol, vôlei e basquete em horário alternado à escola, vinculado a frequência e rendimento escolar. Na região, o programa era oferecido no Esporte Clube Benfica.

<sup>38</sup>Nas respostas ao questionário encontramos: “uma ideia; assunto importante resumido; forma de saber mais sobre um lugar, coisa ou pessoa; reunião de características, ideias e informações sobre certo lugar; boa pesquisa; pesquisa bem elaborada feita sobre um tema; debate incluindo várias opiniões, informação e pesquisa; notícias do dia a dia; coisas interessantes sobre um assunto; uma pessoa comentando algo; faz com que as pessoas se aproximem e se conheçam melhor; explicativa; relato de fatos reais como fatos históricos; ajuda a descobrir coisas interessantes; forma de registrar algo que é necessário guardar; relato de um filme contando partes importantes”.

preservação do patrimônio e limpeza, criticaram a falta de opções de lazer e o consumo de drogas e, ainda, mencionaram problemas relativos à infraestrutura urbana, saúde, educação, segurança e juventude. Depois de conhecermos superficialmente nossos alunos, com os questionários e redações em mãos, passamos às aulas, realizadas duas vezes por semana nas dependências da própria escola, das 16 às 18h. Um dia era dedicado à pesquisa da memória do lugar e o outro, a noções de audiovisual.

Nos encontros dedicados à pesquisa e memória, trocamos considerações sobre nós mesmos. Quem éramos, há quantos anos nossas famílias moravam no bairro, qual a profissão dos pais, avós, os motivos que nos trouxeram a Benfica? Estas questões nortearam o nosso levantamento, priorizando a história individual. Em seguida, inserimos a pesquisa documental nas discussões com os jovens. Esta foi realizada previamente com base no acervo de Vanderlei Tomaz, morador de Benfica, ex-vereador, liderança comunitária, formado em história e um colecionador de livros e documentos do passado local e regional. Alguns alunos visitaram a biblioteca pessoal dele neste período. Traçamos uma linha cronológica que contava, em certos aspectos, a história da localidade desde a origem rural ao espaço urbano desenvolvido comercial e industrialmente. Listamos, conjuntamente, as possíveis fontes para entrevistas, considerando o tempo de moradia e atuação na comunidade.

Nesta lista, analisamos tanto as indicações do próprio Vanderlei quanto as sugestões dos alunos que, a esta altura, passaram a considerar seus familiares e conhecidos como fundadores da história da região. Também foram incluídos nomes recomendados por mim e por Fernando. Eu priorizava a atuação comunitária (diretores de associações de bairros, lideranças e outras organizações), Fernando preocupava-se em resguardar a fala dos mais velhos. Desse modo, dávamos início à conformação da nossa pequena *cadeia*<sup>39</sup> de *memória e história* de Benfica.

Nas aulas de noções sobre audiovisual, tomamos a TV como ponto de partida uma vez que era o veículo mais conhecido dos jovens. Para inserir o tema *documentário*, começamos por uma análise crítica da programação diária do canal mais assistido, classificando os programas em *verdade* ou *fantasia*. Nesta etapa, percebíamos uma confusão das linguagens. A *Malhação*, por exemplo, foi tratada como “verdadeira” pela maioria dos

---

<sup>39</sup> Enne (2002), no trabalho que norteia nossa categorização, descreve os elos das *redes* e *sub-redes* de produção da memória e história da Baixada Fluminense, composta por *agentes* e *agências sociais* em constante interação, pensando essa conformação de modo mais fluido e em movimento permanente. Mantemos o termo *cadeia* em alusão à Bakhtin, nosso embasamento teórico, sem estabelecer diferenças significativas entre um termo e o outro, porque nos parece que possuem o mesmo sentido.

jovens por recorrer a temas próximos a realidade deles<sup>40</sup>. A partir disso, realizamos uma distinção entre *representar* e *apresentar* fatos.

Trabalhamos noções de produção, gravação, planos, enquadramentos, funções de equipe e edição. Os alunos tiveram contato com uma câmera VHS, foram às ruas e finalizaram, em edição não-linear, dois vídeos de curta duração: *Praça Jeremias Garcia* (2004b) e *A feira* (2004a), ambos com aproximadamente cinco minutos. A ilha de edição ficava longe do bairro, o que inviabilizou a participação maior nesta fase. Estes pequenos vídeos não tiveram um roteiro elaborado. Constituíram exercícios para que os adolescentes experimentassem, basicamente, ficar diante ou atrás da câmara. No processo de edição, eles não operaram, mas opinaram sobre trilha e ordem das falas e conversaram com o editor Leonardo Teixeira à época.

Depois desta experiência, passamos à introdução do gênero documentário. Tentamos valorizar a produção local. O primeiro curta exibido para discussão foi *Carriço, o amigo do Povo*. Outro propósito era passar aos jovens a importância do registro audiovisual para a memória da cidade, o que funcionou. “Quando a gente ficar mais velho, vão ver nossas fitas e vamos ser ‘Carriço’ de Benfica”, comentou o aluno Michel Ribeiro (JUNQUEIRA, 2009, p.42). Apresentamos outras produções juiz-foranas e episódios de programas de TV exibidos na TV Cultura como *Caminhos e Parcerias* e *DocTV*.

Concomitantemente, realizamos algumas gravações, privilegiando os moradores mais antigos e as festas populares, pensando em cumprir o cronograma apresentado no projeto que previa a conclusão do mesmo em oito meses. Vale lembrar que tínhamos uma câmera Super VHS disponível e algumas diárias com equipamento digital dedicadas, exclusivamente, para a realização do documentário final. Tanto eu quanto o Fernando Rocha possuíamos fraca experiência como cinegrafistas, mas diante da infinidade de ricos depoimentos que poderíamos perder caso nos restringíssemos, eu, particularmente adquirei uma câmera mini-DV e fomos a campo, aprender junto aos nossos jovens. Acumulamos horas de material bruto, também impossíveis de serem decupadas em ilha alugada. Foi preciso dilatar o prazo e apresentarmos uma autoavaliação para justificar a solicitação. As constatações reiteram nossa tendência em manter a perspectiva comunitária na realização.

---

<sup>40</sup>Malhação é uma *soap opera* adolescente, produzida pela *TV Globo* desde 1995 e exibida no horário vespertino, diariamente de segunda à sexta. A temporada de 2002 não tratava, nem inseria jovens da periferia, mas os temas discutidos no programa eram do cotidiano deste público: sexualidade, gravidez, conflito familiar, amizades, ciúmes, entre outros.

**Quadro 2. Auto-avaliação do projeto *Benfica da gente*<sup>41</sup>**

Aspectos positivos	Aspectos negativos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• As aulas regulares estabeleceram uma relação de compromisso dos alunos com o projeto.</li> <li>• Os jovens passaram a ter uma visão crítica da TV e começaram a gostar de outros produtos.</li> <li>• O bairro começou a ser valorizado, entendido na complexidade das suas localidades e relações.</li> <li>• Perceberam-se aptidões diferentes: uns gostavam de câmera, outros do microfone, e outros, mais curiosos, ajudavam na produção. Mas todos precisaram se desinibir e escrever.</li> <li>• Os jovens tiveram contato com tecnologia digital. Começamos com câmera Super-VHS, mas passamos para Mini-DV e puderam operar as duas.</li> <li>• As entrevistas e temas sugeridos pelos alunos tornam o nosso produto final a construção de um discurso coletivo. Optamos por não seguir uma versão unilateral da história do bairro, mas por confrontar opiniões. São pessoas conhecidas publicamente, de famílias tradicionais, como também anônimos e trabalhadores.</li> <li>• Constituímos um importante acervo audiovisual para o bairro e região. Ao final de 2005, tínhamos cerca de 70 horas de material bruto digital e 12 horas em Super-VHS.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O curso fora da grade escolar, sem ajuda financeira para os alunos socialmente desfavorecidos teve evasão, principalmente, por necessidade de trabalho dos jovens.</li> <li>• Tivemos que lidar com um problema constante: conciliação de horário de equipe e entrevistado, além das variações climáticas para externas.</li> <li>• A ausência de uma ilha montada próxima ou no local da oficina complicou a participação na decupagem da fitas. O bairro é muito distante do centro da cidade e o trabalho cansativo para os jovens.</li> <li>• A opção por uma forma horizontal de constituição do documentário ampliou a demanda de material físico e pessoal prevista inicialmente no projeto.</li> </ul>

A partir da avaliação, programamos para 2006 várias ações que visavam garantir a exequibilidade do projeto como montagem de uma ilha de edição em Benfica, na nossa própria residência, e a entrada de outra estudante de comunicação, Priscila Bosich<sup>42</sup>, cujo trabalho de organização e decupagem do material bruto foi fundamental.

Em virtude das mudanças na vida de adolescentes e da irregularidade dos encontros com o fim das aulas na escola, nove dos 18 jovens saíram do projeto aos poucos. Os

<sup>41</sup> Tabela elaborada com base no relatório entregue à Fundação Alfredo Ferreira Lage (Funalfa), instituição responsável pelo acompanhamento dos projetos financiados pela Lei Murilo Mendes, em 29 de dezembro de 2005.

<sup>42</sup> Priscila não era moradora da Zona Norte, mas sua primos e tios residiam próximos ao bairro, o que contribuía para que ela fosse frequentadora das opções de lazer de Benfica e criava uma afinidade com o projeto. Seu papel fundamental e hercúleo foi decupar o material bruto. No começo, tentávamos fazer pequenos vídeos de cada personagem, até que passamos a separar as falas por temas dentro de um projeto de edição para cada entrevistado.

outros permaneceram e contribuíam como puderam, principalmente acompanhando as gravações e cobrando o lançamento, que só aconteceu em 16 de junho de 2007, para cerca de trezentas pessoas no antigo cinema de Benfica. O convívio causou uma relação de *proximidade* entre nós, *acadêmicos* e profissionais da informação, e estes meninos e meninas. Como eles iniciaram no projeto menores de idade, conversamos com seus familiares e responsáveis para autorizar a participação em externas e conhecemos suas casas, suas singularidades. Os garotos e garotas moravam em pontos distintos, tinham constituições familiares diversas e percorriam a região em rotas próprias. O período em que passamos com eles era decisivo em suas vidas. Eles completaram ou estavam em vias de completar 18 anos. Estudar ou trabalhar, estudar e trabalhar, namorar, ter filhos, sair de casa, não conseguir emprego, passar no vestibular, em suma, muitas as angústias e expectativas. Entraremos no debate sobre *juventude* posteriormente, mas estamos conscientes de que a categoria é um constructo simbólico<sup>43</sup> além da constatação de mudanças fisiológicas.

Poderíamos pensar que os alunos do projeto foram nossos *informantes*, se partilhássemos da visão objetivista de Malinovski (1978) e de alguns jornalistas e cineastas, cujo envolvimento nos garantiria a entrada naquele universo, a partir da negociação estabelecida com eles. Entretanto, todo o desenrolar do projeto aproximou-nos profundamente e promoveu a confluência de diferentes em classe, cor, faixa etária, saberes e vivências, ainda que morássemos na mesma localidade e fôssemos jovens<sup>44</sup>. Esse contexto colocava em xeque alguma objetividade pretendida, como também não outorgava qualquer possibilidade de pura *tradução* como propõe Geertz (1978). Reforçaram o caráter dialógico e polifônico daquele *encontro*. Com a experiência de campo, tudo que me era *familiar* tornava-se *estranho* (VELHO, 2008).

Passar pelo morro onde eu descia de bicicleta e vê-lo tomado por casas. Subir a caixa d'água da Companhia de Saneamento Municipal (Cesama), lugar que me era inalcançável quando criança, para gravar imagens panorâmicas do Distrito Industrial, onde vivi até quatorze anos. Registrar os vestígios da “fazenda velha”, cujos últimos remanescentes, os coqueiros, sobrevivem entre loteamentos e conjuntos habitacionais. Entrar na sede dos “Barbosa”, família proprietária de grande parte das terras que deram origem ao

<sup>43</sup> Bourdieu (1983) já colocava que “as divisões entre as idades são arbitrárias”.

<sup>44</sup> Priscila Bosich, a estagiária de edição, não se envolvia tanto por frequentar Benfica esporadicamente e não ter participado das oficinas e gravações, mas tinha 24 anos; Fernando Rocha, que ficou com a função de diretor de produção e acompanhou todas as fases, inclusive me substituindo em algumas aulas, possuía 28 anos; e eu, 30 anos, até a exibição pública. Independente da idade, todos éramos “jovens” nas nossas posições.



bairro, matando a curiosidade de menina e me deparando com as marcas do tempo naquela residência. Voltar a andar pelos trilhos da Ponte Preta, agora sem medo, e encontrar outras habitações construídas irregularmente às margens do Paraibuna. Conhecer a imponente fábrica de munição, a Imbel, por dentro e saber dos altos e baixos daquela que foi a responsável pelo crescimento da região. Frequentar casas das mais diferentes classes sociais e conversar com muitas, muitas pessoas. Algumas me conheciam desde pequena, outras nunca tinham me visto. Disponibilizar-me à escuta, pois grande parte dos entrevistados queria falar seguindo a ordem de suas lembranças e não do meu roteiro objetivo. Enfim, percorrer os mais variados lugares da minha memória, ressignificando-os, por meio de um conjunto de informações que eu já nem sabia se eram minhas ou dos outros, mas que se vinculavam de uma maneira ou outra.

#### **1.4 *Benfica da gente, o território***

Na verdade, caminhar pela região com os jovens e uma câmera na mão foi uma *aventura* (CAIAFA, 2007) porque circulamos por locais que, em virtude do crescimento da região e da organização sócio espacial do município, não faziam parte da Benfica de nossa infância. Por outro lado, o fluxo de pessoas oriundos dessas localidades é intenso no miolo de Benfica, tornando-o referencial para os entrevistados, independente da localidade específica em que residiam.

Percebemos a vivência comunitária a partir das relações intersubjetivas existentes dentro de um *território*, como propõe Milton Santos (1999, s.p.). Para ele, o território é a junção do espaço físico, ou seja, os sistemas naturais, com as relações que se transformam e se multiplicam, constituindo “os acréscimos históricos”, “base técnica” somada às “práticas sociais”. Em suma, pensar o território com seus usos (SANTOS, 1994). O pesquisador identifica que no território existem lugares *contíguos* e lugares em *redes*, estes, na visão crítica de Santos, são orientados pelas *verticalidades*, “pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais”, enquanto aqueles são guiados pelas *horizontalidades*, “vizinhos reunidos por uma contiguidade territorial” (SANTOS, 1994, p. 16). Mas antes disso, continua existindo o espaço de todos que, segundo o geógrafo, recuperando um conceito de François Perroux, é o espaço *banal*.

Para o intelectual, por mais que a *transnacionalização* tente fragilizar o território, afirmando que não há mais fronteiras, existem diferenças na capacidade de atender às demandas do capitalismo que constituíram distinções entre os lugares que hoje vivem em interdependência universal. Se é acentuado o conflito entre o local e o global em virtude de suas lógicas distintas – aquele, palpável; o outro, remoto – assimilar a humanidade do território significa admitir sua natureza *dialética*, segundo Santos, e *dialógica*, conferida por nós retomando Bakhtin. Assim, ao mesmo tempo em que há uma “aceleração do processo de alienação dos espaços e dos homens” promovido pelo “controle das cidades mundiais”, a *sinergia* dos territórios pode fomentar a *revanche*.

Reunindo documentos e memórias, reconstituímos a história de Benfca. Não é uma versão romantizada. É o confronto do que colhemos ao logo do projeto aliado a outras publicações que fornecem subsídios para pensarmos no desenvolvimento do local para além dos alqueires da antiga fazenda, agora transitado e habitado.

*Benfca de Minas*, como era denominada ao se tornar distrito do município mineiro de Juiz de Fora, é uma periferia que se originou de uma grande fazenda e, hoje, tornou-se a região mais populosa da cidade de acordo com o Censo 2010 do IBGE<sup>45</sup>. Acolhe os bairros: Benfca, núcleo comercial e onde o lugarejo começou; Ponte Preta, que era um sítio de um negro trabalhador que herdou as terras do patrão; Jardim de Fátima, constituído ao caminho entre Benfca e Distrito Industrial I; este, pertencente ao estado; Araújo, formado ao longo da via férrea; Vila Esperança I e II, provenientes de ocupações irregulares; Bela Vista e Bom Jesus, nas regiões mais altas; e Nova Benfca, última região da fazenda a ser povoada.

Com a abertura do Caminho Novo pelo bandeirante Garcia Rodrigues Paes<sup>46</sup> no início do século XVIII, diversos povoados se formaram às suas margens. Entretanto, naquela época, as sesmarias dessa região não integravam a rota da mineração, não sendo valorizadas.

A Zona da Mata mineira só ganhou importância com o esgotamento da exploração do ouro, pois no século seguinte, a cafeicultura tornara-se uma atividade econômica de destaque. Nesse cenário, surgiu o povoado de Santo Antônio do Paraibuna, também em virtude de outra via: a Estrada do Paraibuna viabilizada pelo engenheiro Henrique Guilherme

<sup>45</sup> Tribuna de Minas, 7 de agosto de 2011, disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/cidade/cidade-alta-e-a-regi-o-que-mais-cresce-em-jf-1.587969>

<sup>46</sup> Rota que ligava o Rio de Janeiro à região aurífera, atribuída aos esforços do bandeirante, entretanto Renato Pinto Venâncio defende que o caminho, na verdade, era milenar e foi tomado pelos colonizadores. Caminho Novo: a longa duração. In: *Varia História*. Minas Gerais: Fafich/UFMG, 1999, pp. 181-189. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/21p181.pdf>

Fernando Halfeld, na década de 1830, principal via da futura cidade (PROCÓPIO FILHO, 1973).

Uma variante do Caminho Novo em direção ao acesso arquitetado por Halfeld pode ter aberto a passagem para os primeiros habitantes de Benfica. Tal hipótese fundamenta-se na análise de um mapa de Minas Gerais em 1847, no qual já se registrava a existência fazenda Bemfica (grafia original), entre a Fazenda Saudade e Chapéu D'Uvas. Essas fazendas e a própria paróquia<sup>47</sup> de Santo Antônio do Paraibuna eram subordinadas ao município de Barbacena até a área ser elevada à condição de vila em 1850 e à categoria de cidade em 1856, com a denominação de cidade do Paraibuna. Quase uma década depois, em 1865, o município passou a ser chamado de Juiz de Fora.

Aproveitando grande parte do traçado do Caminho Novo, com correções em toda a sua extensão, Halfeld alcança a região onde hoje se encontra o bairro Benfica e muda para o lado direito do rio o traçado da nova estrada, até atingir a região onde se encontra o atual centro da cidade, e traça uma grande rua reta da Rua São Sebastião até o Alto dos Passos. (DILLY, 2004, p. 21)

O capital agrícola do café fez dessa região um novo polo econômico de Minas Gerais, financiando, inclusive, a industrialização posterior. Tanto que, de 1856 a 1861, o engenheiro Mariano Procópio Ferreira Lage, representante de Minas Gerais na Assembleia Geral do Império, liderou a construção da Estrada de Rodagem União-Indústria, bancada por investidores locais e com pretensões de ser a “mais moderna rodovia do continente” (MENEZES, 2003, s.p.). Inaugurada em 1861, passou aos cuidados do Império, em 1869. Entretanto, perdeu relevância frente ao novo empreendimento promissor para o transporte de cargas e passageiros. A estrada de ferro Dom Pedro II chegara a Minas, em Chiador, no ano de 1867; a Juiz de Fora, em 1875; dois anos depois, inaugurou-se a Estação Bemfica, em 1877.

Entre rotas e caminhos, despontou Juiz de Fora, na fronteira de Minas Gerais, mais próxima ao Rio de Janeiro. Essa movimentação impulsionou a formação de um importante centro econômico que acabou excluído da cena política propulsora do projeto idealizador da integração do *mosaico mineiro*<sup>48</sup> (WIRTH, 1982), por meio da construção da capital, Belo Horizonte, em 1897. Às margens de Juiz de Fora, da estrada de ferro e do Rio Paraibuna surge o povoado de Benfica.

---

<sup>47</sup> A divisão administrativa territorial compreendia outras denominações.

<sup>48</sup> John Wirth (1982) estabeleceu esta expressão para representar a forma de ocupação diferenciada de Minas Gerais, composta de regiões desenvolvidas de formas distintas econômica, política e culturalmente.

O nome do povoado tem várias versões. Uma delas foi registrada por José Alves de Castro no seu livro *Tópicos de um jornalista refletido*. Segundo o autor, a propriedade rural foi batizada de Benfica, por volta de 1850, “devido a uma tradição de *cunho verídico*” [grifo nosso], que assim foi narrada:

Francisco Martins Barbosa recebeu naquela época um casal em trânsito para a Côrte. Acontece que estes hóspedes gostaram tanto do acolhimento do anfitrião que, na hora de seguir viagem, entabolaram o seguinte diálogo:

- Fiquem mais tempo – falou D. Esméria, esposa de Francisco Martins Barbosa.

Estabeleceu-se um rápido silêncio, falando então a esposa do viajante, dirigindo-se ao mesmo:

- Bem, fica.

A mulher venceu, permanecendo assim o esponsal por mais dois dias em convívio com os familiares de Francisco Martins Barbosa. (CASTRO, 1968, p. 86)

Ao coletar depoimentos para o documentário *Benfica da gente*, de 2004 a 2007, encontramos outras histórias:

Conrado Barbosa: O nome de Benfica aqui é devido ao Padre Bemfica, ele era um padre de Mariana. Então, quando ele passava aqui, talvez ‘pro’ Rio de Janeiro, ele passava aqui neste local. E aqui tinha uma ermida, onde está a praça atualmente, era a sede da fazenda [...] Então ele rezava a missa.

Vanderlei Tomaz (citando outra versão popular): A namorada ia para a estação despedir-se do namorado e gritava: - Bem, fica! Bem, fica! o que acabou dando nome ao bairro.

Raimundo Miranda: Aí vinha ‘praqui’ aqueles boiadeiro que trazia os boi lá do sertão e aquelas tropa vinha pra levar carga pra roça e mais ‘arguma’ coisa. Então eles vinham e ficavam aqui, então já tinha aquela turma que juntava. Aí ficava ‘cê’ vai ou fica? Ah, eu vou ficar. Aí botou nome Benfica. Eu não vou hoje, bem fica, um vai o outro fica. Então ficou Benfica e tá Benfica até hoje.

A verdadeira origem da denominação é desconhecida, mas podemos perceber que as versões apresentam referências ao desenvolvimento local. Tanto o “caso” descrito pelo jornalista José Alves de Castro, quanto o de Conrado Barbosa estão relacionados ao período do Caminho Novo.

Vanderlei Tomaz, morador, historiador e pesquisador da história local, descarta a hipótese de a família Barbosa ter dado a alcunha ao lugarejo uma vez que esse nome de Fazenda Bemfica (ou Benfique) já estava registrado na escritura de compra e venda quando Manoel Mendes de Serqueira e sua mulher Altina Amélia de Campos passaram as terras em 1853 ao patriarca, mas destaca a relevância dos herdeiros para o povoamento da região na segunda metade do século XIX.

No livro *Efemérides Juizforanas*, de Paulino de Oliveira (1975), consta a visita, em 25 de novembro de 1859, do Chantre Joaquim Antônio de Andrade Bemfica, nascido em Santa Rita do Ibitipoca, distrito de Barbacena e nomeado Provisor e Vigário-Geral do Bispado de Mariana (1861). O bisavô de Conrado Barbosa, Cel. Francisco Martins Barbosa, foi o proprietário das terras e fundou uma vila de casas geminadas, cunhada em homenagem a seu filho de vila Ludovino Martins, onde ergueu-se a ermida lembrada por diversos moradores antigos. A família tinha uma influência política na cidade, pois o filho Cel. Ludovino Martins Barbosa e pai, Cel. Francisco Martins Barbosa, foram vereadores de 1853 a 1856 e de 1865 a 1868, respectivamente.

As duas outras versões para o nome Benfica são narrações populares. Vanderlei Tomaz cita uma das mais comuns no imaginário popular, sobre o casal de namorados na estação. O pesquisador também a contesta lembrando-se do mapa de 1847 e ressaltando que a estação foi inaugurada em 1877. Entretanto, essa narrativa demonstra a importância da chegada da ferrovia no imaginário popular.

A origem do nome a partir da vinda de boiadeiros descrita pelo morador Raimundo Miranda é permeada pelas especificidades da ocupação e desenvolvimento urbano da região confrontada a Juiz de Fora.

Benfica é triste. Vasto descampado; pastagens infindas, onde vagam manadas de bois estarrecidos e nostálgicos, vindos de longe, de muito longe, dos confins de Minas e dos planaltos de Goyaz. [...] A população é simples e bondosa. Nos dois hotéis do lugar conversam de negócios boiadeiros requeimados pelos soes das grandes jornadas... (*Jornal do Comércio*, dez. 1908. Apud ESTEVES, 1989, p. 176)

Das duas últimas décadas do século XIX às três primeiras do século XX, Juiz de Fora passou por um processo de modernização industrial acompanhando os dois grandes centros econômicos do país, Rio de Janeiro e São Paulo. A Zona da Mata era a região mais dinâmica de Minas e a cidade liderava essa movimentação, recebendo muitos imigrantes e ganhando o apelido de *Manchester Mineira*.

Já Benfica, até o início do século XX, mantinha uma tradição pecuarista frente à cultura cafeeira. A Feira de Gado de Benfica foi criada em 1889 pela Companhia Pastoral Mineira. As terras valorizaram e tornaram-se alvos de conflitos, como na área que se transformou no bairro Nova Benfica. Um dos herdeiros da família Martins Barbosa vendeu parte da fazenda de 80 alqueires que se encontrava “terras pró-indivisos” ou “terras no

comum”<sup>49</sup> a outro fazendeiro, fora da família, o Cel. Antônio José Sobreira, em 1896. Este, por sua vez, foi acusado de tentar ampliar suas posses para além dos 32 alqueires negociados (GUIMARÃES, 2006), tanto pelos Martins Barbosa, quanto por outra família vizinha, a Balbino de Mattos, descendente de um ex-escravo. O problema acabou causando um triplo homicídio em 1919, lembrado pelos moradores mais antigos da região. De acordo com a pesquisadora Elione Guimarães (2007), que recorreu ao arquivo histórico e fontes orais para a sua pesquisa, o fato teria assim ocorrido:

Na estação de Benfica, João e Pedro Balbino de Mattos abordaram o Coronel Antônio José Sobreira. As partes discutiram, houve agressão e Pedro e João deixaram o Coronel Antônio Sobreira gravemente ferido. Enquanto era conduzido ao hospital, e os Balbinos tentavam fugir, os familiares do Coronel foram avisados do ocorrido por telefone. Um de seus filhos e alguns de seus camaradas dirigiram-se ao local do conflito e se juntaram ao grupo de populares que perseguiram os agressores. Ao encontrá-los, dispararam contra eles, matando-os. Mesmo depois de mortos, Pedro e João foram novamente vítimas da ira de camaradas de seus algozes, que atiraram impiedosamente sobre seus cadáveres. O Coronel Sobreira também faleceu a caminho do hospital de Juiz de Fora (GUIMARÃES, 2007, pp.70-71).

As terras de Benfica tiveram aumento dos plantéis e foram utilizadas para invernadas<sup>50</sup>. Era grande o movimento financeiro nas feiras de gado. “Em 1912, foram comercializadas 45.277 cabeças de gado na Feira de Benfica, num total de 6:791\$550” (ESTEVEZ, 1989, p. 177). Uma balança de gado foi instalada na Estação Benfica, em 1915.

Na maior parte de Juiz de Fora, a pecuária só se propagou com o desgaste das terras pela monocultura cafeeira, enquanto em Benfica, a pecuária já era predominante.

Um fato que veio a reforçar esta valorização [da pecuária leiteira] certamente foi o não abandono das terras após o plantio de café, mas sim seu aproveitamento cada vez maior pelos fazendeiros, utilizando seus pastos para os fins da criação. Neste sentido, destaca-se o aluguel de pastos para criadores e invernistas, principalmente quando do comércio de gado no município motivado pela existência de uma feira de gado local, a Feira de Benfica, que não se fez somente em seus arredores, mas também se espalhando por outras partes do município, inclusive ocorrendo aluguel de pastos em fazendas cafeeiras (DESTRO, 2006, p. 49).

No início do século XX, a pecuária leiteira passou a ser a alternativa econômica natural de Juiz de Fora. Já em 1919, a produção de lácteos na cidade era a segunda maior de Minas, atrás de Barbacena, mas o que motivou a forte industrialização do município foi o capital cafeeiro, ao passo que em Benfica, a indústria surgiu com a guerra.

Juiz de Fora manteve a liderança industrial em Minas até 1920, mas com pessoal ocupado, mercado e produção bem abaixo dos dois centros industriais do país: Rio de Janeiro

<sup>49</sup> Propriedades de vários donos, sem demarcação judicial, há posse, mas não há limites territoriais, originadas de partilhas, mediadas por acordos informais de ocupação.

<sup>50</sup> Pastos destinados, principalmente no inverno, para engorda ou reprodução de gado.

e São Paulo. A elite mineira articulava o *mosaico* mineiro, sustentando-se politicamente no cenário nacional pela sua grande base eleitoral enquanto São Paulo potencializava sua força econômica. Assim, alternavam-se no poder durante toda a República Velha, com a política do café-com-leite. A conveniência foi rompida quando o então presidente Washington Luís apoia a candidatura de Júlio Prestes. Minas, por sua vez, se junta às lideranças gaúchas e setores militares, ignorando a vitória eleitoral do candidato governista e organizando o movimento armado que estabeleceu o governo provisório do gaúcho Getúlio Vargas.

A batalha aconteceu também na localidade de Benfica, citada por Carlos Drummond de Andrade (1987, p.121) e ganhando destaque nas páginas da imprensa nacional. “Benfica, Verdun da Mantiqueira. Resistiu ferozmente aos ataques das tropas legalistas. Uma página épica à tomada de Benfica” (Correio da Manhã, 29 out. 1930). De população predominantemente rural, não houve envolvimento político dos moradores com o conflito. Os antigos, em seus relatos, recordavam-se de deixarem suas casas, dos roubos e das mudanças na rotina. “Nós ‘via’ aqueles soldados de lenço vermelho, amarrado no pescoço, eles ‘passava’, nós ‘pedia bença’ pra eles”, conta Dona Alzira Domingos no documentário *Benfica da gente*, cuja entrevista foi gravada em 2004, quando tinha 104 anos (JUNQUEIRA, 2007).

Getúlio Vargas no poder buscou constituir o Estado Nação brasileiro. Assim, a industrialização passou a ser fomentada pelo governo com a política de substituição de importações e investimento nas indústrias de base (siderurgia e petróleo). Minas priorizou a exploração dos recursos naturais. Com a mudança na dinâmica econômica, o centro do estado foi privilegiado formando a sua zona metalúrgica.

Por outro lado, o projeto getulista causava implicações no imaginário nacional por meio da produção simbólica em seus aparatos institucionais – legislação, educação, burocracia – visando a disseminação de uma vontade coletiva de construção da pátria, uma convicção compartilhada de nacionalidade. Assim, a defesa nacional era outro elemento fundamental nesse contexto. A indústria da guerra, por conseguinte, tornara-se um vetor de desenvolvimento. Neste período, o povoamento da região de Benfica acontece significativamente, pois a antiga fazenda, já dividida entre novos proprietários, sediava a Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia (FEEA). As obras se iniciaram em 9 de agosto de 1934, no governo provisório. Esta foi a “pedra fundamental” da urbanização de Benfica.

As palavras de Filinto Andrade, ex-funcionário da fábrica, dimensionam os impactos dessa instalação no lugarejo: “Benfica cresceu porque a FEEA existia, cresceu

Benfica ao redor da FEEA”. Complementou o gestor da indústria<sup>51</sup> em Juiz de Fora no ano de 2004, Cel. José Ribeiro: “A estrutura aqui do local, que era uma estrutura eminentemente agrária, e agrária no sentido mais fraco de utilização, que era de rebanho de gado de leite, de gado mestiço, passou a ser uma estrutura industrial, comercial” (JUNQUEIRA, 2007).

A documentação da indústria, os relatos dos moradores antigos e também as imagens captadas pelo Cinejornal Carriço (1943-1944) mostram a mobilização causada pela fábrica. Isso, por que, para a edificação foi necessário o emprego de mais de mil trabalhadores como pedreiros, carpinteiros, na produção de telhas, em olarias e na construção das próprias casas. Uma rede de serviços foi estabelecida por meio da fundação do Clube dos Funcionários, do armazém reembolsável, maternidade e escola para os filhos e para a capacitação dos empregados que de peões tornaram-se “artífices a serviço da pátria”.

Em virtude da Segunda Guerra Mundial que começaria em setembro de 1939, a FEEA foi denominada Fábrica Juiz de Fora (FJF). Uma estratégia do Ministério da Guerra para proteger as unidades de fabricação de armamentos que alterou o nome de todas as unidades para ocultar suas funções. De acordo com os depoimentos dos operários, este foi o momento de maior produção, quando trabalharam em até três turnos, 24 horas. Eles não pertenciam ao Exército, mas eram submetidos a uma rotina militar. “Eu dei muita ordem unida para os meus funcionários [...] cheguei a ver companheiros presos, por deserção”, lembra Sr. Filinto (JUNQUEIRA, 2007), na época, chefe de uma oficina.

O desastre de trabalho do dia 7 de março de 1944 imprimiu outro marco na memória dos trabalhadores e dos moradores da região materializado no monumento em honra aos treze mortos, a maioria mulheres, além de três desaparecidos, segundo a informação oficial, dentro das imediações da fábrica. Assim descreve o registro no Livro Histórico da Organização Militar<sup>52</sup>:

Ocorreu hoje, nesta Fábrica, na Oficina 4 (Carregamento de Artefatos) às 8h20min, uma pavorosa explosão, que causou grandes danos materiais em diversas dependências deste Estabelecimento e lamentáveis perdas de vidas de operários que pereceram em seus postos de trabalho, vítimas das conseqüências da mesma, tendo-se ainda constatado a existência de ferimentos graves em grande número de outros que aqui labutam em prol da defesa da Pátria...

Nos depoimentos, a comoção volta-se para a perda de colegas e parentes como também pela grandiosidade da tragédia que alvoroçou a cidade e abalou aqueles que

<sup>51</sup> O nome da fábrica no ano da entrevista era Indústria de Material Bélico (Imbel).

<sup>52</sup> Livro de registro oficial de eventos de quando a fábrica era considerada organização militar.



sobreviveram. “Teve aquela multidão de Juiz de Fora querendo entrar, procurar seus entes queridos, não podia entrar porque logo o exército tomou conta, veio pra não deixar que entrasse. Podia haver novas explosões e como estava havendo explosões menores”, recorda Sr. Filinto de Andrade. “Foi muito triste, foi muito triste e pra mim foi até impressionante porque... eu escapei [ênfase]”, emociona-se Lurdes Cosso (JUNQUEIRA, 2007).

A participação na Segunda Guerra é tão assimilada pelos operários que suas falas não desvendam as contradições da época. “Nós tínhamos uma tarefa violenta de trabalho [...] todo sábado encostava um vagão na minha oficina de 45 toneladas, e [a gente sentia] aquele cheiro de munição, para ir para o depósito central em Paracambi”, narra Sr. Filinto. O gestor de 2004, Cel. Ribeiro, que sequer vivenciou o período, oferece a informação reveladora.

Eu acredito que a maior produção da fábrica foi na época da guerra, só que naquela época é... o nosso armamento é, era um armamento comprado há anos na Alemanha. A fábrica deve ter produzido aí milhares e milhares de munição, peças de munição 75 crupe, mas na verdade nenhum tiro desses, nenhum cartucho desses foi pra Europa, porque os nossos aliados eram os americanos e os americanos forneceram canhões 105, americanos, com munição americana 105. Ou seja, toda essa munição que foi fabricada aqui antes da guerra não foi pra Europa, ficou estocada aqui mesmo no Brasil, e foi, e foi usada durante muitos anos (JUNQUEIRA, 2007).

Com o fim da guerra, a fábrica passou por várias tentativas de adequação. Entre as décadas de 1950 e 1970, teve uma administração qualificada, composta por engenheiros militares, voltando-se ao desenvolvimento de tecnologias, como no caso da indústria automobilística, em que a oficina de Ferramental de Precisão forneceu ferramentas especiais e calibradores para a *Willys Overland* do Brasil<sup>53</sup>.

Juiz de Fora, neste período, passava por um declínio econômico, fora da dinâmica nacional e mineira. O país crescia em função da produção de bens de consumo de capital e duráveis. A capital mineira se consolidava. Fora do escopo do Plano de Metas (1956-61) que visava modernização investindo nos setores de energia, transporte, indústria de base e de alimentação, a cidade fechava as portas das fábricas e perdia entradas de capital.

...a burguesia de Juiz de Fora foi incapaz de se associar à incipiente tecnocracia estatal, que passou a delimitar os projetos de expansão da economia mineira ficando sem acesso aos centros de decisão Além disso, os políticos locais ficaram até o final dos anos 70, em oposição às esferas superiores de governo (estadual e federal), dificultando a criação de solidariedades em torno dos interesses locais. (BASTOS, 2002, p.5)

---

<sup>53</sup> Informações obtidas no texto preparado para a comemoração de setenta anos de fundação da Fábrica, em 6 de agosto de 2004.

Benfica, no entanto, vivia em condições adversas ao município. A Fábrica Juiz de Fora agregou muitos operários ao seu entorno, nos conjuntos habitacionais financiados pelo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), extinto em 1977, originando o atual bairro Araújo. A família Garcia que adquiriu a região central da fazenda dos Martins Barbosa já havia promovido um loteamento da região central nos anos 1940 que, conseqüentemente, fora urbanizada. Essas condições atraíram estabelecimentos comerciais e mais duas escolas públicas: o Grupo Escolar Professor Lopes em 1954 e o Ana Salles em 1965. O Grupo Escolar Almirante Barroso já existia desde 1941.

Este cenário contribuía para um movimento emancipacionista, impulsionado por lideranças locais como João Ribeiro de Novaes e o jornalista José Alves de Castro, árduo defensor em seu periódico *O Pioneiro - jornal patrocinador da emancipação de Benfica de Minas*, além de comerciantes.

A ideia de transformar a região em cidade começou em 1911, quando a Lei nº 556 elevou-a à condição de distrito, denominando-a *Benfica de Minas*. Mas esta posição só foi concretizada em 1962, no governo de José Magalhães Pinto. O ano era favorável ao desmembramento de Benfica, pois houve um surto emancipacionista no estado que gerou novos 237 municípios mineiros por meio da lei 2.764, sem plebiscito, com o único objetivo de aumentar a participação nas receitas de impostos federais (CARVALHO, 1995, *apud* SHIKIDA, 1999, p. 16). Joaquim Ribeiro Costa, a respeito da divisão administrativa daquele período, comenta que houve uma grande liberdade de julgamento dos requisitos, principalmente no tocante ao mínimo de população exigida, pois foram criados 53 municípios com mais de 2.000 e menos de 5.000 habitantes e 136 municípios com população abaixo de 10.000 habitantes (COSTA, 1997, p.51). Entre os pequenos distritos emancipados naquele momento encontram-se: Chácara, Coronel Pacheco e Ibitiguaia, Porto das Flores e Três Ilhas que deram origem ao município de Belmiro Braga. A população destas localidades, de acordo com o censo demográfico de 1960 era, respectivamente, de 2.659, 4.637 e 3.305, 884 e 1.556 habitantes (GUIA, 1963, p.40). Assim, pode se deduzir que Benfica tinha as condições, como qualquer um desses distritos, para ser emancipado.

Por outro lado, o vereador Ignácio Halfeld, ex-funcionário da Fábrica Juiz de Fora casado com Carmem Garcia, também comerciante, eleito em 1954 por um esforço da Sociedade Amigos de Benfica, era contrário à emancipação da região. Sua representatividade garantiu-lhe oito mandatos consecutivos na Câmara, permanecendo vinte e cinco anos no

Legislativo. Halfeld era uma força importante, escolhido o vereador mais atuante em uma enquete feita por jornalistas que trabalhavam no Diário da Tarde, defendeu durante sua vida política a manutenção de Benfica como bairro.

Outras lideranças juizforanas tentavam, junto ao estado, a implantação da cidade industrial, desde 1959. Em 1963, definiu-se a região de Benfica para sediar este projeto que se consolidou ao final da década, quando o armazém do Instituto Brasileiro do Café foi edificado. Desta forma, a criação do município de Benfica representaria não só uma perda territorial, mas também prejudicaria as novas aspirações econômicas da cidade.

Uma crise econômica e política marcou a década de 1960, desembocando no golpe militar de 1964, cujas tropas partem de Juiz de Fora e também do batalhão de infantaria próximo à Benfica. Como em todo o país, confundiam-se os ideais comunistas com outras práticas, ou pessoas eram acusadas de praticarem o “comunismo”.

O jornal *O Pioneiro* contribuiu para difundir na população estas considerações, por meio de manchetes como “Conspiração Comunista dentro da Igreja de Benfica”, cuja matéria colocou a opinião pública do bairro contra o jornalista José Alves de Castro. Aconteceu a chamada “Revolta dos Católicos”, quando um grupo de fiéis foi à residência dele tirar satisfações de suas publicações sobre o vigário.

No documentário *Benfica da gente* (JUNQUEIRA, 2007), Domingos Sobreira contou que sabia dos comunistas pelo povo ou pelo jornal *O Pioneiro*. Entretanto, o único comunista notório, filiado ao Partido, morador de Benfica, era o padeiro Manoel Rosa. Sua filha, Etiene Dias Machado Maia, relatou que o pai se entregou em Belo Horizonte para proteger a família. A ligação comunista do padeiro não prejudicava sua atuação no bairro. Era conhecido como “homem honesto”, colaborador da Igreja e realizador das batalhas de confete no carnaval. “Ele era humano, Seu Manoel. Era papo que ele era comunista, mas ele era bom demais. Até que se o comunismo for isso, podia voltar, podia ‘vim’”, considerou a personagem Almerinda da Silva Hora.

Em 1968, o jornalista José Alves de Castro publicou o livro “Tópicos de um jornalista refletido” no qual enumera várias qualidades que distinguiam a região de Benfica:

A receita municipal de Benfica já ultrapassou de cem milhões de cruzeiros novos.

O poder econômico de Benfica é muito expressivo na produção de leite, quase todo exportado para o Rio de Janeiro (...)

A população de Benfica excede a mais de doze mil habitantes. O número de prédios já ultrapassou a casa dos 2.000<sup>54</sup>.

Os eleitores de Benfica vão alcançar o número de 5.000, com a nova qualificação eleitoral que se procede. (CASTRO, 1968, p. 88-89)

No mesmo ano, Benfica deixou de ser distrito, configurando-se em bairro e perdeu as condições legais que favoreciam sua emancipação. Itamar Franco assumiu a prefeitura de Juiz de Fora e tentou promover um *novo ciclo* de crescimento industrial que só aconteceu, de fato, no início dos anos 1980 (OLIVEIRA JR; MATTOS; BASTOS, 2004, p. 77). O golpe militar foi o *golpe de misericórdia* na cidade operária que, lentamente, assume-se prestadora de serviços (MUSSE, 2008, p. 137). O *esforço pela reindustrialização* (BASTOS, 2002) de Juiz de Fora foi direcionado à zona norte da cidade, contribuindo para a chegada de novos moradores em Benfica.

Concebido para atrair grandes investimentos, cotado para sediar a fábrica de bicicletas Monark, o Distrito Industrial I demorou a ser ocupado. Até hoje sua utilização não é plena, havendo alternâncias de empresas, maioria de médio porte e de prestação de serviços. Abriga também a Usina Termelétrica de Juiz de Fora, pertencente à Petrobrás, desde 2007. Enquanto criava perspectivas de desenvolvimento, o caminho do centro de Benfica em direção ao Distrito Industrial foi loteado e originou o atual bairro Jardim de Fátima, conhecido como Várzea por suas características geográficas e por abrigar, no passado, o gado de várias regiões antes de embarcar no trem.

Após a crise do petróleo, no final de 1973, o governo do general Geisel adotou o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) visando superar a crise energética e de matérias-primas internacional por meio do incentivo aos setores de bens de capital, insumos básicos e fortalecimento da empresa privada nacional. O projeto contemplou Juiz de Fora, apesar da concretização tardia.

Ao longo da década de 70, Juiz de Fora viveu a expectativa de redenção pela instalação de um projeto industrial de peso: a Siderúrgica Mendes Júnior (SMJ). Naquela década, ocorreram negociações políticas que objetivavam a atração de grandes projetos – como os da SMJ e da Companhia Paraibuna de Metais (CPM) – através da criação ou aprimoramento de uma infraestrutura básica de apoio, como a implantação do Distrito Industrial de Benfica (1975), a reformulação dos sistemas de telecomunicações e abastecimento de água e a concessão de incentivos fiscais e créditos (OLIVEIRA JR; MATTOS; BASTOS, 2004, p. 77).

Apesar dos empresários justificarem a escolha da localidade por laços afetivos – eram juiz-foranos – a instalação das duas indústrias ocorreu por um amplo esforço nas três

<sup>54</sup> No livro, o jornalista descreve que Benfica dista 13,2km de Juiz de Fora, permitindo-nos supor que considerava o início da região na área em que hoje se encontra o bairro Barbosa Lage.

esferas do estado em viabilizar econômica e espacialmente os projetos. A CPM entrou em operação em 1980 e a SMJ, em 1984. No ano seguinte, a metalurgia era responsável por quase 40% do valor total da produção industrial de Juiz de Fora, superando a indústria têxtil e gerando mais de três mil empregos novos (BASTOS, 2002).

No final dos anos 1970, também aumentou a produção de munições com a associação da Imbel (Indústria de Material Bélico), antiga Fábrica Juiz de Fora, à Engesa (Engenheiros Especializados S/A). Na década seguinte, esta parceria incentivou a primeira tentativa de privatizar o setor de fabricação de equipamentos e munição para a defesa nacional. O fator de motivação era a guerra Irã-Iraque que acontecia no período. Mais de 400 mil tiros foram exportados para o Iraque e a Engesa voltou a ser uma empregadora na região.

Em 1993, a Engesa foi à falência, uma vez que a fonte de recursos, a guerra no Iraque, se esgotou. O governo recuperou o patrimônio da fábrica que voltou a ser denominada Imbel, mas a indústria não detinha mais o apoio financeiro público para concorrer e desenvolver tecnologia de guerra. Desde então, a fábrica vive na estagnação, quando não entra em crise<sup>55</sup>.

Frente a conjuntura econômica do período, Juiz de Fora perdeu seus atrativos. Para resistir, o município tentou valorizar a indústria local implantando o Distrito Industrial do Milho Branco – localizado em outro bairro da Zona Norte – destinado às pequenas e microempresas dos setores de confecções, malharias e calçados, mas estes esforços não foram suficientes para mudar o quadro de estagnação industrial da cidade.

O cenário da década de 1990 é cheio de mudanças culturais, políticas e econômicas: colapso do comunismo com a queda do muro de Berlim, fim da Guerra Fria, internet, globalização etc. As ideias de vitória da democracia sobre o fascismo e do neoliberalismo como alternativa econômica são difundidas. No Brasil, os governos Collor, Itamar e Fernando Henrique reajustaram-se à nova ordem, adotando formas de incentivos e regulação econômicos adequados às exigências do mercado mundial. Liberalização comercial e financeira, privatização e desregulamentação constituíram os pilares da estruturação político-econômica que se esboçava, reduzindo a intervenção do estado na economia e deixando o caminho aberto às regras do livre mercado. Acontecia a reorganização das forças

---

<sup>55</sup> Hoje, a Imbel é como um monumento na entrada da região de Benfica. Apesar de não gerar muitos empregos, a força simbólica da fábrica que impulsionou o desenvolvimento da região no passado, quando seus funcionários trabalhavam “em defesa da pátria”, permanece viva nas referências à empresa e ao entorno das instalações, que continuam sendo chamadas de FEEA, a primeira denominação.

produtivas e da acumulação de capital no espaço – *global e local*. Com as novas formas de concorrência, países entraram na disputa pela atração de capital internacional refletida, internamente, entre estados e municípios, na chamada *guerra fiscal* por investimentos nacionais e estrangeiros. “Verifica-se um movimento de desconcentração relativa das indústrias tradicionais – em busca de salários mais baixos e incentivos fiscais – e da de bens duráveis, especialmente a automobilística – em busca da apropriação de fartos benefícios fiscais” (BDMG, 2002, p. 43).

Em 1996, a montadora alemã Mercedes-Benz decide instalar fora da Europa sua primeira unidade de produção no Distrito Industrial II, próxima à região de Benfica. A localização da cidade, entre grandes centros consumidores e fornecedores, e a logística, simplificando o escoamento da produção para os portos do Rio de Janeiro e Vitória, certamente pesaram na decisão da empresa, pois facilitavam a dinâmica do abastecimento e dos fluxos, exigida na nova estrutura produtiva mundial. Entretanto, para entrar na rota geográfica dos investimentos industriais, o estado e a cidade venceram a concorrência à custa de altos incentivos: doação do terreno, financiamento das obras de infraestrutura, isenção de impostos e taxas municipais por dez anos e, ainda, isenção de correção monetária e juros aos empréstimos concedidos para capital fixo, de giro e comercialização.

A relação custo-benefício da multinacional para Juiz de Fora tem pesos e medidas diferenciados. De acordo com André Zuchi, secretário de Planejamento e Desenvolvimento Econômico da administração municipal em 2009, “Não houve isenção fiscal para a instalação da Mercedes-Benz em Juiz de Fora; o que ocorreu foram empréstimos, que estão sendo devolvidos”, Nos seus cálculos, os recursos gerados para a cidade ultrapassam R\$500 milhões<sup>56</sup>. É importante considerar que o prefeito em exercício no período desta declaração, Custódio Matos, era o mesmo da ocasião de instalação da montadora.

Contudo, levando-se em conta a carência de dez anos para o pagamento do ICMS<sup>57</sup> e a concessão de 22 anos para o pagamento da última parcela de financiamento a Minas Gerais, o custo fiscal para o estado chega a R\$135.012.305,00 e ao país, R\$690.547.740,00. As contas são da pesquisadora Maria Abadia da Silva Alves (2001) que destaca a dificuldade de cálculos sobre os subsídios, uma vez que há ausência de informações a respeito dos valores das obras de infraestrutura. O largo prazo de quitação dos débitos da

---

<sup>56</sup> Informações apresentadas em audiência pública na Câmara Municipal em 12 de fevereiro de 2009.

<sup>57</sup> O ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços) é um tributo estadual.

empresa ao poder público ainda cria múltiplos cenários econômicos envolvendo, por exemplo, taxa de inflação, evolução cambial e custo da rolagem da dívida pública, tornando imprecisa qualquer estimativa de custos.

Já para o sindicalista Henrique Almeida<sup>58</sup>, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, os custos da Mercedes superam isenções e incentivos fiscais: “Nós esperávamos que a empresa fosse o carro-chefe do desenvolvimento da região e, no entanto, ela faz o que quer”.

O acordo de instalação estabelecia compromissos para a empresa como: empregar diretamente 1.500 trabalhadores, priorizar mão de obra local, realizar importações por meio do município, utilizar fornecedores e prestadores de serviços preferencialmente mineiros, empenhar-se na instalação de uma rede de abastecimento em Juiz de Fora e região, apoiar convênios de pesquisa e desenvolvimento tecnológico com instituições alemãs, enfim, uma série de iniciativas na expectativa de fomentar uma cadeia produtiva que impulsionasse a economia local e regional.

A característica de encadeamento de uma montadora, que atrai várias outras indústrias, não só no ramo de autopeças, mas também no setor de serviços significa, em princípio, a possibilidade de dinamizar a economia da cidade, via crescimento da produção, geração de novos empregos – diretos e indiretos –, expansão da massa salarial, ampliação da qualificação da mão-de-obra, geração de maiores demandas e lucros para o empresariado local e aumento da arrecadação de impostos municipais (BASTOS, 2004, p.91).

A continuidade da empresa em Juiz de Fora volta e meia está em cheque. Redução da produção e demissões são constantes. Uma audiência pública realizada em fevereiro de 2009 discutia exatamente a demissão de 140 funcionários, segundo a empresa, e de 227, segundo a representação sindical<sup>59</sup>. As paralisações na produção já eram recorrentes. Só no primeiro semestre de 2009, três ocorreram: férias coletivas de 10 dias – 23 de fevereiro a 4 de março –, uma licença remunerada de sete dias – 8 a 14 de junho – e outra, de 31 dias – anunciada para iniciar em 20 de julho e terminar em 12 de agosto. A “gangorra” é a imagem que o sindicalista Henrique Almeida atribui à multinacional, devido à sua inconstância<sup>60</sup>.

Em 3 de maio de 2012, a montadora inaugurou a nova planta da fábrica que foi adaptada para a produção de caminhões. Para as modificações foram investidos R\$450 milhões nos últimos três anos com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

<sup>58</sup> Entrevista não gravada realizada no dia 5 de junho de 2009.

<sup>59</sup> Há interpretações distintas para estes números. Na verdade, não houve demissão, mas a não renovação de contratos temporários. O Sindicato dos Metalúrgicos entende que estes contratos são ilegais e contrariam a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

<sup>60</sup> Entrevista citada anteriormente, no dia 05 de junho de 2009.

e Social (BNDES). Com isenção de Imposto sobre Serviços de qualquer natureza (ISS) previsto para 2,7 milhões, o município espera arrecadar um repasse de ICMS no valor de R\$ 125,5 milhões, de 2014 a 2021<sup>61</sup>. Almejava-se aumentar a produção chegando a capacidade de 50 mil caminhões/ano. Entretanto, a situação relatada pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC não era tão animadora. Eles apresentaram uma carta em 9 de maio solicitando medidas do governo para reverter a queda de vendas de veículos e estoques altos das empresas. “A Mercedes-Benz colocou 480 trabalhadores em licença remunerada, por 30 dias, até 4 de junho. A empresa negocia com o Sindicato mais dias de paralisação de produção”<sup>62</sup>. Concomitantemente, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica de Juiz de Fora, divulgou o calendário de negociações, incluindo na pauta, a pedido da montadora, a discussão sobre a implantação de um sistema de banco de horas.

Na verdade, estas relações são as *redes desiguais* criadas no *espaço global*, explicadas por Milton Santos.

A dinâmica dos espaços da globalização supõe adaptação permanente das formas e das normas. As formas geográficas, isto é, objetos técnicos requeridos para otimizar uma produção, só autorizam essa produção ao preço do estabelecimento e normas jurídicas, financeiras e outras, adaptadas às necessidades do mercado (SANTOS, 2008. p. 51).

Ainda no final da década de 1990, uma nova tentativa de desenvolvimento foi elaborada no Plano Estratégico de Juiz de Fora (Plano/JF) que, apesar do envolvimento de diversos setores da sociedade, era balizado numa concepção externa – consultores internacionais – colocando no mesmo patamar as cidades dentro da economia globalizada, ignorando suas especificidades, na busca pelo financiamento de organismos internacionais. O projeto era guiado pela tese de que a urbanização levaria à industrialização e, conseqüentemente, ao desenvolvimento econômico. Neste sentido, aglutinava vários projetos, o que na crítica de Bastos (2005, p. 16), “produz fragmentação das ações, estimula a concorrência entre os atores locais, se torna espaço de apropriação de interesses particulares e permite a dispersão com relação ao projeto de cidade”.

Tanto o projeto de industrialização dos anos 1970 para Juiz de Fora, quanto o dos anos 1990 e, recentemente, a partir de 2009, calcaram-se no financiamento estatal sem qualquer ônus ao capital privado e, ainda, descompromissado com o sistema produtivo local.

<sup>61</sup> Matéria divulgada no jornal Tribuna de Minas de 4 de maio de 2012, sob o título *Com nova planta, Mercedes avança em nacionalização*, da jornalista Gracielle Nocelli.

<sup>62</sup> Nota divulgada no Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica de Juiz de Fora disponível em <http://stimjf.org/index.php/2012/05/09/na-mercedes-stim-acerta-agenda-de-negociacoes-para-o-primeiro-semester/>



Estas estratégias de atração de investimentos faliram porque eram socialmente segregadoras, destinadas a atender apenas ao grande empresariado na esperança de gerar efeitos multiplicadores, entretanto, não valorizavam as relações e condições já existentes. Já o Plano/JF, apesar de alguns avanços no tocante à elaboração com participação dos mais variados setores, não observou as transformações históricas da cidade e, portanto, configurou-se em idealização deslocada.

Deste modo, observa-se um descompasso do poder público em reverter o crescimento imediato causado pelos projetos de industrialização em desenvolvimento contínuo, uma *disritmia espaço-tempo*, como explica Bastos:

Assim, considera-se que as estratégias indutoras de desenvolvimento adotadas em Juiz de Fora, além de revelarem regimes de acumulação e modos de regulação particulares, exprimem políticas de desenvolvimento econômico local específicas. A exata assimilação do regime de acumulação, do modo de regulação e da política de desenvolvimento econômica associada a cada uma das intervenções do Estado na economia de Juiz de Fora vai ser reveladora das noções de tempo e espaço inerentes às estratégias de desenvolvimento. A partir desta identificação torna-se possível demonstrar a disfuncionalidade espaço-tempo referente a cada uma das estratégias adotadas na cidade, disfuncionalidade esta base da disritmia espaço tempo (BASTOS, 2005, p.11).

Juiz de Fora tem assumido uma postura passiva diante das grandes empresas instaladas e não competitiva frente à cena macroeconômica atual. Caminhando na contramão, entre 1999 e 2005, o PIB (Produto Interno Bruto) da cidade cresceu 3,9% contra 12,9% da região da Zona da Mata (excluindo a cidade), 22% do estado e 30,9% da economia nacional. Várias empresas desistiram de se instalarem no município para se abrigarem nos vizinhos do estado do Rio de Janeiro, devido à baixa cobrança de ICMS – de apenas 2%, enquanto o governo mineiro mantinha as alíquotas de 12 e 18%. Seguindo a corrente, a Paraibuna Embalagens, uma das empresas mais antigas ainda em funcionamento no Distrito Industrial I (Benfica) e, portanto, grande empregadora da região, decidiu instalar uma nova planta de papel ondulado no pequeno município de Sapucaia (RJ) (*Valor Econômico*, 20 mai. 2009). Política agressiva de incentivos fiscais do estado fluminense, política fiscalista de Minas, prefeitura falida, segundo Custódio Mattos, chefe do Executivo naquele momento, omissão da representação política, crise mundial etc. Justamente às vésperas da eleição, o então governador Aécio Neves e candidato ao Senado, após sete anos sem atentar à questão, assinou um decreto reduzindo o ICMS e estabelecendo benefícios fiscais para concorrer com os outros estados<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> Ver a matéria *Aécio Neves entra na guerra fiscal e reduz ICMS de Minas para empresas*, de Fábio Fabrini, para *O Globo*, em 19/11/09. Disponível em <http://oglobo.globo.com/economia/aecio-neves-entra-na-guerra-fiscal-reduz-icms-de-minas-para-empresas-3149850>. Acesso em 12 nov. 2012.

A região de Benfica sofreu impactos diretos e indiretos com os projetos de industrialização de Juiz de Fora porque foi o território que sediou as esperanças de desenvolvimento desde os anos 1970.

A Região Noroeste abriga a maior parte das indústrias de porte implantadas em Juiz de Fora e há perspectiva de novos investimentos, devido às vantagens locacionais em relação às rodovias e ao sistema viário existente [...].A vocação industrial está se consolidando na região a partir da instalação da Mendes Júnior (Belgo Mineira) e, mais recentemente, com a implantação da Mercedes-Benz e com o Porto Seco de Juiz de Fora. (PJF, 2006, p.19)

Um dos impactos foi o aumento populacional que saltou aproximadamente de 11.038 em 1991 para 18.111 habitantes pelo Censo 2.000, um crescimento de mais de 60%, posicionando Benfica como a maior região censitária de Juiz de Fora (PJF, 2006). De acordo com o Censo 2010, continua sendo a área mais populosa<sup>64</sup>, com mais de 23 mil habitantes. Novos loteamentos populares foram promovidos, destacando-se o de Nova Benfica – área grande da antiga fazenda vendida nos anos 90 a uma construtora, dando origem a conjuntos habitacionais e um residencial para aposentados da Polícia Militar na parte alta. Recentemente, dos nove residenciais e loteamentos do programa de habitação *Minha Casa, Minha Vida* do governo federal, cinco foram erguidos na Zona Norte, sendo que a região de Benfica, especificamente, recebeu 344 apartamentos das 1.555 moradias construídas na macro região. Provavelmente, isso vai gerar um aumento da circulação de pessoas e demandas sociais.

No tocante à geração de renda, mesmo com o aumento do comércio e da prestação de serviços, as expectativas ainda não são as melhores. Eugênio Bersan, comerciante e liderança antiga, expressa sua decepção com a CDI no documentário: “Nós achávamos que o Distrito ia gerar muito mais trabalho, muito mais emprego”. Do mesmo modo, os jovens identificam falta de oportunidades no lugar, “O pessoal de Benfica mesmo, você vê ônibus descendo lotado ‘pro’ centro, o pessoal não trabalha aqui. Os daqui trabalham no centro e os do centro trabalham aqui”, afirma Roseane Rodriguês. Benfica, pelo censo 2010, é o bairro que apresenta o maior número de residências com as menores rendas (383), considerando os números absolutos<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> *Tribuna de Minas*, 7 de agosto de 2011, disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/cidade/cidade-alta-e-a-regi-o-que-mais-cresce-em-jf-1.587969> acesso em 02 set. 2012

<sup>65</sup> *Tribuna de Minas*, 19 de novembro de 2011, disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/economia/morro-do-imperador-concentra-maior-renda-1.988271> acesso em 12 nov. 2012

Milton Santos já alertava na década de 1970 para as conseqüências da industrialização nos países, hoje, *em desenvolvimento*:

Estas tendências de modernização contemporânea, nos países do Terceiro Mundo, geram somente um número limitado de empregos, visto que as indústrias que estão sendo instaladas são de “capital intensivo” (Eckaus, 1995). Além disso, uma parte considerável dos empregos indiretos é gerada nas “zonas centrais” ou para expatriados destas zonas. A indústria é, conseqüentemente, cada vez menos uma resposta a necessidade de geração de empregos. (SANTOS, 2008, p. 95)

Outro ponto negativo refere-se à ocupação irregular de terras. Áreas do estado sob a administração da CDI ficaram ociosas por muito tempo, sendo alvos de invasões. A Vila Esperança I, por exemplo, era um conjunto de casas de barro às margens da via férrea e do córrego Três Pontes. Nos anos 1980, a administração municipal promoveu o assentamento das famílias em um local próximo, negociado com a CDI. Uma nova invasão ocorreu novamente nas terras do estado, na década de 90. Após vários e sérios conflitos, foi regularizada em 1996, originando o bairro Vila Esperança II. No início dos anos 2000, uma área da iniciativa privada foi tomada próxima a estes assentamentos e à beira da rodovia BR040. Esta ocupação cresce até hoje, assim como outras, sem qualquer infraestrutura urbana e sem solução, apesar de negociações com a iniciativa privada, com o poder público e dos projetos de remoção.

A urbanização das áreas ocupadas não se reflete em mobilidade social e ocupações irregulares continuam margeando terras anteriormente invadidas, conforme constatações do Executivo.

Importante ressaltar que, em vários casos, continuam a ser indicadas microáreas com histórico de exclusão social, que constavam em listagens anteriores, e que, após sofrerem sucessivas intervenções, deixam de pertencer hoje ao grupo com deficiências de urbanização ou mesmo com pendências de regularização fundiária. Mas a condição de baixa renda de seus moradores continua a demandar projetos voltados para o desenvolvimento econômico e social, com poucas exceções. É comum perceber o surgimento de ocupações irregulares ao lado dessas áreas, deslocando o problema de deficiência de urbanização, resolvido em uma área, para outra do seu entorno. (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2006b, s.p.)

A família de Suellen Barroso, aluna do projeto Benfica da gente, foi uma das primeiras a povoar a área. Nas pesquisas sobre a sua história, levantou informações fornecidas pela prefeitura em apostila de curso profissionalizante promovido no local, do qual sua mãe, costureira, participou<sup>66</sup>. De acordo com este documento, a ocupação da BR040 formou-se a partir da migração de desempregados e subempregados de outras regiões do país, buscando trabalho na montadora de automóveis que se instalara nas proximidades. Sem emprego ou

---

<sup>66</sup> Na cópia apresentada pela aluna, consta que o diagnóstico sócio-econômico baseou-se em pesquisa realizada pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2003.

subempregados, os moradores se organizaram para reivindicar seus direitos e construíram praça, uma pequena biblioteca e salão comunitário para reuniões religiosas e de mobilização.

Na realização do documentário, a equipe visitou o local em dois momentos. Um próximo às eleições para a prefeitura em 2004 e outro no período de finalização do vídeo, em 2007. No primeiro, havia grandes expectativas das lideranças locais, uma vez que a negociação com a empresa proprietária do terreno chegara a um acordo, faltando apenas as obras de urbanização e doação de materiais para que as famílias cadastradas – cerca de 40 – construíssem em mutirão suas casas, já planejadas. No segundo, com um número de famílias maior, o poder executivo divulgava nova proposta, a de remoção para outra parte da zona norte, na área hoje destinada ao conjunto habitacional do *Minha Casa, Minha Vida*. A morosidade do poder público e a mudança de projetos políticos corroeram a mobilização comunitária. Hoje, visivelmente há mais famílias ainda. A localidade ganha nomes pejorativos de acordo com o tema explorado na mídia, de *Afeganistão* em 2004 a *Crackolândia*, em 2009. A Vila Esperança, como também é originária de ocupação irregular, carrega a culpa dos problemas sociais da região de Benfica. É comum que brigas, furtos e roubos na praça sejam atribuídos aos seus moradores.

Há uma grande concentração de pessoas com baixa renda – subempregados e desempregados - nestas áreas, contribuindo para o surgimento de novas formas de geração de renda e sobrevivência, nem sempre tão dignas. “Vai construir como? A gente ‘tá’ vivendo da reciclagem. Sem água, sem luz, sem rede de esgoto, a gente fica aqui mesmo”, questiona Maria Luiza Coutinho, moradora da ocupação da BR040. “É uma coisa que está no meu convívio, porque na parte onde é que eu moro ‘tá’ muito presente. A maioria ‘dos pessoal’ lá não tem estudo, não tem profissão, não consegue emprego, ou é montar barraquinha de hambúrguer, ou é vender droga”, relata Suellen Barroso, jovem moradora da Vila Esperança I.

Milton Santos, ao falar das grandes cidades, retoma a idéia dos anos 1960 de *involução urbana*, mas sem a *ruralização da cidade*.

Hoje, porém, talvez se possa falar em involução metropolitana, mas em outro sentido, na medida em que o grande número de pobres urbanos cria o caldo de cultura para que nas cidades, sobretudo nas grandes cidades, vicejem formas econômicas menos modernas, dotadas de menor dinamismo e com menor peso na contabilidade estatística do crescimento econômico. (SANTOS, 2008, p. 129)

Aqui, chamamos atenção para que, além de atividades econômicas *menos modernas*, as atividades localizadas dos pobres urbanos podem ter alto custo social para toda a cidade.

O Mapa da Exclusão, divulgado em fevereiro de 2009 pela Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), demonstrou a disposição geográfica da renda. Enquanto há regiões com renda muito maiores que a média da cidade, existem grandes bolsões de miséria na periferia. O estudo combinou informações do censo 2000 com dados do cadastro único do Programa Bolsa Família e apontou 13 regiões com maior índice de exclusão, ou seja, que abrigam um grande número de famílias vivendo abaixo da linha de pobreza – sobrevivendo com menos de US\$1, por dia. O resultado – por se basear nos dados do IBGE – não considerou, de modo contundente, as áreas de ocupação irregulares.

Outro estudo realizado pela prefeitura, o Atlas Social publicado em 2006, mapeou em Juiz de Fora as Micro-Áreas de Exclusão Social (MAES). Por meio da pesquisa de campo, consideraram níveis diferenciados de condições precárias para identificação das MAES, acrescentando aos aspectos econômicos, outras variantes como urbanização (infraestrutura e habitação), titularidade da terra e riscos físico-ambientais.

Benfica encontra-se nos dois mapeamentos. O Mapa da Exclusão aponta que 7% da população miserável de Juiz de Fora concentra-se na região. O Atlas Social identificou sete MAES acolhendo quase 1.000 famílias em locais, majoritariamente, de moradias subnormais com ou sem titularidade de terra.

Em uma análise preliminar do censo 2010<sup>67</sup>, fica confirmado que a população da Zona Norte supera a casa dos cem mil (pouco mais de 108 mil), concentrando cerca de um quinto dos habitantes da cidade<sup>68</sup>. Enquanto em Juiz de Fora a média de crianças e jovens (0 a 29 anos) está em torno de 30%, na macrorregião, a mesma faixa etária representa praticamente metade da população (cerca de 48%).

---

<sup>67</sup> Diagnóstico primário sobre a Tabela 3107 - População residente, por situação do domicílio, sexo e grupos de idade - Sinopse2010 Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br> Acesso em: 20 jul. 2011

<sup>68</sup> De acordo com o Censo 2010, Juiz de Fora tem uma população de 517.872 habitantes.

## 2 A INTERPELAÇÃO

Mantendo a proposta do relato etnográfico, passamos a um novo *encontro*, que nasce múltiplo e emaranhado, pois agrega nossa *bagagem* descrita anteriormente aos conhecimentos e vivências adquiridos com as oficinas no projeto *Benfica da gente*. Voltamos nossa atenção ao contato entre realizadores do documentário, jovens alunos do projeto e os outros moradores de Benfica para a produção do documentário, ou seja, o momento de captação das entrevistas que optamos por denominar de *interpelação*.

A *interpelação* consiste na forma de obter as vozes dos personagens para o documentário. Não discutimos a entrevista em si, pois não queremos nos ater ao debate teórico sobre a técnica, mas detalhar o processo de formação dos *elos* da *cadeia de memória e história de Benfica* para o documentário *Benfica da gente*, ou seja, como a busca pela *história de Benfica* acionou repertórios diferentes, falas e silêncios em virtude do contato com a câmera, ou seja, como os *elos* são acionados diante do dispositivo de registro audiovisual para sua orquestração posterior no produto final: o documentário. Esclarecemos que, para nós, os *elos* não são as pessoas envolvidas na elaboração do registro, ou seja, os idealizadores e os entrevistados, mas, fundamentalmente, os repertórios por eles acionados. Assim, para a classificação, vamos encontrar ora a citação de nomes, ora o conteúdo das falas.

Recuperando o aporte teórico esboçado na introdução sobre etnografia, Caiafa (2007) alerta sobre a obtenção de dados por meio de entrevistas e recursos tecnológicos como gravação de áudio e câmera de vídeo. Sem polemizar sua utilização em campo, ela propõe cuidado e criatividade. É estar ciente que há mudanças nas relações, mas ao mesmo tempo transformá-las em *fonte de vitalidade*. A força da criatividade está no *co-funcionamento*, na *simpatia*, que seria manter o direcionamento da entrevista sem se fechar nele, é estabelecer mais uma conversa do que um processo de inquisição.

Essa *vitalidade* aparece na análise de Consuelo Lins sobre a obra do cineasta Eduardo Coutinho. Ela afirma que a característica marcante do documentarista é a relação com os entrevistados despertando-lhes o *gosto pela palavra* (1997, p. 238). A posição do diretor e da equipe em princípio pode ser desconfortável, ou provocar uma fala *programada*, em consonância com discursos dominantes e midiáticos. Contudo, a relação entre cineasta e

entrevistado, se permeada por “simpatia”, retomando o termo de Caiafa para a atitude etnográfica, pode ganhar um tom de conversa revelador do universo do entrevistado. É não objetivá-lo e sim se colocar disponível ao outro.

Mas nos parece um pouco ingênuo, desconsiderar que, por mais que entrevistador e entrevistado se coloquem disponíveis um ao outro, ainda haverá resquícios de *autoridade*. Utilizamos este termo, referindo-nos tanto à *autoridade* do documentarista, quanto à *autoridade* da testemunha. Para isso, recobramos que *autoridade* é um problema epistemológico da antropologia que ora tende a reforçá-la eliminando as diferenças culturais, ora a negá-la para a fetichização da cultura em estudo. Já a testemunha, investe-se de *autoridade*, ou não, porque a pesquisa ou a produção audiovisual podem evidenciar o seu relato como prova viva de um passado. Aproximamos este problema da “guinada subjetiva” identificada por Beatriz Sarlo em *Tempo Passado* como prática da história e da imprensa nas três últimas décadas do século XX. “O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma ‘cura’ da alienação e da coisificação” (SARLO, 2007, p. 39).

Sarlo identifica no testemunho algumas características que comprometem a interpretação da história se não consideradas: a exterioridade da escolha do sujeito para tomada de seu depoimento, o anacronismo da narrativa testemunhal, o predomínio da primeira pessoa ou da terceira em discurso indireto livre, fomentando o modo “realista-romântico” dessas narrativas. A autora salienta as condições de produção.

Diante dessa tendência discursiva seria preciso ter em conta, em primeiro lugar que o passado recordado está perto demais e, por isso, ainda desempenha funções políticas fortes no presente (vejam-se as polêmicas sobre os projetos de um museu da memória). Além disso, os que lembram não estão afastados da luta política contemporânea; pelo contrário, têm fortes e legítimas razões para participar dela e investir no presente suas opiniões sobre o que aconteceu não faz muito tempo. (SARLO, 2007, p. 60)

A crítica de Sarlo dirige-se à narrativa testemunhal em situações históricas de ausência de outra narrativa ou em contraposição a narrativas dominantes autoritárias, como no caso do Holocausto e da ditadura militar. A história que tentávamos “reconstituir” com o documentário, em princípio, não partilhava diretamente dessas condições. Entretanto, percebemos as intenções ideológicas dos entrevistados e entrevistadores ao analisarmos todo o material bruto e a variação dos estilos do enunciado, tanto pela relação do fato narrado estar

“perto demais” quanto pela posição ocupada pelo entrevistado. Para entendê-las, tomaremos algumas discussões sobre *memória*.

Maurice Halbwachs (2006) tira a memória do subjetivo e a inscreve no corpo social criando o conceito de *memória coletiva*, Nora (1993), por sua vez, ao deslocar o foco da pesquisa sobre memória para os *lugares*, amplia as perspectivas sobre o tema. Existem relações de poder na construção mnemônica que podem elucidar a crítica de Sarlo (2005).

Segundo Michael Pollak (1989), a tradição europeia do final do século XIX, norteadora do pensamento de Halbwachs, vislumbrava a *nação* como um acabamento perfeito da memória coletiva e a história explicitada por Nora (1993) tinha esta função de conceder uma narrativa única, fechada sobre a memória nacional. Mas quanto mais complexa a sociedade, mais disputada se torna a memória coletiva pelos vários segmentos da sociedade. Para alterar a correlação de forças, o estado, o partido político, a igreja e os movimentos sociais agenciam *enquadramentos* da memória que, por sua vez, disponibilizam novas narrativas. Ainda, a conjuntura (social, econômica e cultural) gera condições para que outras lembranças sejam vocalizadas. Assim, não há esquecimento frente uma memória coletiva dominante, mas uma *subversão em silêncio* na qual estes repertórios permanecem em estado de latência, aguardando as condições para virem à tona. No trabalho anterior *La gestion de l'indicible* (1983), Pollak já havia identificado uma operação inconsciente que reordena as lembranças da vida dos sujeitos conforme as condições em que elas são remexidas, ainda que sejam traumas. Ocorre, segundo ele, uma *gestão da memória* que interpreta o passado a partir do presente.

A dinâmica da memória para Pollak (1986, 1989, 1992) relaciona-se fundamentalmente com identidade, com pertencimento e com representações. Sobre estas, o autor, radicado na França nos anos 1970, percebe o filme como um artefato de enquadramento da memória cuja potência está na sua influência junto ao público despertando sensibilidades, provendo novos repertórios de narrativas da memória coletiva. Ele referia-se, principalmente, aos documentários centrados em testemunhos das grades tragédias, como o Holocausto<sup>69</sup>. As

---

<sup>69</sup> Pollak (1989) cita *Le chagrin et la pitié* (1969), de Marcel Ophüls, e *Français si' vous saviez* (1972), de André Harris e Alain de Sedouy que tiveram sua exibição em TV proibida e de *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann, ao qual o ele atribui o adjetivo de “monumental” que até influenciou na produção de pesquisas sobre o tema.



histórias de vida ganharam mais importância acadêmica<sup>70</sup>, tornando-se uma “nova área de pesquisa”, um “campo privilegiado” (POLLAK, 1992), a partir das reflexões provocadas pelos filmes.

O que nos chama atenção em Pollak, particularmente, é o seu argumento sobre a articulação que os sujeitos fazem com passado para a representação, de *si para si*, agregando tanto repertórios *herdados* quanto outros elementos que dão coerência à *identidade*, no aspecto social do termo, *de si para os outros*, que não é arquitetado objetivamente.

Bakhtin, em *Por uma filosofia do ato* (1993), um dos seus primeiros textos, datado de 1919-1921, traça esboços profundos das relações éticas e estéticas que nutrem o mundo, um mundo que é experiência e representação, ação e razão, no qual “as relações lógicas constituem apenas um momento, ao lado dos momentos concretos espaciais, temporais e emocionais-volitivos” (BAKHTIN, 1993, p. 78). O ser é *um evento único* dentro de uma realidade histórica e existe uma “arquitetônica concreta do mundo real” na qual todos os valores da vida e cultura se apoiam. “Todos os valores espaço-temporais e todos os valores de conteúdo são atraídos para e concentrados em torno desses momentos centrais emocionais-volitivos: *eu, o outro, e eu para o outro*” (BAKHTIN, 1993, p. 72). Neste ensaio filosófico de Bakhtin, compreendemos as forças que atuam na memória e que, no nosso entendimento, estão presentes nas outras concepções teóricas que citamos. Mas seguindo sua proposta dialógica, há uma *des-subjetivação* do sujeito e *des-objetivação* do mundo porque a vida é um contexto único vivido por cada um, mas em permanente atualização, uma vez que é indissociável do outro.

Essas categorias nas quais a existência se apoia são dinâmicas. É por isso que o discurso, no caso da ciência para Bakhtin e no caso da memória para nós, tem que ser tomado como um “ato responsável” que é sempre “algo-a-ser-alcançado”, uma “verdade” atualizada permanentemente porque está dentro de um dado momento, sob uma orientação determinada, assim como possui individualidade. Isso nos permite uma aproximação com a *gestão da memória* de Pollak, assim como perceber o quanto a identidade, não como uma categoria rígida, já estava presente na obra de Bakhtin (1993). Quando ele descreve como pontos de

---

<sup>70</sup> A chamada primeira geração de pesquisadores é da década de 1950, nos Estados Unidos, mas a partir dos anos 1970, especificamente 1975, tem-se o “progresso da história oral”, reconhecendo-a e aprofundando o debate enquanto uma metodologia de pesquisa por pesquisadores da Europa e da América Latina (JOUTARD, 1996).

apoio da arquitetura da vida o *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-o-outro*, o filósofo verifica os confrontos de sentidos operados pelo dialogismo para a compreensão – e narração – de si, do outro, do mundo e da existência.

Lidamos com lembranças, logo, buscamos *vestígios* (LOWENTAL, 1993); construímos *lugares* (NORA, 1993); e, ainda, *reciclamos passados* (HUYSSSEN, 2000); apesar de suas *intangibilidades* (SARLO, 2007). Assim, na *interpelação*, encontraremos disponibilidades variáveis ativadas pelo dispositivo câmera. Evocar nem sempre é prazeroso. Colocar o passado em ordem para enunciá-lo consiste em exercício, requer habilidade narrativa, vontade, vivência. Ao mesmo tempo, demanda do entrevistador o desejo pela escuta e destreza para despertar no outro o *gosto pela palavra* (LINS, 2007). Naturalmente que “documentaristas” iniciantes desenvolvem um pouco destes requisitos no decorrer da execução. Em algumas entrevistas, éramos conduzidos pelo entrevistado, em outras, não havia *conversa*. Posteriormente, no momento da *edição*, determinadas falas foram desconsideradas em virtude de escolhas específicas e da própria limitação do produto final, o vídeo.

O termo *trabalho* que estamos utilizando se refere à concepção de Ecléa Bosi (1995):

A memória não é sonho, é *trabalho*. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1995, p.55, grifo nosso).

Ecléa Bosi chega ao conceito de *memória-trabalho* combinando Bergson, Halbwachs, Bartlett e Stern, além de inserções do pensamento de Simone de Beauvoir entre outros autores, a partir do seu objeto: a *memória dos velhos*. A pesquisadora faz uma abordagem interdisciplinar, recorrendo à filosofia, à sociologia e à psicologia, apresentando-nos uma visão abrangente sobre a memória enquanto atividade social e psíquica. Bosi nos mostra que junto ao sujeito, estão a estrutura e as interações sociais. A construção mnemônica, ainda que resguarde espaços no inconsciente, é ação e é chamado do presente. É reconstrução, modelagem, reconfiguração, lapidação de uma matéria-prima fugidia pelos que evocam – quando há condições para sua evocação – e marcada pela vivência.

Não há uma evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia (BOSI, 1995, p.81).

Nesse sentido, há duas dimensões na constituição da lembrança: uma externa, voltada a relação do homem com o mundo e, por conseguinte, com a realidade, e outra interna, referente aos processos de percepção e representação dessa realidade. Na nossa acepção, a *memória-trabalho* descrita por Bosi é o dialogismo verificado por Bakhtin, pois essa estrutura bidimensional da lembrança nada mais é senão os pontos de apoio da arquitetura do mundo real identificados por ele: *eu-para-mim*, *outro-para-mim* e o *eu-para-o-outro*.

A *interpelação* para a realização de um documentário centrado em testemunhos estimula *trabalhos da memória* (BOSI, 1995). O entrevistador tenta provocar as lembranças e o entrevistado organiza seus vestígios para aquele encontro. Aquele mobiliza *elos* da sua pesquisa e dos outros entrevistados, este, os *elos* forjados na sua experiência de vida, diante das condições de produção. Da mesma forma que existem objetos cobertos de poeira em um canto da sala pelo qual se passa todos os dias, que podem ser remexidos, limpos ou descartados, também existem salas a decorar, povoar de objetos, que ficarão empoeirados com o passar do tempo, trocarão de lugar ou serão rejeitados. As entrevistas, em alguns casos, retiraram a poeira da memória; em outros, não remexeram nas reminiscências porque poucos artefatos estavam à disposição.

No material bruto do documentário *Benfica da gente* encontramos mais de cem depoimentos sobre aspectos diversos da região: fatos históricos, pessoas, times de futebol, escola de samba, escola pública, festas de rua, projetos sociais, entre outros. As abordagens não foram homogêneas. Para algumas pessoas houve um empenho em registrar suas falas, com agendamento da entrevista individual e realização na residência do morador. Outras foram tomadas em grupo, em locais públicos, na rua ou nos eventos cobertos pelo projeto. Evidentemente, isso influencia o comportamento do entrevistado diante da câmera e o conteúdo da sua narrativa. Um problema verificado quanto ao método de abordagem é a ausência de regularidade na solicitação das informações pessoais, como data de nascimento, de chegada em Benfica, filiação e naturalidade, impedindo que tenhamos precisão na idade da maioria dos entrevistados bem como sobre o momento exato em que se tornaram moradores da localidade.

A escolha das entrevistas, como descrito no capítulo anterior deu-se, basicamente, pelos seguintes critérios: indicações do morador Vanderlei Tomaz<sup>71</sup>, detentor de um acervo de documentos e hipóteses sobre a história da região, sugestões dos alunos que relacionaram seus parentes e vizinhos, além de recomendações dos executores do projeto, mais especificamente eu, Aline Junqueira, e Fernando Rocha<sup>72</sup>. No primeiro momento, as gravações se dirigiram aos moradores mais velhos e ao registro de eventos considerados relevantes para a localidade. Depois, direcionam-se a lideranças comunitárias recentes. Houve pouquíssima interferência dos alunos nas abordagens. Eles acompanharam a maior parte, mas desempenham o papel de auxiliares técnicos, alguns como cinegrafistas, outros segurando o microfone e anotando informações, sem grande interação com o entrevistado no ato da gravação.

Para tentar compreender o processo, recorremos à organização elaborada por Ana Lúcia Enne (2002) ao mapear as *redes de memória e história* na Baixada Fluminense. Sublinhamos que os *elos* a que pesquisadora se refere na Baixada Fluminense são *agentes de memória e história* que se percebem como tais e que, ainda, são reconhecidos pelos outros, independente de seus posicionamentos. Eles interferem diretamente na *rede de produção de memória e história* da região executando registros das narrativas do passado com publicações, eventos e locais de estudo e preservação. Em Benfica, periferia de Juiz de Fora, uma cidade média, não havia essa organização. As iniciativas individuais somadas aos *baús* de recordações de alguns entrevistados vieram à tona com o documentário *Benfica da gente*. Neste *território* mineiro inexistem fluxos de informação sobre memória e história entre pontos institucionalizados, mas lembranças em curso no *senso comum* e, ainda, *autoridades* no assunto. Assim, em vez de classificarmos agentes, optamos por categorizar os *repertórios* dos envolvidos na realização do projeto *Benfica da gente*, dispondo os *elos* acionados durante a produção do documentário.

Utilizamos o termo *cadeia* de Bakhtin (1997) invés de *rede*, como adotou a Enne (2002), por afinidade teórica e não por distinção expressiva entre estas noções. Bakhtin compreende os *enunciados* como *elos* da comunicação verbal, elaborados, dentro de infinitos arranjos disponíveis, a partir de *elos* anteriores e dirigidos a outros *elos* que são suas possíveis compreensões e apropriações. Não se trata de uma cadeia linear, mas múltipla e complexa que reconhece as interações sociais na sua constituição. Isso nos aproxima do conceito de *rede* usado por Enne, que o toma para elucidar que as fronteiras entre os *elos* por ela descritos são

<sup>71</sup> O elo *memorialista* do documentário como será descrito à frente.

<sup>72</sup> Os *elos acadêmicos* também explicados posteriormente.

fluidas, permeadas por trocas constantes que ocorrem entre seus componentes, conforme seus “contextos interativos”.

O projeto *Benfica da gente*, por si só, constituiu um novo ambiente interativo: entre nós, realizadores; entre nós e os personagens; entre nós e os jovens alunos; entre os alunos e as fontes indicadas por eles. Foi assim que o *trabalho* com depoimentos, por sua vez, desencadeou *elos*, juntou alguns, descartou outros e, ainda motivou novas apropriações. Isso porque todo *enunciado* é um contínuo elaborado dialogicamente, respondendo a algo anterior e motivando réplicas. Ou seja, encontramos uma *cadeia* de sentidos da memória e história de Benfica com seus emaranhados peculiares e infinitos no ato de produção do documentário.

Diante de toda a exposição anterior e influenciados por Enne (2002), identificamos os seguintes elos na composição da *cadeia de memória e história de Benfica*: o elo *memorialista*, elos *acadêmicos*, elos *tradicionais*, elos *contemporâneos*, elos *possíveis* e elos *silenciados*. Desconsideramos as entrevistas coletadas na forma “povo fala”.

Os elos *memorialistas* da Baixada Fluminense caracterizam-se por perceberem a “história como narrativa dada” considerando a “existência de uma verdade histórica” (ENNE, 2002, p. 163). Seriam, em certa medida, os *guardiões* da memória e história da região e seguiam uma lógica *positivista*, sempre se referindo aos pioneiros dessa tradição, mesmo criticando-os, mas, essencialmente, resguardando a memória dos seus pares. “Problematizar” e “contextualizar” a história não integram o vocabulário destes, nem cultura popular e os problemas mais recentes como a violência. Eles concentram seus enunciados na exaltação de grandes feitos e possuem predileção pelo período colonial e imperial do Brasil, com maior atenção ao século XIX até a década de 1950, salvo raras exceções. Constituíram instituições consolidadas de preservação da memória local além de manterem um forte relacionamento com o poder público. Nosso único elo *memorialista* possui algumas similaridades com os da Baixada, como vamos expor mais à frente, principalmente quanto à forma de narrar a história local, mas ele também reserva algumas peculiaridades.

Em contraposição aos elos *memorialistas* da Baixada Fluminense, articulam-se os *acadêmicos*, com uma clara distinção metodológica. Estes se concentram em problematizar a história, além de compreender a narrativa histórica como um enunciado em construção. Possuem formação acadêmica e consideram-se a serviço da ciência. Diferem-se dos *memorialistas* da Baixada ao assumirem a prática profissional como uma atitude política, engajada. Têm origem na academia, movidos por uma vertente – a história social – e

desdobram-se no centro de memória e na associação de pesquisadores. Os *elos acadêmicos* de Benfica não pretendiam marcar diferença no tocante à narrativa do *memorialista* local. Possuíam aspirações no trato da memória e história local, como também realizavam o primeiro trabalho de registro audiovisual de uma história. Entretanto, detinham conhecimento específico, ao menos em tese, das técnicas de produção, e também acumulavam práticas distintas, além da experiência construída ao longo da realização do documentário que durou três anos. Seguramente, transformaram-se neste tempo, do mesmo modo em que reuniram uma bagagem que tendia a construir um enunciado com entonação diversa do *memorialista*, não necessariamente divergente.

Enne (2002) identifica *elos intermediários* como aqueles os quais transitam entre os elos descritos anteriormente, adquirindo a função de “articuladores”, “aglutinadores” e “mediadores” de conflitos. Aqui há uma ressalva na nossa analogia ao trabalho da pesquisadora. Sem centros de memória ou publicações organizadas, o *memorialista* Vanderlei Tomaz é a maior *autoridade* na história local, o que não significa que ele tenha se limitado a registros primários para elaboração de suas versões. Sua trajetória lhe permitiu contato com muitos moradores de diferentes pontos de Benfica e camadas sociais diversas. Mas, ainda assim, sua inserção direta na produção de narrativas da memória local, tornando-o fonte de pesquisa requisitada e referendada pela imprensa do bairro e da cidade, conferem-lhe o papel de “guardião” da história de Benfica.

No entanto, a medida que o documentário era produzido nós mesmos – os realizadores – atuávamos como *intermediários* entre o *memorialista* e os entrevistados, entre o *memorialista* e os jovens alunos. E estes se tornavam *intermediários* entre a nossa concepção de Benfica e experiência deles sobre a localidade. Diante destes entrelaces de elos de memória, preferimos não adotar esta categoria, pois todos os envolvidos na construção da narrativa audiovisual passaram a ser *intermediários*. Optamos por dispor os repertórios dos entrevistados na *cadeia* de memória e história de Benfica fomentada pelo documentário em *elos tradicionais* e os *elos contemporâneos*. *Tradicionais*, não *tradicionalistas*, porque, adotando a demarcação estabelecida por Coutinho (2002), o *tradicionalismo* mistifica o passado, enquanto a *tradição* investe-o de significado resguardando a *fala histórica*, abrigada na comunicação oral e interpessoal das camadas populares. Assim, nossos *elos tradicionais* são os enunciados das famílias que povoaram as localidades mais antigas da região, teriam sido elas de proprietários ou trabalhadores, brancos ou negros porque, no momento do documentário, nenhum deles integrava uma elite econômica e política dominante. Porém, de

algum modo, por conta da própria atuação, ou de seus familiares no passado tornaram-se herdeiros de um patrimônio simbólico ainda incidente na memória coletiva de Benfica, sendo reconhecidos no *sensu comum* como importantes no desenvolvimento local. Outras falas, majoritariamente das lideranças comunitárias mais recentes e dos agentes sociais ou culturais integram os *elos contemporâneos*. Naturalmente, não há uma rigidez nesta categorização, pois alguns dos *elos tradicionais* permanecem ativos, assim como o engajamento social já confere o *status* de *tradição* a *elos contemporâneos* que atuam nas últimas décadas em Benfica.

Além dos *memorialistas, acadêmicos e intermediários*, Enne (2002) verifica na Baixada Fluminense *elos prováveis, possíveis e perdidos*. Nesta *rede de produção de memória e história* cujos pontos são efetivamente constituídos e auto-reconhecidos desde a década de 1990, a interação de agentes entre os *elos* bem como rompimentos transcorreram no decorrer dos anos até o momento da sua pesquisa e, decerto, continuam. Naquele contexto, *probabilidades e possibilidades* de *elos* aderirem às sub-redes lá organizadas ou formarem outras eram renovadas. A distinção que a autora aponta entre os *elos prováveis* e os *elos possíveis* está no nível de inserção e interação que estes agentes já teriam por suas trajetórias ou pelas referências dos outros agentes, permitindo a alguns uma maior capacidade de entrar efetivamente na rede mais rápido que os outros. Ela toma como base os conceitos de *projeto e campo de possibilidades* de Gilberto Velho (1994) que também tratamos no capítulo anterior. Sobre os *elos perdidos*, Enne (2002) classificou como aqueles que, apesar de já terem participado da *rede* por meio de uma *sub-rede* ou de outra, não conservaram as relações ou as interações passadas, independente do motivo.

Como em Benfica só havia um “guardião” da história isso não ocorria. Já explicamos que foi no decorrer da produção do documentário que os *elos* se encadearam. Os repertórios e a atuação dos jovens do projeto *Benfica da gente*, que passam a se reconhecer como protagonistas da memória e história ao se disponibilizarem registrar seus depoimentos, inscrevem-se mais na seara das possibilidades do que das probabilidades. Desse modo, optamos por classificá-los como *elos possíveis*, constituindo *memórias do futuro*.

As falas que não entraram no documentário, por sua vez, não foram *perdidas* e, sim, *emudecidas*, armazenadas no material bruto preservado no Acervo Benfica da gente<sup>73</sup>.

<sup>73</sup> O Acervo Benfica da gente é particular, nosso, e consiste no material bruto do documentário homônimo, reunindo 72 fitas Mini-DV devidamente organizadas.

Por isso, adotamos o termo empregado por Pollak (1989) às memórias, categorizando estes repertórios como *elos silenciados*.

## 2.1 O elo *memorialista*

O elo primário da nossa cadeia é *memorialista*. Trata-se de Vanderlei Tomaz, um político formado em história, colecionador de documentos, fotografias, livros e falas dos moradores antigos. Seu acervo pessoal de história regional é consultado por pesquisadores da cidade, pela imprensa e, obviamente, pelos estudantes de Benfca, inclusive eu, idealizadora do documentário *Benfca da gente*. Neste pequeno patrimônio histórico, deparamo-nos com informações sobre os momentos em que a história de Benfca tinha uma “áurea” de história do Brasil. Vanderlei nasceu em Benfca, como gosta de frisar.

Meu nome é Vanderlei Dornelas Tomaz, eu nasci aqui em Benfca em 1964, numa época em que Benfca se chamava Benfca de Minas e era um dos distritos de Juiz de Fora, era um distrito da cidade, um dos mais populosos e que pleiteava ser cidade, era o então distrito de Benfca de Minas (Acervo Benfca da gente, 2005, fita Mini-DV BG 35).

No início dos anos 1980, participou do movimento literário Abre Alas em Juiz de Fora, que obteve repercussão nacional e aglutinou vários intelectuais. Neste período, segundo Sanglard (2002), publicou os livros de poesia *Lira Suburbana* (1981), *Lira Suburbana* em edição ilustrada (1982) e *Nos ombros de Minas* com Guilherme Alves e Luiz Corread (1982). Trabalhou na Siderúrgica Mendes Júnior de 1984 a 1992, indústria instalada na região Norte, quando Juiz de Fora alterou seu projeto industrial<sup>74</sup>. Obteve licenciatura curta em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, faculdade tradicional católica localizada no centro da cidade, de 1990 a 1991, habilitando-se a ministrar aulas de História, Geografia e Organização Social e Política do Brasil (OSPB), disciplina esta instituída pelo governo militar. Sua experiência em sala de aula durou menos que um ano.

Na década de 90, ingressou na política. Foi eleito vereador no ano de 1992, quando também disponibilizou ao público sua biblioteca pessoal. Exerceu o mandato de 1993

<sup>74</sup> Panorama descrito no primeiro capítulo da dissertação quando tratamos do desenvolvimento do território de Benfca.



a 1996 e alguns dias em 1999. Como legislador, é destacado pela autoria da Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes que entrou em vigor em 1994, entre outras proposições. Daí em diante, Vanderlei tem atuado na administração pública nos mais diversos setores: assessoria na Secretaria de Administração, no Gabinete do Prefeito, na Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa) que funciona como uma Secretaria de Cultura, à frente da Biblioteca Municipal Murilo Mendes e, em 2013, na Secretaria de Governo onde exerce a função de Coordenador de Projeto. Concorreu à vaga de vereador por sucessivas vezes obtendo uma crescente votação, excetuando-se o último pleito, permanecendo na suplência: 1.731 votos em 1996, 1.286 em 2000, 2.381 em 2004, 3.102 em 2008 e 2.904 votos em 2012.

Como liderança comunitária, Vanderlei ajudou na organização da Sociedade Pró-Melhoramentos do bairro Araújo, exercendo a função de secretário na gestão iniciada em 1985. Posteriormente, também com sua contribuição, a entidade tornou-se Associação de Moradores e Amigos do Bairro Araújo (AMA Araújo). Ele ocupou por quatro mandatos a presidência da entidade, sendo responsável, junto com outros moradores por criar e dar visibilidade a ações educativas, ambientais e culturais, reconhecidas publicamente<sup>75</sup>.

No material bruto da sua entrevista, nem a sua relação com a literatura, nem o seu envolvimento com a política é abordado profundamente. As exceções são a declamação de um poema feito na infância e a cronologia que ele faz dos vereadores que representaram Benfica ao longo da história incluindo-se no rol.

Na mídia local é fonte recorrente como um consultor em história regional. Na matéria *Nos porões da memória*, publicada no jornal impresso Tribuna de Minas<sup>76</sup>, a jornalista Marisa Loures ressalta sua habilidade em “garimpar documentos” colocando o seu acervo particular junto aos de outras pessoas que “ainda mantém viva a arte de preservar a memória

---

<sup>75</sup> Em 2006, Vanderlei Tomaz recebeu a comenda de ecologia da Associação pelo Meio Ambiente de Juiz de Fora (AMA/JF) pelo projeto ambiental Reviverde desenvolvido no Bairro Araújo desde 2001. É um pomar público plantado numa faixa de terreno de quase quatrocentos metros lineares, às margens da via férrea, por meio do trabalho voluntário coordenado por ele e outros amigos. A iniciativa ganhou as páginas do jornal O Globo, no caderno Razão Social de 15 de março de 2011. Em 2007, ele recebeu da União Juizforana de Associações de Moradores de Bairros e Distritos – UNIJUF, o prêmio Liderança Comunitária Destaque do Ano. No mesmo ano, foi homenageado pela Câmara Municipal com a Medalha Nelson Silva, por sua contribuição na preservação e difusão da cultura dos afro-descendentes de Juiz de Fora, através da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, de sua autoria. Pela sua contribuição para a preservação da memória da cidade, Vanderlei foi agraciado com a Medalha Pedro Nava, em 2004, e com o prêmio Amigo do Patrimônio em 2007, ambos concedidos pela Prefeitura de Juiz de Fora (Informações fornecidas por Vanderlei Tomaz para a pesquisa em 8 de abril de 2013, por e-mail).

<sup>76</sup> Tribuna de Minas, 12 mar. 2013, disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/cultura/nos-por-es-da-memoria-1.1242879>, acesso em 2 abr. 2013.

do município”. O acervo por ele constituído consta no Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2010, pertencendo à lista de arquivos históricos, dentro dos indicadores sociais<sup>77</sup>.

Ele também fundou o jornal *Folha do Paraibuna* que circulou de agosto de 1989 ao primeiro semestre de 1992. O impresso era direcionado ao público da Zona Norte, mais especificamente aos moradores de Benfica. Buscava resgatar a identidade do bairro com matérias sobre a origem da localidade, os personagens e fatos importantes da história da comunidade. Vanderlei Tomaz passou a escrever na mídia local esporadicamente no jornal *Zona Norte* e manteve a coluna *Página da Memória* no site *Benficanet*<sup>78</sup> até 9 de maio de 2010. Recentemente, utiliza o *Facebook*. Além de crônicas que tratam de algum tema do cotidiano sob a perspectiva das lembranças, fotos antigas do seu acervo, posta no seu mural o *Museu da Nossa Gente* com fotografias e breve descrição biográfica de pessoas “anônimas para muitos, mas imprescindíveis para outros tantos”<sup>79</sup>, as quais ele presta “homenagem”.

A *interpelação* feita a Vanderlei é bem diferente em relação aos outros entrevistados. Ele não narra sua história de vida. Conta as histórias de vida de outras pessoas do bairro, geralmente “personalidades” e elabora uma exposição cronológica do desenvolvimento da região. Gravamos a entrevista na sua biblioteca particular em três momentos. O primeiro, em novembro de 2004, foi totalmente descartado para o vídeo final. O segundo e o terceiro aconteceram em 14 e 20 de fevereiro de 2005, captando imagens dos documentos, além do depoimento. Isto não é percebido porque ele se veste com a mesma roupa, apesar da iluminação diferente. Nestes encontros, apenas o aluno Vagner Oliveira estava presente e atuou como cinegrafista, sem participação nas perguntas. Quem conduzia a *interpelação* era eu, Aline Junqueira, e Fernando Rocha, num tom mais orientador do que indagador<sup>80</sup>.

<sup>77</sup> Ver Quadro 5.8 – Algumas entidades culturais e manifestações artísticas em Juiz de Fora, dentro da Base de Dados disponível em <http://www.cps.ufjf.br/anuarios/Anuario2010/index.html>. Acesso em: 2 jan. 2013.

<sup>78</sup> Na coluna, Vanderlei Tomaz apresenta “fragmentos da memória local”, sob os temas “pesquisa, personagem, ontem/hoje e nossas ruas”. Disponível em <http://www.benficanet.com/pagina-da-memoria.htm> Acesso em: 4 nov. 2012

<sup>79</sup> <https://www.facebook.com/vanderlei.dornelastomaz>

<sup>80</sup> Antes deste contato, nós já havíamos procurado Vanderlei Tomaz para a pesquisa preliminar sobre o bairro que orientou o trabalho nas oficinas de memória tal qual descrevemos no primeiro capítulo, como também os adolescentes do projeto visitaram a biblioteca pessoal dele para realizarem uma tarefa de contato com fontes primárias.

São raros os momentos em que ele fala de si mesmo e que ficaram de fora do documentário *Benfica da gente*. Um é sobre como ele se “apaixonou” pela história de Benfica a partir das suas “inquietações” desde a infância.

Quem foi o Dias de Gouveia? Quem foi o Martins Barbosa? Quem foi o Henrique Dias? Quem foi a Maria Eugêncina? Quem foi o Paulo Garcia? E são pessoas, personalidades que mereceram o nome de um logradouro e enquanto morador, eu já naquela época me sentia na obrigação de saber quem é aquela pessoa que homenageia aquela rua. (...) A partir dessas observações eu comecei a buscar muito e muito a história da nossa comunidade, a ponto de formar um acervo muito interessante sobre a nossa região e, há treze anos atrás, disponibilizá-lo para visita de qualquer pesquisador e de estudante que queira consultar e descobrir as coisas que pudemos ajuntar ao longo de todos esses anos. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 35)

Pela pequena biografia acima verifica-se que Vanderlei reúne uma série de predicados que fazem dele uma *autoridade*. Assim como para muitas pessoas da região e da cidade, para nós, eu e Fernando, Vanderlei era o “guardião da história” de Benfica inquestionavelmente. Requisitado nas matérias da imprensa local para dar seu “parecer”, como também por estudantes, tanto para trabalhos de ensino fundamental e médio, quanto para monografias de conclusão de curso e outros trabalhos acadêmicos, sua *autoridade* é tão consolidada que, via de regra, falar da história de Benfica passa por sua chancela.

Uma curiosidade que aconteceu agora neste último carnaval. Nós estávamos na avenida, assistindo o desfile da Rivaís da Primavera, né, que prestou uma homenagem há Benfica, né, com o enredo “Benfica: guardião da história”. Então nós estávamos na avenida e quando a Rivaís estava se aproximando e um verso do samba falava de Machado de Assis e falava do Drummond, e no resumo do enredo também falava dessas pessoas novamente e também acrescentava o Fernando Sabino, eu me recordei que duas jornalistas de uma emissora da cidade, de uma TV da cidade, me chamaram para esclarecer essas dúvidas. Vanderlei, mas que que é isso aqui que eu não estou entendendo? Aí eu pude falar pra elas. Não, ninguém tá blefando, isso é verdade mesmo. O Machado de Assis esteve em Benfica, em 1890, na inauguração da Feira de Gado, como também o Carlos Drummond de Andrade, em 1930, escreveu duas crônicas, em duas crônicas ele citou Benfica como um local onde estavam acontecendo fortes combates por ocasião da Revolução de 30 e quanto ao Fernando Sabino, também é verdade que no seu livro ‘Grande Mentecapto’ ele cita Benfica três vezes neste livro. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 34)

Era previsível que nossa interpelação não fosse provocadora, mas a relação de proximidade que ambos os entrevistadores tinham com ele permitia algumas brincadeiras. No início da gravação, enquanto regulávamos a câmera, Fernando tentou descontraí-lo: “Você não tá gravando para horário político, calma” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 34). Apesar da fala ponderada, do olhar voltado à câmera, existem momentos em que

Vanderlei se despe do tom de *autoridade*. Uma destas ocasiões é quando ele canta o hino de Benfca de Minas que compôs. “Benfca de Minas, terra que encanta e seduz / Tem a força que vem do trabalho / E a tradição de sua fé em Jesus” (Acervo Benfca da gente, 2005, fita Mini-DV BG 34).

Por outro lado, ao tratar do movimento emancipacionista de Benfca, apesar da entonação objetiva, as escolhas para recuperar a época e verbalizá-la são nitidamente subjetivas. Ele cita referências em documentos, afirmando a existência de notas na imprensa sobre o tema e elege uma liderança maior: o jornalista José Alves de Castro. Este morador de Benfca manteve seu veículo *O Pioneiro* circulando de 1935 a 1978, com o *slogan* em caixa alta “Jornal patrocinador da independência administrativa de Benfca de Minas”. Vanderlei diz que o movimento foi forte e contou com adesão popular. Depois, faz uma análise das condições favoráveis à emancipação, dado o contexto político do estado e da falta de êxito em virtude das intensões dos políticos de Juiz de Fora. Por fim, nega qualquer possibilidade de Benfca tornar-se cidade na atual conjuntura. Mas ele “imagina” o que aconteceria. “Nós sabemos que pela sua área geográfica, Benfca seria uma das cinquenta maiores cidades de Minas Gerais, não tenha dúvida nenhuma, em população e também em território”. Ele criou os símbolos municipais: brasão, bandeira e o hino citado anteriormente. Nos três elementos é forte a presença do que *ele* escolhe como representações do lugar.

A bandeira teria fundo laranja, representando o rio Paraibuna com suas “águas barrentas”, um triângulo azul, em alusão à bandeira de Minas e ao céu, e dois semicírculos formando a letra “B de Benfca”, mas também simulando as montanhas da localidade de onde nasce um sol-engrenagem, mostrando a “vocação para a indústria”, com o lema “fé e trabalho” que, segundo sua explicação, refere-se à “tradição de Benfca em relação a sua religiosidade”, citando católicos, evangélicos e espíritas, como também a força produtiva do povo desde os tempos das feiras de gado até as indústrias mais recentes instaladas (Acervo Benfca da gente, 2005, fita Mini-DV BG 34).

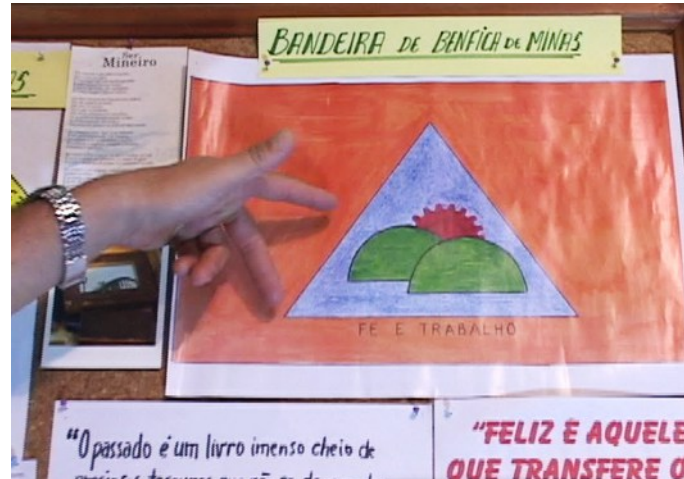


Fig. 1 – Bandeira de Benficia de Minas idealizada por Vanderlei Tomaz

No brasão, o *memorialista* destaca as datas de 1877 e 1963, além do nome “Benficia de Minas”. A primeira, segundo ele, é o “marco zero” do lugar, pois naquele ano houve a inauguração da estação ferroviária e a colocação da placa “Benficia”, um reconhecimento à existência do povoado. Vanderlei atribui à segunda a propriedade de “data histórica” da formação do “movimento que quis separar Benficia de Juiz de Fora” (Acervo Benficia da gente, 2005, fita Mini-DV BG 34). Os três primeiros ícones do emblema são um pedaço de engrenagem, a fachada de um prédio e um chapéu de aba larga. O primeiro significa, mais uma vez, a “nossa força produtiva, a nossa vocação para o trabalho, as nossas indústrias”. O segundo retrata a Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia (FEEA), atualmente denominada Indústria de Material Bélico (Imbel), “marco muito importante para o nosso desenvolvimento industrial”. E o terceiro é a “reprodução de um capacete de um soldado da Revolução de 30”, pois Benficia, para o *memorialista*, “teve uma participação muito importante” destacada inclusive pelos jornais do Rio de Janeiro. No centro do escudo, Vanderlei desenhou a estação ferroviária, os trilhos e os dormentes da estrada de ferro, fortalecendo a ideia do “marco zero” descrita acima. Por fim, os dois últimos ícones do brasão, antagonicamente, são livros e gado. Este, aparece em alusão à feira existente em Benficia em 1890, no período de desenvolvimento agropecuário da região. Já os livros representam a “vocação de Benficia para as letras”, em virtude da imprensa local, existente desde 1912, e lembrando-se de moradores que já publicaram livros (Acervo Benficia da gente, 2005, fita Mini-DV BG 34).



Fig. 2 – Brasão de Benfca de Minas concebido por Vanderlei Tomaz

Vanderlei Tomaz não era nascido quando houve o movimento. Ele se transporta para o período e fala com uma consistência que nos leva a acreditar que tudo foi como descrevera. Evidentemente que, enquanto *memorialista*, seus argumentos são ancorados em vestígios, majoritariamente encontrados na imprensa, aliados às conversas que teve com testemunhas. Mas ao entrevistar pessoas por ele indicadas obtemos outras versões do fato. Aguilár Rodrigues Pimenta<sup>81</sup>, farmacêutico e proprietário de uma farmácia em Benfca desde 1959, por exemplo, teria sido cotado para ser prefeito de Benfca, caso o “movimento” obtivesse sucesso, de acordo com Vanderlei Tomaz. No entanto, quando fomos gravar o seu depoimento, ele não se posicionou como liderança.

Vanderlei Tomaz faz um *enquadramento da memória*, deixando de fora outras possibilidades para o acontecimento como também imaginando seu desenrolar. Tenta objetivar o passado, a partir de escolhas de marcos, criando uma *representação social* de Benfca como o lugar que “desejou independência”. Este processo de elaboração das representações sociais é verificado por Enne (2002) na Baixada Fluminense. No que tange aos memorialistas de lá, eles concentraram-se em narrativas de *opulência* e *decadência* na história do lugar. O *memorialista* de Benfca não se atém ao sucesso ou fracasso da localidade, mas trabalha sobre o enredo de que o povo de Benfca desejava e lutou pela emancipação. E sobre este pano de fundo, designa referências históricas deste lugar, cuja subjetivação evidencia-se na representação pictórica.

<sup>81</sup> Citaremos novamente este elo adiante, na sessão 2.3.6 *O bairro-cidade e seus filhos* e na 2.6 *Elos Silenciados*

Assim como os *memorialistas* da Baixada, Vanderlei em grande parte da *interpelação* utiliza referências da história nacional. Traça uma linha cronológica de Benfica, cujo povoamento se inicia, conforme sua versão, em razão da abertura do Caminho Novo por Garcia Rodrigues Paes, no início do século XVIII. Tenta elucidar a origem do nome, indo em Mariana para encontrar rastros do padre Bemfica, assim como busca pelo registro da localidade em mapas, encontrando um datado de 1847 e em escrituras de compra e venda, deparando-se com uma de 1853. Passa por descrições dos naturalistas George Gardner, em 1848, conforme suas averiguações, e Hermann Burmeister dois anos depois. Salienta a influência da família Barbosa, proprietária da fazenda Bemfica, para o desenvolvimento da região e de seus herdeiros, a partir da meados do século XIX. Destaca também a família Garcia que adquiriu daqueles a área cujo desenvolvimento urbano ocorreu depois do loteamento promovido pela viúva, na década de 1940. Dessa maneira, Vanderlei Tomaz vai incluindo Benfica à história nacional, frisando a chegada da estrada de ferro em 1877, a inclinação agropecuária, a participação na Revolução de 1930, a industrialização iniciada no governo de Getúlio Vargas, a imprensa local e o movimento emancipacionista.

Vanderlei também se atém a identificar as pessoas “ilustres” que moraram em Benfica.

Outra curiosidade que nos alegra muito na história de Benfica, né, são as pessoas é... é... que se projetaram além das nossas fronteiras e que nos orgulha muito saber que moraram aqui como a Sueli Costa. (...) O Armando Aguiar, o Mamão, que compôs “Tristeza pé no chão” que fez sucesso no Brasil inteiro na voz da Clara Nunes, também uma pessoa que quando compôs essa música morava aqui, ali no bairro Araújo.(...) O Mauro Halfeld Ferrari, autor daquele livro “Investimentos”, né, que foi um grande sucesso no Brasil inteiro (...). O Artur Xexéo que é colunista do O Globo, também morou muito tempo aqui em Benfica (...) Curiosidade também, é importante lembrar, o André Nascimento, campeão mundial de vôlei, medalha de ouro em Atenas (...) Thiago Romão, que é um dos melhores ginastas do Brasil, um dos melhores do mundo na sua modalidade, é também de Benfica, mora aqui com sua família (...) como Durval Ventura, que jogou no Fluminense, né, (...) José Carlos que jogou no Botafogo e ainda mora no Bairro Araújo (...) Mas é importante destacar uma outra figura, chamava-se João Ribeiro de Oliveira, que era um poeta, talvez tenha sido o primeiro poeta do bairro, ele morou aqui nos anos 20, era um líder operário, e... liderou..., nasceu aqui em Benfica, morava aqui e ele participou de importantes movimentos grevistas dos anos 20 em Juiz de Fora e é um poeta, talvez o mais antigo que se tenha notícia... (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 34).

Com uma intensa relação afetiva com o bairro, Vanderlei Tomaz se difere dos *memorialistas* da Baixada pela disposição em ouvir as pessoas, especialmente os mais idosos. Talvez por ocasião das suas empreitadas nas candidaturas a vereador, ele conheceu e

percorreu toda a região de Benfica, da Ponte Preta à Vila Esperança. Com isso, algumas das suas versões são enriquecidas pela fala de outros, nem sempre das famílias tradicionais. Quando se refere à Revolução de 30, por exemplo, ele cita Dona Floricena Maria da Conceição, já falecida, como alguém que testemunhou as batalhas na região. Também indicou para entrevista Dona Alzira da Silva Domingues, aos 104 anos naquele momento, em setembro de 2004<sup>82</sup>. Ambas negras, de famílias de trabalhadores da comunidade. A primeira era moradora da área mais central e a outra era trabalhadora rural remanescente da Vila do Sapé – o conjunto de casebres de pau a pique às margens da via-férrea que corta o bairro que deu origem ao assentamento da Vila Esperança I.

Deste modo, Vanderlei Tomaz concebe seus *elos* de maneira afetiva e intuitiva a partir das relações que tem com o território de Benfica. Sua formação acadêmica não contribui para que ele opte por uma visão crítica da região, esforçando-se mais para chegar à “verdade histórica” dos *memorialistas* do que para a “problematização do objeto” dos *acadêmicos* da Baixada Fluminense (ENNE, 2002). Outrossim, a paixão por memória e pelo lugar intensificou sua pesquisa por *vestígios* deste passado e, neste trabalho de “garimpar”, ele se deparou com o testemunho, tão rico e tão problemático quanto a história positivista. Juntando os *elos* – documentos e falas dos outros – no seu enunciado, ainda que Vanderlei Tomaz seja *memorialista*, ele agrupa os sistemas de referência adquiridos na sua própria trajetória. Ele não é um *acadêmico* que pretende “dar voz aos excluídos” (ENNE, 2002), sob uma perspectiva historiográfica crítica, mas torna-se um *porta-voz* de alguns excluídos ao homenageá-los nas pequenas biografias e citações, elevando-os à condição de protagonistas da história de Benfica. Isso não é evidenciado no material bruto porque ele foi *interpelado* apenas enquanto *especialista do passado*.

Recuperando Bakhtin (1997), isso demonstra toda a complexidade imbricada no ato de narrar, enunciar, organizar as pistas do passado para uma verbalização no presente.

... o enunciado daquele a quem respondo (aquiesço, contesto, executo, anoto etc.) é já-aqui, mas sua resposta (sua compreensão responsiva) é por-vir. Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado (precavendo-me das objeções que estou prevendo, assinalo restrições etc.). Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas

<sup>82</sup> Alzira da Silva Domingues teve seu depoimento gravado para o documentário Benfica da gente e terá seu repertório mais detalhado quando tratarmos dos *elos* tradicionais no capítulo 2.



simpatias e antipatias etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado (BAKHTIN, 1997, p. 321)

O *gênero* do discurso de Vanderlei Tomaz, a forma como ele o ordena e externaliza, seu *estilo* está relacionado à condição da produção. Nas conversas informais, sem o dispositivo câmera, o *porta-voz* ficava mais à vontade, contando de maneira livre como chegou às pistas do passado, mencionando os moradores que o ajudaram a reconstituir aqueles “marcos”. Ele nos indicou muitas fontes, sobretudo idosas, que poderiam confirmar suas ponderações. Quando fomos gravar, ainda que conversássemos coisas banais, irrelevantes em momentos de descontração, a posição de *memorialista* dominava a *interpelação*. E nós, entrevistadores, não intervimos para que esse *enunciado* fosse de outro modo. Ora, o domínio que ele, Vanderlei Tomaz, tinha e tem da história da região, garantia-lhe essa posição e era assim que ele e nós entendíamos como o seu papel.

Seu enunciado apresentava, deste modo, o mesmo propósito para nós e para ele. A entonação foi dada pelo horizonte que esboçamos junto ao horizonte que ele mesmo vislumbrava. Aquele discurso seria fixado em um suporte material: o documentário contando a história de Benfica. História que, desde a infância, ele recolhe fragmentos para tentar reconstituí-la. Vanderlei Tomaz produziu o discurso tomando seus sistemas de referência, respondendo a enunciados anteriores àquele momento – fontes escritas, iconográficas e orais que cruzou, refutou ou se fundamentou – como também levando em consideração os interlocutores diante dele com seus repertórios próprios e, ainda, o porvir daquele enunciado, ou seja, o registro da sua fala no vídeo sobre e para a comunidade e as apropriações possíveis.

Esse movimento de resposta para trás e para frente que o entrevistado faz para elaborar seu enunciado, ante a nossa interlocução e diante da câmera vai produzir diferentes *estilos*, *entonações*. Um dos momentos da entrevista de Vanderlei que exemplifica a *respondibilidade* almejada por ele como também a *responsabilidade* depositada em nós, indiretamente segue abaixo.

...eu gostaria de ser lembrado por coisas boas que eu construí em vida e acho que não há melhor contribuição que eu poderia dar, e isso descobri dentro das vocações que tenho, se não a de procurar resgatar a memória da minha comunidade, as suas tradições, a história do seu povo e fazer com que as gerações futuras se espelhem no heroísmo dessas pessoas, na luta que elas travaram ao longo da vida para construir a Benfica que nós temos hoje. (...) Eu gostaria muito que outras pessoas dessem segmento a esses projetos. (...) Benfica é uma grande comunidade, a nossa história é muito rica, nossa história é muito bonita. E nós temos cenas tão profundas que se confundem com as cenas, em diversos momentos da história do Brasil. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 52).

## 2.2 Os elos acadêmicos

Os *elos acadêmicos* formaram-se no percurso do *Benfica da gente*. Primeiramente eu, Aline Junqueira, com a biografia descrita no capítulo anterior como idealizadora do projeto e, posteriormente, Fernando Farias Rocha, estagiário e diretor de produção do documentário, um parceiro na execução do trabalho, das oficinas à edição final. Ambos moradores, queríamos dar visibilidade à região e mostrá-la como um lugar qualquer do Brasil, cheio de contradições. Também estávamos tomados pelo referencial organizado pelo *memorialista*. No período de edição, somou-se a nós a estagiária Priscila Bosich, cuja adolescência também passou pela Praça de Benfica. Os três cursaram a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e, portanto, acumulavam saberes com reflexões e organizações peculiares, amparados numa instituição em comum frequentada em períodos distintos: eu, na virada do século, de 1997 a 2001; Fernando, aluno das primeiras turmas do curso noturno, de 2001 a 2005; e Priscila, também aluna do curso noturno, de 2003 a 2007.

Eu, Aline Junqueira, era uma “filha de Benfica”. Meus pais moravam no Distrito Industrial I, porque meu pai, Breno, tornara-se encarregado do Instituto Brasileiro do Café (IBC) em 1968, quando as pretensões de emancipação da região foram contidas. Minha mãe, Maria Eulália, era supervisora da Escola Estadual Professor Lopes, uma das mais antigas da região. Eu morava no bairro desde que nasci e estudei nesta escola. Fernando Rocha, por sua vez, chegou de Belo Horizonte aos oito anos. Seu pai, José Rocha, veio trabalhar em outro momento da industrialização de Benfica, em 1986, na Siderúrgica Mendes Júnior, atualmente, ArcelorMittal e a família mudou-se para a localidade no ano seguinte. Ele também foi aluno das escolas públicas do bairro. Sua mãe, Doralice, era funcionária pública, enfermeira, mas trabalhava no centro de Juiz de Fora. Já Priscila Bosich não morava na região. Ela frequentava a praça, desde a adolescência, aos 14 anos, com primos e amigos. Sua tia possuía um barzinho ali perto e alguns familiares residiam em bairros vizinhos. Desse modo, Priscila tinha uma relação diferente da minha e de Fernando com o bairro. Para ela, Benfica era “lazer”, para nós, “casa”.

No que tange à experiência com audiovisual, a habilitação em radialismo e as pequenas passagens por produtoras, em princípio, distinguiam-me dos meus colegas na prática audiovisual. Fernando, no entanto, já havia vencido o festival Primeiro Plano com o

curta bem-humorado *Macho Mass* (2002), ficção, feito em VHS. Priscila não tinha experiência prática anterior, adquiriu por meio do projeto, principalmente em edição. Porém, na realidade, nós três estávamos aprendendo.

Academicamente, a participação no movimento estudantil, o envolvimento em projetos de extensão ligados à comunidade e o contato com iniciativas nas favelas cariocas passaram a minha formação e, por conseguinte, transcorriam no meu modo de “interpelar” e “enquadrar”. O trabalho realizado no projeto foi objeto de estudo para a obtenção da habilitação em jornalismo sob o título *Benfica da gente: memória, história e negociação de sentidos* (2009), além de alguns artigos e é mote desta pesquisa. Fernando era mais “jornalístico” e interessado por documentário, história e política. Sua monografia de conclusão de curso foi *A influência do discurso de campanha na comunicação governamental do governo Lula* (ROCHA, 2005). Priscila não agia diretamente na *interpelação*, ela não presenciou as entrevistas, pois entrou no projeto posteriormente. Tornou-se um *elo* na medida em que fez a decupagem e edição do material bruto, contribuindo para colocar algumas falas na história e silenciar outras. Ela não tinha um currículo “acadêmico”, sob o aspecto de envolver-se em projetos de pesquisa ou extensão. Seu trabalho de conclusão tratava de novas tecnologias em jogos e no cinema sob o título *Entretenimento e simulação do real* (BOSICH, 2007). Em síntese, nossos perfis eram bem distintos, o que colaborou para o resultado final<sup>83</sup>.

A diferença entre mim e Fernando pode ser percebida nos “extras” do DVD *Benfica da gente*. O vídeo *Depoimentos* traz uma edição da minha fala e de Fernando explicando o documentário, transcrita a seguir.

Aline: Fazer um documentário assim sem uma equipe profissional onde eu e o Fernando, *a gente* foi de tudo um pouco, e ainda ensinar os meninos a descobrirem suas próprias vocações e contribuírem para fazer o trabalho, então... e aprender junto com eles.

Fernando: Esse trabalho, esse documentário, ele foi feito é... em cima de três, de três etapas. A primeira etapa foi a realização de oficinas de memória e audiovisual.

Aline: Quando *a gente* fez as oficinas e direcionou, dividimos por temas e cada um foi procurar a... saber a história do seu lugar, onde cada um morava dentro desse bairro grande, dessa região grande que é Benfica, cada um foi descobrir sobre o seu próprio bairro. Eles trouxeram gente, pessoas para serem entrevistadas que nem *a gente* mesmo poderia descobrir, não conheceria.

---

<sup>83</sup> Digamos que se dependesse apenas de mim, o vídeo seria extremamente “panfletário”, do Fernando, algo mais “historiográfico”. Priscila, pelo seu distanciamento, conseguia ser mais “prática”, mais “jornalista”. Esse convívio na edição acabou construindo critérios de seleção e montagem ao longo do trabalho.

Fernando: Num segundo momento *fizemos*, começamos a confeccionar o documentário, a pegar as cam... pegar a câmera e sair gravando as pessoas, entrevistando as pessoas, é, fotos e outros documentos sobre a história do bairro.

Aline: *A gente* acumulou setenta horas, mais de setenta horas de depoimento gravado, é um arquivo audiovisual pra região muito, muito rico. Tem coisas que não estão no documentário que são fantásticas, mas a gente tinha que costurar...

Fernando: Num terceiro momento *nós* montamos o documentário propriamente dito, né, que foi colocar em ordem, numa certa ordem tudo isso que *nós* tínhamos gravado.

Aline: Foi difícil cortar. No começo era uma tarefa muito dura ficar cortando. Cada história, cada tema que *a gente* pegava dava pra fazer vários curtas assim...

(Fade)

Aline: Apesar de ser uma região, uma microrregião de Juiz de Fora é... a distância faz com que *a gente se* sinta numa outra cidadezinha que se desenvolveu à parte de Juiz de Fora. Então... desde a sua origem, porque ela tem a sua origem junto com a origem histórica de Juiz de Fora, ela participa, mas ela... ela vai sendo uma outra cidadezinha. Então as pessoas gostam de falar “eu moro em Benfca”, “eu sou de Benfca” e até “eu sou benfiquense”.

Fernando: Se por um lado Benfca tem todas as contradições de uma periferia, de uma típica periferia brasileira, com problema de acesso à cultura, problemas de saúde, de segurança pública, por outro lado o bairro tem uma história bem peculiar.

Aline: Há um sentimento de nostalgia, de cada pessoa que dá o depoimento, cada pessoa que dá o seu depoimento ela dá uma... demonstra um afeto, uma relação de amor e depois você vê uma juventude que vai falar sobre a região, mas com todas, trazendo todas as angústias que eles têm.

Fernando: Da sua formação às margens do Caminho Novo, passando pelas batalhas da Revolução de 30 que aqui ocorreram, e..., chegando ao desenvolvimento urbano-industrial dos anos 70, 80 e ao desenvolvimento comercial e social que o bairro tem hoje, né, a história de Benfca, *acho* que o documentário faz um pouco do passado, presente e lança luz sobre o futuro de Benfca.

Aline: *A gente* quis deixar bem claro também no vídeo é que todo mundo faz parte da história, independente de você ter aparecido ou não no vídeo e que esta história é viva, ela pode mudar amanhã a qualquer momento e depende de cada personagem que na verdade não são os da tela, são os que assistem aqui, os que assistiram aqui no bairro, são os que tão aqui na região (JUNQUEIRA, 2007, grifos nossos).

A gravação e edição destes depoimentos ocorreram posteriormente à exibição do documentário à comunidade e não foi encontrado o material bruto. Contudo, recorrendo à lembrança, eu gravei o Fernando, e ele me gravou, no mesmo dia, sem participação dos jovens do projeto e nem tomando a opinião da Priscila. Não direcionamos o que cada um deveria falar. Percebe-se, agora, com a distância do tempo, um tom mais subjetivo no meu enunciado, enquanto Fernando vale-se da objetividade para tratar tanto da realização do

documentário quanto da região de Benfica. Eu recorro várias vezes à expressão “a gente”. Ou seja, além de “me” incluir nos meus comentários eu utilizo uma linguagem mais coloquial. Fernando, pelo contrário, emprega majoritariamente a terceira pessoa do singular: “esse trabalho”, “esse documentário”, “Benfica”, “o bairro”. Ele se insere apenas em três momentos, duas vezes na primeira pessoa do plural, quando se refere às etapas técnicas do projeto – gravação e edição – da qual ele realmente participou da ação, e quando emite a sua opinião sobre o produto final, valendo-se da primeira pessoa do singular. Daí, voltamos à Bakhtin sobre a “atitude responsiva” do locutor para com o enunciado.

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte (BAKHTIN, 2003, p. 291)

Por causa da “atitude responsiva” competente à elaboração do enunciado, ou seja, do *acabamento*, da *entonação*, dados pelo locutor ao seu discurso, movendo *elos* anteriores e considerando as possibilidades de “apropriação” dos ouvintes que constituirão *elos* posteriores, os depoimentos acima, basicamente versam sobre o mesmo tema de forma dissonante. Ambos, eu e Fernando, ao sairmos de trás para frente das câmeras e após assistirmos as reações da plateia, acionamos repertórios diferentes: mais afetivo da minha parte e mais informativo da parte dele.



Fig. 3 – Fernando olha diretamente para a câmera enquanto eu evito o dispositivo e gesticulo muito.

No entanto, essa entonação subjetiva (minha) versus objetiva<sup>84</sup> (dele) não ocorreu somente neste evento posterior à produção do documentário. Elas caracterizam nossas

<sup>84</sup> Recobrando que estamos tomando a objetividade também como um ato subjetivo, seguindo a proposta dialógica de Bakhtin.

posturas diante do próprio projeto e, por isso, permeiam as entrevistas, ou ainda, adquirem variações dependendo de quem está diante de nós para ser interpelado.

Os *elos acadêmicos* da Baixada Fluminense pela tese de Enne (2002) eram graduados em história, com produção “acadêmica”, integravam os “meios universitários locais” e/ou participavam de programas de pós-graduação em instituições federais, majoritariamente, fora da região. Isso lhes outorgava a propriedade de fazer “Ciência”. Em contraposição aos *memorialistas*, eles recorriam à metodologia da história oral, adotavam um viés crítico na concepção de História, optando por uma “revisão histórica” que tentava “desconstruir” as narrativas anteriores embora reconhecessem sua importância, e incluir novas abordagens e temas para a elaboração de uma “história das resistências” em confronto com a “história das elites”. Travava-se uma “disputa pelo campo discursivo”, levando suas considerações a encontros e congressos na busca do reconhecimento de seus trabalhos, uma vez que os memorialistas detinham certo prestígio local. Também possuíam uma trajetória marcada pela militância política e, como professores, percebiam sua atuação como “estratégia política”, esforçando-se, na acepção de Enne, para constituírem “intelectuais orgânicos”.

Assim, no sentido pensado por Gramsci acerca do intelectual orgânico, é exatamente isso que os membros da sub-rede 2 se propõem a ser: agentes transformadores da realidade, capazes de modificá-la seja através de suas pesquisas (dando destaque aos “vencidos”, “problematizando a história oficial”, levantando “novas questões”, revitalizando a “identidade positiva” para a região etc), seja através de suas intervenções de caráter didático, influenciando no ensino da História da e na Baixada Fluminense, a partir de suas próprias experiências e também, através dos cursos promovidos, pela conscientização de outros profissionais para que abracem a mesma filosofia de ensino. O passado como militante, portanto, está na raiz da atuação desse grupo e reaparece no presente com outros formatos, mas sem perder sua essência: a crença na intervenção e na capacidade transformadora do agente (ENNE, 2002, p. 280).

Literalmente, não há nada em comum com os *acadêmicos* da Baixada. Nossos *elos acadêmicos* estão agrupados deste modo por terem uma formação similar, na mesma instituição. Porém, sublinho que a minha graduação, especificamente, deu-se em um momento de transformações bem intensas, acadêmicas e tecnológicas. Como já explanei no capítulo anterior, vivi um tempo de transições. A virada de século motivava muitos questionamentos sobre comunicação e sociedade que chegavam às salas de aula da Universidade Federal de Juiz de Fora. *Globalização* era a palavra em voga, suas teorias e consequências (IANNI, 2001; BAUMAN, 1999). *Identities* também estavam no centro do debate (GIDDENS, 2002; HALL, 2001). Por conseguinte, *o local* e a *comunidade* integravam as discussões (DOWBOR, 1994; FEATHERSTONE, 1996; PAIVA, 1998; PERUZZO, 1998). Estou apenas

citando aqui referências que estão nos meus trabalhos de faculdade porque as carrego na minha *bagagem* e, logo, influem a minha entonação.

Fernando e Priscila já cursaram a faculdade no período noturno, sob um currículo com menos disciplinas teóricas e mais tempo dedicado a práticas em várias mídias, uma vez que a faculdade havia adquirido equipamentos para isso. Eles eram “digitais”. Eu fui criada “analogicamente”, chegando a usar máquina de escrever, muito telefone fixo e fazendo edição linear. A minha “alfabetização digital” aconteceu na prática. Da mesma forma que o meu contato maior com a comunicação comunitária foi fora da UFJF e, seguramente, inspirou a proposta do *Benfica da gente*<sup>85</sup>.

Assim, fazer o registro da história de Benfica por meio de um documentário, a partir de oficinas com jovens de escola pública, numa tentativa de organizar a memória local era algo pertinente a minha formação. Eu também era a única com militância política (movimento estudantil na faculdade e assessoria sindical no período de trabalho do projeto).

Desse modo, apesar de nós não termos como propósito fundamental desconstruir a narrativa do *memorialista* Vanderlei Tomaz, partindo inclusive dela, a minha *bagagem* acadêmica e política pesava e, por sua vez, motivava a busca de “outros lados da história”, preferencialmente os “excluídos”. Essa necessidade de averiguação de versões dos fatos também caracterizava Fernando, cuja veia jornalística era mais pulsante. Além disso, os alunos das oficinas indicavam fontes por seus critérios.

Com relação à abordagem, desde o início, pretendia-se misturar o passado ao presente, “contando a história de Benfica entrelaçada com o cotidiano do bairro na atualidade” (JUNQUEIRA, 2004, p.7). Essa proposta foi fortalecida com as redações dos adolescentes e as conversas em sala de aula, nas quais os alunos discutiam o bairro sob a angulação de suas realidades.

Outra afinidade com os acadêmicos da Baixada era o propósito pedagógico do projeto. Partindo das oficinas com jovens, idealizava-se formar atores sociais. “Quando eles pesquisam e pensam em como registrar a história e o cotidiano em um produto audiovisual, identificam-se e passam a se ver como atores dessa realidade” (*ibid*, p.7). Além da exibição pública, as cópias do vídeo não eram destinadas à venda, mas aos alunos do projeto, ao Centro Cultural de Benfica, às escolas públicas da região e às associações de moradores.

---

<sup>85</sup> No capítulo anterior falo do contato com o Observatório Social de Favelas na Maré e do grupo Eco, do Santa Marta, ambos no Rio de Janeiro.

Pelos princípios descritos acima, mesmo partindo da história construída pelo *memorialista*, o vídeo no projeto já tinha o intuito de ser outra narrativa, algo que potencializasse alguma “transformação social”, seja pelo envolvimento dos alunos, pela variedade de depoimentos ou por sua forma de distribuição. Então, nós, acadêmicos, resguardando nossas diferenças ideológicas assim trabalhamos e isso promoveu transformações em nós mesmos. Priscila, por exemplo, que não teve contato direto com os entrevistados, mudou seu ponto de vista sobre o bairro. “Benfica pra mim era só ‘barzinhos’. Eu passei a valorizar o ambiente onde eu circulava. Sempre que eu vejo os lugares, lembro do que está por trás como, por exemplo, a história da Imbel” (informação verbal<sup>86</sup>). No meu caso, o trabalho se transformou em uma monografia de conclusão da habilitação em jornalismo (JUNQUEIRA, 2009) e é objeto desta pesquisa. Além disso, o Acervo Benfica da gente, ainda é particular, mas continua sendo ampliado por meio de outros projetos desenvolvidos localmente<sup>87</sup>. Desse modo, houve uma produção de registros da história e memória local desencadeada pela produção do documentário e eu mesma me transformei em uma “especialista” em história local, outra fonte para a imprensa e pesquisas na área. Fernando, por sua vez, buscou uma notoriedade do trabalho no circuito do cinema, inscrevendo-o no 14º Festival Internacional de Documentários “É tudo verdade”, em 2009, mas o vídeo não foi selecionado ficando restrito a mostras locais.

No caso da produção do documentário *Benfica da gente*, a familiaridade com os moradores mais antigos trouxe um pouco de incômodo quando eles insistiam em mencionar nossas famílias, ou mesmo constrangimento pela obrigação de extrair algo importante daqueles que conhecíamos desde a infância. Tentamos conciliar proximidade afetiva e distanciamento profissional exigido no trabalho. Muitas pessoas entrevistadas nunca tiveram antes a oportunidade de contar a história de sua própria vida a alguém. Assim como eles, eu era uma “filha de Benfica”, mas ter curso superior e estar com uma câmera na mão, fazia de mim uma *autoridade*. Em algumas entrevistas, isso é mais evidente.

---

<sup>86</sup> Entrevista concedida por telefone, em 2 de maio de 2013.

<sup>87</sup> O material bruto do acervo Benfica da gente foi utilizado no documentário *Afrobenfiquenses com orgulho* (JUNQUEIRA, 2009) e, por meio do Centro Cultural de Benfica, as memórias das famílias negras tem sido registradas em audiovisual e homenageadas com a entrega da Medalha Escravo Antônio, todo mês de novembro, desde 2009. Também, com financiamento da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, o projeto *Anguzada: fábulas de abás* uniu artes plásticas, exposição iconográfica e videoinstalação baseado nos depoimentos dos negros mais velhos da região, sendo apresentado no centro de Juiz de Fora e à comunidade (RODRIGUES; JUNQUEIRA: 2012)



Por outro lado, o fato de ser nossa primeira experiência, em especial minha e de Fernando, na realização de um documentário houve variação no tom das interpelações, tanto pelas nossas visões de mundo diferentes como pela nossa relação com o território. Como eu era a idealizadora do projeto e diretora do vídeo, a tônica era minha. No meu caso, considerando o material bruto, a condição de “filha de Benfica” tal qual as personagens, permitiu que alguns depoimentos ocorressem de maneira mais informal, com um desenrolar da conversa. Assim, perdíamos o controle sobre as falas e a narrativa do entrevistado tornava-se mais fértil. “Distraíamos”, voltando-nos à escuta, e o trabalho ganhava vigor. Isso determinou um número enorme de idas e vindas e de horas gravadas. Outros depoimentos, como veremos à frente, não fluíram do mesmo modo.

Em suma, éramos dois moradores de um bairro popular, com curso superior na mesma instituição, conduzindo a reconstrução de uma história antes contada apenas por um *especialista*. Isso determinava comportamentos distintos diante das câmeras, pois éramos vistos como “autoridades”, “porta-vozes” ou mesmo “agentes” em defesa dos interesses locais. Também a proximidade afetiva vai interferir na *interpelação*. Isto por que tanto nós, entrevistadores, quanto os entrevistados não ficamos virgens e imunes de nossos repertórios de conhecimento e valores naquele encontro, mas estabeleceu-se neste momento uma *coparticipação* na produção da narrativa.

Retomando o mote deste trabalho, *elos entre memórias do passado e memórias do futuro de um território*, ponderamos que estes *acadêmicos* eram jovens. No dia da exibição pública para os moradores eu tinha 30 anos, Fernando 28 e Priscila 24. Os dois primeiros responsáveis por acionar os repertórios dos entrevistados e a última participou da organização e seleção. Ainda que tivéssemos muitas afinidades pela nossa formação em comum, resguardávamos uma pequena “diversidade”, tomando o trabalho de Hila Bernardete Rodrigues (2009), que se estabelece por processos de “construção da memória e da identidade”, “o lugar onde essa construção se dá” e o “tipo de sociabilidade estabelecido neste lugar”. A autora parte da premissa que os estudos contemporâneos convergem para o fato de que existem juventudes e porque este período da vida é experimentado de maneiras diferentes conforme o “tempo, contexto, lugar e situação” (RODRIGUES, 2009, p. 47).

Ela recorre à Ecléa Bosi (1995) para explicar que o “jeito de ser” está fundamentado nas lembranças, ou seja, mesmo um jovem é e projeta o seu futuro de acordo com os fragmentos de memórias que possui e, estes, são decisivos no seu desenvolvimento e transformação. Por outro

aspecto, valendo-se de vários autores, Rodrigues reforça que *ser* também envolve as interações desenvolvidas em um determinado lócus, de encontro e sociabilidades, que influi na construção da identidade juvenil por estar fora da tutela familiar, ou no nosso caso, de *jovens acadêmicos*, fora do ambiente acadêmico. Nós retomaremos essa discussão adiantes, quando tratarmos especificamente dos *elos possíveis*. Vale apenas demarcar aqui que a produção do documentário em si tornou-se um lugar de trocas entre nós, eu, Fernando e Priscila e entre os jovens do projeto que alteraram nossa forma de perceber o bairro e os entrevistados.

### 2.3. Os elos *tradicionais*

Explanamos no início deste capítulo que os elos *tradicionais* do documentário *Benfica da gente* são assim denominados por pertencerem ao grupo de descendentes dos primeiros habitantes da região de Benfica, sejam proprietários ou trabalhadores, brancos ou negros, porque a eles restou o espólio do percurso de seus familiares na região como também suas próprias incursões na “construção” de Benfica. Estes entrevistados são tomados pelo *senso comum* dos moradores de Benfica como “fundadores” da região ou de alguma tradição, protagonistas da história local.

Para denominá-los de *tradicionais* recorreremos à distinção elaborada por Eduardo Granja Coutinho (2002) entre “tradição” e “tradicionalismo”. A segunda é a forma conservadora da primeira na cultura. Ou seja, o *tradicionalismo* é a tentativa de “petrificar” o passado, prolongá-lo no presente, numa compreensão metafísica deste legado, na qual a cultura é tratada como *objeto* dado. Porém, se tomarmos a “tradição” como processo de “transmissão das formas do passado” objetivado pela ação humana no presente, deparamos com uma “herança viva”. Isso porque se trata de uma “comunicação intertemporal”, “intergeracional”, uma comunicação que não se dá entre emissor e receptor no mesmo espaço e tempo. Por outro lado, há uma “interpelação” ao passado que caracteriza nesta atividade narrativa uma recepção dos “traços” ou “signos” de outrora, decodificados pelos sentidos do presente que vão acionar réplicas futuras. Em suma, “a comunicação intertemporal constitui

um processo em que o sujeito histórico, a um só tempo emissor e receptor, responde às gerações futuras questões propostas pelas gerações passadas” (COUTINHO, 2002, p. 24).

Agregando autores mencionados anteriormente, se não há diálogo literalmente, este processo é dialógico sob a perspectiva bakhtianiana. Isso porque, Bakhtin e os membros do seu círculo não desprezam a relevância do diálogo, em “sentido estrito”, enquanto “interação verbal”. Porém toda comunicação verbal, mesmo não sendo face a face ou em voz alta, constitui um diálogo em “sentido amplo”. (BAKHTIN, 2006, p.125). Tal proposição fundamenta-se na concepção de que a resposta ao enunciado não necessariamente é dada por um outro imediato.

Em sua busca de uma compreensão responsiva, a palavra sempre vai mais longe. O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*. Ela entra num diálogo em que o sentido não tem fim (entretanto ele pode ser fisicamente interrompido por qualquer um dos participantes). (BAKHTIN, 1997, p. 357)

Como podemos verificar, para Bakhtin, palavra não é estática: “a palavra significante vive fora dela” (BAKHTIN, 1990, p.152). Ou seja, os sentidos são a vida da palavra, da linguagem, produzindo signos interiores e exteriores em interação dialética permanente. O signo só possui sentido se compartilhado e transformado, caso contrário torna-se, como na interpretação de Coutinho (2002) para a “tradição fossilizada”, “uma cultura morta”, “apartada do seu sujeito histórico” (COUTINHO, 2002, p. 15). Bakhtin atribui a emancipação dos sentidos do sujeito, porque eles só existem nesta negociação de dentro pra fora e vice-versa.

O signo interior deve libertar-se de sua absorção pelo contexto psíquico (biológico e biográfico), ele deve parar de ser experimentado subjetivamente para se tornar signo ideológico. O signo ideológico deve integrar-se no domínio dos signos interiores subjetivos, deve ressoar tonalidades subjetivas para permanecer um signo vivo e evitar o estatuto honorífico de uma incompreensível relíquia de museu. (BAKHTIN, 2006, p. 65).

Na nossa compreensão acerca do pensamento de Bakhtin, o *dialogismo* é uma força social, pois trata-se do movimento que operamos para fora e para dentro ao *re-interpretar* e *re-criar* os sentidos da nossa própria existência. O sujeito é a unidade menor de interação das vozes sociais. Ao acionarmos o dispositivo câmera e interpelarmos os “fundadores” de Benfica, deparamo-nos menos com a atitude de guardiões de alguma tradição

e mais com a possibilidade de renovação de suas vivências que se tornaram um legado para gerações futuras com o *registro* audiovisual.

No primeiro momento, pensávamos em relacionar entrevista por entrevista. Mas este procedimento simplesmente tornaria cada indivíduo, ou família entrevistada, um *elo* da *cadeia de memória e história* de Benfica. Depois de analisarmos todo o material, percebemos que os *elos tradicionais* não são as personagens em si, mas os repertórios que acionam e suas recorrências. É na identificação de pontos de contato entre tantas falas que verificamos o encadear destes elos, ainda que sob condições de *interpelação* diferentes que, na verdade, vão proporcionar a *polifonia* (BAKHTIN, 1997), ou seja, a multiplicidade das vozes dentro de um contexto dialógico, em que passado e futuro são ilimitados.

Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. (BAKHTIN, 1997, p. 414)

Estes *elos tradicionais*, uma vez que são majoritariamente tomados dos idosos, apresentam nuances daquilo que Ecleia Bosi apresenta como “espaços da memória” (1995, p. 434).

### **2.3.1 Benfica rural**

Entrevistamos primeiramente as pessoas idosas. Tal procedimento faz com que os entrevistados apresentem descrições semelhantes do lugarejo da sua infância. Basicamente as poucas casas, os bois, a balança de gado e as ruas de terra habitam suas lembranças. Contudo, o sentido atribuído por estas pessoas varia conforme a trajetória de vida e sua disponibilidade diante da câmera, conferindo entonações diferentes aos seus enunciados.

Sebastião Júlio Pereira, por exemplo, conhecido como Tatão, era branco e tinha 78 anos no momento da gravação que durou cerca de 50 minutos, ocorrida em 6 de novembro de 2004, na sua residência. Ele não apresenta dificuldades em lidar com a câmera, provavelmente por ser uma liderança comunitária, tendo presidido a Sociedade Pró-

Melhoramentos<sup>88</sup> de Benfica (SPM). Tatão não nos conhecia e foi indicado pelo aluno Michel Ribeiro. Descreve detalhadamente como era a região na infância. Chegou à localidade aos quatro anos de idade. “Naquela época, Benfica era um lugarejinho vagabundo, vagabundo não, lugarejo” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 28). Discorre sobre a “meia-dúzia de casas antigas”, as “casinhas de sapê”, a “vala” na rua Martins Barbosa que caía no córrego, “a fazenda antiga do Chico Donana” onde ele ia buscar água para os moradores. Segue listando localidade por localidade de Benfica, seus antigos proprietários e resume que tudo era “pasto” e que deixava as “criações” soltas, normalmente de porcos e galinhas.

Essa descrição é comum entre os moradores antigos. Enquanto a maioria, narra de forma estritamente descritiva, alguns apresentam outros tons “emotivos-volitivos” (BAKHTIN, 1993). Este é o caso de Domingos Sobreira Neto. Também branco, aos 72 anos de idade, morava próximo à Benfica, em um granjeamento na Barreira do Triunfo. Concedeu entrevista, previamente agendada, em 13 de novembro de 2004. Foi quase uma hora de gravação. Abordamos Domingos porque procurávamos descendentes do Coronel Sobreira, o dono das terras que deram origem à Nova Benfica. Apesar do sobrenome em comum, ele informa que não tem parentesco com o fazendeiro. Nasceu na região de Rosário de Minas, distrito de Juiz de Fora. O pai “ganhava o pão de cada dia através de biscates”. Chegou a Benfica em 1937. Opta por narrar a “infância sofrida”.

Andava descalço, não tinha nenhum conforto para os dentes (...), não tínhamos oportunidade nem condições de recorrer a dentista (...) Às vezes o emocional muda quando a gente começa a recordar, a lembrar, porque... nas manhãs é... que a gente tava se preparando pra aula, pro colégio, pro grupo escolar, a alimentação que nós tínhamos era angu doce temperado com canela, raramente uma broa, e o pão duas vezes por semana... (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 52)

Pergunto como ele ia da zona rural para Benfica. Responde que andava a pé, cerca de oito quilômetros, descalço, “enfrentando manhãs friorentas”, com “agasalhos insignificantes”. Emociona-se, em tom nostálgico. “Eu se pudesse, eu rompia a distância e o tempo e voltaria a ser criança de e reviveria tudo de novo” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 52).

Tatão, por outro lado, fala da mesma dificuldade com outra visão.

Quando construiu a Escola Almirante Barroso, na época do Coronel Calheiros, o povo vinha da Barreira, Igreginha, Aldeia, vinha tudo a pé pra estudar aqui, que não

<sup>88</sup> As Sociedades Pró-Melhoramentos (SPM) eram associações de moradores dos bairros, cuja formação foi incentivada pelo poder público. Com a reformulação do Código Civil (2002), muitas alteraram a denominação, mas a sigla SPM ainda é muito utilizada no movimento comunitário.

tinha ônibus na época né? (...) Vinha alegre e satisfeito, cantando, brincando e longe, da Barreira aqui, da Aldeia (...) Hoje pra ir daqui ali já tá reclamando. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 25).

As boiadas são recorrentes nas reminiscências dos idosos. Sebastião Clemente de Souza, negro, com mais de 80 anos, concedeu a entrevista em 17 de outubro de 2004, com 40 minutos de gravação. Indicado também pelo aluno Michel que morava perto dele, conta que veio para a região de Benfica em 1938 para servir ao exército em 1939 e, em seguida empregou-se na FEEA. De fala curta e pontual, limitando-se basicamente a responder nossas perguntas, conta que as terras próximas à região que reside eram pastagens de aluguel. Os bois desembarcavam e embarcavam por ali, ou iam com os tropeiros. Menciona, como muitos, a balança de gado, sem perder a chance de contar um pequeno “causo”.

Aqui tinha balança. Na volta quando eles iam descer, eles pesavam. No desembarcar não, que os bichos tava tudo desnutrido né? [Pergunto se engordavam o boi]. Não dava pra engordar não. Eles só descansava, da viagem, mas sempre pegava um pesinho, né, enchia a barriga. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 20).

Etelvina Maria de Jesus, de 71 anos, cujo depoimento foi gravado em 24 de outubro de 2004 por cerca de meia hora, morava na região do Distrito Industrial. Fomos ao seu encontro devido à “sobrevivência” da sua pequena chácara à beira da via de acesso à BR 040, a avenida Antônio Simão Firjan. Morava ali desde 1959, quando passou a “tomar conta” das terras, cerca de “um hectare e meio” porque o dono não podia. Ali ela foi plantando para sobrevivência, “ficando, ficando”, o Distrito Industrial foi “cortando” e conseguiu aquele “pedacinho”. Personagem boa de prosa que sabia responder com “causo”.

Tinha uma balança aqui na linha, perto do curtume ali, logo adiante. Vinha do sertão nos trem de ferro, né? E ali eles soltava e já tinha o curral, eles já caía dentro do curral. Ficava no curral e depois no outro dia, se chegasse de noite no outro dia, eles ia... ia pesando, ia pesando eles e soltando ‘praqui’. Mas soltava e eles vinha como doido. E aqui era... cavalo e boi, mas cavalo e boi mesmo (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 10)

Maria de Lourdes Cosso, branca, 78 anos de idade, residente no Bairro Araújo e uma das indicações de Vanderlei Tomaz, teve o depoimento gravado, sem marcação prévia, por uma hora e vinte minutos no dia 15 de novembro de 2004, sem presença de alunos. Ela tem saudades da “paisagem sonora” (BOSI, 1995) que os bois deixaram.

Mas uma coisa que eu sinto saudade, eles passarem de madrugada para juntarem assim, o aboio dos boiadeiros, conhece? (...) Aboio é aqueles sinais que eles usam, que os bois conhecem,... Ô, ô, ô! Essas coisas assim e o berrante. (...) A gente acordava ouvindo assim, era até assim uns aboios musicado. Muito bonito. E, às vezes, o mugido do gado, e o tropel também, porque o asfalto também veio em

1946, depois de 46. Depois que puseram a linha de ônibus, que chamava Diana. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 54)

Citar os nomes dos proprietários antigos era recorrente aos entrevistados. A maioria restringia-se a relacionar a terra aos seus respectivos donos, Coronel Francisco Martins Barbosa, Coronel Sobreira, Chiquinho Donana, Dona Berenice, Coronel Jeremias Garcia, Miguel Marinho, sendo que este último chegou na época mais “civilizada”, “veio depois da educação”, segundo Almerinda da Silva Hora.

Almerinda foi entrevistada em dois momentos. No primeiro dia, 7 de setembro de 2004, tomada de surpresa, pois a equipe estava próxima à sua casa na Ponte Preta, não foi produtivo. Ela pouco queria conversar. Eu a conhecia desde criança. Com 84 anos, é a única negra descendente de empregados de fazendeiros da região. Neta de parteira, nascida na localidade, militante política, trabalhou para Getúlio Vargas, participou da Sociedade Pró Melhoramentos (SPM) de Benfica e fundou a da Ponte Preta, bairro oriundo das terras da sua família. Na segunda vez que a entrevistamos, em 19 de janeiro de 2005, ela se apropria da conversa que é realizada a frente ao seu “birô”. Ao falar de Benfica no passado, é uma das personagens que revela as relações de poder, além dos pastos e da balança de gado. “Benfica era um brejo danado, ali não tinha praça não. Ali só tinha três casas e a fazenda velha. Ali na praça era a senzala, lá é que batia nos nego lá, os coronéis (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 18). Complementa que os coronéis eram donos de tudo e que eles abrigavam “valentões” ao seu serviço. O “bigode do patrão” era documento. O pai era tropeiro e o irmão o seguia. Ela acompanhava o avô Gabriel Sobreira pelas fazendas por ser a mais velha. Gabriel ganhou o sobrenome “Sobreira” porque era o “capataz”, o “escravo de confiança” da família do fazendeiro. Quando este morreu, a viúva e os filhos destinaram parte de suas terras, o Sítio Ponte dos Pires, para o empregado. Almerinda fala que ele não sabia ler, mas tinha tudo “notado na ideia” e ensinava a ela a pagar os impostos em dia para garantir a propriedade em suas mãos.

Então ele (o avô) falava: Não se deixa passar 30 de março sem pagar imposto. Porque não tinha esse negócio de mandar papel assim conforme manda hoje. Não, mandava não. A gente, os donos é que ia procurar, quem tinha noção de ser dono e de coisa é que chegava, tinha aquela data. Então é que ia procurar e pagar. E trazer os recibos. Pra eles era ‘vantage’ se não pagasse porque o Estado tomava tudo. O Estado tomava tudo [balança a cabeça reforçando]. E ainda tinha aqueles fazendeiros mais sabido, então eles pagava né e ficava era dono de tudo. (...) O povo de antigamente sofreu muito, sofreu muito. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 18)

Os depoimentos acima mostram marcas distintas da vida rural em Benfica nas lembranças de seus moradores. Enquanto alguns evocam a descrição do que “viram” como o caso de Tatão, Clemente e Etelvina, outros se voltam para o que “sentem” no momento da interpelação. Caso de Domingos e Lourdes Cosso. Por outro lado, a fala de Almerinda está tomada por *elos* da convivência com o avô que lhe instruiu para tomar conta de suas terras e lidava com os fazendeiros da região. É deste modo que ela relembra Benfica no tempo da escravidão, sem tê-lo vivido. As práticas daquela época incidiram na sua biografia porque ela as vivenciou “por tabela”, na memória “herdada” (POLLAK, 1992, p. 201), atribuindo outras conotações às experiências de vida do avô transmitidas oralmente por ele e reinterpretadas à luz da sua militância comunitária.

### **2.3.2 A Revolução de 1930**

A “Revolução de 30” é um tema abordado pela nossa interpelação em virtude de seguirmos um roteiro de assuntos inspirados na cronologia de Vanderlei Tomaz. Além de recorreremos ao jornal por ele arquivado que se refere a Benfica como “Verdun da Mantiqueira” buscamos o testemunho das pessoas nascidas antes deste acontecimento de relevância nacional.

A família Barbosa consta como proprietária mais remota da Fazenda Bemfica<sup>89</sup>, que são as terras da atual microrregião. Entrevistamos dois de seus descendentes, na casa antiga da sede, localizada pouco antes da principal entrada para a área central de Benfica. A gravação ocorreu em dois momentos, nos dias 1 e 4 de novembro de 2004, acumulando mais de duas horas em depoimentos.

Conrado Martins Barbosa, com idade de 83 anos, era bisneto do Coronel Francisco Martins Barbosa, que foi vereador e dá nome à principal rua de acesso ao bairro. Escutava pouco, era bastante fechado e não foi fácil conseguir a entrevista. Mas à medida que conversávamos, Conrado tomava gosto pela palavra e contava a história da família.

Mesmo falando sobre vários pontos, a fala de Conrado ganha vigor quando se volta à Revolução de 30. Ele narra, minuciosamente, o desenrolar do conflito, apesar de ter apenas nove anos de idade àquela época. O assunto começa a se desenrolar na sala de jantar da antiga fazenda. Lembra-se que os soldados “legalistas” entrincheiraram-se no “valo” do

---

<sup>89</sup> Ver Sessão 1.4 *Benfica da gente, o território* deste trabalho



seu terreno e a população da região teve que sair das suas casas porque havia um tiroteio contra os “revolucionários” de Getúlio. Segundo Conrado, as casas foram saqueadas. Ele aponta para o relógio da parede falando que aquele havia sido comprado em 1930 porque o outro fora roubado. Também supõe uma “traição” dos militares a favor de Vargas, que tinha a polícia a seu favor, porque não houve combate “firme”. Esse tema é retomado quando vamos gravar ao lado de fora da sua casa. Ele conta várias vezes sobre o “valo”, a pedida nosso, como prova da sua história. No ambiente externo, a descrição é bem detalhada.

Os revolucionários de, que vinham de Belo Horizonte, sabe. Então eles viram que tava difícil de entrar em Benfica, que tinha..., tava tudo entrincheirado aí, então deram volta ali ó [aponta para os morros] e pegaram e atiraram contra eles aqui (...) Então eles tiveram que sair daqui e ir lá pra Mariano Procópio, eles recuaram, o pessoal do exército. Nesse tempo era o comandante aí da 4ª Região, general... como é que ele se chamava... Firmino Borba. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 27)

Conrado cita vários recuos da polícia em Juiz de Fora até a deposição de Washington Luís por Getúlio. Perguntamos, eu e Fernando, se os soldados tinham uma música, hino ou grito de guerra.

Alguma piada, sabe. [silêncio por dez segundos] Eles falavam aí, ó. Tinha uma modinha aí, é o seguinte [risos]. Tinha um tenente da polícia, da polícia do estado de Minas, então eles, eles cantavam isso no violão, sabe. Então dizia a música: Tenente Beca bota fogo sem demora que a polícia está danada pra tomar o Juiz de Fora. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 27)

Conrado era criança quando a Revolução de 30 aconteceu nas terras de sua família. Toda a análise que faz do conflito entre polícia e militares até a deposição de Washington Luiz é um trabalho de *enquadramento* (POLLAK, 1992) proveniente do grupo a que pertenceu. Soubemos mais ao fim da entrevista que ele era militar.

Os roubos nas fazendas são confirmados por outros depoimentos. Almerinda, tinha 10 anos quando os soldados chegaram a Benfica. Ela se recorda das relações sociais que se estabeleceram entre soldados e os moradores. “Eles eram bonzinhos, bobo! Sentava e conversava com a gente. Na hora que eles falavam ‘evém pipoca’, ah, sumia todo mundo”. E conta que o “capadão” da sua família foi preservado. Almerinda, assim como Conrado, comenta sobre vestígios do fato. “Veio um batalhão de baixo e outro de cima pra encontrar aqui. (...) Por aí por esses morros tem gente enterrada aí”. Ela cita os lenços vermelhos e comenta que “eles falavam a língua deles” para se comunicarem (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 27).

Outra moradora testemunha da Revolução de 30 em Benfica, Alzira da Silva Domingos, concedeu entrevista aos 104 anos, na sua casa, no dia 18 de setembro de 2004, acumulando aproximadamente 40 minutos de gravação. Negra, nascida e criada em Benfica, na roça, sempre próxima à região onde mora, na Vila Esperança I. Na verdade, ela pertencia a uma das famílias da Vila do Sapé.

Ela recorda-se das trincheiras. Seu depoimento é bem assinalado, aparentemente, pelo que viu e ouviu. Mas, com toda a simplicidade, ela acrescenta comentários que nos permite deduzir também relações de dominação dos soldados com os habitantes mais simples da localidade.

Vi os tiroteio, uai. Nós ali, naquela fazenda grande, eles botaram na fazenda grande pra nós ficar acampado lá, pra no tiroteio num tirar em nós. E a revolta... E eles iam daqui de Benfica lá pra roça, lá pra ficar no mato. Isso tudo eu já frequentei. A minha mãe, meu pai, tudo... Tudo o pessoal de Benfica foi fazer acampamento. (...) Nós teve que sair daqui de Benfica pra ir pra fazenda, lá do Recreio. Nós passava perto dos revoltoso, com aquela bandeira ‘vermeia’, e eu passava perto da, ... dos soldados com aquela bandeira ‘vermeia’, tomava ‘bença’ deles de medo. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 02).

Estes depoimentos contrariam a versão apresentada pelo memorialista Vanderlei Tomaz de que a população tinha resistido e aderido às tropas revolucionárias.

Lourdes Cosso foi a única entrevistada, além de Vanderlei Tomaz que, apesar de não ter testemunhado a Revolução em Benfica, menciona entre as suas recordações a emanção de “fogo-fátuo” dos corpos de soldados enterrados nos morros próximos ao bairro Araújo, afirmando que a região teria sido “palco de batalha” e que ela mesma teria visto a luz azulada. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 53).

Essa temática não é tão presente entre os moradores antigos, precisando ser induzida, com exceção de Conrado. Percebemos também algumas variações de entonação. Os habitantes mais simples se recordam de suas experiências pessoais como os roubos e a remoção, divergindo apenas com relação aos relacionamentos com os “revoltosos”: cordiais, segundo Almerinda, e de temor, conforme a fala de Alzira. Por outro lado, o militar realiza o trabalho de *enquadramento*, sobrepondo ao seu relato a descrição da conjuntura política e as suas suposições acerca do desfecho do conflito.

### **2.3.3 A fábrica de munição**

A Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia (FEEA) está no imaginário dos habitantes mais antigos de Benfica como um grande patrimônio para a região. A ela está

associado o desenvolvimento urbano do bairro. Conrado Barbosa confirma essa ponderação. “O Benfica, ele começou a... progredir depois que essa... que a FEEA se instalou aqui. Então o pessoal dos Garcia, sabe, lotearam essa parte toda aí, pegaram e venderam tudo. Então onde que aqui ficou... uma cidade, né” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 24).

José Souza Ribeiro, branco, coronel reformado superintendente da fábrica denominada na atualidade de Indústria de Material Bélico (Imbel), permitiu mais de duas horas de gravação de seu depoimento realizadas nos dias 24 e 25 de fevereiro de 2005. Chegou à empresa, no ano de 1973, recém-formado como “engenheiro militar mecânico de armamento” para servir ao exército na unidade até 1977 obtendo promoção a major. Ele atribui à fábrica a passagem da “estrutura agrária” de Benfica, com gado de leite “mestiço”, à condição industrial e comercial. Tal transformação deve-se às circunstâncias criadas com a sua instalação.

A fábrica quando foi estruturada, o bairro de Benfica, e a própria cidade de Juiz de Fora, tinha uma infraestrutura muito reduzida, tanto na parte de serviços como no comércio. Daí porque aqui existia na época tinturaria, lavanderia, farmácia, horta comunitária, armazém reembolsável, gráfica, além das escolas, fundição, fábrica de cercas, fábrica de arames, fábrica de telhas, olaria pra fazer tijolos. Então tinha que ter muita gente mesmo. (...) A fábrica de Juiz de Fora é muito importante na nossa região por um motivo muito simples. Ou seja, a fábrica empregou os próprios funcionários ou os próprios artífices que construíram essa fábrica, ou seja, o pessoal era um pessoal servente de pedreiro, pedreiro, encanador... E quando terminou a construção eles foram contratados pelo exército como extranumerários e a fábrica ensinou, treinou essa mão de obra, de modo que eles pudessem começar a fazer outro produto inteiramente diferente, assumir uma outra profissão, como artífice de munição, artífice de explosivos (...) Então o pessoal teve uma elevação no seu status, na sua autoestima porque deixaram de ser construtores de prédio para serem construtores de bombas. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 30)

O coronel descreve como as vilas foram construídas no entorno da fábrica com a finalidade de abrigar operários, a implantação do conjunto habitacional de casas do IPASE e a valorização das terras do entorno que são vendidas, loteadas e dão origem a outras moradias. Trabalhou para a empresa nas suas mais diversas formas de gestão – militar, privada e mista, como empresa pública de direito privado. Ele esclarece que o nome FEEA só ficou no período em que a fábrica estava sendo construída, de 1934 a 1938. Quando começou a produção passou a ser Fábrica de Juiz de Fora (FJF), mas a denominação anterior já estava consolidada e “o pessoal na cidade” continuou a chamar do mesmo jeito, permanecendo até hoje no imaginário da população, principalmente entre os mais antigos.

Filinto Andrade, branco, era um dos operários do início do funcionamento da fábrica. Entrevistamos ele antes de falarmos com o Cel. Ribeiro, em 28 de outubro de 2004. Aliás, fomos ao coronel por sua recomendação. Registramos o seu depoimento por aproximadamente noventa minutos no dia 28 de outubro de 2004, quando ele tinha 82 anos. Apesar de ter chegado à Juiz de Fora em 1938, passa a trabalhar na empresa em 2 de abril de 1941, onde ficou por “51 anos e 5 meses”.

Benfica cresceu por causa da... que era o melhor emprego que tinha na época... [balança a cabeça afirmativamente] era o da FEEA, né? Aliás Fábrica Juiz de Fora que ela foi trocando, FEEA, Fábrica Juiz de Fora, depois Imbel, depois Engesa, depois novamente voltou a ser Imbel. Houve essa modificação de... de firma, mas pra nós sempre foi a FEEA. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 15)

O Coronel expõe as implicações dessas mudanças, principalmente na atualidade.

Como organização militar, uma maravilha, por quê? Não tinha que preocupar com o dinheiro de pagamento de ninguém porque era verba orçamentária, não tinha que me preocupar com compra de nenhum insumo ou matéria-prima porque tudo era comprado pelo exército e colocado aqui. E a gente fabricava, só tinha que se preocupar com a fabricação e com... verificar se o funcionário tava trabalhando corretamente, só isso, mais nada. (...) Empresa privada, a coisa é mais complicada. Só recebe se tiver recurso. Você tem que gerar o próprio recurso, você tem que fazer todas as compras, você tem que prever a época em que vão chegar todas as matérias-primas, você tem que organizar sua produção para cumprir prazos nos contratos. (...) Com relação à empresa pública, aí é mais complicado porque a Imbel é uma empresa pública de direito privado, ou seja, ela é uma empresa pública que se rege como se privada fosse. Ou seja, tem que gerar os recursos pra pagar seus funcionários, pra fazer a manutenção das suas instalações, das suas máquinas, tudo como se fosse uma empresa privada, só que obedecendo as regras da empresa pública, ou seja, fazer concursos de admissão, concurso público, fazer os balancetes para o Tribunal de Contas da União. Aí a coisa fica mais complicada porque você tem as vantagens, as desvantagens da empresa pública e as desvantagens da privada. [risos] Não tem nenhum benefício, nem de um e nem de outro. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 29)

Tanto o coronel quanto Filinto, que não tiveram a participação dos alunos no registro de suas entrevistas, sublinham a importância da fábrica para a educação dos moradores da região construindo e responsabilizando-se pelo ensino fundamental e profissionalizante.

Sebastião Clemente de Souza, já citado, foi outro operário da fábrica entrevistado. Veio para a região de Benfica em 1938 para servir o exército em 1939, e em seguida empregou-se na fábrica. Sentado, na varanda da sua casa, fala da importância da instalação. “A FEEA era um paraíso. Era uma das maiores indústrias daqui, até de Juiz de Fora”. Ele conta que as relações de trabalho eram militares, principalmente no período da Segunda

Guerra Mundial (1939-1945). “Eu já fazia parte do Exército. Quem trabalhava lá era a mesma coisa que tá servindo na guerra” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 20). Filinto confirma a “militarização” ao dizer que já deu “ordem unida aos funcionários” e que viu “companheiros presos por deserção” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 15).

A fábrica empregou mulheres, entre elas, Lourdes Cosso, que iniciou nas oficinas. Seu pai já era funcionário, começou na terraplanagem. Depois, segundo ela, foi “escolhida” e “preparada” com cursos e estágios para trabalhar na maternidade construída pelo Cel. Calheiros, onde permaneceu por 23 anos. É outra que se recorda da relação “militar” no trabalho, pelo qual dedicava doze horas por dia.

Mas entre as recordações da fábrica, a mais recorrente entre os antigos moradores é uma “tragédia”, a explosão de 7 de março de 1944, matando 14 pessoas, majoritariamente mulheres. Dentro da fábrica, foi construído um marco e, anualmente, o acidente é lembrado para “fazer memória aqueles que deram a vida” ao funcionamento da fábrica, comenta o Cel. Ribeiro, e também “alertar para as condições de segurança”, evitando outras ocorrências. A mudança nos cuidados com a prevenção de acidentes foi percebida por Filinto, que prefere não dar detalhes do motivo do estouro. “Não devo falar não porque é meio ‘comprometedor’, o Exército, né? [risos]”. Quando fica descontraído diante da câmera, comenta que a tecnologia naquela época “ainda estava um pouco atrasada”, principalmente com relação ao sistema de segurança que se “aperfeiçoou” após a “tragédia”. Considera o sistema seguro na atualidade, ressaltando que o trabalho com explosivos sempre é arriscado (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 15).

O que ficou profundamente armazenado nas recordações dos moradores entrevistados foi a cena “horrorosa”, “pavorosa” e “terrível” da fatalidade, na qual se recolhia pedaços, restos das vítimas, além do desaparecimento de corpos. A narrativa daqueles que escaparam também vêm à tona quando contam “causos” da explosão, marcada pelo gênero “realista-romântico” (SARLO, 2007).

Lourdes Cosso, por exemplo, relata que se atrasou para o trabalho naquela “manhã brilhante” e estava do lado de fora da oficina quando aconteceu o estouro. Machucou-se, não gravemente, sofrendo dores após o impacto e ficando afastada do trabalho por quarenta dias. A fatalidade deixou marcas na sua memória. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 53).

Almerinda da Silva Hora, cujo marido era operário da fábrica, apesar de ter perdido a irmã reconhecida apenas “pela aliança e trapos do vestido”, narra, detalhadamente, o acontecimento que salvou sua vida.

Engraçado que na FEEA, primeiro entrou... Eu morava na casa da minha mãe. Eu tinha loucura pra fazer uma casa. (...) Abriu vaga pra mulher. Eu falei: “eu vou entrar na FEEA”. E eu tava esperando, num sabe? (...) Mas eu toda vida fui fortuna. Então eu fui fazer os exames, fiz o exame, tá, tá, passei. Entrei, comecei a trabalhar, tava na época de, de,... de guerra. (...) Aí um dia o encarregado chegou, “xô” vê se eu “alembro” o nome dele [baixa a cabeça]... Ernani, é o Ernani mesmo! Chegou e falou assim: “D. Almerinda, o coronel Ramiro tá te chamando”. Falei: “Que que o coronel Ramiro quer comigo? Aí eu fui. Ele falou: “A senhora é Dona Almerinda? Falei: “Sou”. A senhora tá trabalhando? Falei: “Tô”. Que máquina que a senhora trabalha? Falei: “Eu tô lá na polição”. Ele foi e falou assim: “A senhora sabe que as senhora num... A senhora tá grávida?” Falei: “Estou”. “A senhora sabe que dona grávida não pode trabalhar na polição?” Falei: “Num sabia não senhor”. “Mas se a senhora tava grávida por que a senhora num falou?”. Eu falei: “Eu fui no médico, doutor. O médico me examinou. [corrige] Coronel”. (...) Ele foi, falou assim: “Olha, por que a senhora quis trabalhar?”. Falei: “Eu quis trabalhar por que o ordenado do meu marido não dá e eu quero fazer uma casa, coronel” (...). Ele foi falou assim: “Mas não pode não. Vou te dar três meses, cê vai pra casa... Nós precisa de soldado!”. Falei: “Soldado eu já tenho um, mas não tem idade de servir” [risos]. (...) “Eu vou te dar três ‘mês’, e no fim de três ‘mês’, (...) ‘cê’ vem cá, que eu vou te... dar um jeito de te ajudar a arrumar uma casa”. Falei: “Pois não, coronel, muito obrigado”. (...) Quando foi dois ‘mês’, ele foi transferido pra Fernando de Noronha. Perdi a casa. Eu tive que sair do serviço e perdi a casa. Mas ganhei a vida, porque a minha irmã entrou (...), trabalhou seis meses só e houve a explosão. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 17).

Vicente de Paula Teixeira, branco, com mais de sessenta anos de idade, teve sua entrevista registrada por cerca de meia hora, em 14 de outubro de 2004, com presença de alunos. Como seu pai trabalhou na Fábrica de Espojos e Espoletas de Artilharia (FEEA) e ele também, não deixa de narrar a tragédia que lá aconteceu, mas da qual não foi testemunha. Nessa elaboração, a entonação vai tendendo ao “causo” com atualização.

A explosão, a grande explosão de 1944 [pausa] foi em março. Eu tinha... seis meses, a minha mãe tava grávida do segundo filho que é o padre Zé Geraldo, que é meu irmão que é padre e... o meu pai escapou, escapou, por causa de um cigarro. Então, pessoas dizem que o cigarro mata mas meu pai foi salvo por um cigarro porque dentro da, da, da oficina que explodiu, na oficina que explodiu não podia fumar. Ele saiu pra fumar no momento que aconteceu a explosão. Então eu falo, se o meu pai tivesse morrido na época, minha mãe podia ter casado, né, de novo, mas eu seria, seria eu e outro irmão. Então a herança seria dividida só para dois. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 06)

Se a maioria das pessoas se emociona e se lembra de uma ocorrência no dia, Sebastião Clemente de Souza, por sua vez, mesmo enfatizando a data e a impossibilidade de se esquecer da tragédia, não faz nenhuma descrição emotiva do fato, ainda que tenha perdido

uma pessoa próxima. “Inclusive eu era noivo, naquela ocasião eu perdi a noiva” (Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 20).

A “gestão” da memória dos moradores de Benfica para o “desastre” da explosão é múltipla porque cada um comenta sua experiência do evento diante do contexto da gravação. Falar daquele momento mobilizou dores para alguns, foi indiferente para outros, desencadeou novas ligações e recriação das histórias. Mas, considerando Pollak (1986), mesmo com variações, existe sempre um *noyau dur*, um *leitmotiv* que se mantém. No nosso caso, para aqueles que tinham laços com a fábrica, o fio condutor foi a referência espaço-temporal, o cenário nefasto e a data cravada na memória das pessoas, até mesmo daqueles que não presenciaram como Cel. Ribeiro e Vicente Teixeira. O memorial das vítimas acidentadas, erguido no interior da fábrica, e as homenagens anuais, serviram para alimentar esta referência.

Neste *elo*, a fábrica de munições, deparamo-nos com a situação em que estávamos mais “programados” do que o entrevistado. Para nós, uma entrevista com o militar diretor da Imbel pouco teria de surpreendente e resguardaria uma entonação formal, já que ele era uma autoridade de fato. Entretanto, a *disponibilidade* do Cel. Ribeiro à *conversa*, que gravamos por horas, permitiu ao gestor sair um pouco dessa posição ao revelar curiosidades, emocionar-se e colocar-se diretamente como protagonista e crítico da história da fábrica que completava naquele momento, setenta anos.

O caso da produção na Segunda Guerra é o mais apropriado para exemplificarmos a explanação acima. Enquanto os operários antigos assinalavam o esquema de produção alta, com três turnos funcionando ininterruptamente e a sensação de contribuírem na guerra, Cel. Ribeiro conta, sem ressalvas, que toda a munição produzida naquele período ficou estocada, devido à aliança de Getúlio Vargas com os americanos, sendo utilizada para treinamento do exército brasileiro até o período em que ele chegou à fábrica. Comenta que a outra época “áurea” de produção ocorreu na Guerra Irã-Iraque, nos anos 1980. A Imbel fornecia armamento ao Iraque que perdeu forças e “deixou de comprar a munição e deixou também de pagar aquilo que já tinha encomendado antes”, “complicando” as coisas (Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 29).

Já vimos, anteriormente, que Cel. Ribeiro não poupa críticas ao modelo de administração que está à frente. Ele disponibilizou e leu para nós o Livro Histórico da Organização Militar, muitas vezes, parecendo dominar todo aquele conteúdo e ter vivido na

fábrica desde a colocação da pedra fundamental. Trata-se de uma “memória herdada”, mais “enquadrada” pelo sujeito José Souza Ribeiro do que pelo Coronel, como podemos entrever no trecho abaixo.

Cheguei aqui engenheiro novo, aprendi a exercer a minha profissão aqui, fui instruído por mestres que também estiveram trabalhando comigo diretamente na prática, né, engenheiros e não-engenheiros e fui acumulando é... conhecimentos e técnicas e, ao mesmo tempo, me relacionando com as pessoas aqui, de modo que isso aqui passou a ter uma importância muito grande. Quando eu falo em Fábrica Juiz de Fora, não é uma instalação, é um conjunto de lembranças, de atividades que se modificam no dia a dia. Cada dia que eu chego aqui tem uma coisa diferente pra eu fazer. Então isso aqui é uma extensão da minha casa. Isso aqui não é o lugar onde eu trabalho, isso aqui é o lugar onde eu moro (Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 29).

A fábrica, segundo o Coronel, contava no momento da gravação com cerca de duzentos funcionários. A grande instalação à entrada de Benfica, margeada por duas vias movimentadas – a avenida Garcia Rodrigues Paes, conhecida como Acesso Norte, e a avenida Presidente Juscelino Kubitschek – diante da sua subutilização, não passa de uma “tradição fossilizada” (COUTINHO, 2002). “Hoje a gente vê aquilo lá, aquele patrimônio parado, a gente fica até com vergonha” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 20), comenta Sebastião Clemente, o ex-funcionário e combatente.

#### **2.3.4 *Vida comunitária e política***

Não existe comunidade sem política. Tomando Bakhtin (2006) ao se referir à comunidade linguística e as disputas ali intrincadas pelo significado do signo, a vida da comunidade de um território também pressupõe a existência de trocas e disputas por sentidos, trespassadas por arranjos ideológicos em permanente movimento por causa dos contextos em que estão circunscritas. Diante do exposto nos depoimentos das sessões anteriores, a vida comunitária em Benfica até os anos 1980 era crivada por segmentos que se inter-relacionavam: os proprietários das terras, a igreja católica e os militares. Posteriormente, os comerciantes. Verifica-se a influência destes grupos nas mais diversas instâncias da vida social da localidade: na caridade, na festa e nas associações.

A Família Barbosa era proprietária de todas as terras que abrigam a região censitária de Benfica. Coronel Francisco Martins Barbosa e seu filho Ludovino foram vereadores de Juiz de Fora. Os herdeiros entrevistados, Conrado e Anésia Barbosa, mencionam um pouco do envolvimento da família na comunidade.



O pai, Antônio Martins Barbosa, segundo Conrado, foi presidente da cooperativa de leite de Benfica. “Mexia” com gado de corte, gado de leite e plantação de milho e feijão que dava para o “custeio da fazenda” e para venda. Parte das terras da família, na região denominada Caracol, foi vendida, assim como outra parte, desapropriada para o Distrito Industrial. Ainda assim, eles conservam uma boa quantidade, numa região cada vez mais urbanizada<sup>90</sup>. “Nós aqui em Benfica temos 25 alqueires de terra”.

A irmã Anésia Martins Barbosa, aos 67 anos na gravação, fala o nome da mãe, Maria Pereira Barbosa. Descreve as “casas agarradinhas” que existiam antes da praça, com “janela baixa”. Conrado lembra que a residência do bisavô era a “casa melhorada” dali. Anésia privilegia no seu enunciado as relações familiares e sociais. Fala que o pai era um homem “muito sério”, que “gostava do pessoal, com boas amizades”, mas tinha um “sistema dele”, de não fazer muitas visitas. Apenas frequentava as reuniões da igreja. Saía todas as manhãs bem cedo pra ver a “tiragem” do leite. Ela olha para a fotografia do pai no cavalo branco em um porta-retratos em cima do móvel e lembra-se do nome do animal, “Ouro Fino” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 26).

Conrado, por sua vez, destaca o empenho do pai na construção da igreja.

Com a chegada da FEEA aqui, no local em Benfica, então apresentou um padre redentorista aqui da Igreja da Glória, pra construir uma... igreja aqui em Benfica, que é essa Igreja Imaculada Conceição. Então é,... esse padre, chamava-se Padre Gabriel Van Wik<sup>91</sup>. Ele... todos os dias quase ele vinha aqui em casa, vinha tomar leite etc., porque nesse tempo nós tínhamos gado de leite, então ele vinha tomar leite e tal, voltava novamente para a... pra construção da igreja, sabe. (...) Então meu pai, ele, ele tomou muita... muito interesse em... em construir a igreja. Aí ele forneceu para a igreja toda a pedra que a igreja necessitaria, sabe. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 27)

O Coronel José dos Santos Calheiros foi diretor da Fábrica Juiz de Fora. A ele são atribuídos os laços estabelecidos entre a empresa e a comunidade porque ele construiu a infraestrutura para os operários da fábrica e estendeu os serviços à comunidade: vilas de casas, maternidade, creche, maternidade, o cine Auditorium, a escola Almirante Barroso e o encanamento de água potável para a região.

---

<sup>90</sup> Com o falecimento de Conrado Barbosa, os herdeiros venderam as terras. Em 2012, a prefeitura com recursos federais construiu uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA Norte) no local e a antiga casa da fazenda onde realizamos a entrevista foi demolida.

<sup>91</sup> Ele fala “uik”, mas a pronúncia correta é Vik e a grafia Vijk ([www.provinciadorio.org.br/destaques?secao=memoria&pagina=destaques&id=15](http://www.provinciadorio.org.br/destaques?secao=memoria&pagina=destaques&id=15)), acesso em 12/11/2013.

As escolas e o abastecimento de água fornecido pela fábrica são lembranças recorrentes entre os habitantes mais velhos. Com relação ao colégio, recordam-se das dificuldades porque não havia outros na região e elogiam a qualidade do ensino. Sobre a água, todos falam que a fábrica fornecia, mas também controlava o abastecimento, o que não é oficialmente confirmado.

A família Garcia, cujo patriarca Cel. Jeremias Garcia dá nome à praça principal do bairro, era a proprietária de toda a área central da região, o “miolo”, ou seja, a primeira área urbanizada. Entrevistamos seus netos, os irmãos Fernando Nogueira Garcia, Josina Garcia de Carvalho, conhecida como Zizi, e Silvia Nogueira Garcia Mauraz. Foi uma hora e quarenta minutos de gravação, realizada em dois momentos. O primeiro aconteceu na casa da Zizi, no dia 24 de fevereiro de 2005 e o segundo, no dia 3 de março de 2005, no Centro Cultural de Benfica<sup>92</sup>.

A entrevista foi realizada com os três juntos. Zizi era a mais velha, aos 76 anos. Fernando tinha 64 e Sílvia, 60. Houve um contato anterior feito por uma das alunas do projeto, Roseane Rodriguês. Fernando Garcia lhe deu um material impresso com as informações que recolheu da família e também da história de Benfica, algumas fornecidas pelo *memorialista* Vanderlei Tomaz. Ele estava com este “resumo” às mãos para a gravação. De forma descontraída, os três discutem para decidirem quem vai falar. Assim que se apresentam, passam a palavra à irmã mais velha Zizi. “Somos todos filhos de Sebastião Garcia e Cecília de Paiva Delgado Garcia, moradores aqui de Benfica, fundadores, quase, do local, né” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 42). Fernando fala como a família ficou proprietária das terras.

A família adquiriu de uma outra família que estabilizou aqui que foi do... Francisco Martins Barbosa, conhecido como Coronel Francisco Martins Barbosa. Ele veio com a família dele pra cá, construiu uma fazenda aqui, que hoje é a praça de Benfica (...) e posteriormente a nossa família, família Garcia, adquiriu as terras da fazenda e as terras do Coronel Martins Barbosa. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 42)

Já no início da entrevista, Zizi esclarece que eles têm pouco a dizer sobre os avós.

Nosso avô que era conhecido como Coronel Jeremias Garcia, pode falar a origem dele? [respondo que sim] Era de origem cigana. (...) E nossa vó, Inês Pereira Garcia, de origem portuguesa. Eu não sei quase muita coisa sobre eles porque quando eu nasci meu avô já tinha falecido há três meses. Meu avô faleceu no mês de maio de 1928 e eu nasci no mesmo ano, mas em agosto. Então, pouca coisa eu sei sobre ele,

<sup>92</sup> A família Garcia e Vicente Teixeira possuem parte da entrevista realizada neste espaço porque citaram-no de forma incisiva como importante em suas lembranças. Entretanto, este elo foi silenciado e será descrito à frente.

né? Agora eles aqui não sei se sabem alguma coisa, porque são bem mais novos que eu. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 42)

Este trecho demonstra uma preocupação com o que está sendo gravado, como também evidencia que toda a narrativa sobre o passado da família quando era dona das terras de Benfica não faz parte da vivência deles, logo, são *elos* que eles tomam de outras pessoas.

Do mesmo modo que Fernando citou os Barbosa, o descendente desta família, Conrado, mencionara os Garcia antes, atribuindo a estes o povoamento da região.

Então o pessoal dos Garcia, sabe, lotearam essa parte toda aí, pegaram e venderam tudo. Então onde que aqui ficou... uma cidade, né? E a Dona Berenice, sabe, que era dona dessa parte aí do Bairro Araújo também vendeu muitos lotes aí e tudo. Então... foi povoando, povoou muito. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 24)

Entretanto, Zizi disse que o loteamento foi feito “paulatinamente”. E Fernando completa. “A família começou a vender, colocar tudo fora por necessidade ou não, mas contribuiu para a expansão de Benfica porque começou a vir pra cá profissionais de todos os ramos, né? Começou então o progresso” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 42). Descrevendo a região, eles se lembram de poucas casas, trilhos e vendas. Fernando conta que Benfica era um “lugarzinho tranquilo”, com um comércio bem “acanhado”. Para ele, o desenvolvimento acontece mesmo na década de 1950, sendo que nos anos 1960, “já tava quase tudo vendido mesmo”, favorecendo o surgimento de indústrias, linhas de ônibus, peruas para transporte de passageiros, além dos trens “Penido” e “Xangai”. Isso contraria a informação do resumo, também verbalizada por Vanderlei Tomaz, de que o “impulso” ao crescimento de Benfica acontecera nos anos 1940. Apesar de Fernando Garcia ter nascido em 1941, ele afirma que a praça já estava projetada no ano anterior e foi urbanizada no governo do prefeito Olavo Costa (1950-55).

Sebastião Clemente, entrevistado já mencionado, versa sobre os fazendeiros proprietários das terras de Benfica incluindo a família Garcia. “Tudo pertencia a eles mas,... de acordo que foi morrendo foi acabando, que os filhos nunca, nunca continua os troço dos pais né? Primeiro, que eles são criados na base do dinheiro do pai. Pai morre, eles começam a vender” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 20).

O sobrenome Garcia não foge à memória dos moradores de Benfica porque existem várias ruas com o nome dos herdeiros, além da praça que leva a alcunha do Cel. Jeremias. Sebastião Clemente, por exemplo, mora na rua Paulo Garcia. Isso não parece ter importância para os entrevistados da família. Fernando, inclusive, não sabe nem onde são as

ruas e “dispensa” essas homenagens. Zizi, por sua vez, brinca com a ocorrência. “As ruas aqui todas tem nome da família. Então eu sempre digo: o último que morreu foi o papai, então, sobrou uma ruazinha com o nome dele, vocês tem que andar bem devagarinho, se não a rua acaba. [risos]” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41).

Durante toda a entrevista tentamos incentivá-los a falar mais dos avós e dos tios, mas o que predominava eram suas experiências, a infância, a adolescência e o exemplo do pai, exaltado por Fernando.

Ele trabalhava na prefeitura aqui, como fiscal da prefeitura e resolvia o problema aqui de Benfica, eu posso dizer... Noventa por cento dos problemas de..., problemas é..., papelada de escritura, contrato, de Benfica, ele resolveu, todo mundo. Ele era um homem que nem assentar pra almoçar não podia. Acabava de sentar, batiam na porta, chegava: “Ô, eu vim aqui pro senhor ver se resolve o problema daquela minha escritura”. Não tinha sossego. Era um homem que a vida inteira trabalhou pra comunidade e ajudando as pessoas, entendeu. Meu pai foi realmente um homem fantástico, tenho muita saudade dele. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41)

Zizi acrescenta as relações comunitárias provenientes da dedicação do pai.

As pessoas a quem ele ajudava agradeciam com... o que eles tinham em casa, né? Farinha, leiteíinha [risos], franguinho, queijo e outras coisas né? Que só eles lá mesmo que sabiam o que gostavam e o que queriam dar de presente ao meu pai como agradecimento. E ele ficava tão satisfeito com essas coisas (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41).

Quando revemos todo o material bruto dos Garcia, percebemos que eles não estavam confortáveis com a câmera. Eles me conheciam desde criança e morávamos na mesma rua, mas isso não fez muita diferença. Fernando tentava contar a história de seus parentes, sério e guiando-se pelo documento por ele elaborado. Zizi fechava os olhos para ajeitar as lembranças. Sílvia ficou mais calada. Zizi quebrou as formalidades e roteiros quando tomava a palavra para contar os “causos” de infância, às gargalhadas.

Tinha uma coisa muito interessante. Ele (o pai) ficava sentadinho na varanda, aí todo mundo vinha e cumprimentava. Ele dava um tempinho, ia lá dentro, lavava a mão bem lavada [risos]. Aí, quando vinha alguém e pedia... uma esmola, qualquer coisa. Ele falava: “Olha, eu não tenho agora pra te dar não, mas aquela senhora que mora naquela casa ali [ela aponta simulando o pai, perdendo a voz de tanto rir] é muito caridosa, o que cê pedir, ela vai te ajudar [risos] (...) Ele saía da varanda porque não sabia o que ia acontecer. São recordações infantis, mas são recordações, né (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41).

O poder político da família não sai da memória e tem confirmação material. “Uma coisa que nós não esquecemos é que vovô foi vereador,... dois mandatos, tem as fotografias no

livro”, comenta Zizi (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41). Mantendo a política como mote, ela cita a prima Carmem Garcia Halfeld.

Carmem Garcia Halfeld era viúva de Inácio Halfeld, o vereador que “nunca perdeu eleição”, segundo Edson Reis (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41). Citado frequentemente pelos moradores antigos e exaltado pelo *memorialista* Vanderlei Tomaz, valorizávamos o depoimento da sua esposa para o documentário. Entrevistamos Carmem no dia 22 de abril de 2005, por menos de meia hora. Ela tinha 86 anos de idade e já estava com a saúde debilitada, lembrava-se de muita coisa, mas falava com um pouco de dificuldade. Ela conta que Benfica tinha gente “pobre mesmo” porque depois da morte do avô, os herdeiros venderam “barato”. Na fazenda, segundo Carmem, havia “casas de pobre” que o avô alugava para “gente mais simples”, “quase que de graça” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 45).

Sobre o marido, relata que foi empregado da Fábrica Juiz de Fora, por muitos anos até se aposentar. “Mesmo como vereador ele continuava na FEEA”. Quando perguntamos sobre a vida política dele, ela responde espontaneamente. “Vereador, ninguém queria não, tá! [sorri] Quase não ganhava nada, né? Muitas vezes o Inácio não tinha carro pra ir, ia de ônibus pra sessão”. Ela fala que o Halfeld tinha “dom” para ajudar os outros, fazia “caridade a muita gente”, “dava remédio e tudo”. Os “companheiros” incentivaram-no a se candidatar. Fernando, meu parceiro do projeto, pergunta se ela gostou. “Gostei que eu também gostava de ajudar os outros”. Cita o período em que ela ia nas casas, “na varge”, para “ensinar a pessoa encher papel”, “fazer” títulos de eleitores (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 45).

Uma ação de Inácio Halfeld lembrada por muitos moradores antigos era as doações no dia de Santo Antônio. Carmem relata que retiravam os móveis da casa para armazenarem os cobertores que eram distribuídos, dois mil. Também forneciam leite e pão aos pobres. E havia uma missa na varanda. Outra recordação do marido era o atendimento a gestantes. “Mulher pra ter neném era toda noite. Pronto-socorro não atendia ainda, né? Inácio que tinha um carrinho velho (...) Inácio ia pra cidade com a mulher pra ter neném”. Pergunto sobre o que ele realizou além da caridade. Ela fica em silêncio. Depois diz: “Muita coisa a gente não lembra assim na hora” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 45). Diz que muitas pessoas ainda procuram a sua casa para ajuda. Tece um comentário a respeito da política atual na região, que é compartilhado pelos moradores antigos. “Agora aqui em

Benfica não fez um vereador, uma vergonha, né?” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 45).

A força política de Inácio Halfeld é atribuída à Sociedade Amigos de Benfica por alguns habitantes idosos. Maria Luíza Pereira acabara de completar 70 anos. Seu depoimento foi tomado em 27 de fevereiro de 2005, por quase 30 minutos. Filha de Joaquim Belmiro e Albertina Nunes Pereira, que chegaram à região em 1929 e 1930, respectivamente. Conhecida como Ziza, conta que houve uma articulação política em torno da candidatura de Halfeld.

Seu Inácio Halfeld era um funcionário da, da FEEA né, tinha um bar aqui em Benfica, depois a Sociedade Amigos de Benfica. Ai falou que era pra, eles reuniram, os amigos, eles eram unidos mesmo que hoje eu falo, hoje em dia não são unidos. Eles eram unidos, eles reuniram na sociedade e falaram: “então vamos votar todo mundo, lançaram a candidatura de Inácio Halfeld pra vereador”. (...) Mas foi feito assim, uma seleção lá na Sociedade e lançou. Não é como hoje em dia, qualquer um é candidato não. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 33).

Entre os integrantes da Sociedade Amigos de Benfica que promoveram a candidatura do vereador estavam, segundo seu relato: Américo Pacheco; Chiquito, pai de Vicente Teixeira; Pedro Nagib, que também conseguiu ser vereador depois e o pai dela Joaquim. Segundo Ziza, o pai era um “conselheiro”, pois as pessoas contavam seus problemas para ele e a família tinha e mantém um “bom relacionamento” com a comunidade. “Minha família é uma família que viu Benfica crescer”, comenta (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 33). Ela e a irmã, Regina Pereira, sempre atuaram nos movimentos da região, na igreja católica e na política.

Procuramos histórias de outra liderança política, desta vez pertencente a outro campo, não era nem proprietário de terras, nem funcionário da FJF e não participou diretamente de nenhuma associação: Manoel Rosa, o padeiro, falecido em 1978. Quando citávamos o seu nome aos moradores antigos, era lembrado como alguém que atuou muito na vida comunitária, promovendo batalhas de confete no carnaval e ajudando nos bingos e leilões da Igreja, ainda que fosse “comunista”. Entrevistamos a família dele. A viúva, Maria Dias Machado, conhecida como Dona Filinha, que já passava de noventa anos de idade e pouco falava. O registro, com mais de 45 minutos, aconteceu 16 de outubro de 2004. Predominou o depoimento de Etienne Dias Machado Maia, a filha, com idade próxima aos sessenta anos. Ela participou da diretoria da Sociedade Pró-Melhoramentos de Benfica, assim como seu irmão Eli Rosa Machado, cuja morte acontecera em 2003. Este, chegou a ser presidente da associação.

Realizamos a entrevista na varanda da casa delas. A princípio, nosso interesse, pensando que os idosos evocam com mais facilidade, era nas histórias de Dona Filinha. Ela descreve como a família veio do bairro São Mateus, situado na região central de Juiz de Fora, para Benfica em 1943, com a ajuda do irmão dela que viu o estabelecimento à venda. Ela conclui que eles “progrediram bastante” e destaca a popularidade do marido. “Muito conhecido. E... ele fazia festa, ele promovia é...[a filha ajuda] batalha de confete. Carnaval sempre foi dirigido por ele, o meu marido. Ele gostava muito de festa” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 21).

Pergunto sobre a filiação partidária do Manoel. A filha responde que tinha gente com “essas ideias de oposição” e Dona Filinha fala que “ele era meio revoltado com a situação...”. Etiene tenta ajudar nas recordações, mas apropria-se da palavra de forma “anacrônica” (SARLO, 2007).

Ele participou de comícios, de visitas, quando Luís Carlos Prestes, né, esteve em Juiz de Fora. E ele chegou até a ser preso com a opressão tremenda, né, naquela Revolução, quarenta e três, não é? Trinta? (pausa) Foi quando tiraram João Goulart. Eu não tô lembrando bem. [eu falo “sessenta e quatro”] Em sessenta e quatro,... quarenta e seis, né não? [Fernando confirma a minha informação] Sessenta e quatro mesmo. Então foi sessenta e quatro, foi naquela ocasião, quando eles depuseram João Goulart. Inclusive aqui em Benfica tava faltando farinha, não só em Benfica, em Juiz de Fora tava faltando farinha de trigo e nós fomos a Belo Horizonte, pra poder arranjar uma cota de farinha de trigo lá, né (...) Quando nós chegamos lá, nós ficamos sabendo que havia é, é, uma ordem para que se prendesse todos os militantes do PC, né? E ele ficou por lá. Aí nós fomos ameaçados a ter que fechar a padaria, os militares, né, a Polícia Militar chegou na porta mesmo. Falou: nós vamos fechar a porta de vocês se o Senhor Manoel não aparecer ou então nós prendemos o primogênito dele. Não sei como o papai ficou sabendo, então ele se apresentou. Sempre houve muita repressão, né?... e com isso hoje a gente vê, né, que tem muita gente participando deste partido, talvez a ideia dele não fosse das piores. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 21)

Etiene conta que era mais velha e seus irmãos não participavam. Lembra-se de ficar “revoltada” pela maneira como família era tratada. “Qualquer coisinha que houvesse, eles iam lá em casa investigar, fazer perguntas pro papai e ele toda vida foi um homem muito correto, muito trabalhador...”. Acrescenta, respondendo a uma pergunta minha, que seu pai era “muito querido” pela comunidade, “independente de ideia política ou não”. Recordar-se apenas de uma “rixa” com um vereador da região, que foi a praça pública falar mal dele, mas como eram “conterrâneos”, retomaram a amizade depois da campanha. Entretanto, a “batalha de confete em Benfica acabou porque era promessa do outro e o pai dela deixou que ele organizasse. O vereador que Etiene faz questão de resguardar o nome em “consideração” não

realizou. Provavelmente era Inácio Halfeld, pois ambos nasceram no município de Santos Dumont. Ela sublinha a participação do pai em atividades religiosas embora não frequentasse. “Apesar de comunista, ele toda a vida ajudou muito à igreja (...) pagando carroto, na campanha de tijolos”.

De acordo com o relato da família, Manoel Rosa voltou a trabalhar ativamente na comunidade e Filinha justifica: “Não tinha nada pra provar contra ele (...) Ninguém não tinha nem coragem de fazer alguma coisa contra ele, né? Sabia que ele era bom, sabia que na hora que precisasse ajudar, ele tava pronto pra servir”. Depois dessa fala, ela tenta encerrar a conversa. “Acho que é só, né, Etiene?” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 21).

Passamos à gravação de Etiene com as fotografias da família. Já fora da posição de entrevistada, ela segue a conversa dizendo que a mãe sofreu muitas “perdas”. Adquire uma entonação nostálgica ao mostrar imagens de vários eventos como a gincana automobilística na praça e as batalhas de confete promovidas pelo pai. Etiene retoma, por conta própria, o assunto da atuação política dele.

A vida política do papai não interferiu de forma alguma na vida social dele não, cê tá entendendo? Ele fez um círculo de amizades muito grande, essas amizades continuaram, né, e... prestavam muita solidariedade a ele. Quer dizer que (...) é porque naquela ocasião o comunismo era declarado assim, uma coisa muito proibida, né? Mas essa, essa questão partidária, por ser comunista, isso aí não rotulou, não fez dele, é, não fez um rótulo pra ele não. Porque ele teve muitas coisas boas na vida dele, independente de política, não é. Porque o ruim é assim, quando a pessoa defende um *credo* político e é massacrado, é discriminado e ele não foi. Ele teve uma vida muito boa, uma vida social intensa, não sei se é porque ele tinha esse lado social muito aguçado, né, sempre é, querendo organizar, promover, né? Então isso aí contou muito. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 21, grifo nosso)

As falas sobre o “padeiro comunista” precisavam ser motivadas entre os moradores mais antigos. Ele não era citado espontaneamente. Na maioria das vezes, os depoimentos reforçavam as considerações da família sobre o seu relacionamento com as pessoas do bairro. Almerinda Hora, que foi uma das fundadoras do PMDB em Juiz de Fora, confirma.

O Seu Manoel Rosa era muito bom, Seu Manoel Rosa era bom demais. Manoel Rosa era... um senhor honesto né? (...) Ele era um homem humano, ele era humano o Seu Manoel. Era papo que ele era comunista, mas ele era bom demais. Até que se o comunismo for isso, podia voltar, podia ‘vim’. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 17)



Na análise de outro entrevistado, Sebastião Clemente, algumas atuações em Benfica são insubstituíveis.

Oh, se na prefeitura tivesse cem empregados daqui de Benfica, o Inácio tinha arrumado ao menos noventa. Nunca vi vereador bom igual aquele. Eles falavam: ele faz isso porque ele dá cobertor. Mas ele não dá do dinheiro dele, ele pede. Tá a vaga dele aí, ninguém... ninguém ocupa. Por que que quando ele tava vivo eles falavam? Tem o Paulino ali ó, (...) ele era “sãoocristão” aqui na igreja. Ele batia sino de seis horas, seis horas da tarde, nós sabia tudo que tinha aqui. Paulino morreu, a vaga dele tá aí. Não tem ninguém. (...) Puseram relógio mecânico, não adiantou. (...) De manhã cedo, você acordava (...) encontrava o Alípio, você fala: morreu gente. Ele ia na Fábrica pedir ao coronel, ia abrir cova lá em Igrejinha ou na Barreira. Quer dizer, tá a vaga dele aí. Que ver, o Jair, o Jair... como é que era? O Jair era o quê? [pausa] Ele também é a mesma coisa. O Jair chegou a fazer enterro de marido e mulher, todos dois doentes, um não sabendo que o outro morreu. O Coronel também dava apoio pra ele fazer essas coisas. Teve muita gente boa aqui em Benfica. [pergunta do Manoel Padeiro] O Manoel era um cara bom, mas,... que o Manoel gostava era de ser, como é que fala, caçador e... de outra, de outros, como é que fala? Do outro time. [Incentivamos a conversa] Naquele tempo tinha polícia, tinha aqueles troço, né? A linha dele era outra. [indago se Manoel era comunista]. Não. Não sei se ele era comunista. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 20)

Nesta passagem, Clemente toma efetivamente a palavra para si. Verificamos a mudança nos sistemas de referência do entrevistado. Durante toda a abordagem limitava-se a responder diretamente às perguntas, acrescentando levemente uma entonação opinativa. Neste momento, os *elos* acionados para a elaboração da lista dos bons cidadãos de Benfica são outros: as relações clientelistas, a importância da igreja católica e a influência dos militares no cotidiano do bairro. Quando pergunto sobre o único “comunista” da região, a palavra parece ainda proibida.

Ou seja, por quase toda a entrevista, Clemente não coloca emoção na sua fala. Na *gestão da memória* (Pollak, 1986) diante da câmera, nem a tragédia de perder a noiva alterou a entonação. Talvez, este enquadramento se relaciona com a posição de militar, que continua acionando os *elos* dominantes em boa parte da sua vida. Ele não *trabalha* (BOSI, 1995) a memória para reinterpretá-los com os elos do presente. Tanto que introduziu esta passagem com a seguinte fala “A verdade a gente nunca esquece”, antecipando a condição inquestionável do seu testemunho.

Almerinda, por sua vez, reinterpreta o passado ao falar de Manoel. Primeiramente, prefere recordar-se dele por seu relacionamento com a comunidade e sua integridade moral. Posteriormente, com os elos disponíveis na atualidade revê ideologicamente seu “julgamento” sobre os comunistas<sup>93</sup>.

<sup>93</sup> Ressaltamos que estas entrevistas foram tomadas no primeiro mandato do presidente Lula (2002-2006), operário, nordestino, do Partido dos Trabalhadores, considerado “comunista” pelos “tradicionalistas” em virtude

O conservadorismo político na região não é percebido pelas relações corriqueiras da comunidade, mas foi registrado em veículo impresso e tem suas ressonâncias nos depoimentos. Tanto a filiação de Halfeld à ARENA<sup>94</sup> quanto a de Manoel Rosa ao PC “pouco importava” aos moradores, segundo Domingos Sobreira Neto, já citado. Talvez isso ocorresse em virtude do que Almerinda identifica como elemento norteador das relações políticas e comunitárias daqueles tempos. “A política antigamente era fácil, que a política antigamente era na amizade” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 17).

Encontramos textos agressivos no jornal *O Pioneiro*, de José Alves de Castro, aos comunistas de Benfica, em especial ao Manoel Rosa e ao Padre Irineu. Por isso insistimos no tema do preconceito à família do padeiro, citando o jornalista. “Esse aí, coitado, morreu cedo”, responde Dona Filinha. “Falava de Deus e todo mundo também, né? [risos]”, completa Etiene.

Mesmo com o fim do regime militar, falar abertamente sobre o comunismo ainda é tabu entre os moradores antigos, restando à descendente, Etiene, a incumbência de detalhar o fato proibido. Por outro lado, Domingos prefere nem entrar na celeuma. “Eu não posso fazer comentário. Na época, eu tinha amizade não só com ele [o jornalista Castro] como com as pessoas que ele acusava. (...) Jamais tomei partido entre ele e os outros amigos que ele chamava na época de os comunistas” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 52).

Além de Manoel Rosa, considerado um “batalhador”, Domingos cita Elói Rosa Machado, Mateus Venzi e Júlio Dias Passos, um “excelente barbeiro” como as pessoas de “ideias esquerdistas” que Castro considerava “comunistas”. Essas pessoas tinham uma atuação “normal”, “comum”, não incomodando a Domingos, até mesmo porque ele não é fácil de ser “doutrinado”.

O relato de Domingos assinala a repercussão das publicações do jornalista na formação da opinião pública.

Eu fiquei sabendo que eles eram comunistas, na rua, pelo povo, através do jornal do Seu José Alves de Castro. Mas pra mim, na época e ainda hoje, eu os via e os vejo, através da história, como pessoas que foram de extrema utilidade à comunidade, eles prestavam serviço público (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 52).

José Alves de Castro não conseguiu credibilidade junto aos habitantes porque suas publicações, ainda que resguardassem reivindicações de melhorias para a comunidade, eram

---

de sua trajetória.

<sup>94</sup> Aliança Renovadora Nacional (ARENA) foi um partido político criado em 1965 para amparar o governo militar no Brasil a partir do golpe de 1964

tomadas por críticas pessoais do jornalista. “Ele era terrível, polêmico” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 15), conta Filinto Andrade. Ziza afirma que Castro “brigava muito com a comunidade” e cita um artigo que ele publicou ofendendo o vigário, motivando uma mobilização “pacífica” dos moradores. Filinto, por sua vez, lembra-se do episódio que ele denomina “Revolta dos Católicos” e conta que o jornalista foi “agredido” na própria casa, versão confirmada por Domingos Sobreira.

Ao conversarmos sobre o jornalista com Domingos, eu me invisto de “autoridade” e entro diretamente em diálogo com ele, apesar de estar atrás da câmera. Isso, porque como recém-formada e tendo lido vários exemplares do periódico, José Alves de Castro praticava o avesso do que eu considerava jornalismo por ser extremamente opinativo. “Ele falava mal com todos os adjetivos às pessoas, até dos parentes”, comento. Domingos me dá uma “lição”. “Eu creio que isso é usado até hoje. Todo mundo explora o assunto do momento, né? Ele fala do pai, fala da imprensa, fala da mãe, fala do irmão. (...) Não acho que por isso ele deva ser criticado ou mal lembrado não. (...) Ele foi interessante pra comunidade.” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 52).

De fato, os poucos registros que encontramos da vida comunitária de Benfica no passado estão impressos nas raras edições do jornal *O Pioneiro*, que circulou de 1934 a 1978. Pensamos que a contribuição ideológica principal do veículo tenha sido para difundir a ideia de “independência” no imaginário da população.

### **2.3.5 Festas populares**

A primeira gravação em mini-DV, discutida e produzida com os alunos do projeto *Benfica da gente* foi a *Festa de São Cristóvão*. O evento organizado pela comunidade de Nossa Senhora de Fátima era menos remoto do que as comemorações da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição. Estava na sua 45ª edição. Entretanto, no entendimento do grupo, esta festividade era, assim como o *Torneio Leiteiro*<sup>95</sup>, um acontecimento popular sobrevivente diante das transformações que tornavam as festas populares abertas cada vez mais “perigosas” e de difícil realização em virtude de brigas e desmobilização da população para a realização. Ambas aconteciam no inverno.

No tocante à produção, os procedimentos foram bem realizados. Procuramos os fundadores vivos, conversamos previamente e agendamos com todos para o dia da Festa, 25

<sup>95</sup> Este evento foi gravado em Super-VHS e ficou como um exercício do grupo, sendo descartado para o documentário final e nesta análise, apesar de ainda acontecer, enfrentando dificuldades.

de julho de 2004, logo após a missa, na qual seriam homenageados. Eles compareceram e alguns alunos também participaram. A Festa de São Cristóvão era a nossa primeira atividade “profissional”. Entretanto fomos tomados por imprevistos. Tínhamos um cinegrafista, Leonardo Teixeira, para as gravações em Mini-DV. Exatamente no momento agendado para o registro dos depoimentos dos fundadores, ele não pode comparecer. A solução foi eu mesma, pela primeira vez, pegar na câmera e fazer a gravação. O resultado, tecnicamente, não podia ser dos melhores. Assim, dispusemos os quatro entrevistados à frente do altar e improvisamos a captação do áudio utilizando o microfone da capela agregado ao pedestal, tudo sem um fone de ouvido. O material bruto ficou bastante comprometido, com muitos ruídos externos, batidas provocadas pelo movimento do pedestal, além de imagens estouradas e com desfoque. Para o registro da procissão e dos entrevistados da festa à noite fomos salvos pelo retorno do cinegrafista.

Dos quase trinta minutos de entrevista com os fundadores, pouco poderia ser aproveitado com qualidade para a compreensão, mas a importância daquele encontro, reunindo idosos com dificuldade de locomoção que se disponibilizaram para aquela finalidade prevaleceu sobre a técnica. A entrevista, precária, produziu lembranças que, mesmo fora do vídeo final, são importantes nessa nossa análise sobre a *interpelação*.

Quem conduziu as entrevistas, majoritariamente, foi Fernando Rocha. O primeiro a falar, João Batista David, único negro entre os fundadores, certamente com mais de oitenta anos e quase cego, fez questão de demarcar a sua participação na ideia de realização da festa em Benfica.

O início da festa da Festa de São Cristóvão, que eu tenho a falar, foi quando eu fui em uma festa em Santos Dumont, eu estava com um amigo que já faleceu, chamava Júlio Dionísio Cardoso, aí nós vimos essa festa lá, muito bonita, lá. Aí nós vimos e falamos assim, nós vamos dar um jeito de fazer essa festa aqui na igreja aqui, na igreja aqui de Fátima. Mas a igreja tava em construção ainda, a igreja tava formando (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01).

João Batista parecia o mais aflito em terminar a entrevista, perguntando se “tinha mais alguma coisa para falar” depois da primeira rodada de perguntas. No entanto, adquire o *gosto pela palavra* (LINS, 2007) mais motivado pelo encontro e pelo cenário em que se encontrava do que pela condução do entrevistador. Tanto que vai se recordando de detalhes como todos os lugares e nome dos fazendeiros que procurava para recolher os donativos da festa naquele tempo, sem se importar com o roteiro que tentávamos seguir. Assim, os “causos” e “piadas” saem espontaneamente das suas reminiscências.

Ele domina mais de treze minutos de todo o tempo destinado aos fundadores, aproximadamente a metade da gravação. Chega a falar por cinco minutos seguidos. Ou seja, João Batista David toma a palavra para si, nem sempre se referindo à festa, mas a sua participação na construção da igreja de Fátima, seu envolvimento pessoal para a aquisição de bancos, inclusive recebendo carta de cobrança do marceneiro, rifando duas vezes o mesmo fogão, conseguindo a doação dos primeiros paramentos da igreja, das imagens etc. Suas lembranças não surgem datadas ou organizadas, elas vêm à tona, e ele simplesmente as externaliza, aparentemente, do mesmo jeito que elas apareceram em sua memória no momento da gravação.

“Isso aqui era muito bom, muito bom. Nossa mãe! Eu dormi muitas vezes aqui nessa igreja. Eu dormi aqui, o Jair dos Reis, Deus tenha ele em bom lugar, tomava uma pinga, coitadinho. Deus tenha ele em bom lugar. É meu compadre, mas muito bom. Ali tomando conta do barracão de... com as carnes de churrasco e eu vigiando, eu aqui dentro da igreja enrolado num tapete ali, numa friagem que essa igreja aqui, aqui é muito frio. E eu de vez em quando falava: ô Jair, ô Jair, com medo. Não! Tô comendo churrasco, tô dormindo não, tô dormindo não [respondia o jair]” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01).

João Batista narra a sua participação na construção daquele espaço onde estava inserido no momento da gravação. “Assim era minha luta. Graças a Deus eu tinha coragem, eu tinha muita coragem para lutar. Eu lutava e tinha jeito, eu falava assim, eu vou pedir isso e vou pedir” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01).

O segundo a falar foi Cristóvão Augusto. Nascido no dia do santo homônimo, completava 83 anos no momento da gravação. Ele comenta como buscou a imagem, em São João do Meriti, no ano de 1959, e quem compunha a diretoria da festa. Suas falas são curtas. Ainda que se lembrasse de muitos nomes e tenha levado fotos antigas nas quais via os amigos já falecidos, Cristóvão dizia ter “esquecido” muita coisa. Entretanto, o momento da gravação lhe proporcionou um reencontro com as sensações do passado e uma breve reflexão sobre o tempo.

O prazer que eu tô sentindo aqui é mesma coisa que eu senti da outra vez, até mais até, que a gente vai ficando mais velho, né, vai tendo mais amor a umas coisas, né, vai tendo mais perseverança nas coisas, né? [pausa] Mas tudo é um prazer da gente fazer isso, muito prazer. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01)

Olício Ribeiro, único motorista de caminhão, também próximo dos oitenta anos de idade, dá outra versão à origem da Festa.

De repente reuniu, que a primeira que eu vi foi... Ela era feita em Ewbank da Câmara. Então, João Lourenço lá de Ewbank, ele pegou, tinha um caminhãozinho,

daqueles caminhãozinho de madeira, e levou lá pro transporte onde que nós ‘trabalhava’, transporte Faixa Azul. Aí, o falecido compadre José ‘Antonho’ deu na cabeça, num sei, juntou com o Seu Júlio e a turma aí, diversos, né, onde é que surgiu a festa... O que eu sei é assim, agora o resto muitas coisas passam e a gente não sabe, o tempo né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01)

Lembrado por João Batista, Olício resolve apresentar as suas contribuições para a construção da igreja de Fátima no meio da sua fala sobre os caminhoneiros na organização da festa.

Olício Ribeiro: Eu saía, pedia nessas casas de ‘peça’ pneus, os acessórios todos, arrecadava isso. Nós também ‘tinha’ as listas que saía. Agora nas listas nós ‘tinha’ uma dificuldade. Tinha gente que a gente pedia, eles falava que não era caminhoneiro, que a festa era dos caminhoneiros.

João Batista [interrompe]: Não esquece do telhado!

Olício Ribeiro: Tem um negócio também, o telhado dessa igreja, eu é que puxei ele de caminhão. Busquei lá de... Tiradentes, lá perto de São João Del Rey né? Então, eu tinha prometido, feito uma promessa, intenção né? Dei uma primeira viagem, fui lá, busquei. Depois, então, Seu Júlio Dionísio me pediu pra trazer a outra, a outra ele me pagou. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01)

Ele ressaltava a organização, no início, dos caminhoneiros junto ao “pessoal da igreja”, que se alterou com o tempo.

Teve uma época que a gente foi ficando meio afastado, que o povo “entraram” na frente tirando a gente da coisa. Eu fui e fiquei... meio parado (...). Só uma coisa que a minha fé nunca acabou, toda a minha vida tive a minha fé em São Cristóvão. Eu falei: eu vou afastar, mas a minha fé não afasta. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01)

O caçula entre os fundadores da Festa de São Cristóvão a participar da entrevista era José da Lima Silva. Conhecido como Zé das Moringas por ser filho do português dono da primeira cerâmica local, ele tinha pouco mais de sessenta anos no momento da gravação. José se atém a responder diretamente às perguntas, mas suas falas estão carregadas de nostalgia. Ele cita a maior participação dos caminhoneiros e a comissão organizadora da festa que mal terminava o evento já elegia a nova diretoria para trabalhar durante o ano inteiro.

A *interpelação* feita com os quatro simultaneamente permite que um retome o *elo* desencadeado pelo outro, como fez José.

Complementando o que o Senhor Olício falou, é... as firmas davam muitos brindes pra sorteios, eu ainda tenho até uma carteira ainda que foi dada pela Goodyear [tira o objeto do bolso da camisa] da Goodyear, ainda preservo ela até hoje, né [sorrisos]. Eles davam pneus, acessórios, volante, acessórios em geral para caminhão. E a gente sentia aquela vibração, uma vibração do... da comunidade, né, a gente sentia igual eu

falei com você ontem, teve uns anos que nós, foi até pensado em tirar a festa daqui de frente à igreja, porque aqui o espaço era pequeno. Não sei se o senhor lembra disso, Seu Olício, as festas... teve uma ocasião que foi falado em fazer a festa ali no Distrito Industrial, porque ali era um, uma... era uma várzea e tinha mais espaço para fazer as festas. Que vinha gente mesmo dessas cidades tudo de fora aí, ao redor aqui de Benfica, participar dessa festa. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01)

José, diante dos outros testemunhos, também destaca o seu envolvimento direto na festa.

José Silva: Eu não me lembro aí qual foi o ano, mas eu também carreguei a imagem de São Cristóvão num fusca que eu comprei dum que também participava da festa também que era o... era o...

Olício [completa]: José Tomaz.

José Silva: José Tomaz, José Tomaz. (...) E também levei num caminhão que a gente tinha, um Chevrolet 50. Não achei a fotografia dele não, não me lembro em que ano que foi. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01)

Eles trocam as fotografias entre si ao final da gravação, sendo que foi previamente combinado que levassem essas lembranças. José Lima também apresenta um adesivo de carro e Olício levou um chaveiro que era um brinde distribuído na festa.

Os depoimentos dos organizadores recentes foram tomados na rua, à noite, individualmente, somando dezoito minutos de registro. Dentro dessas condições, são mais superficiais, o que não impediu algumas considerações sobre a realidade de uma festa popular religiosa e de rua no presente.

Orlando Sofiati Silva, branco, provavelmente aos sessenta anos, era o coordenador da “parte litúrgica”. Ajudava também na administração. Havíamos conhecido anteriormente seu trabalho na novena com os caminhoneiros, que contava com um ônibus cedido pela empresa de transporte urbano da região, para que os católicos peregrinassem às garagens e postos de gasolina com a devoção. Acompanhamos esse período, com o aluno Michel Ribeiro, que integrava a equipe de animação, mas o registro em Super-VHS foi desconsiderado.

Ele informou que já morava em Benfica há mais de 12 anos. Orlando, destacou majoritariamente no seu depoimento a gratificação com o trabalho espiritual. “Principalmente nas novenas, nós levamos a oração àquelas pessoas que mais precisam que são os caminhoneiros, aqueles que são solitários, que estão sempre,... o amigo deles é o carro, a carreta”, reforça com o exemplo de caminhoneiros que adiam o banho para participarem da

oração nos postos de gasolina, principalmente (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01). O coordenador também sublinhou a “unidade” entre as comunidades para a realização da festa que é paroquial.

Sebastião Oliveira, na casa dos 50 anos, também branco, era coordenador “administrativo”. Um trecho do seu depoimento está danificado na fita. Porém, do material em condições, ficou o registro das dificuldades e das suas motivações para assumir a organização da festa. “Empresa nenhuma doa brinde hoje mais, você pede e eles não tem como doar brinde”, reclama. Por outro lado, argumenta que o seu envolvimento é religioso. “Unicamente e exclusivamente Deus, trabalho pra Ele e a recompensa com certeza é muito grande”. Fala, ainda, da necessidade de preservar o “patrimônio do povo”, referindo-se à capela de Fátima, porque ele recebeu essa incumbência de outros. “Nós temos uma tradição de ter que cuidar”. Encerra o depoimento com a citação de um salmo para justificar a sua disposição, mesmo deitando às três da manhã e acordando às quatro e meia, para buscar a banda de música. “‘Eu tinha deitado e adormecido, levanto porque o senhor me sustenta’ e de pé eu estou aqui” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01).

O terceiro organizador recente entrevistado, Maurício Dionísio Cardoso, branco, aos 58 anos de idade, era sobrinho de um dos fundadores, o motorista Júlio Dionísio Cardoso. “Quando meu tio começou a primeira festa (...) ele não sabia, a gente não fazia proporção de que hoje é uma Festa de São Cristóvão, uma festa muito procurada, uma festa tradicional mesmo e... cada ano ela vai ficando melhor”. Maurício diz que participa da festa há vinte anos, mas em relação à capela de Fátima, ajudou desde a pedra fundamental, aos 7 anos de idade, quebrando brita “na lata” e lembra-se da inauguração da igreja. “Essa igreja é nossa mesmo”. Apresenta outra versão para a origem da festa. “Essa festa começou que nós tinha aqui na comunidade um senhor que chamava Seu Cristóvão, ainda é vivo ainda. Então essa ideia começou entre eles e um grupo de amigos (...)”. Contudo, o fundador Cristóvão não contou essa história. Sobre o envolvimento dos caminhoneiros na organização, Maurício reclama. “A festa sendo deles, eles tinham que ter mais participação, né? Agora a procissão ajunta muito caminhoneiro, mas... eu acho que eles devia também dar bem apoio também na parte de é... de trabalho, né?”, cita como exemplo o “baile do caminhoneiro” que não é realizado mais. Ele afirma, reforçando a fala de Sebastião, que a maior dificuldade é a sustentação financeira da festa, porque as “firmas” ajudam com “pouca coisa”. E assim como os outros destaca como importante a “celebração” e a “parte litúrgica” das novenas, em que a comunidade se envolve (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 01).



Atualmente a Festa de São Cristóvão é realizada apenas por membros da Igreja, que fazem novenas nas garagens das transportadoras e das empresas de ônibus próximas a Benfica. Realizam o tríduo<sup>96</sup> com celebrações especiais. No domingo acontece a “tradicional procissão motorizada com benção”, reunindo menos carros, caminhões e ônibus que no passado. O evento grandioso, com fechamento de rua, show, barraquinhas e banda não é mais realizado.

A escola de samba *Rivais da Primavera* foi a segunda “produção” que gravamos, cobrindo desde a escolha da Rainha da Bateria até o desfile na avenida Rio Branco, no centro de Juiz de Fora. Resultaram em praticamente três horas de material bruto, sendo a maioria de imagens. Também houve pesquisa anterior desenvolvida pela aluna Rosana dos Santos, negra, maior de idade, que abandonou o projeto por conta de trabalho, embora sua avó tenha sido entrevistada. As sonoras consideradas para esta análise foram tomadas no “barracão” que, na verdade, era uma laje coberta da casa do integrante Carlos Cabral que não foi entrevistado. Os depoimentos foram gravados enquanto confeccionavam as fantasias, em 4 de fevereiro de 2005, acumulando cerca de uma hora de registro. O enredo da escola naquele ano, coincidentemente, era *Benfica de Minas: guardiã da história*, cujas referências foram balizadas nas pesquisas do memorialista Vanderlei Tomaz.

Começamos com a fala de Luzia, sem registro do sobrenome, branca, com sotaque carioca e próxima dos cinquenta anos. “Tem uma turma aí que vira a noite”, cita as colegas e informa que já está indo embora. Outra senhora, negra, de idade similar confirma que vai ficar direto. Luzia relata que no serviço “fica doida”, porque tem que ir logo para o “barracão” ajudar porque “adora”. Conta que veio do Rio, mas desde que chegou à Juiz de Fora está “envolvida”, há dez anos. Outra carioca, Débora dos Santos Palmeira, negra, da mesma faixa etária, diz que vem do Rio regularmente para ajudar no carnaval da escola em virtude das relações sociais que mantém com a escola.

Primeiro, porque eu gosto da escola, segundo porque fiz grandes amizades e a família do meu marido é toda daqui de Benfica. (...) Eles são unidos há muitos anos. A prima do meu marido, ela foi a primeira porta-bandeira do tempo que ainda era... Estação Primeira, né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 40).

---

<sup>96</sup> Três dias sucessivos de festa da Igreja Católica com programação específica relacionada ao Santo ou tema litúrgico abordado.

Conta que a família dela toda há quatro anos “deixa” o carnaval do Rio para trabalhar na Rivais, sem arrependimentos. “Não é sacrifício, te garanto, é prazer mesmo [risos]” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 40). Ela tem vínculo direto com “os Epiphânios” fundadores da escola de samba, e o marido, com “os Moreiras”, que têm um time de futebol.

A integrante seguinte é Cleuza Maria de Oliveira, branca, possivelmente na casa dos quarenta. Comenta que participa em várias funções no “barracão” e também reforça os laços com a escola: “Aqui é igual uma família minha”. Completa com a análise da importância daquela atividade para o bairro. “Eu acho que todo bairro devia ter uma escola pro pessoal se... é, tipo um time de futebol, a pessoa, todo mundo, tudo junto, ser amigo, (...) a gente não paga ninguém, tudo é voluntário”. Neste trecho, percebemos que Cleuza toma os elos mobilizados pela Débora para elaborar seu enunciado. Ao final, respondendo a nossa pergunta sobre a maior alegria, ela ressalta a entrada da escola na avenida. Ela também comenta que não tem nenhuma “doação”, a escola se sustenta por meio do “fórró”, “pagode” e festas que promove somado ao dinheiro concedido pela Funalfa (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 40).

Lúcio Carlos de Oliveira, se dizendo “mais conhecido como Nego Lô”, aos 44 anos, fala do seu amor pela escola que integra desde os dez anos de idade, levado por seu falecido pai. Ele se declara atuante em todos os aspectos. “Eu sou mais um dos integrantes que gosta de somar pela escola, fazer bonito pra gente ganhar os carnavais que é objetivo meu, e de todo mundo que tá presente no barracão”, comenta. Ele se recorda do pai ao mesmo tempo em que delineia um projeto de perpetuidade do trabalho na escola por meio dos filhos, consolidando uma herança geracional. “Hoje tá eu aqui, brevemente meus filhos tá participando já, tá tudo presente aqui, então, a situação continua né” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 40). O integrante também ressalta a importância do engajamento da comunidade para o sucesso da agremiação.

Rivais da Primavera vai ser uma das grandes escolas, dos grandes méritos de Juiz de Fora, basta ter apoio da comunidade, dos comércio, é, quer dizer, da situação todinha, né? Igualzinho agora, a gente tá falando do..., do bairro, tá falando da indústria, de tudo que tem em Benfica. Então eu acho que todo mundo devia participar, contribuir pra escola ficar bonita, quando chegar na..., na segunda-feira se Deus quiser Rivais é campeão, aí todo mundo quem foi campeão não foi a Rivais, foi a comunidade da Zona Norte, o povo de Benfica, todo mundo. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 40).

A entrevistada seguinte é a mulher do Lúcio, Rosemary, também negra, com seus trinta e seis anos, minimamente, segundo datas mencionadas no depoimento. Tomando o mesmo mote do marido, discorre sobre o valor da escola para a comunidade “A Rivals da Primavera é mais família, (...) Então, a importância da escola pro bairro seria se todos aqui do bairro participassem mais” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 40). Em seguida, também narra sua história de continuidade do legado da família, pois o pai, Luís Carlos foi puxador de samba da escola e a mãe, sem citar o nome, era costureira, ambos vivos, mas já sem saúde para contribuírem.

A última entrevistada é filha do fundador da escola, Regina Epiphânio, negra e com mais de sessenta anos, faz questão de demarcar seu protagonismo na história da folia no bairro. “Sou umas também que ajudou dar início ao carnaval aqui em Benfica, porque nós viemos de Lima Duarte e meu pai já mexia com o carnaval lá e... chegamo aqui nós demos continuidade nesse trabalho, que é maravilhoso, que todo mundo gosta [risos]” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 40).

Narra que o nome da escola foi uma mera casualidade, pois inicialmente a escola se chamava Primavera. Quando foram registrar a agremiação descobriram que havia outra escola com o mesmo nome em Matias Barbosa, cidade vizinha de Juiz de Fora e tiveram que adotar outra alcunha, tornando-se “rivals” daquela. Regina comenta que o desfile na comunidade acontece sempre depois da competição no centro, com a escola “desfalcada”. Segundo a fundadora, para ver a escola “perfeita”, tem que ir “lá em baixo”. Ao contrário dos outros entrevistados ela fala que a população local ajuda, tanto no trabalho quanto nas contribuições em “livro de ouro”. O “brilho” da fantasia é o que mais gosta no carnaval, ficando “feliz de ver a coisa que faz”. Lembra-se do integrante soldador que faleceu recentemente, emocionada.

Os depoimentos no barracão encerram com todos cantando o samba.

BIS

Rivals com muito amor  
vem mostrar o Carnaval  
e a Benfica de Minas Gerais

REFRÃO

Canta Rivals da Primavera  
Na passarela cheia de glórias  
Benfica, guardiã da história  
Orgulho de Juiz de Fora

Voltei no tempo, cheguei!

Índios puris encontrei  
 O bandeirante agredindo a natureza  
 Abriu estrada pra realeza  
 Viajando no lombo dos animais  
 Levando ouro das Minas Gerais  
 Fazendo Benfíca primeira construção  
 Francisco Martins Barbosa  
 Um elo na integração  
 Machado de Assis é romancista sonhador  
 Carlos Drummond fez um relato da revolução

Quantas saudades do apito do trem  
 BIS Na velha estação no vai e vem  
 Quem não se emociona quando espera por alguém

Poetas, jornalistas, escritores  
 Talentos mil saíram desta terra abençoada  
 Reconhecidos no Brasil  
 Tristeza pé no chão, ó melodia  
 No lirismo de Mamão tem poesia  
 Lindo Parque Industrial  
 Trabalhando pra valer  
 Mão de obra nacional  
 Fabricando carros pra vender

A composição naquele ano, curiosamente, foi de dois autores da Baixada Fluminense: Ronaldinho da Matriz e Ailton Villar. É um samba-exaltação do bairro com suas personalidades e “vocação industrial”, no qual notamos a ligação aos *elos* de Vanderlei Tomaz, embora o movimento emancipacionista tenha sido *silenciado* na letra.

### **2.3.6 O bairro-cidade e seus filhos**

Emancipado ou não, Benfíca preserva a área de “independência”, de “bairro-cidade”. Não faltam enunciados tomados por essa temática, dos jovens aos idosos. Já explanamos antes que José Alves de Castro foi considerado o grande líder do movimento ao declarar que seu jornal, *O Pioneiro*, patrocinava a emancipação de Benfíca de Minas, segundo o memorialista Vanderlei Tomaz. Também contamos o desfecho desta mobilização, contida em 1968. Ao tratar dos *elos tradicionais* vamos apenas ressaltar algumas ambiguidades expressas nos testemunhos que recolhemos.

O farmacêutico Aguilar Rodrigues Pimenta chegou a Benfíca “em sentido comercial” entre janeiro e fevereiro de 1960, segundo ele. Seu depoimento foi gravado na farmácia dele, por 40 minutos em 24 de fevereiro de 2005. Ele tinha 72 anos. Aguilar é outro

morador que descreve as dificuldades daquele tempo, principalmente com relação à saúde. Pela sua profissão, comércio e tempo em Benfica, era bastante conhecido. “Esse povo todinho passou pela minha mão” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41). A Nossa intenção clara ao abordá-lo, era que ele falasse da sua participação no movimento emancipacionista, porque o *memorialista* havia lhe indicado como liderança.

Mas eu, se você me forçar a dizer pra você, eu estou muito satisfeito com a situação atual, não é. Eu não vejo motivo pra falar isso aqui se fosse uma cidade seria maravilhoso, porque hoje, por exemplo, nós temos assistência pra todo lado aí, nós temos assistência da Cesama<sup>97</sup>, nós temos assistência desse posto aqui de Nova Era que nós podemos considerar como uma segunda prefeitura. Hoje nós estamos, em relação aquilo que era antes, quase que pertinho do céu. (...) Se for fazer um plebiscito aí, eu votaria contra ou a favor da emancipação disso aqui? Ou eu permaneceria neutro ou eu votaria contra. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41)

O que percebemos por essa fala e outras de Aguilar, é que ele não estava à vontade com a câmera e a entrevista. Organiza o depoimento de maneira clara e objetiva, mas atento às apropriações. Não quer se comprometer, principalmente com relação à política. Não nega seu envolvimento no movimento pela emancipação e também não confirma, após nossa insistência no tema. Prefere opinar sobre as condições do presente que fazem daquela possibilidade uma aspiração do passado. Entretanto, observa-se na sua narrativa o eco de Benfica independente ao afirmar que a região não precisa de nada. O personagem Aguilar não entra no documentário final, mas a voz daqueles que não acreditam mais nesta possibilidade reverberam no testemunho de outro entrevistado, Domingos Sobreira.

“Eu até na época fui um dos líderes, mas sem achar que nós tínhamos de fato condições de nos tornarmos município. Eu ajudei a colher assinaturas, coisa e tal, porque tinha amizade é, muito forte com o senhor João Novaes, (...) Então eu andei colhendo umas assinaturas de um documento que foi encaminhado à Assembleia Legislativa, lembro-me até de uma oportunidade que senhor João Novaes teria é, ido, eu fui com ele em Barbacena, na residência do governador Bias Fortes, para ver qual era a posição da reivindicação. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 52)

Na análise de Domingos, o movimento da emancipação ocorreu quando Benfica passava da condição de “aldeia” para “cidade” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 50). Apesar de ter “lavrado” a ata fundadora do movimento derrotado, na passagem acima, ele ressalta que sua adesão foi mais por amizade do que por convicção. Ele organiza

---

<sup>97</sup> Companhia de Saneamento Municipal, mais uma vez reforçando a importância do abastecimento da água para os moradores antigos.

suas lembranças de uma reivindicação que não foi adiante, evocando o papel de “testemunha ocular” daquela história.

Então eu vi e ouvi quando o governador José Francisco Bias Fortes disse ao Seu João Ribeiro Novaes: “Joãozinho, não está fácil transformar Benfica em município, porque o meu líder na Assembleia me comunicou que o deputado fulano de tal que não me ocorre no nome no momento argumentou que Benfica é um prolongamento natural de Juiz de Fora”. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 52)

Filinto Andrade, motivado pela pergunta de Fernando, é o único personagem que fala do movimento emancipacionista de Benfica, enquanto liderança favorável e respaldada pela comunidade, que fez até “abaixo-assinado”.

“Nós estávamos exatamente baseando no poder do nosso povo, que queria emancipar. Mas acho que foi um sonho assim, um pouco precipitado né, (...) O progresso chegando, a população aumentando, Benfica tem um comércio muito bom hoje, Benfica tem um comércio hoje que você não precisa ir à cidade”. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 15, grifo nosso)

Cita outros líderes do movimento: Mariano Novaes, João Ribeiro Novaes, Joaquim Belmiro e Américo Pacheco. Fala da articulação política para conter o movimento. “Nós tentamos, mas depois desanimamos porque contra a força não há resistência, né?” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 15).

De acordo com Filinto, o Distrito Industrial começava a ser implantado e os líderes visavam “pegar a renda” para promover o desenvolvimento local, evidentemente, causando uma reação política imediata na cidade de Juiz de Fora.

A prefeitura alvoraçou lá, eu sei que há pouco tempo apareceu uma lei aí tornando Benfica... sei que impedia, impede, Benfica de se emancipar. (...) [trecho danificado na fita] Também o que Juiz de Fora ia perder né, porque nós temos aqui as grandes indústrias, a força total das indústrias tá aqui na nossa região, né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 15)

Os três líderes do movimento ressignificam sua atuação no passado de modo diferente. Aguilar prefere “esquecer” ou “emudecer” sua participação (POLLAK, 1986). O movimento emancipacionista derrotado, não é uma “lembrança traumatizante”, mas o farmacêutico escolhe abster-se da fala. Por outro lado, Domingos revisa sua participação, desabonando seu envolvimento à época para assumir o papel de expectador de uma luta abortada. Filinto permanece fiel aos princípios do movimento, ainda que reconheça a imaturidade do grupo e atualize sua postura diante do desenvolvimento local, mas nutre a separação de Benfica do município ao referir-se ao centro como “cidade”. Domingos e Filinto

são dois fortes exemplos de vocalização das lembranças sob o “realismo-romântico” (SARLO, 2007).

A distância entre Benfica e o centro de Juiz de Fora, o desenvolvimento industrial e comercial, e o crescimento desordenado de habitações populares no entorno, gera para este núcleo urbano um intenso fluxo populacional e uma crescente demanda por serviços públicos e infraestrutura urbana. Porém, por sua história peculiar, a ideia de independência povoa o imaginário de seus habitantes, como frisa Edson Reis. “Hoje, Benfica, na minha concepção, no meu análise, eu acho que Benfica é maior que 600 municípios do estado de Minas” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 07). Para comprovar seu ponto de vista, enumera a rede de serviços e comércio da região: “quatro agências de banco das melhores”, “padaria tem umas trinta”, “tem o cartório”<sup>98</sup>, tudo assegurando ao bairro a qualidade de “cidade independente”.

Vicente Teixeira confirma essa independência de Benfica.

Benfica hoje é uma cidade, não resta dúvida que..., a gente tem que admitir e aceitar o progresso. Eu dependo muito pouco de ir ao centro pra fazer qualquer coisa. Benfica me oferece quase que cem por cento das minhas necessidades e das necessidades dos moradores do bairro. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 06)

Há que ressaltar que ambos são aposentados e, portanto, realmente não tenham necessidade de ir ao “centro” de Juiz de Fora. Também possuem uma história de vida dedicada ao movimento comunitário do bairro, da associação de moradores ao clube.

Entre os descendentes das famílias antigas, o sentimento de pertença ao bairro é forte. Essas pessoas se consideram “filhos de benfica” ou “benfiquenses” porque fazer parte da localidade está atrelada a sua biografia, à existência.

Ziza junto com seus seis irmãos, por exemplo, nasceu das mãos da parteira Maria Catarina Barbosa, avó de Almerinda, personagem já citada. “Acho que Benfica é um dos melhores bairros da cidade, não é porque sou *filha de Benfica* não, mas gosto imensamente de Benfica. Aqui a gente tem vida própria aqui em Benfica, tem vida própria” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 33).

---

<sup>98</sup> O Cartório de Benfica, que registrava imóveis inclusive, no período de realização deste trabalho, teve suas atividades reduzidas porque funcionava de forma irregular, era uma “filial” do cartório do distrito de Paula Lima. Porém ele atendia na localidade há décadas e a comunidade, aparentemente, mostrou-se contrária à decisão, uma vez que ficou sem uma série de serviços, tendo que se deslocar até o centro.

Lourdes Cosso que trabalhou na região pela maior parte da sua história, como parteira, tem essa relação de pertença com o bairro mesmo não sendo nata. “Benfica... eu não deixaria esse lugar aqui pra nada [risos]. Não nasci aqui, vim pra cá já grande, já crescida e é como se eu tivesse nascido aqui. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 54).

Edson Reis, o gestor do Esporte Clube Benfica, que atuou na Associação de Moradores é um típico “benfiquense”. “Tem sessenta e seis anos que eu moro aqui e adoro aqui. Eu, pra mim mudar de Benfica, só se for pra Rua Halfeld<sup>99</sup> ou Copacabana” [risos]. Eu sou botafoguense, mas gosto mais do Esporte Clube Benfica do que do Botafogo. E mais do que da Seleção” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 07).

Filinto Andrade, o militante emancipacionista, acrescenta a “simplicidade” e “liberdade” a sua opção pelo bairro, mesmo tendo propriedade no centro de Juiz de Fora.

Eu não mudo daqui, só saio daqui pro cemitério. Tenho apartamento na cidade, mas não moro lá. Porque aqui você tem toda a liberdade, você anda simples, de chinelo, tem a roupa simples, não precisa ter muita preocupação com as vestes, com sua apresentação. Todo mundo conhecido, né? E a gente então tem muito mais liberdade, se eu fosse morar na cidade não tava andando de chinelo na rua. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG12)

Já, entre os Garcia, Fernando se relaciona com o bairro por ter testemunhado o desenvolvimento local. “Eu, por exemplo, tenho muito orgulho do local, da localidade aqui porque a gente viu isso aqui crescer, né” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG27).

Pertencer a um local mobiliza uma infinidade de *elos*. Ainda que alguns moradores evidenciem em seus depoimentos o *elo* da “independência” de Benfica, as ligações com o bairro são marcadas pelas redes de solidariedade entre os vizinhos e amigos, porém mais ainda, pela família, ao menos entre os moradores “fundadores”, como Anésia Barbosa.

Benfica tem tudo, só não tem praia, né? (...) Eu gosto muito daqui, onde que eu moro também. Eu nasci e me criei aqui, né? Meus pais morreram e ficou eu e meu irmão e minha outra irmã, que é a Virgínia, né? Aí continuamos morando na fazenda. O pessoal diz: “Você precisa morar na cidade, ter um apartamento na cidade”. Mas já acostumei aqui, sabe. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 26)

Reforçando o *elo* pelas esferas de sociabilidade encontra-se Syundi Ouchi, aos 66 anos, de idade, filho de um imigrante japonês que chegou à Juiz de Fora, por volta de 1937,

---

<sup>99</sup> A Rua Halfeld, ou Calçadão, é uma via tradicional e antiga do centro de Juiz de Fora, hoje tomada pelo comércio e fluxo intenso de pessoas.



em virtude da crise do café. Ele nasceu em Igrejinha, localidade rural naquela época, próxima a Benfica. Sua entrevista foi concedida em 27 de novembro de 2004, gravada por aproximadamente quarenta minutos. Mudou-se para Benfica em 1963, depois de casar-se.

Acho que a gente acostuma, que eu já moro aqui nesta casa aqui há quarenta anos e meio. Toda a vida casado, todos os meus filhos nasceram aqui. Então, eu acho que eu já acostumei aqui, com a vizinhança e o próprio local assim, a árvore, alguma coisa assim sempre, né, nos prende, né? À tarde eu saio ali, conheço todo mundo, sentamos ali, conversamos, que aqui ainda é meio roça. Aqui nós colocamos cadeira na calçada ainda. Lá no centro de Benfíca não se coloca mais né? (...) Depois os filhos todos nasceram aqui, isso aí acho que marca muito, né, todos nasceram nessa casa, são seis filhos. (Acervo Benfíca da gente, 2004, fita Mini-DV BG32)

O testemunho de Syundi difere um pouco dos demais. Os depoimentos anteriores são das famílias ou dos trabalhadores que se envolveram politicamente na vida comunitária da localidade. Residiam em áreas mais valorizadas, ou próximos à Imbel, ou, ainda, na área comercial: o centro de Benfíca. O japonês mora um pouco mais afastado, na Várzea, região que mesmo tendo sido urbanizada, ainda conserva o jeito de “roça”, que ele até gosta. Isso implica em relações diferentes com os vizinhos, pois tendo Benfíca crescido em população, em determinadas áreas, a vida não é a mesma do passado. Fato observado nos *elos contemporâneos* tratados a seguir.

## 2.4 Elos *contemporâneos*

Na análise da “grande rede de memória e história da Baixada Fluminense” elaborada por Enne (2002) os *elos intermediários* fazem a *intermediação* entre os *elos memorialistas* e os *elos acadêmicos*, assumindo uma posição mais “neutra”, porém produzindo mudanças nos demais. No nosso trabalho, não nos deparamos com essas condições. Ao revermos o material bruto, percebemos que além dos *tradicionais*, que mantinham vivos o espólio das práticas do passado em Benfíca, novos repertórios surgiram com o crescimento da localidade. Estes repertórios eram movidos por agentes que atuavam na transformação da realidade do território recentemente. Logo, optamos por denomina-los de *elos contemporâneos*.

Os elos *contemporâneos* trazem outra abordagem das relações em Benfica. Menos saudosistas, contribuem para uma compreensão do bairro diante do seu crescimento e a constituição de novas sociabilidades. São movimentados, em sua maior parte, por moradores que vivem fora do “centro” de Benfica, lideranças comunitárias e suas atuações nas últimas décadas, a partir dos anos 1990 mais especificamente, além de agentes sociais e culturais que integram os novos espaços de interação.

Boa parte destas entrevistas foi produzida pela aluna Suellen Barroso que morava na Vila Esperança I, próxima à Vila II e à Ocupação da BR. A abordagem foi pouco intimista, sem registro dentro da casa do entrevistado. Houve maior envolvimento dos alunos, talvez porque aqueles eram *elos* mais próximos deles.

Há um “roteiro” nas entrevistas. Os entrevistados iniciam se apresentando e contando “quando” chegaram e “como eram” as localidades que habitam. Imediatamente tomam a palavra para si e colocam suas reivindicações na pauta. Neste ponto, há uma interferência nossa, de tentar direcionar o apelo aos *elos* que consideramos prioritários, seja porque os alunos assim discutiam, seja porque eu e Fernando éramos habitantes do “centro” e partilhássemos, mesmo inconscientemente, das visões estereotipadas dos nossos vizinhos. Deste modo, foi mais “tensa” essa *interpelação*. Ali, disputávamos a *autoridade* na condução do tema, com poucas exceções, mas a *autoridade* nossa era vislumbrada pelos personagens como uma possibilidade de acesso das falas deles. Curiosamente, retomo regularmente a pergunta sobre “gostar” do lugar, no meio das condições extremamente adversas que estão sendo mostradas pelos moradores.

Mantemos nossa proposta de uma análise sob a perspectiva *dialógica* de Bakhtin. Partilhamos da ideia bakhtiniana da existência do “horizonte social”, cujas alterações em suas “referências ideológicas” vão depender do trabalho com a “ideologia do cotidiano”. Esta é viva e dinâmica, aquelas são estáticas, mas elas coexistem, pois uma nutre a outra. A essa altura da nossa pesquisa, verificamos que as narrativas criadas no momento da interpelação são “orientadas socialmente”, tanto pela nossa presença em campo quanto pelas expectativas criadas daquele registro audiovisual.

A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 116)

Para descrever estes elos, começamos pela luta comunitária do passado, cujas vitórias foram alcançadas recentemente. Quando as lideranças são as das localidades mais recentes, estes *elos* ficam mais tomados pelas expectativas políticas do presente, onde percebemos que o fato narrado está “perto demais” (SARLO, 2007) de todas as pessoas envolvidas no projeto.

#### **2.4.1 A luta comunitária**

Se as relações políticas e comunitárias de “antigamente” eram arrançadas pela confiança e a amizade, como atestam os *elos tradicionais*, o passado recente impõe muita luta e determinação.

Engraçado que a Ponte Preta sempre existiu, era um aglomerado de casas, entendeu, da família, mas sempre existiu. Nova Benfica, Vila Esperança, Bairro Araújo, Nova Era, isso nada existia, isso tudo era Benfica. Santa Cruz também já tinha esse nome, desde que eu me entendo por gente, mas tudo era Benfica e a SPM englobava isso tudo. Então, seria até fácil hoje, se fosse como naquela época, eleger um vereador, coisa que não conseguimos, quer dizer, a Zona Norte não conseguiu eleger um vereador, né? Naquela época talvez seria fácil que as pessoas entendiam o bairro como um todo, era como se fosse uma família (...) Eleger o vereador Inácio Halfeld foi fácil. Hoje, se torna difícil que Benfica se dividiu, foi como se fosse uma explosão e se fragmentou. Aí ficou Bairro Araújo, Nova Benfica, Vila Esperança I, Vila Esperança II. (...) Não existe mais Benfica num todo, Benfica é pequenininha, é um centro. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 06)

O depoimento *tradicional* acima, de Vicente Teixeira, dá um panorama das transformações *contemporâneas*. O centro de Benfica e a área mais próxima à Imbel sempre tiveram atenção do poder público, principalmente por conta da presença do vereador Inácio Halfeld e de outras lideranças, além da relação com os militares. Mas, evidentemente, uma região que cresce em torno de um desenvolvimento comercial e industrial atrai trabalhadores constantemente que vão habitando as áreas menos nobres e se organizam para obter melhorias, nem sempre alcançadas. Abaixo, relatamos como os entrevistados apresentam dificuldades e conquistas para o desenvolvimento de suas localidades.

A Ponte Preta, por exemplo, mesmo sendo uma área povoada praticamente junto com Benfica, permaneceu segregada fisicamente por meio século. As terras eram oriundas da “herança” adquirida pelo “escravo de confiança” Gabriel Sobreira, o avô de Almerinda da Silva Hora. Desse modo, inicialmente, a região era habitada apenas por membros da família. Eles sempre estivessem envolvidos com a política. Quando menina, ela acompanhava o avô no cadastro de eleitores para Getúlio Vargas e, posteriormente, foi fundadora e cabo eleitoral fiel ao seu partido, o PMDB. Entretanto, o acesso seguro, por meio da ponte de concreto sob o

rio Paraibuna, ligando o atual bairro ao Distrito Industrial chegou apenas no século XXI, em 2001.

A dificuldade nossa aqui é porque não tínhamos caminho, era tudo pela linha, né? E... todo ano morria uma, duas pessoa ali [cita desastres com o nome das pessoa] (...) Eu fiquei a minha vida toda, olha eu briguei praquela ponte 55 anos, até conseguir aquela ponte. Não foi esse, nem aquele prefeito, todos que entrava, eu ia lá. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 06)

No seu depoimento, percebe-se que a ponte é a conquista de um direito, o de ir e vir, mas também de “fazer parte”.

Ponte Preta dependia de Benfica, apesar de não ter a ligação que nós tem hoje, porque hoje Ponte Preta emendou, né? Não era emendada, mas agora emendou, que a ponte emendou Ponte Preta em Benfica, mas tudo era em Benfica. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 17)

Alinhada a uma vertente mais conservadora, Almerinda preserva sua independência política ao falar “Eu tenho o meu prefeito, mas a comunidade tem o prefeito que está lá” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 17). Essa tônica é mantida no seu enunciado recuperando a história da urbanização da região. “A gente faz pro bem-estar da comunidade. Se Ponte Preta tem escola, tem igreja, tem centro espírita, tem igreja evangélica, mas não foi nada com,... exploração não, foi tudo na base de mutirão”, apresentando seus livros onde listava os materiais gastos no aterro das ruas para acabar com o “brejo”, canalizar água e esgoto com manilhas até o rio, relacionando as pessoas que trabalharam, “tudo voluntário” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 18)<sup>100</sup>.

Com o crescimento da família, a área foi loteada, algo que, na perspectiva de Almerinda foi importante para o desenvolvimento local.

Pra progredir o lugar, teve que vender (...) A gente que ficou com alguma coisa, mas também trabalhou, boba, não ficou de mão beijada não. Alguns venderam tudo, alguns ainda tem alguma coisa, mas só de todo mundo, todo mundo... Num tem um da família pagando aluguel, todo mundo tem casa, graças a Deus. O pai tem, os filhos tem (...), o pai colocado, os filhos tudo colocado em volta, mas todo mundo tem. Tem uns que tem até a de morar e a de alugar (...) Os lote que cê vê no mato aí, cê fala assim “aquele ali é de herdeiro” que é uma cambada de sem vergonha, num constrói, nem limpa, né? [risos] (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 18).

<sup>100</sup> Marisa Gama da Silva, sobrinha-neta de Almerinda e presidente da Associação de Moradores da Ponte Preta no período do trabalho, relatou informalmente que a tia-avó não estudou porque o pai não deixou e só sabe assinar o nome (informação verbal obtida na Escola de Cidadania em 7 de agosto de 2013). Acharmos interessante mencionar este fato no trabalho porque a líder comunitária nunca nos revelou isso e arquivamos muitos registros de sua história política como gosta de mostrar que toda a sua atuação era “anotada” nos livros.

A região da Várzea, ou Jardim de Fátima, que iniciou seu povoamento na década de 1960, obteve melhorias na infraestrutura urbana como asfalto e iluminação nos anos 1990. O filho do imigrante japonês, Syundi Ouchi, recorda-se daqueles tempos “sem nada”, mas não insere qualquer referência a mobilização comunitária para a mudança na vida urbana local.

Hoje tá passando ônibus aqui e são milhares de casa, vamos dizer assim, né? Mas antigamente não tinha nenhuma casa aqui, pra chegar aqui, eu fiz um trilho pra chegar aqui. Aí até o pessoal falava assim, ô Shundi, você tá doido, vai morar lá no meio das rãs, naquele brejo, ah mas é só lá que dá pra fazer. Hoje não, aqui é tudo calçado, asfaltado, com rua traçada, meio-fio, luz, passa ônibus. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 32).

Entrevistamos também a liderança local, Tatão. Porém na sua resposta enquanto líder comunitário, ele utiliza a metáfora de “abacaxi podre” para a associação de moradores, por causa dos seus limites na resolução dos problemas locais e lista sua atuação direta, procurando por telefone ou pessoalmente, secretários e prefeitos para a conquista da ponte sobre o córrego e da sinalização próxima ao Distrito Industrial. Não menciona envolvimento dos moradores por abaixo-assinado, por exemplo.

Já na área da Nova Benfica, cuja urbanização ocorreu sobre a área da fazenda velha do Chico Donana, com conjuntos habitacionais de prédios populares na parte “baixa” e de pequenas residências na parte “alta”, nos anos 1990, a importância do movimento comunitário foi ressaltada.

Geralda Oliveira, provavelmente com cerca de 50 anos de idade, cuja gravação do depoimento, de aproximadamente trinta minutos, aconteceu no dia 17 de outubro de 2004, conta a história do povoamento onde mora, na parte “alta”. Segundo ela, as residências foram construídas para os policiais militares, que passavam muito “aperto” e “necessidade” com a inflação alta. Apresenta-se com protagonista do movimento para aquisição dos lotes e construção das casas, nos anos 1980, tendo ido ao Batalhão e escrito carta ao governador de Minas Gerais, Hélio Garcia, para solicitar verba ao estado.

Porém, as 150 moradias construídas para os militares eram “ruinzinhas” e causaram muita “confusão” em virtude de “desvio de recursos”, além do trabalho “irresponsável” do engenheiro e dos pedreiros “meia-colher” que trabalharam nas obras. As casas foram erguidas na parte elevada do bairro, “sem alicerce”, ficando “inseguras”. Relata que muitos proprietários tiveram que pagar as prestações pelo lote e pelas habitações, apesar de terem “refeito” ou até “demolido”. Não bastasse a luta pelas casas, os moradores

precisaram se mobilizar para conseguir ônibus e asfalto, ressalta. O transporte público foi adquirido por meio de muitos abaixo-assinados e o trajeto estendido até o alto depois que realizaram “piquete”. Sobre o asfalto, ainda não chegou em todos os logradouros. “Foi muita luta mesmo, muita luta, muita briga, agora você vê que tá o asfalto entrando aqui. Esse pedaço aqui eu ainda vou ter que brigar pra poder acabar de arrumar” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 16). Ela é ambígua na sua relação com a casa própria. Ao mesmo tempo em que reclama, falando que não gosta de lá, garante que não vende de jeito nenhum e gosta das relações de solidariedade entre a vizinhança.

A gente aqui é uma comunidade assim, é mesmo que irmão. Nós somos irmão que qualquer probleminha que acontece numa casa aqui, todo mundo se preocupa. (...) A gente sente amor um pelo outro, porque todo mundo que veio pra cá na época, a gente era uma pessoa sofrida, sabe. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 16)

A Vila Esperança, tal qual apresentamos no capítulo anterior, resulta de remoções e ocupações irregulares iniciadas nos anos 1980 e intensificadas na década seguinte. Quando abordamos seus habitantes, a estratégia foi diferenciada daqueles entrevistados *tradicionais*, com algumas exceções. As entrevistas principais e norteadoras ocorreram com os presidentes das associações de moradores, sendo que foram as alunas Ludmara de Souza e Suellen Barroso produziram estes encontros. Elas participaram da gravação. Os moradores queriam mostrar a comunidade, os problemas, andando pelas ruas e moradias. Registramos três horas de material bruto, somando imagens e sonoras, no dia 16 de outubro de 2004.

O início já é na rua. O presidente da associação, ainda denominada SPM Vila Esperança I, Manoel Inácio de Oliveira, negro e com mais de cinquenta anos, nos convida para entrar e gravar o córrego, aos fundos da sua casa. Ali, antes de se apresentar, expõe a reivindicação, apontando na direção de duas manilhas. Atrás delas, ao fundo, os conjuntos habitacionais da parte “baixa” de Nova Benfica.

Ali e esgoto e água pluvial. Então quando vem a... dá uns dias de chuva bem chuvoso, ou então chove naquele dia uma chuva forte, né, então aquelas manilhas lota d'água e aquelas duas manilhas num dá conta. Ainda vem uma carga de água por fora, mais que aquelas manilhas ali, elas num comporta a água, então ela joga cá no quintal do pessoal, entendeu? (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

Continua mostrando até onde o nível da água sobe nos períodos de “tromba d'água”, falando que não só ele, mas os moradores ao longo do córrego são muito “castigados”, perdendo “móveis”, “criação”, “mantimentos” e faz um apelo à prefeitura. “Eu

achava que eles devem olhar mais”. Conta de quando houve uma “enchente” e água subiu quatro metros acima, mostrando a altura numa coluna da sua casa e, depois, na rua.

Em seguida, Manoel Inácio nos conduz à casa da moradora mais antiga da região, a senhora Ana Isabel dos Reis, 95 anos, há 48 anos vivendo na localidade. Ela residia anteriormente em Lima Duarte, perto de Orvalho.

Aqui não tinha casa de ninguém, eu quando eu vim praqui minha casa foi feita ali, um ranchinho ali ó [aponta]. Nós ficou plantando umas planta aqui. Aí, depois, o dono daqui queria vender pra nós um pedacinho, nós num podia comprar, aí meu marido falou assim “Nós num pode comprar, nós tem que ir embora pra roça”. Eu falei com ele: “Agora eu vim da roça, eu não vou pra roça mais, eu tenho que dar um jeito aqui, de eu ficar aqui mesmo”. Aí eu garrei, lavei roupa 48 anos, lavando roupa pra criar meus filhos. E eu fui, ele mandou, o homem que queria vender mandou eu escolher um pedacinho pra mim, eu escolhi esse lugarzinho e fiz essa casa, pra mim, com lavação de roupa que eu paguei”. (Acervo Benfca da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

Ana Isabel narra as dificuldades que superou e aquelas que enfrenta. Prefere o passado ao presente, com todos os problemas. “Aqui era um lugar muito bom, muito bom” mas não tinha luz e a água era do poço que fez com o marido, incluindo as manilhas. Para ela o crescimento tornou o lugar “esquisito”, porém ela não quer sair, evidenciando o sentimento de pertença que nutre pelo que é seu, a duras penas. “Minhas meninas peleja pra eu sair daqui, eu não saio. Só enchente que me tira daqui, leva pra casa delas uns dias, eu volto, tô aqui. É só limpar a minha casa, tirar a enchente de dentro da minha casa e eu tô aqui” (Acervo Benfca da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09).

Então, Ana Isabel descreve todos os estragos feitos pela enchente, da dificuldade para sair, sendo “carregada” e o quanto ela se preocupa com isso. “Todo ano eu tenho essa peleja, eu deito na cama e já tô pensando, já pensando nisso” (Acervo Benfca da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09).

A outra entrevistada é Madalena Dutra, há 38 anos morando na Vila Esperança I, quando seus pais saíram também de Orvalho, Lima Duarte. O registro acontece no terraço da capela de Santa Teresa, onde ela trabalha como voluntária. Aposentada e com mais de 50 anos, provavelmente, conta que não havia a distinção de nomes ali, só existia o bairro Santa Teresa. Naquele tempo, só tinham dez moradores, em contraponto ao número de casas da atualidade, que ela até “perdeu a conta”.

Quando eu mudei praqui, a gente assim, não tinha, aqui na Vila era puro mato, entendeu, não tinha casa, não tinha nada. Aí depois que construiu a Vila foi bom que

aumentou assim a população, né? Aí parece assim que transformou num outro ambiente de vida, entendeu né? Quer dizer, veio novas pessoas, novas famílias, entendeu, e foi bom, né, para o crescimento do bairro foi ótimo a Vila Esperança. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

#### Pergunto sobre os maiores problemas da região.

Difícil falar, entendeu né? Que os problemas aqui, tem muitos problemas, entendeu né? São pessoas, tem assim, vem famílias carentes que precisam de ajuda entendeu, é... pessoas às vezes assim, né, tem muitos jovens que tá precisando assim de uma orientação, né, e a gente não sabe como. Então acho que é uma grande dificuldade que nós temos. E tem a enchente também. Igual eu moro na beirada desse ribeirão que passa, agora evém época da chuva, a gente já vai ficando com medo porque quando vem enchente as casas se alaga d'água, a gente tem que sair de dentro de casa, entendeu, tem que tá tirando os móveis correndo, pra não estragar. Porque falou que ia tomar providência, né, ia arrumar, ia canalizar, ia dar um jeito até hoje né? Então o tempo das águas tá chegando a gente tá correndo esse risco de novo. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

Ressalta o trabalho das pastorais na localidade. Tenta não separar Vila I da Vila II, uma demarcação que mesmo buscando ser superada incide em conflitos intensos entre os jovens e entre os moradores na utilização dos serviços públicos na área. “Tem o morro, né? Aí o morro divide, né? A Vila I é... do morro pra cá é Vila I, atrás do morro é Vila II. Então, assim, dividiu de nome, mas eu acho que, né, até mesmo eu não entendi porque tem Vila I e Vila II, entendeu” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09).

Em seguida, ela revela o que realmente percebe como diferença entre uma e outra. “Só que a Vila II veio depois, né? Que o pessoal assim,... foi a parte mais da invasão, que invadiram” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09). Os moradores de Benfica atribuem à Vila, de forma generalizada, os problemas com relação à segurança. Ziza, por exemplo, que trabalha na Pastoral da Criança e, portanto, visita regularmente a área, reforça essa afirmação, apesar de tentar quebrar o estereótipo. “Todo lugar tem as pessoas boas e tem os ruins. Igual eles ficam falando que a Vila é ruim, na Vila tem gente boa também. Tem agora os ruins que vem de longe, vem fazer baderna aqui em Benfica” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 33). Quando ela menciona que os “baderneiros” são os “de fora”, ela toma um elo que é mobilizado para a distinção entre Vila I e Vila II. A primeira localidade foi povoada pela retirada dos pobres “de dentro” de Benfica, pois eles ocupavam o leito da via férrea na área “nobre” do bairro como atesta Manoel Inácio, desde os tempos dos fazendeiros. “A Vila do Sapé era considerado, praticamente, no centro de Benfica” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09). A segunda resultou da urbanização de uma área ocupada



por pessoas de várias cidades que chegaram a Benfica como verificaremos nos depoimentos de seus moradores adiante.

Depois da entrevista com Madalena, voltamos a tomar o depoimento de Manoel Inácio. Desta vez, sentado no terraço da capela. Aí, a interpelação segue o roteiro. O entrevistado mantém a condição de líder comunitário. Inicia a narrativa declarando os seus esforços com outros moradores para a urbanização da Vila Esperança I, trabalhando em “mutirão” para obterem calçadas, escoamento das águas pluviais e outros “benefícios”, sempre “pedindo mais alguma coisa” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09). Naquele momento concentra-se em ressaltar a necessidade da canalização do córrego Três Pontes e a reforma na praça.

Como um bom presidente de associação evita críticas à localidade e à vizinhança.

Aqui sempre foi um lugar bom pra morar, né? Pessoal muito bom, comunidade muito bom, tem uns probleminha aí, mas eu num... da minha parte eu não tenho nada a dizer do povo daqui não, entendeu. Então a gente combina muito bem com todos né? Então todo mundo agrada a gente e a gente procura agradar as pessoas porque quem faz o lugar é a própria pessoa, né? (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

Destaca que ele foi o fundador da SPM e que a área era “igual uma tapera”, mas foi realizando um “trabalho bonito” pedindo material ao prefeito e com ajuda da comunidade. Ele é mais comedido para responder sobre a diferença entre Vila I e Vila II.

Eu acho no momento que não tem diferença, né? Tem uma diferença que a Vila II para a Vila I, ela é mais nova num sentido que ela... tem uma população maior que a de cá um pouco, né? Então, lá tem um grupo, muito bom, acho que a Zona Norte não tem um grupo igual aquele, serve para a Vila Esperança I, Vila Esperança II, então pras demais que é a população de Benfica. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

Retomamos o *elo* acionado por Madalena referindo-se aos problemas. Manoel esquiva-se de confirmá-los.

A juventude aqui é... comigo um pessoal maravilhoso. Eu acho por mim eu não tenho nada a dizer da juventude daqui, entendeu. Eu combino com todos, né, então tem participação com todos né? Sempre tem algum, alguma coisa que a população às vezes reclama mas, eu por mim, a minha pessoa, no momento não tem nada a reclamar. (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

Manoel volta ao problema dos alagamentos, informado que prejudica “uma base de 120 famílias”. Para encerrar a entrevista pergunto sobre o que ele gostaria de falar. Evidentemente, ele reitera tudo que já narrou antes.

Eu acho que eles deveria mandar uma equipe, né, principalmente no tempo das águas quando tem enchente. Então eles vim, pra ver o sofrimento das pessoas, dos moradores, né, e... sempre tem esse sofrimento da enchente. Eu acho que isso já era pra ter realizado, era pra ser dragado. Então a máquina, então aqui não resolve nada pra nós. Tem que ser uma dragagem, entendeu, essa dragagem todo ano pedimo, quando faz o orçamento participativo, nós faz o orçamento participativo, então sempre a gente pede, né, aquela dragagem do córrego e canalização do córrego, do córrego Três Pontes né? Então sempre a gente esperando uma resposta. Então esse trabalho que a gente faz, eu acho que é um trabalho muito sofrido e no mesmo tempo às vezes, o pessoal, o povo, os moradores acha que a gente não faz esse trabalho. Mas o nosso trabalho é um trabalho que sempre a gente tá fazendo, batemos na mesma tecla, mas não é resolvido, esse problema que nós tá passando aqui, que é o problema da enchente né? (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 09)

Os três entrevistados alertavam para a possibilidade de uma nova enchente. Em 11 de janeiro de 2007, o córrego Três Pontes subiu a ponto de alagar do bairro Vila Esperança I – mais afetado – até a parte central de Benfica, chegando à avenida Presidente Juscelino Kubitschek. Essas cenas foram registradas pelo projeto e constam no vídeo final. Até a conclusão deste trabalho, não houve mais enchentes na região.

A gravação na Vila Esperança II é guiada pelo “presidente do bairro”, Onofre dos Reis. Ele sai da sua casa, localizada na área “baixa”, em frente à Escola Municipal Áurea Nardelli, uma região mais privilegiada, com asfalto. Andando a pé, chegamos onde houve a ocupação que deu origem à comunidade. Fazemos imagens das ruas, muito simples, calçadas com pedras e tomadas por barro. “A Vila II começou aqui, nessa rua 22 aqui. [Pergunto sobre as primeiras casas] Não, primeiro era barraco, né” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

O primeiro entrevistado da localidade é o morador João Marcos de Oliveira, próximo dos 40 anos de idade, indicado por Onofre. Eles andam por uma viela, de terra, cercada de casas muito próximas umas das outras, sem acabamento e com novas moradias construídas sobre as outras. João Marcos mostra onde reside, informando que embaixo é a casa da mãe e a de cima é a dele. A gravação acontece na laje, de onde se vê ao fundo, o morro tomado por habitações similares às que descrevemos. Ele fala que foi o segundo morador da localidade. Com o tempo, foi aparecendo “mais gente”.

Cada um vinha, fez um barraquinho. Um fazia de lona, outro de madeira. Foi até que um dia, até inclusive tá ficando um detalhe pra trás. Esse terreno aqui era do estado, mas o estado até queria tirar nós dali. Eles vieram com máquina, tratore, né, pra poder tirar a gente daqui. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08)

João Marcos aciona o *elo* da “invasão”, sem ser motivado por nós. Ele elabora a narrativa partindo da consciência de seus atos para garantia da casa própria.

A gente teve que ser forte pra poder ficar aqui, né, porque é aquele ditado, nós tava brigando por..., sabia que o terreno a gente não tinha comprado como até hoje não conseguimos pagar tudo ainda, nem todos conseguiu, mas é aquele negócio, não tinha pra onde ir e... pagar o aluguel não tinha condições, então acabou que... Eu sei que na época aí, foi cercado no peito, cada um cercou e entrou pra dentro e mandou brasa (...) [fala da prefeitura que ajudou] Acabou com a barracada, num tem nenhum barraco mais, tudo é casa, colocou água, luz, ônibus, né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08)

O morador conta que veio da cidade de Bias Fortes em busca de melhores condições. “Eu fiquei sabendo que... aqui o pessoal tinha cercado o terreno aqui, eu peguei e falei “eu vou pra lá”, seja o que Deus quiser, vou lutar. Quem sabe um dia a gente, né? A gente luta sempre pra uma vida melhor” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

Fazemos imagens dele com as seis crianças da casa, sendo que duas eram suas filhas. Conserva o otimismo diante das dificuldades que acumula nos doze anos que lá reside.

Não tá regularizado é... completamente não. Graças a Deus, tá bem assim..., tô com saúde, né? Tô morando aqui e tudo, ainda tô desempregado, precisando de arrumar um serviço pra trabalhar, fichar de novo, e acabar de pagar esse terreno aí, se Deus quiser. Tenho fé em Deus que vou conseguir (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

Onofre nos leva até outra moradora, ele quem chama. Aparecida Cruz de Jesus, também próxima dos 40 anos de idade, ressalta que foi a “primeira moradora”. Justifica que participou da “invasão” porque morava com a irmã, na Vila I, mas era casada e com dois filhos. Descreve tal qual João Marcos as dificuldades do início, mas em vez de ser otimista, prefere fazer a reivindicação diante da câmera. “Aí, até hoje ficaram de colocar o asfalto pra gente, boca de lobo, e até hoje não fizeram nada pra nós, só tá mesmo calçado com as pedras” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08). Mostra o buraco para onde escoam as águas pluviais com uma grade improvisada. A aluna Ludmara foi quem conduziu essa entrevista e pergunta onde eles “buscavam recursos”. Aparecida relata que contavam com o apoio dos vizinhos “de baixo”. Sobre as dificuldades reclama da falta de “serviço”, o marido está desempregado e se diz “nervosa”, pois “toma remédio controlado” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

A aluna pergunta se foi “difícil” erguer a casa. Imediatamente a moradora ativa o elo do confronto. “Vieram máquina, né, pra derrubar. Vieram muitas polícia. Custaram, a gente custou mesmo a ficar aqui” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

A pergunta final com os fundadores é retomada aqui, se “gosta do bairro”, mas a resposta é diferente, mantendo o tom reivindicatório. “Mais ou menos, né?”, crítica da falta de urbanização que não é resolvida. “A gente não gosta por causa disso, muito barro”, encerra. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

Voltamos ao presidente da SPM, na rua. Onofre mostra novamente a região ocupada inicialmente, revelando que o terreno pertencia à CDI, ao estado, e foi negociado pela prefeitura em troca de duas pontes. Ele aponta onde começaram os barracos de lona, de zinco, que “atravessou” para o outro lado até “subir” no alto, na “Boa Vista” e “completar o bairro”.

Acompanhamos o líder comunitário até o “galpão” da associação, subindo por ruas, com calçamento esburacado, passando por outros moradores, bar, gente com peso nas costas, igrejas evangélicas, casinhas simples, no tijolo e hortas na frente. Na sede da associação, a entrevista é aprofundada. Onofre dos Reis devia ter cerca de cinquenta anos. Volta a contar onde tudo começou, desta vez, referindo-se às ruas pelos números, citando poucos nomes de logradouros, apesar de ressaltar que elas já foram denominadas. Comenta que eram aproximadamente trezentas pessoas e, na atualidade, a Vila II já abriga mais de dois mil habitantes. Ele descreve que depois de acordado o terreno, a prefeitura fez um loteamento e construiu quatrocentas casas. Para aqueles que estavam com “pressa”, o material foi doado e trabalharam por conta própria. Onofre relata que não houve “mutirão” e a população veio de “tudo quanto é canto”. Discorre sobre os problemas atuais.

Falta de emprego, muitas pessoas desempregadas, família muito carente que não tá tendo como sobreviver, a gente tá... corre atrás pra ver se arruma alguma coisa pras pessoas, mas tá um pouco meio difícil também, a situação tá brava. Não é todo mundo que tem seu emprego, tem família que às vezes a mulher trabalha e o homem não tem emprego, outra vez o home trabalha e a mulher não consegue emprego e... tem muito ‘desdejado’, o pessoal aqui dentro. Às vezes vai num lugar arrumar um emprego, fala que é da Vila, o pessoal não quer dar emprego. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

Estimulo a permanência no tema preconceito. Ele conta que levou a mídia lá para mostrar que “é um bairro igual aos outros, carente, mas cheio de gente distinta e honesta”. Benfica, segundo ele, “fala que piorou depois que montou a Vila”, que as pessoas “diferentes

não são bem-vindas”, e destaca o benefício que a comunidade trouxe à região, no seu ponto de vista. “Quando nada, ao menos o comércio aumentou, né? Melhorou com a vinda da Vila” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

Eu instigo o assunto “drogas e violência”. Onofre, mais uma vez, defende sua localidade. “O que existe aqui, existe nos bairro bacana aí” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08). Explica porque há essa conotação pejorativa à comunidade.

Aqui não é tanto como fala não. Porque aqui foi uma favela, né? Começou como uma favela. Então o pessoal acha que aqui só tem mau elemento, só tem pessoas que lida com droga e tudo, mas não é assim. Eu lido com esse pessoal todo aqui, conheço todo mundo, um por um, endereço por endereço, telefone por telefone e num... não é tanto assim como se fala não, mais é comentário do povo. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08)

Sobre as “bondades” que tem na localidade, destaca a Escola Municipal Profa. Áurea Nardelli que oferece ensino para crianças e adultos, cujo “supletivo” ajudou a motivar as pessoas “de fora” a frequentarem a Vila II e a perderem o medo.

Mesmo afirmando que o pessoal lá é “unido”, percebemos dificuldades de mobilização da comunidade. Onofre conta que a presença nas reuniões da SPM é baixa e que são poucas as festas promovidas pelos próprios moradores. As “conquistas” com a sua atuação, são a escola e o posto de saúde, que localiza-se do outro lado para atender os três bairros (Vila I, Vila II e Nova Benfica).

Questiono como a região fica no período das chuvas. Responde que isso dá “preocupação” porque em dezembro daquele ano teve mais de vinte famílias desabrigadas. Lembra-se, emocionado, de um acidente com o barranco que matou um “garotinho”, cuja família mudou-se de lá e que ainda havia algumas casas em áreas de risco.

Destaca a “saúde” como principal problema, para a cidade.

A gente quer mais melhoria pro bairro. Ajuda né, principalmente na classe de saúde né, que a saúde pra gente aqui é muito difícil, que o pessoal é carente, tem bons médicos nestes postos, na Policlínica, mas vai um médico, tem uma receita às vezes de 10, 20, 30 real, 40, o pessoal não tem como comprar. Então, a saúde, nós tamo dependendo muito aqui é da saúde mesmo. A saúde está um pouco fracassada aqui no bairro, no bairro não, em Juiz de Fora né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08)

E, no bairro, o “desemprego” é a maior dificuldade. “Emprego também tá bravo, pessoa larga a família pra trabalhar fora que não tá conseguindo aqui. (...) Tem pessoa que tem

9 filhos e o marido fazendo biscate. Quem tem pouco tem 4, 5.” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

Pergunto a ele se gosta do lugar. A resposta resume o sentimento daqueles que se mudam em busca de melhores condições de vida. “Pra mim todo lugar é bom que eu não tenho terra natal” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08). Onofre encerra a entrevista falando que na Vila II tem muita gravidez na adolescência.

Outro entrevistado, morador da Vila Esperança, que não foi escalado com o propósito de falar da origem da “invasão” mas entra no assunto é José Reis, o “Zé Caetano”. Ele trabalhou para a CDI<sup>101</sup> por 25 anos, fazendo “de tudo”. Por isso, conhecia a minha família e fomos ao seu encontro para que ele falasse da história do Distrito Industrial. Gravamos mais de três horas em dois dias, em 30 e 31 de outubro de 2004, com envolvimento dos alunos. Inicia falando de quando seu pai era retireiro da fazenda de Chico Donana, passa pelas suas dificuldades na infância, saída do trabalho duro da roça para o emprego público e até problemas no casamento. Ele disputa o controle da entrevista, ignorando nosso roteiro e insistindo em expor as injustiças e injustiças que sentira na vida, segundo sua lógica<sup>102</sup>. Mas no tocante à “invasão”, conta que as terras públicas sempre foram invadidas. Zé Caetano que começou como “guia” e “peão” das obras de terraplanagem e estruturação do Distrito Industrial, tornou-se um sentinela do estado naquela área. Para proteger essas terras, revela que chegou a “atear fogo” nas moradias ali erguidas. “Por causa de ser do estado o povo achava que era dono, mas o estado é dono também”, comenta. Ele ficava à frente do embate, mas na sua concepção, desempenhava o papel que lhe fora dado. “Teve gente que já morreu aí com raiva de mim, que não conversou comigo mais. [balança os ombros] Num quer conversar, num conversa, tô cumprindo a minha ordem. Ordem dada é executada” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 14).

Na “invasão” da Vila II ele não pode agir. Foi contido pelas relações políticas na época.

A CDI ia tirar, a CDI teve com vinte soldados e os trator e máquina e caminhão pra conduzir quem já tinha os barraco fincado de lona no terreno. Mas o doutor Luís mandou eu fastar pra trás que aquele advogado, Dr. Lana, Lana, não sei se é vivo ainda. Doutor Lana tava também enfiado nesse troço aí, mas houve uma ocorrência

---

<sup>101</sup> Companhia de Distritos Industriais de Minas Gerais (CDI).

<sup>102</sup> Uma curiosidade é que José Caetano percebia quando a câmera estava gravando ou não. Assim, quando conversávamos com o equipamento desligado, ele se mostrava disposto a falar conforme nosso roteiro, mas quando o acionávamos, ele tomava o rumo que lhe interessava, detalhadamente.

que tava pegando dinheiro do povo. E o Bejani era o prefeito de Juiz de Fora e ficou das oito, das oito horas da manhã, o povo no escritório do DI, o Lana, combatendo com o povo da CDI e... pra não tirar o povo. O Bejani tomou posse do terreno pra apropriação com a CDI e em troca, em troca da prefeitura fazer duas pontes. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 14).

Reclama que lá é “mais bem tratado”, pois a prefeitura não “jogou um caroco de asfalto” onde ele mora, na Vila Esperança I, e as casas foram “pagas”.

Gravar a Ocupação da BR, na perspectiva de mostrar o movimento comunitário deve-se ao empenho da aluna Suellen Barroso. Neta de outro retireiro da fazenda de Chiquinho Donana, ela morava próxima à área. Por meio da sua produção, registramos uma hora e vinte minutos com os moradores em 18 de setembro de 2004, no “Salão Comunitário” feito de placas de compensado e papelão, coberto de lona, lata e um pouco de telhas de amianto.

Fig. 4 – Salão Comunitário da Ocupação da BR, local da entrevista.

O local era utilizado para várias atividades coletivas, reuniões políticas, religiosas e sala de aula. A captação dos depoimentos foi realizada em forma de assembleia. Enquanto um falava à frente, com o microfone em punho, os demais ficavam sentados nas carteiras escutando. Eles não interferiam e nós, também, muito pouco.

Maria Aparecida Gomes, negra, com pouco mais de 30 anos de idade, aparentemente, deu a primeira declaração, cumprimentando a todos e anunciando que falaria da vida deles lá, ao menos da sua “entrada”. Como a maioria dos relatos, ficou sabendo que o “pessoal” estava “medindo terreno”. O início da ocupação, segundo a moradora, aconteceu em 12 de outubro de 2001. Por morar de aluguel, “decidiu” também fazer um barraco e se mudar para lá. Não havia nada na área, apenas mato. Ela conta que eles chamavam outras pessoas que precisavam também. “A gente falava: lá tem um pedacinho, se quiser ir” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03). Assim foi “juntando” gente, uns ajudavam aos outros a enfrentar os problemas de morar em um local sem infraestrutura nenhuma.

Não é fácil, né, muita luta, muito difícil, nosso dia-a-dia aqui [abaixa a cabeça], mas é através daqui também que nós vamos alcançar nossa vitória, que é a nossa moradia, né, nós estamos lutando para isso, né, não só eu, mas todos aqui que se encontram nessa área, né? Após a minha vinda, né, outras famílias também que se encontravam aqui, foi vindo mais família, ocupando a área, cada dia, um animava,

vinha fazendo um barraco e mudava, né, e até que cada um conseguiu o seu pedacinho de chão, né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03)

Antes de passar a palavra adiante, ressalta o apoio do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN)<sup>103</sup> que os ensinou fazer reuniões e “trabalhar” para conseguirem a doação do terreno, uma “benção”.

Sozinho nós não conseguia também adquirir nada né sozinha. Nós sabia que nós tava aqui e precisava de alguém que nos apoiasse nessa área né? E a gente todo dia pensava quem é que ia nos ajudar. Vinha muitas pessoas mas, eles não conseguia encontrar o fundamento de, de trabalhar conosco, né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03)

Gicélia Mendes da Costa, branca, supostamente com mais de 40 anos de idade, é a segunda a dar depoimento. Sua motivação para entrar na ocupação foi o fato de morar anteriormente em um “barraco” condenado pela Defesa Civil. Destaca a relação de “carinho” e “respeito” entre o “pessoal”, fazendo com que ela se sinta no “paraíso”. “Eu sou feliz aqui onde estou e seria maravilhoso se a gente pudesse ficar aqui nessa área, mas já que não vai ser possível, né? Aí esperamos ser felizes na outra área lá” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03).

Fernando pergunta das dificuldades. A moradora relata que já caiu árvore “casinha” dela e também ressalta a ajuda do MNLN, citando o militante Paulo Sérgio que ela apelida de “anjo da guarda” e recomenda a sua entrevista. Fala da ajuda de outras pessoas com qualificação profissional, como assistente social, advogado e enfermeira. Declara “amor” à área, aos demais moradores e crianças, considerando-os uma “comunidade”, uma “irmandade”. Comenta que construiu com ajuda dos vizinhos, aproveitando a parede de tijolos da vizinha e usando porta de guarda-roupas para dividir sua moradia em dois cômodos e um banheiro. Encerra, convidando-nos a conhecer sua “casinha” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03). Depois de gravar todos os depoimentos, nós fomos até lá e vimos tudo organizado, com enfeites e plantas. Ao lado da sua moradia, ela mostra um “quartinho” que foi arrumado com uma “caminha” para uma enfermeira atender mulheres, especialmente, “gestantes”. Este cômodo também abrigava uma pequena biblioteca com livros didáticos, na maioria.

José Roberto de Oliveira Alfano, também acima dos 40 anos de idade, concede depoimento nos moldes dos anteriores. Narra como chegou lá. Naquela ocasião, relata que era

<sup>103</sup> O Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN) surge do I Encontro Nacional dos Movimentos de Moradia, em julho de 1990, com participação de 13 estados. É fruto das ocupações em áreas e conjuntos habitacionais nos centros urbanos, ocorridas, principalmente, na década de 80.



casado, com cinco filhos e estava desempregado, levando-o a participar da ocupação já em andamento. Ressalta o “acompanhamento” do MNLM, contribuindo para que montassem uma “comissão” e entrassem no Conselho Municipal de Habitação, sendo ele presidente e a Delsuita Pereira Emereciana<sup>104</sup>, vice-presidente. Ele conta das várias reuniões que tiveram com os representantes da empresa Holcim Brasil, proprietária da área ocupada. A solução para o impasse foi apresentada pela assessoria jurídica do movimento que propôs a doação de outra área próxima, no alto, vizinha à Vila Esperança II. Segundo o líder, a prefeitura se dizia impossibilitada em atendê-los pelo fato de outras ocupações estarem à sua frente. José Roberto detalha as informações das negociações, destacando sua atuação na sugestão da área, pois sabia que pertencia à empresa uma vez que foi empregado da proprietária anterior. Não houve confronto com a polícia. Ressalta que a conquista do terreno doado é fruto da luta deles com o MNLM. O discurso dele é bem “enquadrado” pela participação em um movimento social organizado, frisando a tomada de decisões em reuniões e consciente de que eles não possuem cidadania plena.

Hoje estamos dependendo só de uma ajuda política que é a ajuda do prefeito em liberar o pessoal pra fazer a rede de água e esgoto lá, pra que a gente mude lá pra cima pra que acabe esse... essa coisa que a gente vive aqui, que é vivendo no frio, vivendo na chuva, na poeira. Muita gente aqui que... às vezes vai procurar um emprego, isso aqui não serve como ponto de referência de endereço pra ninguém. Pessoa chega "Ah, cê mora onde?". "Eu moro na ocupação da BR 040". Então num, muita gente fala assim "Você não mora em Juiz de Fora". Porque infelizmente, nós aqui somos eleitores, nós votamos igual o magnata da cidade de Juiz de Fora, o cara mais rico daqui vota, nós também votamos. Mas infelizmente a maior parte de nós aqui não é conhecido como habitante de Juiz de Fora. (Acervo Benfca da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03)

O último depoimento gravado em esquema de assembleia no Salão Comunitário foi com Paulo Sérgio dos Reis, com pouco mais de 40 anos de idade, apresenta-se como coordenador do MNLM. Enquadrado pelo seu engajamento, sua retórica é política, “arrumada” pelas orientações do grupo social que lidera. Ele relata que sua atuação é “exclusiva” naquela localidade e dedica o “mérito” da conquista aos moradores, que detêm o poder de decisão, porque os coordenadores do movimento são “somente instrumentos de orientação” (Acervo Benfca da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03).

Os moradores nos conduziram a um pequeno quiosque com banquinhos de madeira que eles chamavam de “praça” onde José Roberto mostra uma pasta com toda a documentação organizada por eles incluindo a planta do “loteamento” que seria realizado na

---

<sup>104</sup> Em princípio, agendamos a gravação com Delsuita que não pode participar por problemas de saúde. Ela e Paulo Sérgio permanecem atuando no Conselho Municipal de Habitação (CMH).

área doada. O líder comunitário conta que são quarenta famílias cadastradas por eles, com ajuda do MNLM e conhecimento do departamento jurídico da empresa dona do terreno para evitar o benefício de pessoas sem necessidade. “A vida particular de cada um tem nos papel deles lá” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03).

Ficamos muito tempo na Ocupação da BR e procuramos outras fontes que pudessem fornecer um relato menos “enquadrado” politicamente. Deparamos com José Gabriel Luna, com mais de 50 anos, “carpinteiro”, que vivia de “biscate”, tendo sempre morado nos lugares onde trabalhava. Conversamos ainda com Itamar, negro, cinquentenário, que se dizia pioneiro da ocupação pois estava lá “há mais de cinco anos”. Segundo ele, o apelido da área, dado pelo povo é “Marrocos”<sup>105</sup>. Mas foi Maria Luiza Coutinho quem apresentou o depoimento que mostrava as reais condições de vida dos moradores da área. Segundo ela, eles vivem da “reciclagem”, sendo que cada um trabalha no seu “terreno”, com aquela “fedentina”. Para a moradora, não há outra opção para sustentar os filhos que cria sozinha e ainda ajuda a vizinhança. Conta do abastecimento de água por caminhão pipa que não comporta a demanda, sendo necessário buscar água na mina. Explica como chegou lá, porque não via outra “solução” já que não tinha onde morar. Segundo Maria Luíza, eles estão “correndo risco” principalmente no “tempo de chuva”, quando as habitações precárias podem desabar. Entramos na sua casa e ela aponta a viga de madeira quebrada. Comenta que dá muito “bicho-de-pé”. Diferente dos moradores do movimento comunitário, ela não tem esperanças de mudar aquela situação.

Querem que a gente sobe lá pra cima. Sem água, sem luz, sem rede de esgoto, o que a gente vai fazer lá? Ficar por ficar, a gente fica aqui mesmo. Sem água, sem luz, sem rede de esgoto, a gente fica aqui mesmo. Que que a gente vai fazer lá em cima naquele alto de morro. A gente não tem como construir. Vai construir como? A gente tá vivendo da reciclagem. Construir o quê? Se a gente for pra lá eles vão acomodar. (...)Eu sou igual Tomé, eu tenho que ver pra mim crer. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 03).

O futuro da Ocupação da BR continua incerto. A notícia mais recente que encontramos é que a área onde os moradores se encontram foi doada pela Holcim do Brasil à prefeitura para a regularização fundiária<sup>106</sup>.

Por esse caminho que percorremos pela periferia de Benfica, notamos que as abordagens são menos profundas e voltadas às condições de vida dos moradores. Houve

<sup>105</sup> A ocupação começou praticamente junto com a novela *O Clone* de Glória Perez (1º de outubro de 2001), o que deve ter motivado o apelido na região.

<sup>106</sup> Disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/aprovada-doac-o-de-terrenos-1.1116510> (último acesso em 8 de março de 2013)

maior participação dos alunos do projeto nessas entrevistas, apesar deles raramente assumirem a condição de *interpeladores* diretos. Esta função ficou restrita a mim e Fernando, as *autoridades* do projeto Benfica da gente.

Por outro lado, os entrevistados nessas localidades, principalmente aqueles agendados, têm um roteiro na ponta da língua. Uma vez que eram lideranças comunitárias, atuando em localidades com sérios problemas urbanos e sociais, aproveitavam o microfone e a câmara para expressarem o seu “ponto de vista”. Ponto de vista na perspectiva bakhtiniana, enquanto “orientação social” do enunciado, pois para o autor, todo enunciado é “socialmente dirigido”. Bakhtin aprofunda a análise da interação verbal exemplificando como a verbalização da fome por sujeitos em contextos distintos produz tomadas de consciência diferentes em virtude da “modelagem ideológica”. Isso porque cada um de nós possuiu um “auditório social” para as reflexões individuais que, na verdade, é uma representação internalizada da sociedade estabelecida pela nossa experiência de vida e pelas condições de produção do pensamento. A “expressão exterior”, segundo o autor, somente reforça a orientação produzida internamente, com suas entoações.

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (BAKHTIN, 2006, pp. 127-128)

Dentro de um determinado “horizonte social”, os líderes comunitários de Benfica organizaram seus *elos*. Consideraram seus “interlocutores concretos” – nós, *interpeladores* –, mas não perderam sua bagagem ideológica. Por isso, Almerinda ressalta suas conquistas, Tatão destaca seus esforços mais recentes, Maria Aparecida é ambígua na sua afetividade com o bairro, Manoel insiste no tema da enchente e nega a diferença entre Vila I e Vila II, Onofre apresenta uma imagem positiva dos moradores e José Roberto ressalta a organização política do grupo para a obtenção da vitória. Na outra ponta, quando entrevistados, nem sempre os “moradores comuns” tem o mesmo “grau de consciência” por causa dos diferentes níveis de “ideologia do cotidiano” (BAKHTIN, 2006). Ou seja, aqueles que não partilham de uma experiência de mobilização comunitária acionam outros repertórios, com outros enquadramentos, fundados na diversidade das experiências de vida no mesmo território.

A história da ocupação da Vila Esperança II, por exemplo, é melhor “trabalhada”, retomando Ecleia Bosi (1995) pelo morador João Marcos do que pelo líder comunitário Onofre, que é mais descritivo e está com a fala “programada” em função do papel que ocupa.

Do mesmo modo, enquanto a comissão de moradores da Ocupação produzem enunciados semelhantes por causa do modo “assembleia” em que foram produzidos exaltando a recente vitória, a catadora Maria Luíza prefere mostrar a “realidade” da sua vida.

Mais que nos atermos às diferenças nos enunciados, como somos guiados pelo pensamento de Bakhtin, interessa-nos observar que há um movimento de constante reorganização das representações do território Benfica e que a interação entre nós e os entrevistados para a produção do documentário promoveu um momento único de produção de sentidos para aqueles temas e por aquelas pessoas. Os *elos contemporâneos*, principalmente esses descritos acima, elaboram e acionam repertórios das situações sociais “imediatas” ou “quase imediatas” a que estão submetidos, porque as lutas naquelas localidades são recentes, excetuando-se Almerinda. Assim, eles não apresentam *elos* de memória e história de Benfica, mas dos problemas que integram o território e, portanto, acabam inscrevendo-os nessa história: saúde, desemprego, enchente, habitação, juventude, drogas e violência.

#### **2.4.2 A inclusão**

A *inclusão*, principalmente da juventude, era um *elo* importante para o documentário segundo as discussões e os registros. O trabalho com adolescentes foi citado pelas lideranças como fundamental nas suas comunidades. Desse modo, interpelamos os realizadores de três projetos: a Pastoral do Menor, a academia de dança Over Jazz e o Gingaerê.

O primeiro não entrou no vídeo final. Apenas um dos seus alunos fala sobre o “vandalismo” na escola. Gravamos a oficina de serigrafia que era dada numa pequena sala à época. Penso que a Pastoral do Menor, que tinha um histórico de atuação em Benfica, foi *silenciada*, por sua relação com a igreja católica e, também, pela crítica que o mestre Paulo Elias, idealizador do projeto Gingaerê, fez à forma de atuação daquele movimento, como veremos à frente.

O projeto Gingaerê consistia em oficinas de capoeira com adolescentes realizado no “galpão” da associação de moradores da Vila Esperança II. Foi indicado pelas alunas, que estavam presentes na gravação de quase uma hora, realizada em 16 de outubro de 2004, reunindo imagens e depoimentos.

O personagem central da entrevista foi Mestre Paulo Elias Gomes, negro, possivelmente aos quarenta anos. Ele atuava na Pastoral do Menor e na Escola Municipal

Áurea Nardelli, por meio do projeto Juiz de Fora nos Trilhos da Paz<sup>107</sup>, um convênio da prefeitura com a Secretaria Especial de Direitos Humanos do Governo Federal. Ali, naquele espaço da Vila Esperança II, o mesmo que Onofre concedera entrevista, o mestre de capoeira desenvolvia o próprio projeto com objetivo de “tirar da ociosidade” os jovens a partir dos 13 anos de idade. Ele evidencia que a ação não se restringia apenas à “atividade física” que era muito “competitiva”. Inseria outras atividades como confecção dos instrumentos da capoeira, iniciação à dança e à musicalidade da cultura afro-brasileira. Na avaliação de Paulo Elias, os adolescentes da localidade sofrem “preconceito” e são individualistas.

Então tem sempre aquela coisa de meu, meu, então eu não divido com ninguém, eu sou o primeiro, entendeu, eu tenho que ser o melhor, então a gente começou a cortar essa coisa, começou a perceber que isso não era interessante. O interessante seria fazer um trabalho coletivo, onde eles percebessem que um taria dependendo do outro, pra que a ideia fosse somar. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 08).

O mestre relata as dificuldades de se realizar um projeto sem financiamento. As condições do “galpão” e o “lanche” eram as maiores reivindicações além da necessidade de recursos humanos, monitores para mais atividades e “especialistas” como “assistente social, psicólogo e até psiquiatra”. Quando gravamos a oficina, começou a chover e registramos as goteiras, fora o chão de cimento. Paulo Elias não entende as drogas como um desvio, mas como elemento criador de vínculos dentro de uma ausência de possibilidades.

Droga, ela tá em todo lugar. Tem a droga de rico, tem a droga de pobre, a questão é econômica. É uma questão, eu acho assim... capitalista. Então, o nosso problema aqui relativo à droga, eu acho que é uma questão de fuga porque se eu não posso participar da escola, se eu não posso participar de uma atividade, vamos supor, até mesmo no caso de um projeto, se eu não posso participar de um time de futebol, eu acho que eu vou ter que arrumar uma galera que eu possa fazer parte ou tá me envolvendo com ela, entendeu. A droga, na verdade, se torna um elo de ligação. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 09).

No caso do seu projeto, ele não faz distinção entre “viciados” e “não viciados”. “Aqui, por exemplo, quando a gente faz o trabalho, a gente pega todo mundo, quem usa e quem não usa, aqui não tem bonzinho, não tem o melhorzinho, aqui todo mundo é igual” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 09). Do lado de fora, atrás do galpão, quando chegamos para a gravação, encontramos jovens consumindo drogas, mas não registramos e nem entrevistamos nenhum deles.

---

<sup>107</sup> Segundo o Atlas Social o “princípio” do programa JF nos Trilhos da Paz era “contribuir para a promoção da cultura da paz por meio da articulação de ações desenvolvidas por diversos órgãos públicos que visam criar alternativas para novas faces de vivências cotidianas, em que o diálogo e o respeito estejam presentes, contribuindo para afastar crianças e jovens de situações de risco pessoal e social”. (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2006A)

Famílias numerosas com mais de quatro filhos e pais ausentes, porque trabalham até nos fins de semana, é a realidade apresentada pelo mestre dos adolescentes que são “estigmatizados” pelos moradores de Benfica.

Tudo que se acontece é relacionado à Vila. Só pra citar um exemplo, houve uma época que houve uma depredação de orelhões e... sempre falavam que era o pessoal da Vila. Então quando houve uma investigação mais apurada, foram descobrir que eram as próprias pessoas de Benfica, moradores de Benfica que faziam. Mas aí, infelizmente a Vila, né, já tá estigmatizada, até porque, pela questão da situação da família, né, e vulnerabilidade, então quer dizer, vai realmente sempre ser culpada né? (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 09)

Paulo Elias verifica que a mídia contribui para o estereótipo negativo do morador da Vila Esperança II.

Se dá algum problema, igual, essa semana a gente teve um problema aí, na escola, de agressão, aquela coisa toda, até mesmo envolvendo pessoas nossas. Então, no jornal saiu a Vila Esperança II, não saiu a Maria ou a Teresa, saiu a Vila Esperança II. Então, quer dizer, a imprensa, a mídia, ela vê a coisa no sentido coletivo, ela não vê no sentido individual. Então é isso que repercute. Então eu acho assim, a comunidade tem que parar com essa coisa individualista. Acho que ela tem que tá pensando de uma forma geral, não é ver o garoto que fuma ou o garoto que cheira não. Ver o que que isso pode tá trazendo de efeito negativo, o que que pode tá melhorando isso. Dar uma visão positiva em relação a isso. Por exemplo, o trabalho que a gente faz aqui é um trabalho bom, a mídia não vem aqui divulgar isso. Então esse que é o problema, a mídia divulga um ou dois fatos isolados, mas ela não divulga o trabalho coletivo que a gente faz. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 09)

Ele critica o trabalho realizado pela Pastoral do Menor, apesar de ser instrutor, porque é feito no centro de Benfica, sem considerar a territorialidade dos adolescentes. “Eu acho que a inclusão social se desenvolve a partir do momento que eu valorizo meu espaço. Para que eu possa valorizar a minha comunidade, o meio o qual eu faço parte, eu tenho que fazer, desenvolver alguma coisa dentro desse local” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 09).

Na compreensão de Paulo Elias, Benfica é área de fluxo, trânsito, cujo ponto de convergência entre os moradores de todos os bairros se estabelece na praça Jeremias Garcia.

Benfica hoje, a gente não vê Benfica como um bairro né? Benfica é um local de passagem, porque lá, praticamente cresceu muito, abriu muito as coisas, então são muitos bairros, entendeu, ligados a área de Benfica. Então, falar de Benfica, assim, como um bairro realmente fechado é complicado. Por isso que hoje há uma concentração, e toda forma de atividades que se busca é voltada pra praça de

Benfica, que eu acho que é o único centro de encontro né que tem ali aberto em Benfica hoje. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 09)

Paulo Elias tem o enunciado articulado de um ator social que trabalha com criança e adolescente “há dez anos”. Sua história pessoal não é abordada na entrevista. Gravamos também um breve depoimento com Lucia Helena Borges, agente de defesa civil, moradora da Vila Esperança II há dez anos e “relações públicas” do projeto, “ajudando” a buscar recursos para o lanche e para a reforma do espaço. Insiste na necessidade de resolver o problema da estrutura física, pois o período chuvoso se aproximava e as “crianças” corriam o risco de ficar sem atividades. Começou a chover enquanto registrávamos a roda de capoeira e gravamos as goteiras do “galpão”. Percebemos também o predomínio dos pequenos na atividade, atestado pela preocupação da Lúcia, apesar do mestre destacar o trabalho com os maiores.

Entrevistamos ainda três alunas do projeto, com idade entre 14 e 15 anos, que seguem a fala da agente, pedindo melhorias para o espaço. Eu pergunto a elas o que há de bom e ruim na comunidade. Como ponto positivo, as jovens apontam a escola, as pessoas, o “galpão”. Os pontos negativos citados são a “desunião”, o consumo de drogas e a violência. Paulo Elias não mantém o projeto Gingaerê mais. O JF nos Trilhos da Paz também foi encerrado. A roda de capoeira no “galpão” continua.

Por outro viés de “inclusão”, procuramos a academia de dança Over Jazz, estabelecida na região de Benfica, desde 1987. Em 2001, a instituição criou o Projeto Bolsista, direcionado para as alunas oriundas das escolas públicas e com baixa renda. Realizamos a gravação de quase duas horas em dois momentos, em 28 de fevereiro e no dia 3 de março de 2005, reunindo depoimentos das alunas adolescentes e do grupo adulto, além de imagens das aulas e ensaio.

A primeira interpelação é com as alunas, todas com idade entre 12 e 14 anos, “bolsistas” há quatro anos, cujas rendas familiares não ultrapassavam um salário mínimo. Elas destacam, principalmente, o momento do espetáculo e o fato de dançarem em palcos reconhecidos de Juiz de Fora, como o Theatro Central e o Pró-Música. Confirmam que o uniforme e o figurino das apresentações são oferecidos pela escola.

Em seguida, entrevistamos a idealizadora e proprietária da academia. Elenize Seguro, aos 36 anos naquela ocasião. Inicia contando que trabalha com dança há mais de vinte

anos, dos quais quinze em Benfica quando começou uma “brincadeira” na ABCR<sup>108</sup>. Sempre morou na região e o seu ciclo de amizades é ali.

Sobre o Projeto Bolsista, comenta que é um “sonho”.

Na verdade, quando eu comecei a dançar, eu demorei a entrar nas aulas de dança pela minha condição financeira. Há uns anos atrás, dança era muito caro, poucas, só famílias de classe média alta conseguiam fazer. E eu já morava longe, morava em Santa Cruz. Então eu tive que esperar um bom tempo pra entrar na aula de dança. Entrei, na melhor escola de Juiz de Fora e quase tive que sair porque meu pai não teve condições de continuar pagando. Chegou uma hora que eu tive que escolher. (...) Eu teria que escolher entre ir para um colégio melhor ou continuar dançando. Eu continuei dançando, por esforço meu, arrumei emprego, mas foi muito difícil continuar dançando. E pensando nisso, que muita gente falava que a filha tinha vontade de dançar, mas pagar a mensalidade comum da escola era caro, fica apertado, eu comecei a pensar num projeto, para dar oportunidade a meninas, né, que tem uma condição financeira mais baixa. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

Assim, na sua academia existe o “setor particular” pagando o valor integral das mensalidades e o “projeto”, no qual as alunas também contribuem financeiramente, mas com uma “taxa simbólica”, concedida em virtude da avaliação que ela faz com sua equipe de trabalho. Ela esclarece essas “diferenças” às famílias, que apoiam.

Elas pagam uma taxa simbólica. Com essa taxa paga mensalmente nós mantemos a aluna na sala de aula. Tudo que ela precisa, desde o collant, sapatilha, meia, saia, o projeto fornece. Quando tem apresentações, fantasias, tudo que a criança precisa até o elástico de cabelo, o projeto dá essa fantasia para a criança. Então nós mantemos essa criança na sala de aula. Pra poder manter o projeto nesses quatro anos, nós trabalhamos muito, nós fazemos festival de pipoca, rifas, apresentações aqui em Benfica e toda a renda destes eventos que a gente faz, dessas promoções é pro projeto. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

Elenize ressalta que não há distinção no tratamento das alunas bolsistas e não bolsistas, que participam da mesma aula.

Porque a gente vê que várias classes sociais convivem muito bem aqui dentro, fora daqui também porque elas são amigas na verdade, e não existe diferenciação do aprendizado de uma menina mais rica ou uma menina mais pobre, não há essa diferença, todos são iguais. É uma oportunidade da gente trabalhar essa igualdade aqui. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

<sup>108</sup> A Associação Beneficente Cultural e Recreativa dos funcionários da FJF (ABCR) foi criada por volta de 1978, a partir do anterior Centro Social dos Funcionários da FJF (CESO), buscando integrar atividades de lazer, comércio e assistência social para “a melhoria da qualidade de vida e acesso a bens de consumo aos funcionários da fábrica e seus familiares”. Informação disponível em <http://clubeabcrt.com.br/nossoclubetm> (acesso em 2 de maio de 2013).



Para fazer um trabalho com “crianças carentes”, ela conta que precisou da “segurança de outros empregos”. Naquele ano, sua iniciativa tinha conseguido recursos da LMM. Assim, além das 140 alunas “bolsistas”, ela estava abrindo 40 vagas direcionadas para estudantes da Escola Municipal Profa. Áurea Nardelli, localizada na Vila Esperança, isso porque ela identificou que, mesmo com o valor mínimo, as meninas daquela área não procuravam a escola.

Quando se volta para o trabalho do “corpo” de bailarinas Over Jazz, o grupo profissional criado em 1987 de forma amadora, o enunciado de Elenize é todo voltado para a valorização do esforço e dedicação das integrantes na superação das dificuldades. Para isso, elas se “qualificaram”, trazendo cursos com a Regina Sauer, por exemplo, e outros professores do Teatro Municipal. Em 2004, elas também participaram do projeto Trilhas da Cultura financiado pela siderúrgica Belgo Mineira<sup>109</sup>, apresentando o espetáculo “Mulheres” em várias cidades de Minas Gerais. Desse modo, elas se sentiam “reconhecidas” naquele momento.

Gratificante é quando as pessoas falam assim: nossa, mas esse grupo é lá de Benfica, não é gente, não tem nada melhor que isso [risos]. A gente apresenta no centro, ninguém acredita em trabalho de bairro, isso já é muito complicado, todo mundo acredita em trabalho daqueles do círculo ali, né, cultural do centro da cidade e nós só apresentávamos aqui em Benfica. Desde 94, ou 93. Desde 93 que nós começamos a apresentar no centro da cidade. Nós levamos alguns anos para ser respeitada, para sermos respeitadas como bailarinas. E agora o meu trabalho é considerado um trabalho como as escolas de Juiz de Fora, todo mundo conhece a academia de Benfica (...) Nós conseguimos entrar nesse meio cultural. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

A importância do grupo para o desenvolvimento pessoal e o orgulho de serem reconhecidas perpassa o depoimento das outras integrantes. Áurea Ladeira, provavelmente com a mesma idade de Elenize, ressalta a importância dos vínculos. “O Over Jazz é como se fosse uma família”, declara. Sendo uma das primeiras integrantes enumera as dificuldades enfrentadas com a falta de patrocínio. Elas exerciam várias funções nos espetáculos, de operação de áudio, iluminação, maquiagem, figurino até a limpeza, realizando um “milagre” para dar “tudo certo”. No caso dela, que era atendente de um cartório, ainda destaca a atribuição de conciliar o trabalho com a dança. Áurea relata que havia um “preconceito” no meio artístico de Juiz de Fora com relação ao “grupo de Benfica”, superado pelo “amadurecimento” profissional. Os obstáculos que venceram juntas são, para ela, um fator diferencial.

---

<sup>109</sup> Atualmente sob propriedade do grupo ArcelorMittal.

O nosso grupo é mais unido, tem uma união que outros não tem, até por isso, pela dificuldade. Cada um com a sua história, com seus problemas, com a sua dificuldade, mas com o objetivo que é dançar. Então, vale a pena fazer tudo, passar por cima das dificuldades. Fazer tudo pra dançar, pra apresentar, pra fazer melhor, fazer o que a gente sempre gostou que é dançar. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

Simone Agostinho, com idade próxima dos 30 anos, era estudante de Educação Física na UFJF. Ressalta que a opção pelo curso foi motivada pelo seu envolvimento no Over Jazz. Teve que se afastar por causa da gravidez e assim ela passou por “dois partos”. Ela toma o *elo* da união como ponto forte e distintivo.

Eu tenho amigas do curso de Educação Física que dançam em outras academias e elas tem uma pontinha de inveja porque essa união de grupo só existe aqui, no bairro de Benfica, porque o que eu tenho de notícia é ... Elas não têm essa amizade e tá sempre modificando. Esse ano tem um grupo, o ano que vem fica uma, no outro mais uma, aí vai trocando. Aqui não. Aqui uma sai, em função de algum problema, mas retorna. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

Nostálgica, Simone guarda todas as “fantasias” que utilizou nas apresentações e confessa assistir às fitas dos espetáculos, desde o início do grupo. “Ai como é gostoso, você vê todo mundo envelhecer e ainda junto. É isso que eu pretendo, envelhecer com o grupo, com todas as dificuldades, mas sempre dançando”, comenta.

Marcella Escobar, negra, na casa dos 20 anos de idade, já interpreta a união do “corpo” como o espaço das interações. “Ele é mais que esse corpo que vem aqui dançar. É todas as relações desses corpos, assim, às vezes muda, permanece, estabelece em casa, marido, filhos, junto com a gente (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38). Pertencerem a um território comum faz essas relações ficarem mais íntimas, segundo a bailarina, que entende a superação das dificuldades como outros processos de aprendizado.

Palco pra mim foi aquele espetáculo que a gente fez que não tinha estrutura, tinha um palco todo furado, com uma cratera. E a Elenize olhou pro palco assim... [imita a diretora] Em menos de cinco minutos ela olhou pra traz, foi uma das coisas mais especiais, olhou pra traz, movimentou rapidinho, em meia hora viramos todas as cadeiras e dançamos no chão atrás. E a comunidade da cidade emocionada. Foi a superação de espaço da gente, da visão que a gente tinha de espaço para um espetáculo perfeito. É no Theatro Central, no Solar, tem que ter a cochia certinha. Lá não tinha nada, tinha gente, gente dançando. Foi muito especial. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

A caçula do grupo, também negra, com menos de 20 anos de idade, foi descoberta por Elenize no trabalho que ela realiza no Instituto Jesus, situado na zona sudeste de Juiz de Fora. Michele (não tomamos o sobrenome) pouco fala, apenas destaca que os pais, apesar de

apoiarem o seu envolvimento, não entendem porque ela integra o grupo de Benfica, precisando gastar mais passagens e tempo com deslocamento do Bairro de Lourdes até a localidade na zona norte.

A irmã de Elenize, Elaine Seguro, aos 27 anos, apresenta no seu depoimento um *elo* não mobilizado pelas outras bailarinas, sobre o diferencial da academia de dança Over Jazz.

Geralmente meninas pobres não têm essa oportunidade, eu vou falar porque é o que acontece. Quando nós assistimos apresentações no centro da cidade ou em outras cidades, dificilmente você vê uma criança negra. Geralmente, são crianças brancas que têm boas condições e aqui no nosso projeto não. Nós temos muitas crianças negras que só tem oportunidade de fazer aula porque nós abrimos o projeto, se não elas não poderiam fazer, pela condição financeira e pelas academias não abrirem as portas pra elas. Porque no centro da cidade elas gastariam as passagens pra poder fazer aula, as mensalidades são muito caras no centro da cidade e aqui não. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

E a questão da renda é abordada por ela também sobre o próprio grupo, quando participa de apresentações ou festivais em outras cidades. “Geralmente nós vamos dançar sem dinheiro [risos gerais]. Nós somos pessoas que não tem condições financeiras das melhores, mas também não é das piores”.

Diante desses depoimentos, Elenize pede para falar novamente.

Se essas meninas começaram com 12 anos e ficaram tanto tempo na escola, construímos nós todas uma história juntas, essas meninas que estão começando agora, elas vão se tornar outro grupo como esse, outra família com uma história, uma história ligada à dança. E nós vamos fazer tudo, nós juntas aqui, eu com meu trabalho, com o projeto para que essas meninas tenham também uma história bonita. Eu fiquei ali ouvindo todo mundo falar, eu estou quase emocionada. Na verdade eu fiquei lembrando que a nossa história é muito bonita. (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 38)

O grupo Over Jazz com a academia de dança e o Projeto Bolsista continua em Benfica.

A “orientação social” dos dois idealizadores de projetos de “inclusão” é claramente distinta, mesmo lidando com crianças e adolescentes oriundos da mesma localidade. Paulo Elias tinha experiência no trabalho com crianças e adolescentes, mas o seu projeto estava começando. Além disso, sua proposta não era apenas dar aulas ou formar um grupo de capoeira na Vila Esperança II. Ele almejava intervir na realidade daqueles adolescentes de uma localidade estigmatizada, permeada pela violência, tráfico e consumo de

drogas. Seu discurso está mais atento à *responsabilidade*, a fomentar uma *atitude responsiva ativa* (BAKHTIN, 1997), usando a *interpelação* para convocar a uma ação. Não se atém à descrição. Ele fala com a *autoridade* de quem está dentro daquele contexto, sua *ideologia do cotidiano* busca interferir no *sistema*. Desse modo sua narrativa é permeada por um suposto julgamento objetivo dos fatos que ele lida e, ao mesmo tempo, reivindica o envolvimento de terceiros (moradores, mídia e poder público) na solução daqueles problemas. Elenize, por sua vez, tem uma história para contar. Por isso, seu discurso concentra-se na sua biografia e na trajetória do “corpo” Over Jazz. Ela parte do esforço individual para a realização de um trabalho de grupo que recentemente tornara-se um trabalho social naquele território. Sua narrativa é mais subjetiva porque ela não tem a ambição de alterar o *sistema ideológico* vigente, ainda que possa promover alguma pequena mudança com sua atitude. Paulo Elias e Elenize possuem diferentes gradações da *consciência*, que são alimentadas por suas apreensões do mundo entoadas nesses enunciados que imaginam, anseiam *devires* distintos: para ele, compromisso dos outros com a atuação dele; para ela, atuação dela comprometida com os outros. Mas a diferença do contexto é categórica, Elenize está fora e Paulo Elias dentro do ambiente que almejam agenciar transformações.

## 2.5. Os elos *possíveis*

Ana Enne (2002) identifica na Baixada Fluminense agentes cujas inserções naquela grande *rede de memória* ainda não se encontram consolidadas, formalizadas. Aqueles mais incorporados, mais reconhecidos como tais, são por ela denominados de *prováveis*. Os que possuem tímida penetração, por conta da pouca visibilidade ou das breves articulações que promovem, são considerados *elos possíveis*. Escolhemos usar esta categoria para descrever os repertórios mobilizados pelos nove jovens que ficaram no projeto *Benfica da gente* do começo ao fim. Primeiro, porque eles passaram a se perceber como atores sociais da memória e história da região no decorrer do nosso percurso juntos, ideia fortalecida quando aceitaram se tornar personagens do documentário. Segundo, porque não poderíamos prever o destino de suas vidas para que os relacionasse em alguma das demais classificações. Entendendo a distinção que a autora faz entre possibilidade e probabilidade, considerando os níveis de interação destes elos com os outros, a posição futura dos jovens na *cadeia de memória e história* de Benfica a partir do documentário está na arena do possível e não do provável. Isto porque a participação no documentário desde a concepção foi apenas mais um componente do *campo de possibilidades* de cada indivíduo deste grupo que se encontrava em uma etapa de formulação dos seus *projetos* (VELHO, 1994). Não foram *silenciados*, pois todos entram no vídeo final, mesmo que em proporções diferentes.

Antes de aprofundarmos na análise dos depoimentos dos jovens, dedicamo-nos a algumas considerações teóricas sobre “juventudes”. Poderíamos apresentar uma extensa lista de autores, só brasileiros, dedicados a esta categoria, não apenas enquanto faixa etária ou grupo social, mas sobre os discursos, representações e sociabilidades, ou ainda, voltados a discussão das políticas públicas dirigidas a este segmento. Helena Abramo (1997) faz um panorama desses estudos no Brasil que se intensificam a partir da década de 1990. Ela critica a “tematização social”, afirmando que no meio acadêmico e na opinião pública brasileira, a “juventude” concentra os “dilemas da contemporaneidade”, é um “retrato projetivo da sociedade” e, por isso, condensa medos e esperanças. Nesta publicação, a pesquisadora discute a escassez de estudos sobre os “jovens” enquanto “sujeitos”, no sentido “pleno” da palavra, ou seja, o predomínio da visão que “desqualifica” a atuação deles, que não verifica proposições nas suas atitudes, que não os reconhece como interlocutores das próprias questões dentro da sociedade. Se naquele momento era raro compreender os jovens enquanto

“sujeitos”, por consequência, não seria fácil percebê-los como portadores de *história* e *memória*. Isso pode explicar a nossa dificuldade em encontrar trabalhos que aproximem estes termos: juventude e memória. Com o aumento dos trabalhos sobre o tema, outros recortes de pesquisa são efetuados. O jovem começa a ser visto como “sujeito social” (DAYRELL, 2003) e juventude passa a ser configurada como uma “condição social” e um “tipo de representação”. Também percebe-se a tomada deste grupo enquanto “sintoma” da cultura, ou melhor, “consumidor” em potencial da indústria cultural (KEHL, in: NOVAES; VANNUCHI, 2004). E, desse modo, um público-alvo do mercado da nostalgia nesses tempos de “musealização da cultura” (FISCHER, 2008; HUYSSSEN, 2000).

Um importante panorama da condição juvenil no início do século XXI pode ser observado nas publicações sobre o Projeto Juventude, conduzido pela Fundação Perseu Abramo e pelo Instituto Cidadania: *Juventude e Sociedade* (NOVAES; VANNUCHI, 2004) e *Retratos da juventude brasileira* (ABRAMO; BRANCO, 2005). Por estes trabalhos notamos que os temas, no nosso caso *elos* mobilizados pelos jovens de Benfica não são peculiaridades deste território, integram a “conjuntura histórica” deste “coorte” em tempos de “crise social” (SINGER. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, pp. 27-35).

Por hora, atende-nos seguir as considerações de Hila Rodrigues (2009). Segundo a pesquisadora, os estudos contemporâneos passam a reconhecer a pluralidade nas “formas de ser jovem”, ou seja, a “diversidade” existente neste coorte geracional em virtude das “particularidades” reservadas a cada sujeito conforme o “tempo, contexto, lugar e situação” experimentados. Interessa-nos a compreensão dos processos que interferem na produção das “diferenças” entre jovens.

A diversidade (ou a diferença) não está vinculada por obra do acaso a épocas e cenários específicos, ou a espaços e contextos particulares. Ao contrário, ela só está condicionada a esses fatores em função de três processos básicos, e bastante específicos no caso da juventude: a construção da memória e da identidade, o lugar onde essa construção se dá e o tipo de sociabilidade estabelecido nesse lugar em determinadas circunstâncias – elementos que podem ser examinados separadamente. (RODRIGUES, 2009, p. 47)

Sobre o primeiro processo, a “construção da memória e da identidade”, Rodrigues recorre a BOSI (1995) para explicar que o futuro projetado pelos jovens está relacionado à construção identitária dentro de um espaço social e, portanto, acumula “fragmentos de memória”. Lembrar-se em diferentes momentos da vida é uma questão de juízo de valor. A autora está tomando o desenvolvimento de Eclea Bosi sobre o pensamento de Halbwachs, no

qual a atividade mnemônica é regida pela “função social” de quem se lembra. E, deste modo, os sujeitos ativos ocupam-se da prática, da vida cotidiana, sem perceber as reminiscências ali agregadas, enquanto os não-ativos ocupam-se do passado, reconstruindo-o, resguardadas as peculiaridades entre as sociedades. Ainda assim, as lembranças estão sempre relacionadas ao outro para a construção de si, tomando os repertórios do presente. Daí a influência dos “quadros sociais”, cuja “família” seria o “primeiro núcleo do *eu*” para a construção da identidade. Os quadros sociais do passado (família, igreja, sindicato, partido etc) eram organizadores e reprodutores de elos sociais. Citamos anteriormente a argumentação de Pollak que os *enquadramentos* da memória produzem novas narrativas disputando um espaço na “memória coletiva” já não tão acabada quanto nos tempos do Estado-Nação. Na contemporaneidade, são possíveis inúmeros *enquadramentos* arquitetados pelos novos atores sociais organizados em movimentos – por direitos humanos, gênero, étnicos, ambientais, entre outros – como também norteados diretamente pelo consumo. Isso pode ser tomado por alguns autores utilizados por Rodrigues (2009) como “perda de referências”, já que os indivíduos se mostram menos dispostos à adesão de uma versão da memória e, por conseguinte, a um projeto de futuro. Para nós, recorrendo a Gilberto Velho (1994), trata-se da transitoriedade das relações sociais contemporâneas *ultrapermeáveis* à complexa rede de informações do capitalismo possibilitando a co-existência de vários projetos para o mesmo sujeito, ainda que sejam divergentes. Entretanto, estes projetos vão ter que se relacionar com outros, entrando em negociação com os valores e significados de um universo cultural comum, gerando outras possibilidades.

O segundo processo, o “lugar/contexto da produção da diversidade juvenil”, nos é atraente por estar relacionado ao território. Rodrigues apresenta uma síntese de estudos sobre o “bairro” enquanto espaço público não homogêneo para a juventude, abarcando variações na *mobilidade e circulação*. A saída do espaço privado – casa – para o público – rua – pelos jovens é um novo momento de construção identitária, livre, em princípio, da tutela familiar. São nestes locais de encontro (rua, praça, porta de escola etc) que se manifestam as interações locais destes atores. Entretanto, nem sempre do mesmo modo, pois o que é violento para alguns pode ser natural para outros, onde é seguro para uns torna-se inseguro para outros, o *locus* de reconhecimento de uns é arena de indiferença ou preconceito dos outros. Estabelece-se entre os jovens dentro de uma determinada localidade a distinção entre *nós e eles* com base nos seus percursos e comportamentos. Acreditamos que é nesta caminhada pelo território, fixando-se nele, saindo dele ou recolhendo-se, que os jovens delineiam o “campo de

possibilidades” de seus *projetos* (VELHO, 1994), antes restrito à família e à escola<sup>110</sup> e, agora, mais expostos aos riscos do seu cotidiano, cujas oportunidades não são iguais.

O terceiro processo constituinte da *diversidade* juvenil, segundo Rodrigues (2009) concentra-se nas “formas de sociabilidade dos jovens no espaço urbano”. Adotando principalmente os estudos de Simmel (1987, 2003, 2006), a autora chama a atenção para as particularidades dos cotidianos em cenários e contextos diversos dentro dos “circuitos urbanos” que são estabelecidos nos “espaços de interação e representação”. Fundamenta-se numa ideia de interação não relacionada a “interesses estruturais” como motivações econômicas ou políticas, mas voltada a “si mesma”, o “social puro” (SIMMEL, 2006). Não compactuamos dessa ideia de “pureza” nas relações sociais, até mesmo porque, segundo a autora, o próprio Simmel identifica a existência de “associações por conveniência” que norteiam a escolha de amigos, frequência a determinados locais e filiação a segmentos sociais. No nosso entendimento, as sociabilidades dos jovens nos espaços urbanos é tão complexa que, tomando a análise da autora, encontramos traços comuns que os unem a despeito do que os separa como também estes traços separam embora parecessem fatores de ligação. Isso acontece porque há uma relação de reciprocidade na interação entre sociedade e juventudes. O jovem urbano é “ponto privilegiado de cruzamento de vários círculos sociais, torna-se um pólo de relações e tensões nos espaços por onde circula” (RODRIGUES, 2009, p. 69).

Mas não são estes os processos que tornam a diversidade na juventude uma qualidade “singular”. Pois em outros recortes etários facilmente se nota que existem diferentes formas de *ser* num determinado contexto. Para Rodrigues, a singularidade desta “fase” está no seu caráter transitório, “de construção da identidade, de constituição do sujeito, de lapidação do cidadão” e, na nossa compreensão, os jovens, apesar de direcionarem seu horizonte temporal para o futuro, mobilizam inconscientemente *elos* de suas memórias por serem sujeitos de uma história dentro do território, definindo suas trajetórias pelas condições sociais e culturais em que estão circunscritos.

Os alunos iniciaram o projeto, majoritariamente, como “adolescentes”, pois cursavam o Ensino Médio, o que lhes conferia certa “proteção”. Apenas duas alunas eram maiores de idade. Mas para quem estuda em escola pública e reside em uma região urbana com média salarial por chefe de família de quase dois salários-mínimos, a “juventude” é uma

---

<sup>110</sup> Família e escola aqui colocadas não como instituições fixas e estáveis, locais de formação e convenções, mas como os primeiros espaços de interações sociais.



*moratória* difícil porque se encontra em *déficit* com as possibilidades de consumo e em *superávit* com as expectativas sobre o porvir<sup>111</sup>.

Não havia a intenção de gravar as falas dos alunos pela proposta inicial do projeto. Essa decisão foi tomada depois que toda a parte memorialista e de descrição da origem dos bairros no entorno de Benfica fora editada. O documentário também pretendia retratar a “atualidade” da região. Não conseguiríamos fazer isso apenas com os idosos entrevistados ou com as lideranças comunitárias e idealizadores de projetos de “inclusão”. Havíamos tentado, por entrevistas na praça de Benfica, recolher falas de outros jovens. Sozinha, por conta própria, gravei um pequeno depoimento no dia 12 de dezembro de 2005 com um menor de idade, negro, que ficava sempre na rua até tarde da noite, porque eu frequentava o local e conhecia o menino. Mas este depoimento reforçava os estigmas da juventude de periferia, embora não fosse a intenção. Sua identidade deveria ser preservada. Esteticamente, a opção por focar apenas na sua boca e ainda alterar a voz na edição final, sendo que os assuntos abordados eram delicados, era uma escolha estereotipada. O garoto fala da realidade de ser menor ali na praça, vendo o tráfico, consumindo drogas, cometendo pequenos delitos e das brigas entre jovens de territórios diferentes. Ele dizia querer “sair fora dessa”, estudar e “ser alguém na vida”.

Não pretendíamos encerrar o documentário com os problemas do presente, entendíamos importante fortalecer os laços comunitários do território. Surgiu, então, a ideia de tomar o depoimento dos alunos do projeto. Fernando tinha receio da grande exposição a que eles seriam submetidos. Com mais de dezenove anos de idade, suas vidas haviam se transformado. Os sonhos mudaram ou não havia mais espaço para fantasia. Se antes eles eram tão parecidos, seus caminhos foram desiguais, tal qual o entorno deles, pois o mundo “é apenas um conjunto de *possibilidades*, cuja efetivação depende das *oportunidades* oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 2006, p. 230).

---

<sup>111</sup> Maria Rita Kehl (in: NOVAES; VANNUCHI, 2004, p. 91) atribui o sentido de *moratória* à adolescência na modernidade, “período dilatado de espera do vivido pelos que já não são crianças, mas ainda não se incorporaram à vida adulta”. Sentido transformado, pela indústria cultural, em potencial de consumo que, na contemporaneidade, é oferecido como “modelo de beleza, liberdade e sensualidade”. Por um lado, a “cultura jovem” pós-moderna emancipa o adolescente e por outro, torna-se ideal de vida para todas as idades. O modelo é oferecido à identificação com todas as faixas etárias e todas as classes sociais, mas o consumo dele, apesar de tão desejável, não é para todos. Helena Abramo (in: ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 43) explica que a *moratória* sofreu modificações no seu conteúdo abarcando “variados processos de inserção em várias dimensões da vida pessoal e social, como sexualidade, trabalho, participação cultural e política etc. Tal fato deve-se à abrangência ampliada do fenômeno juventude, prolongando este ciclo de vida, estendendo-o a diversos segmentos sociais, agregando múltiplos elementos da experiência juvenil e diversificando as noções socialmente estabelecidas. Em suma, não se trata mais de “adiamento” e “suspensão”, ou “preparação para a vida adulta”, mas a “experiência juvenil” toma “sentido em si mesma”.

Das seis jovens alunas que deram o depoimento, duas já eram mães, outra suspeitava de gravidez, mas não revelou. Três concluíram o ensino médio. Apenas uma cursava faculdade particular de pedagogia. A maioria trabalhava. Outra abandonou tudo para morar com o namorado traficante. Entre os três alunos que foram entrevistados, um conseguiu completar o ensino técnico em escola pública federal e estava fazendo o curso de publicidade e propaganda em faculdade privada. Um havia repetido o último ano do ensino médio e o outro ia tentar vestibular de jornalismo. Todos trabalhavam: um era bolsista da Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, um ajudante de sapateiro e o outro operário em indústria da Zona Norte.

As entrevistas com os alunos foram tomadas em grupo, acumulando cerca de três horas de gravação em dois momentos distintos, sem possibilidade de verificação de data pelos nossos arquivos. No primeiro dia, falaram Sinval Abranches Neto, Vagner Oliveira, Sara Freitas e Ludmara Souza; no segundo, Michel Ribeiro, Roseane Rodriguês, Sílvia Rodrigues, Suellen Barroso e Renata Santos. As locações foram a laje da casa de Vagner, localizada no alto de Benfica, com toda a região e morros verdes ao fundo, e no terraço de Fernando Rocha, com os telhados das casas e antenas do bairro Araújo compondo o cenário.

A abordagem seguiu o mesmo roteiro para todos: apresentação, história da família, pontos positivos, pontos negativos e o futuro de Benfica. Eles teciam seus comentários livremente, mas nós, eu e Fernando, aprofundávamos e debatíamos com eles determinadas posições. Eles assistiam uns aos outros, mas não entravam na discussão. Vamos aqui descrever essa *interpelação* adotando os tópicos das entrevistas.

### **2.5.1 Quem era quem**

Sinval de Abranches Neto, aos 20 anos de idade, interage com o cenário. “Esse aqui é o meu bairro” (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70). Ele conta que mora na localidade desde que nasceu. Ali cresceu e, por estar morando na Nova Benfica, considera-se “um pouco afastado” na atualidade, embora continue “vivenciando o cotidiano”. Sinval pede para ser questionado, pois “não preparou nada” para aquele encontro. Pedimos para ele contar a história da família. A mãe é do Norte, Rondônia, a avó materna do Ceará e o avô do Maranhão. Eles se mudaram para Minas Gerais onde a mãe conheceu o pai, de família mineira, e se casaram, construindo a casa e “formando família” em Benfica. Sinval cursava Publicidade e Propaganda em instituição privada. Fez informática no Colégio Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (CTU/UFJF), conciliando com a

faculdade. Era bolsista da Editora Universitária. Filho único, seu padrão de vida não era alto, mas acima dos demais participantes. Cinéfilo, chegou a escrever algumas críticas de filmes para o site de um cinema no centro de Juiz de Fora. Trabalha hoje em uma agência, mas transita em várias áreas de produção, da criação à finalização para todas as mídias (impresso, rádio, audiovisual e internet). Ele tornou-se voluntário do Centro Cultural de Benfica e realizou algumas edições de vídeo para projetos locais.

Vagner Oliveira, negro e com 18 anos, residente no Bom Jesus, tem uma relação “confortável” com a câmera, adotando uma postura menos formal para contar sua história. “Moro aqui desde pequeno, nunca morei em outro lugar a não ser aqui em Benfica. Bom, é... minha família é grande. Acho que é bem conhecida aqui no bairro. Minha vó já tem uma... segue essa tradição de benzer aqui no bairro, né, a Dona Lenira” (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70). A avó de Vagner lavou roupas para a FEEA e criou todos os seus filhos ali, em volta dela. A família dele mantinha uma rede de proteção que o facilitava lidar com os seus problemas. Vagner sempre trabalhou com o tio, concertando sombrinhas. Tornara-se operário de indústria da Zona Norte e, ainda, era tecladista de uma banda de baile formada, majoritariamente, pelos parentes. Tinha olhar fotográfico, cinegrafista nato, queria ser jornalista e realizou seu desejo. Buscou sempre produzir matérias na região, desde quando começou o curso de jornalismo e, depois, como estagiário de uma emissora local. Profissionalmente, cobrindo férias nessa mesma empresa, recorria às fontes de Benfica, algumas que conheceu para a realização do documentário.

Sara Freitas, por sua vez, aos 17 anos de idade, moradora de Nova Benfica, apresenta-se e conduz imediatamente a sua fala para os problemas da região, concentrando-se no tema violência e pedindo “pena para os menores”. Não conseguimos saber se os seus pais já eram residentes ali, desde quando ela nasceu. Ela não menciona a própria família. Tentava seu primeiro vestibular naquele ano. O pai era pastor da Igreja Deus é Amor, que proibia de assistir televisão. Entretanto, abria concessões para atividades educativas, daí seu envolvimento no projeto. Ela participava da rádio da igreja naquele momento. Fala por quase todo o depoimento de forma objetiva, dirigida aos outros. O envolvimento na rádio e a “missão” do pai talvez tenham sido a base desse discurso “programado”. No período da gravação, ela fazia curso de cabeleireira. Trabalhou em um salão em Benfica, foi atendente no comércio e, recentemente, cursava pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ludmara Assis de Souza, negra, moradora da região central de Benfica, aos 18 anos de idade, apresenta-se e relata as “vantagens” de se morar na localidade que “favorece várias situações”. Em seguida, aciona um repertório de “lembranças” da sua mudança para o bairro.

Eu moro em Benfica há cerca de doze anos porque quando eu era menor, eu morava no bairro vizinho, Nova Era, e meus pais vieram pra cá em busca de melhor qualidade de vida, né? Aqui os recursos eram, tinha os melhores recursos. Então tinha médicos, como eu era criança era melhor médico, tinha lazer, até mesmo igreja, entendeu. Era tudo mais perto, então, a gente saiu do bairro vizinho pra vim pra Benfica que era o centro, atualmente é o centro dos bairros vizinhos, é onde as pessoas vêm procurar as coisas, tipo... Os moradores... O foco dos moradores dos bairros vizinhos é Benfica porque se os moradores vizinhos não vierem pra Benfica, eles vão pro centro. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Quando entrou no projeto, Ludmara demonstrava grande engajamento sócio-cultural. Participava do Grêmio Estudantil, jogava futebol no Esporte Clube Benfica, fazia capoeira e ensaiava na escola com um grupo de *street dance*. Ela tinha uma câmera VHS, gravava casamentos e aniversários, possuía noções de edição linear caseira realizada com o equipamento ligado ao vídeo-cassete. Ficou grávida, mas concluiu os estudos. Continua com o pai da sua filha e sempre teve o apoio da família de ambos. Ela está fazendo curso técnico de Transações Imobiliárias pelo Instituto Federal de Educação Tecnológica (IFET-Sudeste). Deixou para segundo plano o sonho da faculdade de comunicação ou direito em busca da independência financeira.

Michel Antônio da Silva Ribeiro, 20 anos, enfatiza o fato de sempre ter morado em Benfica. Ele havia repetido o terceiro ano e continuava na escola. Inicia sua fala destacando o projeto Benfica da gente onde conheceu o “galerão da equipe”. Também neto de moradores antigos da região, o avô era um benzedor conhecido, sempre foi empolgado com as aulas e participava anteriormente de atividades sócio-culturais comunitárias como o coral da igreja e o grupo jovem. Foi ajudante de sapateiro desde os 14 anos de idade. Sempre conciliou trabalho e estudo, além de outras tantas atividades relacionadas à igreja, até concluir o ensino médio. Chegou a atuar em unidade de saúde voltada para o atendimento de idosos na prefeitura. Sempre participou da Sociedade São Vicente de Paula e da Renovação Carismática. Cogitou fazer faculdade de Serviço Social, mas tornou-se seminarista e preparase para ser padre.

Roseane Rodriguês mora em Benfica desde que nasceu. Aos 20 anos de idade, começa a entrevista com o filho no colo, ressaltando que toda a família dela morava na região.

Ela não se sente à vontade com a câmera, apesar de “brincar” comigo e com o Fernando. Rosinha, como era chamada entre nós, parou de estudar e não concluiu o ensino médio. Trabalhava numa confecção por intermédio de sua tia. A família, daquelas que se reúnem aos domingos e mora na mesma área, sempre foi um ponto de apoio. Rosinha continua morando com o pai do seu filho. Não fez e nem tentou faculdade.

Sílvia Rodrigues, negra, aos 21 anos, também ressalta que sempre viveu na região. Não cita a família, passa logo para o que gosta de fazer no bairro que é “bater perna”. Quando entrou no projeto já era maior de idade. A mãe morava com um namorado. Ela dividia a casa com a irmã e o companheiro. Eles tinham um bebê que Sílvia tomava conta. Não sabíamos do seu pai, e a mãe nunca apareceu em nenhuma atividade do projeto. Entretanto, considerada uma aluna indisciplinada na escola, ela sempre teve ótimo comportamento nas aulas e gravações. Em 2009, ela tinha dois filhos. Não a encontramos desde então.

Suellen Barroso, negra, com 18 anos de idade, conta que não gostava do bairro quando chegou, há 7 anos. Seus avós eram os primeiros moradores da área onde ela morava, uma localidade de transição entre Nova Benfica, Vila Esperança I e Santa Teresa. Ele foi “retireiro” na fazenda de Chico Donana. No início do projeto, Suellen era muito tímida e quieta. Frequentava igreja evangélica e sua mãe a levava nas gravações. Seus pais se separaram e a mãe teve que trabalhar mais. Mesmo com boas notas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ela abandonou a escola e foi morar com o namorado, traficante. Durante as gravações do seu depoimento, ela demonstrou conhecimento sobre o trabalho do companheiro e consciência das possíveis consequências. Suellen teve um filho com ele, não completou os estudos e chegou a ser presa. A avó mora na mesma casa e não sabia relatar direito o que aconteceu. Não tivemos mais notícias dela.

Renata Aredes Santos, aos 24 anos, tinha uma relação diferente dos demais com o bairro porque chegou à cidade e logo entrou no projeto. “O primeiro bairro que eu conheci em Juiz de Fora foi Benfíca” (Acervo Benfíca da gente, 2007, fita Mini-DV BG 69). Ela não era aluna da escola. Já havia concluído o ensino médio. Acompanhou a irmã que acabou desistindo. O pai trabalhava para uma indústria da Zona Norte. Mudou-se de Benfíca e finalizava o curso de pedagogia quando deu o depoimento. Teve uma filha e mantinha relações de amizade na região, onde a encontramos esporadicamente.

Essas minibiografias dos jovens personagens do documentário que ficaram ligados por três anos a este projeto busca contextualizar seus testemunhos sobre a região para que possamos mapear os elos que acionam.

### **2.5.2 O bairro por cada um**

O ponto positivo do bairro por unanimidade é “ter de tudo”. Todos os jovens reproduzem os *elos* dos demais moradores ao serem indagados. Neste aspecto, a atenção volta-se para o comércio e a oferta de serviços que permite “independência” com relação ao centro. Mas no desenrolar da entrevista notamos a mobilidade e circulação peculiares dos jovens que gostam de espaços diferentes e citam problemas comuns sob perspectivas distintas.

Sinval percebe o bairro como uma “cidade pequena” onde as pessoas sabem da vida umas das outras, o que ele julga “interessante”. Por outro lado, ao se aprofundar nos temas do tráfico e da praça, nota-se que ele não transita na região, que ele a descreve pelo que “ouve falar”.

Sempre brinquei muito, brinquei naquele negocinho de areia lá (a praça)... Mas, ultimamente, pelo que eu ouço falar a praça tá ficando uma coisa mais perigosa, né?... Aquele submundo de Benfica lá, meio escondido lá. [Fernando pergunta: Como assim, submundo?] A questão da violência, a violência aí de novo, a coisa do tráfico de drogas que a gente ouve falar, as pessoas vão lá... É, aquela coisa. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Sinval sempre ficou sob a proteção da família que só lhe cobrava compromisso com os estudos, apesar de considerar que os pais sempre deram “total liberdade”. Ao contrário dele, Vagner e Michel sempre trabalharam e estudaram. Eles também compreendem o bairro mais pelos outros do que pela experiência própria. O depoimento de Vagner, a seguir, demonstra a reprodução dos repertórios alheios nas suas ponderações sobre a praça.

É, outro problema também é o lance da violência, principalmente fim de semana, onde a praça era um "point", vamos dizer assim, que você tinha pra ir no fim de semana, você se limita, você pensa bastante antes de ir, entendeu. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Pergunto se ele frequenta a praça e ele responde que vai lá “muito pouco”. Então questiono como pode falar da violência ali se nos dias que realizamos as gravações juntos não aconteceu nada. Ele resolve focar nos aspectos positivos, influenciado por outros relatos.

À tarde é muito bom, porque muitos pais levam as crianças pra divertir, pra jogar bola. Tem a quadra onde os meninos jogam basquete. Você vê aquela interação, aquela amizade, aquele vínculo de amizade entre eles, um respeitando ao outro, entendeu. Tem esse lado positivo na praça, fora as lanchonetes ali ao redor que

lucram com isso, entendeu, onde faz a praça um ponto muito bom, tirando a violência. (Acervo Benfca da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Michel nem cita a praça, mas apresenta considerações sobre a juventude de Benfca que parecem mais com as falas do Sebastião Clemente, personagem que ele indicou, ou da própria avó, Zelina dos Santos Silva, cujas entrevistas presenciou.

Tá difícil de se lidar hoje entre os jovens. Antigamente em Benfca, nós saíamos de casa, deixávamos nossas casas abertas, deixávamos bicicleta do lado de fora e não sumia e hoje some. Por que que some? Que que tá acontecendo? Sabe, veio, tem amigos meus que andavam comigo, tomaram caminhos totalmente tortuosos, diferentes. Por que disso? Eu creio que falta até educação que vem de berço, educação de casa ali, você pegar mais firme com seus filhos. Antigamente era assim, a gente apanhava mesmo. Eu ainda sou do tempo que a gente apanhava mesmo, mas as pessoas... Eu vejo isso por exemplo dentro de casa, os que apanharam e os que não apanharam, é totalmente diferente, sabe, a educação é diferente, a cultura é diferente. A minha geração todos estão na igreja, todos caminham, trabalham, são pessoas. E os que não apanharam tão tomando rumo diferente, são mal-educados, não tão evoluindo como a sociedade queria que evoluísse. Então, a violência em Benfca, ela ainda é uma parte assim muito grave. Nós temos hoje também, antigamente já tinha a famosa maconhinha né? Hoje é a maconha mesmo e o povo tá querendo liberar ela aí. E no *nosso tempo* tinha, mas era escondido, era dois, quatro, cinco que fumavam e eles eram excluídos da sociedade. Hoje não, jovens aí fumam, na praça de Benfca nós tamo vendo aí pra quem vai, jovens fumam, tão cheirando cocaína. E a polícia até não faz nada porque o quê que vai adiantar? A polícia vai lá prende, aí a família paga um cadinho, um dinheirinho, a pessoa sai e faz tudo de novo. Vai dar como usuário. (Acervo Benfca da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Renata, por sua vez, mais madura e vivendo fora da região, tendo participado de poucas gravações e sem ouvir o relato dos outros alunos, não vivencia nem se debruça sobre este problema específico. “Por mais que tenha as coisas que acontece, assim, a violência, as coisas que estão acontecendo assim, é um bairro tranquilo, não tem tanta coisa assim igual outros bairros têm. Eu acho que Benfca é um dos melhores bairros ainda, dos que conheço e já ouvi falar” (Acervo Benfca da gente, 2007, fita Mini-DV BG 69). Conhecer e andar pela localidade foram consequências do seu envolvimento no *Benfca da gente*. “Meus amigos são vocês do projeto. Vocês me acolheram. Eu fui mais para fazer amizade mesmo”.

Ludmara que assistiu à gravação do depoimento do Vagner aciona o mesmo *elo* positivo sobre a praça.

Não tem muitos eventos, mas ela serve mesmo como conforto, um lazer, um, um programinha de fim de tarde, tem pizzarias, lanchonetes. É onde o... tem uma grande aglomeração, né, nos finais de semana, até mesmo no meio de semana pelo fato de ser um lugar é... populacionalmente, como explico [dou o texto: ponto de encontro] É. A praça Jeremias Garcia é o ponto de encontro. As pessoas acabam indo pra lá,

dia de semana, finais de semana pra poder encontrar algo. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Ela transitava em várias localidades da região por conta das suas amizades de infância e apresenta uma leitura menos factual da violência na praça, buscando contextualizar as brigas.

A violência não está somente em Benfica, está nos bairros ao redor. Eu acho que se estende a Benfica por ser o centro, ser o foco. Então existe uma rivalidade, bairro, entendeu, entre bairros, no qual essa violência, ela se centraliza logo no centro de Benfica. (...) Tanto eles são violentos quanto usam a violência, pelo fato social, pelo fato econômico. Então, alguns jovens, pelo fato de ser menos favorecidos em alguma coisa, eles acabam tendo que buscar por meio da violência porque eles não são valorizados, não tem uma ação pra poder ajudar, pra poder fortalecer o meio deles com a sociedade. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Sara Freitas, por sua vez, também não fala especificamente da praça, mas faz uma análise das causas da violência local considerando a Vila Esperança II o “foco” principal da insegurança e do tráfico de drogas em Benfica.

As pessoas vão atrás, elas julgam que não têm mesmo um poder aquisitivo para estar adquirindo um lote, uma casa, um apartamento ou alguma coisa parecida, entendeu. Então eles começam a invadir áreas privadas para ver se consegue chamar atenção do, vamos dizer assim, do prefeito para que ele possa estar liberando uma verba, garantindo um local de moradia. (...) Isso acaba sendo muito ruim, principalmente para a imagem do bairro, porque fica uma coisa, além de muito feia, traz uma violência maior e as pessoas se revoltam cada dia mais com essa situação que tem se tornado muito difícil para nós. Pessoas que às vezes não têm condição de estar construindo uma casa, fazendo algo assim, então eles começam a roubar, começam a correr atrás, começam a fazer as coisas pra favorecer a eles. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Sara compartilha da visão estereotipada de muitos habitantes do centro de Benfica, embora o projeto lhe tivesse proporcionado contato com o outro lado da história. Ela acha necessário um “apoio maior para a população” e defende radicalmente a “prisão” para os menores de idade, ainda que reconheça a “ausência” da família como motivação para que eles busquem “outros caminhos”. Parece-nos que ela compreende a vida no território cindida entre pessoas *do bem e do mal*, em virtude da sua bagagem religiosa.

Roseane, no entanto, assume uma postura saudosista com relação ao bairro. “Benfica, antes era bom, agora né não, porque antes não tinha tanta violência como tem agora” (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68). Ela não participou muito dos registros das lideranças comunitárias tendo contato maior com os *elos tradicionais*. No



entanto, ela tem uma visão menos preconceituosa sobre a violência entre os bairros, talvez porque morasse numa área bem próxima à Vila Esperança I.

O pessoal comenta que a violência da Vila, mas não é. Do jeito que tem gente boa na Vila, tem gente ruim também. Violência é em todo lugar, em Benfica, todos esses bairros, perto de Benfica. Vila é o que? Tem na Vila, tem no Bom Jesus, tem em todos os lugares. Aí então, por isso que eu não podia falar, entendeu, se os outros vêem isso eles vão me bater. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Trabalhando e com filho, não havia tempo para circular pelos espaços dos jovens de Benfica. Assim, ela tem uma postura apática. “Benfica não tem nada de bom, não tem nenhuma atração, não tem nada. [pausa] Na praça, os de sempre, nada de interessante, cê vai de uma esquina a outra, senta no banquinho, mais nada” (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71).

O contraponto a esses depoimentos é de Sílvia e Suellen. Sílvia, sem “proteção” do pai ou da mãe e dividindo uma moradia muito pequena com a família da irmã, vivia na “rua”.

Eu gosto de bater perna pelo bairro, que eu conheço bastante gente aí, eu vou lá em baixo na praça, eu fico andando com as meninas por aí, quando eu não tenho nada pra fazer, que isso é quase sempre. (...) A praça, minha filha, hum... Parece uma parte da minha casa, sabe, que eu tô lá quase todo dia, eu fico lá fazendo nada. É um ótimo lugar, é um ponto de encontro, sabe. Que ali cê encontra praticamente todo mundo. Cê quer encontrar alguém, é ir na praça de Benfica. Todo mundo se conhece ali. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Ter a praça como “casa” não impede Sílvia de perceber os conflitos ali estabelecidos, apesar de não estar inserida diretamente neles.

Quase todo final de semana, os moleque tá brigando. Os meninos de um bairro não combina com os moleque de outro. Aí quando aparece um bairro, o outro bairro que não combina, eles começa a brigar, tampa garrafa, mesa, vidro, dá tiro e assim vai. (...) Acho que um bairro quer ser melhor que o outro, sendo que é tudo igual. Cada grupo de meninos quer ser melhor que o outro. (...) Tem uma briga. Aí a polícia só chega daí, qua, na hora que acabou, daí meia hora é que vem, um paliozinho com dois PM e não faz nada, sabe, só lá dá umas cacetada nos moleque vai embora, pronto e acabou, no outro final de semana é a mesma coisa, quer dizer, tinha que reforçar a segurança, né, tinha que ter mais polícia,... mas... nunca tem, cê chega lá na praça nunca tem policial, nunca tem nada, né? (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

De acordo com a jovem, a maioria dos garotos envolvidos nas brigas não estudam, não trabalham, bebem e usam drogas. “Parece assim, que eles querem mais é que os outros saibam que eles fazem isso. E eles contam isso assim, com uma... calma, sabe. Eu faço,

eu vendo, eu fumo, eu cheiro. Como se fosse uma coisa normal. Como se todo mundo fizesse”.

Suellen que sempre teve apoio da família, principalmente da mãe, mas entrou em conflito após a separação dos pais, também encontrou na rua o seu lugar. “Depois com o tempo, que eu fui conhecendo as pessoas, fui me enturmando mais, comecei estudar aqui em Benfica... E agora adoro aqui, vivo na rua” (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71). Morando com o namorado traficante, ela conhecia por dentro as sociabilidades estabelecidas na Vila Esperança II.

Nossa, que Vila é isso, que Vila é aquilo, que lá só tem gente que não presta, mas na madrugada tá tudo lá. As pessoas assim que tira onda que mora em centro de Benfica, que tem dinheiro, que possui, tá tudo lá. Pode falar mal do bairro o dia inteiro, mas nas madrugada tá lá. Porque lá funciona é na madrugada. (...) Igual tem as pessoas que vendem. Tem as pessoas de bem que não gostam. Recorrem, denunciam. Mas tudo no calado porque eles mesmo falam, se ficar sabendo, derruba. Eles falam que vai matar. Igual teve um cara lá perto de casa, que eles tavam vendendo na porta dele. Ele falou que não aceitava porque era barulho de carro, gritaiada a noite toda, ele foi e chamou a polícia. Depois eles tamparam pedra na casa do homem tudo, falando que ia queimar e matar ele. O homem ficou uns tempo fora, agora que voltou, porque as pessoas ficam com medo.

Diante de tanto tempo envolvidos no mesmo projeto, parecia-nos difícil entender a entrada de Suellen naquele meio. Ela já havia revelado antes que sem estudo, as possibilidades dos moradores da sua área eram “montar carrocinha de hambúrguer” ou “vender droga”. Suellen não se declarava usuária e demonstrava conhecimento do ciclo econômico do tráfico porque o namorado estava nele inserido. Apesar de considerar difícil, não achava impossível sair daquele meio.

Eu não concordo com isso, eu não acho isso certo, dou conselho e tal. Porque tem muita gente que acha que aqui é igual no Rio, a pessoa que entra, não sai mais. Mas aqui não tem nada a ver, porque os patrões mesmo, se pagar direitinho, eles não esquentam da pessoa sair e tal. Mas conversa, mas a pessoa vai se enrolando, porque as pessoas que entram não tem dinheiro pra investir, vai pegando fiado. E isso, vai vendendo, essas pessoas assim, como não tem estudo, não sabe como administrar o dinheiro e vai gastando mais do que pode, vai ficando enrolado, vai ficando devendo, vai ficando mais, cada vez mais difícil de sair. Por isso que muita gente não sai. Porque deve, aí tá devendo, pega mais. Aí em vez de economizar pra pagar, não, gasta mais, vai gastando e fica desse jeito. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

“Segurança” e “violência” são *elos* predominantemente mobilizados por estes jovens que transitavam no mesmo território e conviveram por um período em comum. Este

fato aproxima-os dos resultados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”<sup>112</sup>, analisados por Abramo (in: ABRAMO; BRANCO 2005), na qual 55% dos entrevistados indicaram estes temas como “problemas” que os “preocupam”. Fica evidente, no entanto, pelos seus repertórios, que alguns “vivem”, estão dentro do circuito de conflito. Retomando Bakhtin (1997), no processo dialético de viver e compreender o território pela mobilidade que possuem, os jovens do projeto alternam os “sistemas de referência” para falar dos problemas do bairro. Alguns “enquadram” (POLLAK, 1992) a narrativa seguindo o viés das instituições como “família” e “igreja”, porque elas estão inseridas no seu contexto; outros, tomam os códigos da interação imediata dos grupos que participam como os “amigos” e “vizinhos”. Nestes enunciados, verificamos o uso das palavras dos outros em suas variabilidades, ou seja, a “expressividade” alheia é “assimilada, reestruturada ou modificada” pelo autor da fala, no nosso caso, os jovens (BAKHTIN, 1997, p. 314).

### 2.5.3 Oportunidades ou escolhas

Ah, meu futuro o que eu penso é voltar pra escola de novo e aproveitar esse pouquinho da vida, né, aproveitar pra estudar, chegar lá, estudar e depois arrumar um serviço aí melhor pra mim e pra ajudar meus pais também. Meu sonho mais mesmo é trabalhar, chegar numa faculdade aí, tirar meu diploma e trabalhar como mecânico. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 61)

A fala acima é do menor não identificado cujo depoimento tomamos na praça de Benfica. Ele não fez parte do projeto, não conhecíamos sua família e nunca mais o encontramos. Ele vivenciava a praça, desde os 9 anos de idade, até a madrugada. Esse enunciado nos parece fundamental para quebrar o paradigma de que jovens de “comportamento desviante” não possuem perspectivas de futuro. Também nos induz a refletir por que os alunos do *Benfica da gente*, apesar de partilharem experiências comuns no mesmo território, incluindo o projeto, trilharam percursos distintos e mantém enunciados semelhantes sobre a produção dessa diversidade no seu meio. Eles acionam o *elo* da “oportunidade” para identificar as causas dos trajetos desiguais, cujo sentido difuso é atravessado por “emprego”, “família”, “educação” e “governo”, mas também pela “escolha” individual, como aponta Sinal.

<sup>112</sup> “...um amplo levantamento quantitativo sobre esse contingente populacional, cujo planejamento atendeu ao propósito de que o estudo tivesse representatividade nacional e permitisse que a abordagem se desdobrasse na apresentação de resultados desagregados segundo as características regionais e outros aspectos fundamentais para a melhor compreensão do que é a juventude brasileira, respeitando a diversidade de temas e as características sociodemográficas e culturais que qualificam a juventude do país” (ABRAMO; BRANCO; 2005, pp. 9-10).

A gente consegue ver essa... esses dois extremos né? Alguns que seguiram por um caminho, outros por outro. A gente consegue distinguir, uns tão fazendo faculdade, amigos meus de infância, e outros também de infância, a gente vê que foi pro outro lado é... arrumou família, parou de estudar, não concluiu os ensinos e tal. Sempre vê esses dois extremos e como pode fazer diferença a oportunidade, o apoio da família. O cara estudou na mesma escola do que eu, eu tô fazendo faculdade e o cara tá morando no mesmo bairro, mas tá levando uma vida diferente e tal. Como isso pode fazer a diferença na hora de... na sua vida né? O bairro, ele pode ser bom ou ruim... Depende das oportunidades e como você aproveita essas oportunidades. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Vagner diz manter as relações de amizade independente dos caminhos que seus colegas tomaram. Reforça o núcleo familiar como fundamental para as decisões dos jovens.

Eu sempre estudei aqui em Benfica, entendeu. Então só o fim do ensino médio que eu fiz lá no centro. Então, é, isso me levou a ter bastante conhecido, bastantes amigos. E alguns, infelizmente, quiseram seguir o caminho das drogas, entendeu, constituíram família cedo, num quis acabar os estudos, num quis pensar no futuro, né?! Mas, independente disso, a gente é amigo, sabe, separa as coisas. (...) A família é a base de tudo. Família, amigo. Aí, aquilo ali vai influenciando no seu modo de pensar, no seu modo de viver, onde cê costuma tomar certas atitudes que num leva a caminho nenhum. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Sara mobiliza os mesmos *elos* de Vagner.

A família é muito importante, principalmente no processo de educação para os menores, para os filhos porque se um menor, ele fica sozinho em casa, muitas das vezes os pais trabalham, ele fica sozinho ou fica no meio de amigos. Se um amigo está num caminho ruim, está nas drogas, provavelmente esse filho terá uma possibilidade também de estar entrando no mundo das drogas. Por quê? Ele não tem o apoio, não tem uma conversa com os pais, muitas das vezes ele não tem um diálogo para estar esclarecendo aquilo que ele pode fazer e aquilo que não pode. Por mais que a pessoa tenha uma certa idade, ela sempre fica com dúvidas de muitas coisas. E talvez se os pais esclarecessem o que pode ser feito, acompanhar o crescimento do filho, estar ali juntamente com ele na escola, vendo o que ele está fazendo, vendo se ele está indo mesmo na escola. Isto é uma parte muito importante e é um processo que ajuda muito no crescimento do jovem. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Ludmara, além de ressaltar a importância da família, relata que o comportamento desviante leva à exclusão social. “Os pensamentos, acho que variam de acordo com a educação familiar”. Alguns de seus amigos, “carentes”, “correm atrás dos seus objetivos”, “procuram crescer na vida”, enquanto outros “não têm expectativa de vida” deixando-se influenciar pelo mundo das drogas, da prostituição. Do mesmo modo, existem jovens de “situação mais estável” que aproveitam ou não de suas condições. Ela é a única que enfoca a uma questão de gênero, talvez por estar vivendo a maternidade.

Eu tenho amigas q tiveram vários filhos com 12, 13 anos. Estão isoladas na sociedade, não tem aquele apoio da comunidade em geral, porque elas são desprezadas, porque quando elas vão procurar alguma coisa, as pessoas costumam bater as portas pelo fato do modo que elas vivem. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Michel, cujo depoimento sobre violência já citamos, destaca a importância de políticas públicas. Apesar de reconhecer que elas existem, que “o estado, a prefeitura faz”, ele não vê eficácia nessas ações para atingir a “massa”, porque falta “família estruturada” (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68).

Sílvia e Suellen, apesar de vivenciarem uma situação adversa aos de seus colegas, já fora do amparo familiar tradicional, ainda destacam a importância deste *elo*. A primeira justifica os atos dos jovens de gangues de bairro e o consumo de drogas à falta de diálogo. “Deve ser falta dos pais sentarem e conversarem com eles, apoio familiar”. A segunda apresenta outro “ponto de vista” sobre o que é estar dentro ou fora da sociedade. Ainda assim, ela reforça a importância da presença familiar na vida dos jovens. Segue a fala de Suellen.

Muita pressão, porque lá a moda é quem usa, não é quem não usa. Você tá por dentro, você tá incluído naquela sociedade, se você usa. Porque todo mundo começa na bebida, aí vai pro bagulho, depois é o pó, aí depois tá na pedra. Aí tá lá, na lata, viciado e tal, mas todo mundo, praticamente todo mundo lá, acha normal. Acha assim, igual pessoas assim que não usa. “Nossa, crack, nossa, que é isso!”. Lá não. “Pedra”, coisa mais comum do mundo, coisa natural, normal, como bebida, cigarro. (...) Acho que tinha de começar assim, de pequeno, coisa de família. Família sempre instruindo, dizendo que isso não é bom e tal. Porque a pessoa vai crescendo naquele meio, ninguém fala nada. Não. As pessoas de fora fala que é ruim, mas ele tá vendo ali assim, se é tão ruim por que todo mundo faz? Eu acho assim, tinham que ter, dar mais apoio aos jovens em relação ao estudo, emprego, porque as pessoas com mente vazia, o caminho que encontra é esse. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

O emprego está no topo da lista das “oportunidades” necessárias para estes jovens. Eles mencionam o problema de conseguir o primeiro trabalho formal, seja por falta de estudos ou por desvantagem com relação ao centro da cidade. Tomamos os depoimentos a seguir.

Vagner: Os comerciantes em si deviam dar mais oportunidades pra quem é do bairro, entendeu. Porque se você chega no mercado de trabalho lá fora, ele te exige uma experiência e, muita das vezes, você não tem. Sendo que aqui no bairro, aqui no Distrito, nossa região aqui, tem um grande número de fábricas, entendeu, de comércio em si, onde que pode abrir as portas pra você. Hoje, você vê muito mais isso, entendeu, do que antigamente, mas pode vim a melhorar. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Sara: Geralmente, igual nós temos várias empresas aqui que elas procuram mais pessoas que são no centro, dá mais oportunidade para as pessoas que vem de outros bairros e não dão oportunidade para as pessoas que moram, até mesmo dentro de

Benfica. Muita das vezes, nós procuramos um emprego, eles dizem precisa ter experiência, mas como que nós vamos ter o emprego, como que nós vamos empregar sendo que nunca tivemos uma experiência, sendo que nunca passamos por um emprego antes. Não tem como. Uma pessoa lá do centro, às vezes tem um estudo maior, melhor que uma pessoa que mora aqui em Benfica, tem vários cursos técnicos, tem outras coisas mais. Então isso favorece na hora do currículo ser avaliado. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Michel: Eu creio que tudo isso aí que provem da violência é a falta de emprego, pessoas querendo ganhar mais, mas o jovem hoje tá querendo ganhar muito dinheiro e não quer estudar. Com estudo já tá difícil, sem o estudo, você imagina como é e como vai ser. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Rosinha: O que aproxima os jovens da violência e tudo é a falta de emprego, falta de comunicação. Aqui em Benfica, querendo ou não, não tem emprego.[pausa] Eu... Só na sorte de Deus que arrumei serviço em Benfica, né? Que Distrito, são poucas pessoas de Benfica que trabalha no Distrito. (...) Porque o pessoal de Benfica mesmo, a maioria mesmo, cê vê ônibus lotado pro centro, o pessoal não trabalha aqui. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Suellen: Pro jovem tá difícil de encontrar serviço porque não adianta você ter só estudo e curso, sempre pedem experiência... E por mais que você tem, sempre pedem experiência comprovada na carteira de trabalho. Como é que um jovem que mal acabou de estudar vai ter experiência? Não tem como. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Sílvia: Eu sempre trabalhei sem carteira assinada assim. Eu gosto muito de olhar criança, sabe. Eu gosto muito de criança. Eu olho criança desde que eu tinha doze anos. Estudo faz falta, porque agora a maioria dos emprego te pede pelo menos o segundo grau completo né? E eu tenho só... Nem o terceiro completo eu tenho. Eu não tenho o terceiro ano ainda. Falta só o terceiro e eu não acabei de fazer. Então, no futuro assim, vai fazer falta, se eu tiver que arrumar um emprego e precisar de segundo grau completo eu não vou conseguir porque... eu não tenho. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Renata: Tá difícil assim pra arrumar emprego. As portas, assim, cada dia que passa estão mais se fechando. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 69)

Ludmara não cita o desemprego como um problema enfrentado por ela especificamente porque a maternidade, no seu caso, como já mencionamos, possibilitou que continuasse sob o amparo da família. Sinval, por sua vez, fala de modo generalista sobre a condição específica dos moradores da região. Ainda assim, ressalta a atitude individual como decisiva diante de todos os problemas.

Morar longe é um pouco complicado mesmo, as pessoas pra arrumar emprego, morar na Zona Norte é muito longe, tem que pagar vale-transporte, isso trabalhando no centro. Mas a questão de oportunidade aqui em Benfica, você até tem. Os comércios, lojas, explodindo aí sempre, [trecho danificado] Quem mora na Zona Norte vai ter que correr atrás que é um público muito descuidado, com a oportunidade de emprego e tal. Infelizmente essa é a forma, você não vai ganhar nada de mão beijada, tem que correr atrás. Um pouco de descuido dos prefeitos, do

presidente, mas você tem que correr atrás mesmo, porque se for esperar alguma coisa pronta você não consegue não (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70).

A educação formal é outro ponto abordado pelos jovens como fundamental para que eles consigam aproveitar as oportunidades. Eles identificam que existem escolas “boas” na localidade, lembrando que todos foram estudantes de escolas públicas. Também pensam que completar ou não o ensino médio tanto é uma questão de “falta de incentivos” como do “interesse pessoal”, como veremos a seguir.

Sinval: A questão da educação, tem escolas boas e tal, mas falta ainda um *incentivo*, mesmo da família e da própria escola que, como se fosse, era pra ser uma *segunda família* da pessoa, cumprir um pouco da parte de educar também, não só da família e da escola também. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Vagner: Eu fui sair do bairro pra estudar só agora, entendeu. Eu sempre estudei aqui, professores aqui mesmo do bairro, entendeu, que deram aula pra mim. Então você acaba tendo um *meio familiar* ali dentro da escola também, entendeu? Você não se sente num mundo estranho, você se sente em casa, isso é importante. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Ludmara: As escolas de Benfica, eu acho que são boas, pelo fato da história também, educação, alunos exemplares, os professores excelentes profissionais e, tanto, citar duas, tanto o Professor Lopes quanto o Polivalente têm uma “qualidade educacional” muito boa, basta o aluno saber *aproveitar* os profissionais que tem. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Os depoimentos de Sinval e Vagner sobre a escola condizem com sua vivência. Ambos foram alunos “exemplares”, tomando o termo utilizado por Ludmara, em escolas “tradicionais”, como as citadas pela jovem. A dificuldade que os estabelecimentos têm enfrentado nos últimos anos é no relacionamento com a própria juventude, pois se tornaram alvos de vandalismo e furtos, como também não conseguem mantê-los em sala de aula até a conclusão do ensino médio.

Michel: Creio que a área da educação precisa ser melhorada, o colégio que eu estudo teve vários roubos no ano passado, inclusive segurança mesmo, até para os alunos, tá complicado. (...) Eu creio que deveria ter mais educação pra essas pessoas que fazem isso com o colégio porque se você paga imposto, tudo que tem no colégio, tudo que é do estado é seu, até mesmo da prefeitura. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Roseane: Eu não tenho nada a reclamar das escolas, sempre, sempre estudei aqui. Quando a pessoa *quer* estudar, não adianta não, quando a pessoa quer, a escola pode ser a pior que for, se você quer aprender, você consegue. Eu nunca quis mesmo. [risos] (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Sílvia: Eu estudava à noite, passei pra de manhã, mesmo assim eu não conseguia, eu ia à aula uma vez na semana, duas, fui na aula três semanas, parei de estudar. Aí fui

fazer supletivo, fui na aula 5 meses, quase, é 4 pra 5 meses, no último mês eu parei de estudar de novo, aí eu voltei a estudar à noite, fiz quatro meses só e desanimei, desisti e saí do colégio de novo, e tô aí. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Suellen: Deviam *investir* mais em curso pra jovens, assim, pra distrair a mente, porque a maioria dos jovens não faz nada. Fica o dia inteiro matutando sem ter nada pra pensar, só pensa em coisas ruins. Igual escola, não tem aquele *incentivo* não de estudar e tal, estudo, uns estuda outros não, tá um curso, uns fazem outros não. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Michel tem um discurso “enquadrado” politicamente. Além de destacar a consciência sobre o que é público, ele já havia aproveitado a entrevista para reivindicar a volta da merenda escolar no ensino médio, pois fora cortada naquele ano. Mas como citamos em outro momento, ele possui uma visão conservadora sobre a condição juvenil. Roseane, Sílvia e Suellen não completaram os estudos. A primeira engravidou, abandonou e entrou no mercado de trabalho, mas enfatiza no seu depoimento que foi uma “escolha” sua. Já as outras duas integram a geração “nem-nem”<sup>113</sup>, sem qualificação para o ingresso no mercado de trabalho, sem estímulo para voltar a estudar e mães, como informamos em suas minibiografias. Durante a interpelação, ambas sofreram um processo inquisitório por parte minha e do Fernando, que não entendíamos o “desencanto” que elas já manifestavam com as perspectivas de vida, pelos caminhos tradicionais de estudo e emprego. Sílvia chegou a chorar quando insistíamos no “por que” dela não completar o Ensino Médio. Já Suellen justificava que “deu a louca” e ela acabou “largando” pra lá, apesar de ter passado no ENEM devendo duas matérias.

Em contraposição, as duas futuras “pedagogas” têm outro olhar.

Sara: O bairro precisa de mais cursos técnicos, principalmente, para as pessoas que não podem estar pagando, a prefeitura deveria liberar cursos técnicos para a população, liberar mais um colégio de primeiro ao terceiro ano, entendeu. E vários outros cursos porque a população precisa. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

Renata: Se elas entram por esse caminho, é falta de investimento da escola, é falta de investimento dos pais, é falta de investimento das políticas. Só que também tem que ver também que não adianta só os pais incentivar. A escola também tem que estar preparada hoje em dia pra tá trabalhando com esses jovens, trabalhar assim, focar pra realidade. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 69)

<sup>113</sup> Apelido acadêmico dado aos jovens que nem trabalham e nem estudam. De 2000 para 2010, o número de jovens com idade entre 15 a 29 anos fora do mercado de trabalho e sem estudar subiu de 8.123 mil pessoas para 8.832 mil, aumentando de 16,9% da população juvenil para 17,2%, sendo que a maioria deste contingente é composto por mulheres (67,5%), embora haja decréscimo neste segmento desde os anos 1980. (CAMARANO; KANSO; 2012)



Sara reivindica ampliação da oferta do ensino médio e cursos profissionalizantes visando capacitar os jovens para ingresso imediato no mercado de trabalho. Ela trilhava este percurso. Sinval propôs uma “faculdade” na Zona Norte. Renata, que estava já inserida no ambiente acadêmico fazia uma análise mais conjuntural.

Estes *elos* mobilizados pelos jovens de Benfica integram o contexto do seu tempo. Tomando Abramo (2005), “emprego” e “educação” são temas que ficam empatados na lista de interesses da juventude brasileira, sendo citados espontaneamente por 38% e 37%, respectivamente, na amostragem analisada por ela. Contudo, o primeiro é assunto que “preocupa” e “interessa” aos jovens, enquanto o segundo interessa, mas não preocupa tanto. Isso porque esse *coorte* geracional tem como rol de preocupações segurança e violência (55%), emprego e profissão (52%), drogas (24%), até pensar em educação e saúde (empatadas com 17% das citações). Benfica não proporciona condições diferentes para os seus jovens, nem os jovens da região tem uma leitura muito distante da realidade que os cerca. As entonações sobre o que determina seus interesses e preocupações é que variam, mais uma vez, de acordo com a vivência de cada um: quem está na faculdade e quem não está; quem já é mãe e quem não é; quem tem família e quem não tem.

Podemos dizer que o contato com o repertório de outros moradores sobre os problemas do bairro teve maior incidência apenas no depoimento de Michel, que destacou a possibilidade de “enchentes” caso não seja feito nada no córrego. A situação da saúde pública, naquele momento muito difícil com falta de medicamentos, atendimento precário e insuficiente é extremamente explorada pelo jovem. Ele fala do tema por aproximadamente oito minutos seguidos, alternando o “especialista” que analisa os aspectos positivos e negativos, com o “usuário” e “militante”.

Melhorou, não falo que melhorou cem por cento porque precisa muito pra chegar ao cem por cento, mas a nível de atendimento durante a noite é horrível. Eu cheguei lá seis horas da tarde, saí de lá meia-noite, sabe, tem muitas pessoas que precisam ser atendidas e não conseguem atendimento. É gente cobrando pra, pra marcar consulta, é brigaiada de manhã cedo, uma falação, então eu acho que ainda tem que ser melhorado muita coisa dentro da policlínica de Benfica, gostaria muito que os nossos prefeitos vissem mesmo a policlínica, igual falaram que ia construir o hospital na Zona Norte, eu acho que é mentira, enganação pro povo e o povo é bobo, o povo é burro, sabe. Enganação mesmo, onde já se viu, acabar com o terminal pra construir um hospital. Vai fazer igual ele fez, acabando com o Pronto Socorro e levando lá pra frente. Se for construir, vai acabar com o HPS lá e vai transferir ele pro terminal. Então, a prefeitura também não tem condições de manter vários hospitais, então eu creio que tem que melhorar a infraestrutura da Policlínica com mais médicos, com pessoas interessadas a trabalhar, é que todo o corpo da

Policlínica as pessoas são muito boas, mas ainda falta a infraestrutura melhor, falta ainda mais equipamentos para que eles possam trabalhar com tranquilidade, segurança também lá falta um pouco, chegam uns pacientes nervosos lá. Eu creio que a área da saúde precisa melhorar principalmente a Policlínica e o PAI com atendimento pras crianças. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Outros jovens citaram a Policlínica e a expectativa com relação à construção de um Hospital para a Zona Norte, mas de forma menos enfática. Sem querer entrar em detalhes, as condições da saúde pública na região não se alteraram muito, ainda que tenha sido construída uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), 24h, nas proximidades. O que nos interessa ressaltar é que apenas Michel “assimilou” e “trabalhou” intensamente e de forma espontânea com eles não prioritários pela “condição juvenil” brasileira.

#### 2.5.4 O futuro

Cê nunca pode desistir, cê tem que tentar até cê cansar, mas na hora que cê cansar também, cê consegue. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 61)

Começamos essa sessão outra vez pelo depoimento do menor não identificado para refletirmos as condições em que os jovens cultivam ou não esperança em suas vidas, e, principalmente, no seu território. De antemão, a finalidade pedagógica do projeto pode ter contribuído para que os nove alunos do *Benfica da gente* se percebessem como sujeitos portadores de memória e história, como possíveis atores sociais dentro de suas localidades, mas não mudou a realidade deles, nem a sua “condição juvenil”. Desse modo, o “hiato entre teoria e prática” da juventude brasileira verificada por Paul Singer (in: ABRAMO; BRANCO, 2005, pp. 27-35) está presente nos seus enunciados. Quando perguntamos sobre o futuro de Benfica a eles, obtivemos as seguintes respostas.

Sinval: Benfica... Eu vejo ele crescendo muito, apesar do tamanho já dele. Esse crescimento meio desordenado desses bairros em volta dele. Mas eu vejo um grande crescimento também, não só econômico pro bairro, mas também população. É um bairro que tem tudo pra crescer mais ainda, é... coisas novas chegando no bairro, infraestrutura melhorando. Eu vejo um crescimento muito bom pra um futuro próximo de Benfica sim. Até a força política do bairro, questão de você ter um vereador uma coisa assim. O bairro é um ponto estratégico na política, prefeitos já conseguiram ganhar por causa dos votos da Zona Norte como um todo, principalmente Benfica. É um bairro que tudo pra tá dando certo e pra dar certo ainda mais como essa pequena cidade dentro de uma cidade. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Vagner: Eu acho que se os próprios moradores aqui é...continuarem a... procurar melhorar o bairro, acho que o bairro tem tudo pra ser melhor. Eu acho assim, que Benfica tem tudo pra ser um bairro modelo, sabe, na cidade. Benfica é assim, eu

acho que todo mundo tem que pensar que Benfica é da gente, entendeu, e a gente tem que cuidar dele, pra cada dia melhor. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Michel: O futuro de Benfica, eu penso que nós vamos ser desvinculados de Juiz de Fora, temos tudo pra ser uma cidade. (...) Ainda temos alguns probleminhas a vencer igual já foi falado anteriormente. Mas pra mim Benfica tem a crescer, muito a crescer, com novos bairros, novas pessoas, sabe. Eu creio que é um bairro que não falta nada, pra mim não falta nada. É um bairro muito bom, pessoas boas, pessoas amigas, pessoas acolhedoras, pessoas que sabem quando você tem algum problema, que chegam até você, que sentam pra conversar. (...) O que falta é o povo se unir, a prefeitura nos ajudar, o estado também nos ajudar e primeiramente pensar em Deus pra isso tudo acontecer, pra ter assim, um povo assim que busca mesmo as coisas. (...) Pra mim esse bairro é bom. Igual o povo usa uma gíria TDB, o bairro pra mim é TDB, tudo de bom. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 70)

Sara: Eu particularmente sonho ser uma pessoa independente, ajudar em muitas coisas, principalmente no meu bairro, na minha vida, na minha família, ter uma profissão ideal, entendeu, e fazer da minha vida tudo aquilo que eu sempre sonhei. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

De um lado, os depoimentos acima inserem a atuação individual na promoção de mudanças positivas para o bairro: pelo voto, quando Sinval fala da força política da região; pela união e atuação da comunidade, expressa nas falas de Michel e Vagner; e pela ação privada, como propõe Sara. De outro, não há perspectivas.

Roseane: Eu não sei. Eu acho que do jeito que as coisas tá indo, de mal a pior, a tendência é só piorar. Porque hoje em dia, quem, todo mundo é ruim, não tem aqueles bonzinhos. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Sílvia: Se as coisas não melhorarem, minha filha, vai daí pra pior. Que... Benfica é um bairro bom, assim, não vou falar que é um ótimo bairro, mas é um bairro bom, bom de se viver, de conviver com as pessoas, entendeu. Por mais que as pessoas fazem de errado, mas dá pra sentar, conversar, são ótimas pessoas, sabe. Mas se continuar com essa violência que tá aí, brigando, dando tiro, saindo daqui, vão em outros bairros pra dar tiro nos outros, falar que vai matar. Droga, cê chega num lugar, eles tão usando droga e não estão nem aí, vai daí pra pior, sabe, as coisas vão só piorando, não vai melhorar. Ah, eu não sei o que fazer pra melhorar Benfica não. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Suellen: Ou morte ou cadeia. Porque é muita disputa um com o outro. Aí, arruma brigaiada entre si porque um quer ser maior do que o outro. (...) Ah eu acho que Benfica tá em total decadência [pausa]... Sem comentários. (...) Não sei como mudar. Jeito tem, mas eu não tenho a menor ideia. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 71)

Nestas falas, os problemas que eles enfrentam no bairro, especialmente a violência, faz com que não percebam alternativas nem individuais, nem coletivas. É importante frisar que além de as três terem concedido a entrevista no mesmo dia, elas

moravam próximas. Renata, por sua vez, não se refere ao futuro de Benfica, mas salienta o domínio do individualismo nas estratégias de sobrevivência.

Renata: Acho que não tem comunidade não. É cada um por si e cada um vive a sua vida. Cada um tá buscando de alguma maneira. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 69)

Na transição da infância para a juventude, Ludmara acredita que se perde a “inocência”. Ela deixa de acreditar na “sociedade”, mesmo que queira transformá-la.

Eu tinha uma mente mais sonhadora, em prol dos 10, 11, 12 anos. Pelo fato da criação também, pelo fato de... imaginar Benfica melhor. Eu sonhava que eu ia chegar em Benfica tava tudo muito lindo, as pessoas se amando, se abraçando, todo mundo muito feliz. Então eu tinha aqueles pensamentos: eu posso mudar, eu faço, entendeu, a comunidade é... vai se unir e vai fazer isso pra Benfica, vai fazer... Mas quando a gente vais cres ... quando eu cresci, eu peguei uma mentalidade, fui convivendo com as pessoas, fui me introduzindo na sociedade de Benfica, fui vendo que as coisas eram mais diferentes. Porque não havia uma relação social, não havia aquela inocência que eu imaginava. Então, quando eu comecei a me relacionar com a sociedade, eu me deparei com a violência, com tráfico, com drogas, com várias outras injustiças, várias outras modalidades que... destruíram, acabaram com aquele sonho infantil, aquele sonho inocente que eu tinha. (...) Eu vi que pra chegar ao sonho que eu tinha anteriormente precisa de muitas mudanças. Precisa de, de... Precisa mudar várias situações, precisa de haver vários apoios e muitas outras coisas que influenciam pra chegar a essa inocência que pensam várias crianças. (...) Com certeza eu acho que se cada morador de Benfica fizesse a sua parte em prol do melhoramento da sociedade, é... melhoraria Benfica bastante. Acontece que várias pessoas viram as costas pelos problemas que tem acontecido em Benfica. Várias pessoas pensam: poxa, não é comigo, então, então deixa pra lá. Se eu tô bem, entendeu, sinto muito pras outras pessoas. Eu acho que poderia não haver essa exclusão social. Se todo mundo fizesse um pouquinho pra melhorar Benfica, eu acho que Benfica seria um ponto bem melhor, seria bem mais positivo do que atualmente. (Acervo Benfica da gente, 2007, fita Mini-DV BG 68)

O “hiato entre teoria e prática” referidos anteriormente está fundamentado na análise de Singer sobre alguns aspectos tomados pela amostragem da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*. Nesse universo de jovens, 84% dizem que “podem mudar o mundo”, mas apenas 22% fazem ou desejam fazer alguma coisa pela comunidade. Assim há uma grande distância entre “poder”, “querer” e “agir” neste sentido.

Não fizemos a mesma pergunta da pesquisa citada aos nossos jovens, mas encontramos uma assimetria considerável entre pensar que é possível e projetar uma ação direta para o futuro de Benfica por eles. No nosso pequeno grupo, está bem dividida as indicações de quem reflete sobre transformações e quem não consegue imaginá-las. Isso

porque apesar de todos serem “pobres”, existem intensidades diferentes da experiência da “crise social” a que estão circunscritos, cuja saída sempre depositada na juventude está longe de ser alcançada. Ainda mais porque houve uma “desinstitucionalização” da condição juvenil, que por um lado libertou os jovens das instituições de “transmissão da cultura adulta hegemônica”, ampliando as possibilidades de ser jovem, mas por outro, criou outras amarras, como a “adesão a valores tradicionalistas” e também a “imersão no individualismo contemporâneo que pouco espaço daria para novas formas coletivas, associativas ou solidárias de se estar no mundo” (SPOSITO. In: ABRAMO; BRANCO, 2005, p 91-92).

Deduzimos, assim, que na convivência e interação dos jovens no projeto *Benfica da gente* com outros moradores da região, não há nem assimilação na íntegra do discurso do outro, nem modificação ou reestruturação que subverta completamente os repertórios que tiveram contato, porque suas falas emanam da própria experiência. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 1997, p. 282). Entretanto, eles não vivem uma realidade muito diferente dos idosos, pois no discurso sobre o presente, era comum que os mais velhos falassem da tranquilidade do passado em oposição aos distúrbios sociais do presente. Os temas que os preocupam na atualidade, em grande parte, são os mesmos dos jovens, até porque afetam os seus descendentes. Os alunos do projeto “trabalham” os *elos* que “significam” para eles, e para ter significado precisa de “vida social”. Assim, encontramos ressonâncias dos *tradicionais* no discurso dos jovens mais otimistas sobre o futuro de Benfica quando eles acionam a ideia de “cidade”. Mas os jovens pessimistas não falam apenas de uma constatação, eles também ativam valores da sociedade que insiste em atribuir os problemas contemporâneos à juventude.

A diferença marcante entre os enunciados dos idosos e os dos jovens está no “acabamento” que produz a variação nos “gêneros”, “estilos”. Enquanto os mais velhos “moldam”, “trabalham” a verbalização de suas reminiscências, atentados à apropriação de suas falas, os jovens lidam com fragmentos de memória e com suas demandas do presente, sem contornos e lapidações. As narrativas dos idosos se aproximam do modo “realista-romântico” (SARLO, 2007), enquanto as falas dos jovens são pouco encantadoras. O discurso dos mais velhos, de um modo geral<sup>114</sup>, embora considere o porvir, modela a *memória do passado*, já os jovens tentam juntar cacos de lembrança às experiências do presente para

---

<sup>114</sup> Nem todos percebem suas trajetórias do mesmo modo. Aqueles que ainda vivem em condições sociais precárias, às vezes, trabalham suas memórias para fazerem reivindicações no presente.

definirem seus projetos, manipulando a memória do futuro, porque eles só imaginam o devir em função de seus percursos até aquele momento. Para os idosos, o acabamento é mais *estético*; para os jovens tende a ser *ético*.

Na recordação que temos habitualmente de nosso passado, esse outro é muito ativo e marca o tom dos valores em que se efetua a evocação de si mesmo (nas recordações da infância, é a mãe incorporada a nós mesmos). O modo tranqüilo em que se efetua a rememoração de meu passado remoto é de natureza estética e a evocação se aproxima formalmente da narrativa (as recordações aclaradas pelo futuro do sentido são recordações penitentes). A memória do passado é submetida a um processo estético, a memória do futuro é sempre de ordem moral. (BAKHTIN, 1997, p. 167)

## 2.6 Os elos *silenciados*

No percurso para a realização do documentário *Benfica da gente*, interpelando os moradores para tecer a *cadeia de memória história* daquele território, alguns *elos* foram *silenciados* pela condição limitadora do próprio *registro* que trataremos no capítulo seguinte, como também por opção. Adotamos, particularmente, essa terminologia para os entrevistados e assuntos que foram descartados na edição do documentário, tomando Pollak (1986; 1989).

No nosso entendimento, Pollak descreve duas formas de *silêncio*. No texto *La gestion de l'indicible* (1986), ele evidencia a necessidade de o indivíduo silenciar-se para comunicar-se. Significa “emudecer” o passado, não evocá-lo para garantir uma aceitação social. Em *Memória, esquecimento, silêncio* (1989), o autor já assinala que algumas lembranças ficam em *silêncio* aguardando a conjuntura favorável para emergirem. Conquanto estes *silêncios* resguardem suas especificidades, pelas considerações de Pollak, não há um *silêncio* eterno, pois o esquecimento apenas deixa as lembranças em um canto para disponibilizá-las no momento conveniente para o sujeito e para o contexto em que ele se insere. Dessa forma, experiências traumáticas podem ficar “indizíveis” como estratégia de sobrevivência dentro de um grupo social para evitar o prejuízo de quem relata. Ademais, se há um “controle individual” sobre o “não-dito”, resiste uma transmissão oral de “lembranças dissidentes” em “estruturas de comunicação informais” as quais arranjam “memórias subterrâneas” que subvertem em silêncio a memória coletiva, mostrando-se em cenários propícios. Isso porque, em todos os níveis, “o trabalho da memória é indissociável da

organização social da vida” (1989, p. 15). Reencontramos, pois, dois autores centrais nesta pesquisa, Bosi (1995) e a Bakhtin (1981, 1990, 1997, 2006), que nos provocam a entender que *silêncio e memória é operam dialogicamente*<sup>115</sup>.

Analisando o material bruto com base nas considerações acima, o *silêncio* de algumas falas no documentário foi determinado, essencialmente, pela tímida orientação social do testemunho e para evitar polêmicas, numa atitude “politicamente correta” (2006).

Estamos compreendendo aqui a “orientação social” do entrevistado como a mobilização de seus repertórios na narrativa para que ela tenha relevância à comunidade. Logo, enunciados mais voltados à esfera privada foram desconsiderados, mesmo que pudessem ser extremamente relevantes para refletirmos as condições de vida naquela localidade em um determinado período. Os elos *silenciados* sob este critério encontram-se nos seguintes depoimentos.

Lenira Lopes Heliotero e Zelina dos Santos Silva eram avós de Vagner e Michel, alunos do projeto. Negras e idosas, com aproximadamente 80 anos de idade, suas falas registradas em cerca de uma hora para cada e com a participação dos jovens concentram-se nos seus esforços pessoais para a sobrevivência. A condição delas era difícil, enviuvando novas e trabalhando como lavadeiras para manter o sustento da família, extremamente numerosa. Com todas as dificuldades, elas narram suas histórias com resignação, pois ambas eram extremamente fervorosas. “Trabalhei muito, graças a Deus” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 05) é uma expressão comum às mulheres negras idosas<sup>116</sup>. Lenira benzia e Zelina foi casada com um benzedor muito respeitado na região. Ela confessa que não tinha fé na prática do marido, pedindo para Deus “perdoá-la” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 19).

<sup>115</sup> Embora Bosi não analise o silêncio, a pesquisadora nos conduz à reflexão sobre a velhice enquanto categoria social que na sociedade industrial está sujeita à desvalorização e passividade. Aos idosos, com o potencial de comunicação e força de trabalho prejudicadas pelas limitações físicas que a idade impõe ao corpo, não há lugar, nem tempo para que sejam ouvidos, mesmo que “moralmente” ainda se pregue “respeito” a eles. Desse modo, o estudo por si só, rompe um silêncio, uma vez que Bosi se dedica à escuta dessas narrativas percebendo-as como um espaço privilegiado para a compreensão das transformações sócio-culturais na metrópole paulistana no século XX e tomando uma posição. “Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele” (BOSI, 1995, p. 81). Também sabemos que Bakhtin faz uma diferenciação entre o *silêncio* e o *mutismo*. O primeiro refere-se às condições de percepção do som para o enunciado - a língua, a fonética - com uma orientação *monológica*, enquanto o segundo está no campo da compreensão dos sentidos, aberto ao *dialogismo* e à *polissemia*. Ainda assim, para o autor, eles são relativos.

<sup>116</sup> Posteriormente, vários depoimentos foram utilizados no projeto *Anguzada: fábulas de abás* (RODRIGUES; JUNQUEIRA: 2012), quando pudemos verificar essa incidência.

Cacilda Sebastiana Santos, negra, com aproximadamente 60 anos, era avó de outra aluna que não ficou no projeto até o final, Rosana dos Santos. Ela entra no documentário, apenas reforçando a ideia de que Benfica tem drogas e violência. Morando próxima da casa de Lenira, o teor da sua entrevista, registrada em meia hora, aproximadamente, revela a precariedade que vive desde os tempos da sua mãe, pois ela ainda precisava de “água emprestada” dos vizinhos, por morar no alto e a prefeitura não ter urbanizado a área. Conta também sobre o trabalho sem carteira assinada, que era ainda praticado por ali, principalmente, para as mulheres mais velhas (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 05).

Teresa de Rezende Franco e Eunice Maria Franco de Toledo foram indicadas pelo aluno Michel. O registro durou cerca de meia hora. Mãe e filha, brancas, moradoras da área da “Várzea” ou “Jardim de Fátima”, local próximo à moradia do jovem que as sugeriu. Teresa, com mais de 70 anos de idade, era viúva do comerciante pioneiro dali, que comprou o terreno, construiu e abriu o bar “com tudo”, até mantimento. Ela descreve como era a região cujo acesso se dava por “trilhos”, um caminho aberto no meio do mato. Recorda-se do trem, pois passava bem de frente para o seu antigo estabelecimento. Queixa-se dos problemas que o crescimento de Benfica impôs ao seu pequeno negócio. A filha Eunice, com cerca de 50 anos, fala da infância, das brincadeiras, de como a vizinhança era uma “família”, das escolas que estudou e que apesar de ter morado com o marido mais de vinte anos em Volta Redonda, eles voltaram e gostam de ficar ali porque “tem de tudo” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 20 e 21).

Os quatro depoimentos acima foram tomados bem próximos um do outro. A entrevista de Lenira e Cacilda aconteceu no dia 7 de outubro de 2004; Zelina, Teresa e Eunice no dia 17.

Entrevistamos alguns imigrantes. Os japoneses viviam na localidade desde a década de 1930. Ao menos três famílias eram conhecidas por nós: Matsuse, Kitamura e Ouchi, que constituíram parentesco também entre si. Entrevistamos esta última, representada pelo patriarca e seu filho em 27 de novembro de 2004, com quase 90 minutos de registro. O filho Syundi aparece no documentário e já o citamos nos *elos tradicionais* por conta da sua percepção de “acostumar-se” com o bairro e nos *elos contemporâneos* em virtude da descrição da região onde mora, a Várzea. O pai, com mais de 90 anos veio para o Brasil aos dois anos de idade, adotara como nome o apelido que trouxe de São Paulo na infância,



Martinelli. Conta que ganhou a alcunha do primeiro arranha céu do Brasil construído na capital paulista no dia da inauguração do prédio, porque era o mais alto da sua turma. A locomoção estava comprometida, mas o velho Ouchi sentado numa espreguiçadeira de tecido com os pés apoiados na cadeira de rodas, tomando um sol, lembrava-se de muitas histórias e com riqueza de detalhes, embora elaborasse a narrativa de forma fragmentada, com lacunas e sem muita referência temporal. Boa parte delas relacionada à vida na lavoura, à “aventura” de vir para Juiz de Fora em vez de ir para o Paraná, depois que o pai quebrou com a crise do café. Ele teve que aprender a plantar tomate e jiló para se adequar ao novo mercado e lidou com outras intempéries da agricultura, como alagamentos e chuvas de pedra. Os problemas que enfrentou marcam seu testemunho. Apesar de tudo, em virtude do tempo em que está no território, já se considera até “mineiro” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 31).

Duas famílias portuguesas assinalam a história de Benfica por terem sido empreendedores de uma área mais afastada, a região entre a linha de trem e o rio Paraibuna chegando à Ponte Preta. A influência de suas empresas reverbera nas referências territoriais de seus moradores que chamam a localidade de “Cerâmica” ou “Curtume”. A aluna Ludmara, que tinha a família naquela área, participou da interpelação destes imigrantes. O primeiro foi Bernardino da Silva, aos 90 anos, com registro de 90 minutos feito em sua casa e no estabelecimento da sua família, em 30 de outubro de 2004. Sua voz já era sussurrada, de difícil captação pelo microfone. Mas seu depoimento era bem minuciado, contando toda a sua trajetória até ali onde ele instalou seu meio de vida e constituiu a família, tendo três filhos homens e uma filha. Chegou ao Brasil em 1947. Foi para a cidade de Matias Barbosa, onde tinha o irmão. Comprou o terreno em Benfica em 1953, porque tinha o “preço bom” já que era pasto, sem ruas. Ali montou a sua cerâmica, onde produzia para vender atacado. Passou o ofício para os filhos porque eles tinham que aprender alguma “arte” para sobreviver, então eles foram “obrigados” a aprender. Ele era pai do já citado “Zé das Moringas”. Alguns mantiveram a tradição, chegando ao bisneto. Atualmente, as cerâmicas dos seus descendentes revendem mais do que produzem. Uma fala importante para a história da região *silenciada* no documentário é que ele se diz o “único” contrário ao movimento emancipacionista, porque via interesses pessoais além de políticos em alguns líderes. Gosta de Benfica como alguém que veio para o Brasil em busca de melhores condições de vida, que “plantou” e naquele momento estava “colhendo” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 23).

Bernardino conta que ajudou seu “patrício” José Manuel, sem sobrenome, mas pertencente à família Fernandes, 82 anos, dono do Curtume Real, a se acomodar na localidade. Fomos até ele. Dos 35 minutos de gravação, 20 são dedicados ao processo de fabricação de couros, restando apenas 15 minutos para ouvirmos e registrarmos sua história, com o envolvimento da aluna Ludmara em 13 de outubro de 2005. Chegou ao Brasil na década de 1950. Em Benfica comprou o terreno em 1962, já com a finalidade de instalar o curtume. Ele conta que aterrou parte da sua propriedade para fazer o tratamento das águas residuais. Ainda assim, no período do projeto, parece que estava havendo problemas com os moradores do entorno. José Manuel fala de “queixas” da vizinhança que traziam os fiscais da prefeitura e a imprensa. Certo de que estava dentro das normas vigentes, ele até faz um comentário prático sobre a situação. “Quando eu vim pra cá não tinha nada, eles é que vieram para junto do curtume” (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 62). Ao final da entrevista, respondendo à interpelação, o empresário fala dos empregos que gera para moradores da região. Seu único filho homem, pois tem ainda três mulheres, mantém a fábrica em pleno funcionamento junto com o pai.

O farmacêutico Aguilar Rodrigues Pimenta não entrou no documentário final. Citado principalmente por sua suposta participação no movimento emancipacionista, reavaliada no momento da interpelação, ele tem todo o seu depoimento excluído, ainda que muitas das suas considerações estejam presentes nas falas alheias no tocante ao desenvolvimento local. Tal fato se deve ao *acabamento* que deu ao seu enunciado. Ele teve uma postura *politicamente correta* por toda a entrevista, evitando se posicionar politicamente sobre o passado e apenas exaltando melhorias no presente. Esse *enquadramento* pode ter sido proporcionado pelo fato de ele ser um *comerciante*, ainda em atividade na região e ter sua fala registrada no seu próprio estabelecimento. Tecnicamente também a gravação da sua entrevista estava comprometida por um ruído constante e iluminação inadequada.

Até aqui, citamos, na verdade, dois *elos silenciados*: as péssimas condições de trabalho e os “negociantes” da localidade. Sobre o primeiro elo, outros enunciados foram *emudecidos* até mesmo porque eram naturalizadas em grande parte dos discursos. Os retireiros das antigas fazendas aparecem no vídeo final para falar de outros temas, mas não da exploração a que foram submetidos, como o caso de Raimundo Miranda e José Reis, o Zé Caetano. Eles se lembram, especialmente, do “pão-durismo” de Chico Donana, um de forma resignada e o outro, revoltado. Neste caso, José Reis lembrou-se da morte do pai nos seus braços e do pagamento mínimo do fazendeiro para as despesas com o enterro. Almerinda da

Silva Hora, por sua vez, tem uma fala, deixada de lado no vídeo final, que sintetiza o contexto dos trabalhadores rurais daquele período, obviamente, *enquadrada* pela sua vivência política.

O pobre teve direito foi depois de Getúlio Vargas. [pausa] Foi depois de Getúlio Vargas que antes disso, muié não tinha direito de votar, muié não tinha direito de trabalhar, lugar de muié era em casa (...) e num tinha negócio de INPS e não tinha nada disso. A pessoa trabalhava na fazenda até ficar véio. Quando ficasse véio, que que ia fazer? Ele ia pro paiol fazer milho, tratar de cachorro, tratar de galinha, pra comer. Era assim. (Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 18)

Também evitamos colocar no produto final algumas falas que demonstravam falta de critérios na contratação de mulheres operárias da FEEA, tal qual Almerinda que foi admitida grávida e Lourdes Cosso que ingressou na empresa militar menor de idade. Outra revelação desta dizia respeito a uma surdez adquirida pelo barulho da oficina em que trabalhava. Baseado nestes registros que analisamos, penso que tal atitude foi norteada por um princípio: evitar a exposição daqueles que nos confiaram suas histórias. Não tínhamos por objetivo trazer à tona uma revelação comprometedoras sob qualquer aspecto. Mas este “juízo”, por certo, foi um “enquadramento” e, por isso, expomos aqui. Por outro lado, estes relatos eram de situações extremamente pessoais, não integrando o *sensu comum* dos moradores entrevistados.

Sobre os “negociantes” aqui descritos, parece-nos que à época, escolhemos não dar visibilidade a nenhum empreendimento pessoal, seja de fracasso ou sucesso. Dona Teresa e Eunice, por exemplo, já haviam fechado as portas da “venda”, tanto porque o proprietário faleceu, como também porque as relações comerciais na localidade se alteraram com a chegada de grandes mercados. No caso dos japoneses, mesmo que o relato de Martinelli apresentasse um retrato do movimento imigratório daquela época, os descendentes nipônicos tomaram rumos muito variados na região. Já os portugueses que mantinham seus negócios em família, ainda que inseridos na vida da comunidade, não se posicionavam como realizadores de nenhuma intervenção direta para o desenvolvimento de Benfica. A situação de José Manuel era até delicada com seus vizinhos, mesmo que ambos os lados tenham suas razões. Descartar a fala de Aguilar foi uma opção mais próxima dos *acadêmicos* da Baixada Fluminense, pois uma vez que ele mesmo não se inseria no movimento emancipacionista e evitava qualquer narrativa delicada com conotação política, por que apenas aquele comerciante, entre tantos, teria a ascensão à condição de personagem? Neste momento, foi clara a iniciativa de *silenciar* alguém que fora enaltecido apenas pelo *memorialista*, mas que não se percebia nem narrava sua atuação comunitária para além das ações individuais no exercício profissional em favor de

uma população “sem assistência”, cuja realidade fora alterada no presente, como ele assinala em seu depoimento (Acervo Benfica da gente, 2005, fita Mini-DV BG 41). Em suma, o empreendedorismo local era um tema embaraçoso para se lidar.

Outro exemplo de enunciado que enfocou mais a esfera privada foi o depoimento de Amazil Mota de Souza, já aos 91 anos de idade, sugerida pelo seu neto que era meu amigo pessoal<sup>117</sup>. Conhecia toda a família dela que ficou honrada com a ideia. Marcado o dia, era esperado por todos. Ela separou várias fotografias antigas e deu seu depoimento no próprio quarto, em 12 de novembro de 2004. Durante mais de uma hora de registro, ela desenvolve a narrativa de maneira extremamente descritiva, em torno do seu percurso pessoal, citando muitas dadas, de nascimento, de casamento, de entrada na FEEA, onde trabalhou por mais de 30 anos. Detalha todos os ofícios e oficinas pelas quais passou, sendo que nos últimos doze anos ela atuou na maternidade. Também enfoca sua história familiar, em especial à filha que mora com ela, além dos outros oito filhos que teve. Menciona as saudades do que morreu. O marido era militar e havia falecido há mais de vinte anos. Perguntei sobre seus contemporâneos, episódios, o que gostava de fazer, como era a vida quando chegou lá e nada. Dona Amazil respondia todas as perguntas em frases curtas: “conheci”, “vi”, “era tudo bom” e “não tenho nada a reclamar”. Essa última expressão significava “não tenho nada a falar”, pois recorria a ela sempre que perguntávamos sobre Benfica ou insistíamos em algum outro assunto, como a FEEA. Orgulhava-se de ter apenas “elogio” na “ficha” profissional, feito boas amizades. Também teve contato direto com Chico Donana porque cuidou da esposa dele e o marido era seu “empregado”. Diferente dos outros trabalhadores, prefere dizer que o fazendeiro era “apegado”. Resignada, destaca sua boa saúde e que “Deus sabe o que faz” (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV 57). Ela fala bem, mas sempre repete os marcos da sua vida pessoal e as expressões que tinham a conotação de encerramento do assunto. O enunciado de Amazil, se tomarmos Bosi (1995), mais que o *silêncio*, tem muito a dizer da posição da mulher do seu tempo, mas este não era o escopo do documentário. Sobre a história do bairro, ela pouco se coloca como testemunha. Outras falas voltadas às relações familiares também foram *caladas* como o caso das lembranças de Anésia sobre o pai, Antônio Martins Barbosa, ou os “causos” da família Garcia contados por Zizi.

Com uma narrativa nem tão voltada à esfera privada, mas fragmentada e tomada pela religiosidade, Lourdes Linck, 89 anos, prestes a fazer 90, também teve o depoimento

---

<sup>117</sup> Àquela altura, era comum a sugestão de entrevistados por várias pessoas da comunidade, com relações diversas comigo.

completamente descartado no documentário. Sua entrevista foi realizada em 15 de outubro de 2004 por aproximadamente meia hora, na sua casa, com participação dos alunos. Na sala, o quadro do Pe. Gabriel Van Vick ficava em destaque. Ela traz algumas fotografias antigas e sente-se desconcertada com a câmera, enfatizando que naquela idade muita coisa se “esquece”. Conta que saiu de Chapéu D’Uvas<sup>118</sup> para Benfica, aos 20 anos e por ali ficou. Foi convidada pelo padre alemão acima citado para tomar conta das chaves da Igreja Matriz e essa foi sua “missão” por muitos anos. Ela não se casou e trabalhou como servente na Escola Estadual Professor Lopes. Recorda-se deste período com muita saudade, dizendo que as pessoas ainda pedem a “sopinha gostosa” que ela fazia com doações de ossos dos açougues locais, além de verduras que plantava. Branca, de estatura baixa e magra, relata que era chamada de “formiguinha” por andar atrás dos ingredientes da sopa (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV 06). Em seu enunciado predomina a história da Igreja Católica, sabendo listar todos os padres que por ali passaram e evitando falar dos conflitos com o jornalista José Alves de Castro. Assim como Amazil, Lourdes é resignada e fervorosa. Era muito apegada o Pe. Gabriel Van Vick, o responsável pela construção da Igreja, citado por vários moradores idosos. Segundo Sebastião Clemente, algumas pessoas da região tinham até “devoção” a ele. Encontramos vários quadros como o de Lourdes nas residências antigas.

*Silenciar* o depoimento dela foi coerente com a opção de evitar temas complicados, principalmente a religiosidade, apesar de ter sido cogitada, com abordagem direta aos espíritas kardecistas, à dirigente de um centro de umbanda e pela cobertura de um batizado da igreja evangélica *Deus é Amor*, nas águas do Paraibuna, esta última gravada em Super-VHS. Já citamos duas personagens também *emudecidas*, fervorosas, ligadas à tradição do “benzimento”: Lenira e Zelinda. Entendíamos que seria extremamente complexo tratar de um tema que envolvia novas disputas simbólicas. Pois, como descrevemos nos elos tradicionais, a Igreja Católica era muito presente nas lembranças dos moradores idosos, mas, naquele momento, as igrejas neopentecostais estavam proliferando na região e nossos alunos pertenciam a diferentes religiões. O assunto não poderia ser tratado superficialmente, sendo melhor deixá-lo de lado.

Procurar o primeiro “terreiro” de umbanda da região foi uma iniciativa da minha parte, pois nenhum dos jovens tinha envolvimento com esta espiritualidade. O aluno Vagner nos acompanhou, exercendo a função de cinegrafista, no registro realizado em 26 de dezembro de 2004 por cerca de uma hora. Entrevistamos Vitória Correia do Nascimento,

---

<sup>118</sup> Região rural próxima.

negra, aos 73 anos, moradora do bairro, na região da Várzea, desde maio de 1947, quando o “centro” foi fundado como Associação Espírita Marciano. Ela destaca o preconceito existente na época que levou o pai a se deslocar para a região. Ali não havia “implicância” com suas práticas porque era “zona rural”, sem casas nas proximidades. Sem religiões concorrentes, a relação da família com os católicos era muito boa, tanto que sua irmã regia o coral da igreja, que fora “batizado” com o nome da sua mãe (Acervo Benfica da gente, 2004, fita Mini-DV BG 59). O depoimento de Vitória é extremamente rico em detalhes e análises sobre as implicações das transformações socioculturais na localidade, naquele momento tomada por pequenas igrejas evangélicas. Ela só entra no documentário final, tocando o tambor tradicional da família, cantando a música do seu culto “Aê tambor, vai buscar quem mora longe”.

Os kardecistas foram entrevistados na Casa Espírita Maria de Nazaré em uma palestra, sem precisão de data, pois não encontramos nos nossos arquivos, mas pela numeração da fita, BG 72, deduzimos que tenha sido entre 2006 e 2007, bem perto da finalização do vídeo. Entrevistamos três personagens por quase uma hora. A figura central foi Eugênio Bersan, outro comerciante local. No seu depoimento ele conta que o centro foi criado em 1938, por trabalhadores, mas se aproximou da doutrina em 1965, ajudando a reformar as instalações simplórias. Na sua primeira fala já destaca a ação social da associação, distribuindo cestas básicas, roupas e calçados usados, além de enxovais. Sobre sua espiritualidade, o depoimento foi desprezado para o vídeo final. No entanto, Bersan tece considerações críticas conjunturais sobre o presente da região que, para ele, sofre as consequências do “capitalismo internacional”. Na sua perspectiva, o futuro de Benfica é o “futuro do planeta” com “agravamento do desemprego”, da violência, “proliferação das drogas” e um mercado de trabalho cada vez mais “competitivo”. A resolução destes problemas, na sua perspectiva, está calcada na “industrialização”. Por isso, ele não tem receio de falar que “acreditava” que o Distrito Industrial iria gerar mais postos de trabalho e mantém essa ideia ao afirmar que o poder público deveria se mobilizar para atrair mais empresas (Acervo Benfica da gente, s.d., fita Mini-DV BG 72). Mesmo tendo seu envolvimento religioso desprezado na edição do documentário, Bersan ganhou duas pequenas inserções para falar do desemprego. Diante do exposto, ainda que ecos do catolicismo permeiem o documentário final, intencionalmente, o *elo religiosidade* foi *silenciado* no produto final.

A *vida social*, mesmo frequentemente lembrada pelos moradores antigos também foi *emudecida*. Vamos apenas citar os temas rememorados pelos entrevistados, registrados,

mas que não entraram no vídeo: a ABCR e o Esporte Clube Benfica, aquela lembrada pela grandiosidade dos bailes e este, pelo time de futebol e o trabalho social do projeto Curumim; o carnaval nos clubes e na praça que integram as reminiscências dos moradores, em especial das mulheres; o cinema Auditório e do Salão Paroquial Pio XI, aquele pertencente à FEEA e este, à Igreja Católica, recordados como espaços de romance, de amizades e de sonhos; o esporte local com times de vôlei, basquete na praça e futebol, em especial os times tradicionais “Marília” e o “Moreira”, sendo o primeiro da região central e o segundo oriundo de uma família negra; a Escola Estadual Professor Lopes, a Escola Estadual Presidente Costa e Silva, o Polivalente, e o Desfile Cívico realizado regularmente em setembro, na semana de comemoração pela independência do Brasil, quando quase todas as escolas públicas e particulares levam seus alunos à rua para o evento, reunindo, em média dez mil pessoas. Apesar das sonoras recolhidas nestes acontecimentos não terem sido contempladas no documentário final, algumas imagens entram marcando transição de um tema, como educação, e no clipe de encerramento do vídeo.

Pelo que descrevemos até aqui, reitera-se que, na execução de um projeto que produziu ambientes de interação, inseridos e impregnados de lembranças e considerações múltiplas, não buscamos efetivamente promover a emergência de *memórias subterrâneas* para contradizer a narrativa do *memorialista* Vanderlei Tomaz, que funcionava como uma “versão oficial” da história local. Também houve certo “zelo” da nossa parte em tentar evitar a exposição pública exacerbada dos personagens, bem como não explorar alguns temas de modo sensacionalista. Pensamos, agora, que naquele momento organizamos os repertórios disponíveis tomando os cuidados devidos com a sua apropriação posterior, pensando sua “compreensão responsiva” (BAKHTIN, 1997), realizando um *acabamento* em função da *orientação social* expressa na proposta originária. Estes foram os motivos para *silenciamos* determinadas falas, mesmo que passem transversalmente no vídeo final, numa negociação complexa diante de um material tão vasto e abundante. Foi um *trabalho exaustivo* que se repete no exercício dessa pesquisa tomando novos *enquadramentos*.



### 3 O REGISTRO

Chegamos, afinal, ao terceiro momento de análise de todo o processo de elaboração do documentário *Benfica da gente*. Recobramos que nosso trabalho busca um diálogo entre a antropologia e o fazer audiovisual para pensar os três momentos de realização do documentário centrado no testemunho. Utilizando a etnografia para descrever todo o percurso, passamos pelo *encontro* e pela *interpelação* e, agora, trataremos do *registro*, etapa para nós crucial porque é nela que vamos examinar criticamente o *trabalho de enquadramento* das memórias e depoimentos dos moradores de Benfica efetuado por nós.

Na antropologia, o registro se expressa no diário de campo, na coleta de dados, no texto etnográfico. No documentário, são a gravação e a edição. Na gravação, seguindo um roteiro pré-estabelecido, tomando a fala como elemento condutor, o enquadramento da imagem determina o que fica na tela ou não. No caso do projeto *Benfica da gente*, os depoimentos, em maioria, foram gravados em *close*, com poucos movimentos de câmera. Isso deixa uma série de elementos fora de cena como os alunos, os realizadores, o ambiente do entrevistado e seu comportamento corporal diante da câmera, por exemplo. Na edição, é o arranjo das várias visões de mundo, ou melhor, de Benfica em um enunciado.

Por outras palavras, o *registro* sempre é uma limitação da multiplicidade de sentidos que envolve o *encontro* e a *interpelação*. O caderno, a fotografia, a gravação de áudio ou de vídeo, qualquer suporte de instrumentalização da pesquisa ou do documentário não são o *espelho* dos acontecimentos, apesar da verossimilhança. Preferimos assumir que etnógrafo e documentarista agrupam em um todo organizado passagens dispersas de sua experiência singular em campo, *registradas* nos seus aparatos, como também em suas memórias. Em suma, ambas atividades constituem obras humanas, trabalho sobre o vivido, experimentado. Linguagem e representação reconstruindo o tempo em uma infinidade de possibilidades concorrentes. Diante do exposto, ao invés de uma análise fílmica detalhada, ponderamos que demonstrar os “pesos” e “medidas” que nortearam o *registro* do *Benfica da gente* seja mais pertinente, como também mais honesto, pois estamos tratando de um objeto no qual estávamos e continuamos imersos, lidando continuamente com a tensão entre proximidade e distância nesta pesquisa.

Reforçamos que tomamos todo este processo sob a perspectiva dialógica de Bakhtin. Neste sentido, diante de tantos repertórios disponíveis, entendemos o *registro* como um *acabamento* definido pelas condições de produção, como também pelo projeto *estético e ético* do *autor*. Apesar da condição *restritiva* do registro, o *acabamento* deve ser compreendido não como um trabalho estanque. Do mesmo modo, o *autor* não é um *criador* em sentido estrito. Se tomamos as contribuições bakhtinianas, tudo é *processo* e deriva das relações estabelecidas entre os vários envolvidos. O autor é *participante* do acontecimento, *responsável* por ele, mas numa posição de *fronteira* do mundo criado (BAKHTIN, 1997, p. 205). Seria uma consciência *exotópica* que organiza a vivência sócio-discursiva, considerando a quem deseja atingir. Apesar dessa posição externa, ele é constitutivo do próprio discurso que elabora a partir dos repertórios que o atravessaram anteriormente ao momento de realização, como também durante a construção da obra. Assim, apresentamos nossas considerações sobre o documentário *Benfica da gente*, cuja pretensão era desenvolver uma representação da história da região – do passado ao presente –, seguindo uma proposta *comunitária* motivada pela oficina com jovens da única escola pública local que oferecia Ensino Médio naquele momento.

### 3.1 O projeto estético

Ressaltamos em várias partes deste trabalho que o vídeo *Benfica da gente* não tinha pretensão de ser um trabalho etnográfico, muito menos um documentário esteticamente inovador. Norteava-se mais pelo *projeto ético* de registrar aquela história. No decorrer de sua execução, esta proposta foi optando por uma vertente crítica, relacionando *memórias e modos de ver e viver* o território. Entretanto, a escolha de planos e imagens foi influenciada pelo contexto da sua realização. Naquele momento, o documentário voltava a ter relevância no cinema nacional, retomando a temática da periferia, porém menos *sociológico* (BERNARDET, 2003), não para “dar voz ao outro”, aos excluídos e subalternos da sociedade brasileira. No final de 1990 e início dos anos 2000, a favela e segmentos marginalizados da sociedade entram em cena de modo diversificado. As entrevistas são uma “estratégia recorrente” (LINS, 2008), mas em vez de tomar o particular para justificar uma ideologia,

privilegiando o “representativo”, as produções contemporâneas voltam-se ao “privilégio da afirmação de sujeitos singulares” (LINS, 2008, p.20). O predomínio das entrevistas é criticado por Jean Claude-Bernardet (2003) que identifica essa prática como um “cacoete de linguagem”.

Para tecer nossas considerações acerca do documentário *Benfica da gente* preferimos ir direto à exposição dos elementos que balizaram o registro, pois a sinopse encontra-se na introdução deste trabalho. A ausência da narração em *off*, ou “voz do saber” (BERNARDET, 2003), em proveito da “voz do outro” no vídeo foi menos uma opção estética e mais o uso de um recurso em voga, mas coloca a *palavra* como elemento central. Por outro lado, alguns procedimentos foram determinados também pelas limitações financeiras e ambições imaturas de quem fazia um documentário pela primeira vez.

O uso do *close* era uma necessidade, pois não tínhamos equipamento apropriado para captação de som. O microfone tinha sempre que ficar próximo do entrevistado. A ausência de imagens da equipe deve-se mais ao fato de termos apenas uma câmera com gravação em Mini-DV. Os alunos registraram em Super-VHS vários momentos, mas seria dispendioso converter este material, tendo sido ignorado.

Por outro lado, o uso de imagens complementares como *inserts* de documentos, fotografias e panorâmicas da região, como também de trechos dos cinejornais de Carriço, tem a ver com a nossa formação *acadêmica*. Eu era *radialista*, Fernando e Priscila cursavam *jornalismo* na mesma faculdade. Todos estavam influenciados por professores majoritariamente jornalistas.

Sobre a ambição imatura, entrevistamos uma infinidade de pessoas, tentando dar conta de todos os assuntos e pessoas que povoavam aquele território, o que era e é humanamente impossível. Porém, revendo e organizando os *elos da interpelação*, podemos notar que iniciamos nosso trabalho sob uma perspectiva *memorialista*, influenciados tanto pela produção local descrita no primeiro capítulo desta pesquisa, como também pelo contato com o “guardião da história” de Benfica Vanderlei Tomaz. No entanto, a oficina com jovens que moravam em outras localidades da região nos levou a personagens e cenários diferentes daquele esboçado pelo *memorialista*. E quanto mais nos aproximávamos do tempo presente, narrando o surgimento dos novos bairros sob as terras da antiga fazenda, tendíamos a entregar a condução narrativa ao outro, outro atravessado por nós. Ao insistirmos em tratar dos temas contemporâneos, dando voz aos jovens, estávamos mais íntimos daquela experiência, pois

convivemos com eles por três anos e também travávamos uma nova relação com eles e com o território que também era nosso, ainda que não evidenciemos isto na edição.

É deste modo que, atualmente, consideramos o documentário um *pastiche* misturando os mais variados estilos das produções que tivemos contato naquela época, tanto nacionais quanto locais, cuja unidade é o predomínio da entrevista, mas com tratamentos diversos. Ora o entrevistado está em casa, ora na rua, ora na casa de outro, ora em um evento. O exemplo mais claro desta miscelânea é a entrada do “menor não identificado” em que o close na boca e a distorção na voz são uma clara menção a *Falcão, meninos do tráfico* (2006), de MV Bill e Celso Athayde, embora eu mesma não tivesse esta intencionalidade na época. Em suma, as influências das narrativas que conhecíamos deram a linha memorialista inicial do documentário *Benfica da gente*, mas também traçaram novos contornos, em que o lugar *tradicional*, agrário, cede ao *operário*, mostrando as ambivalências e contradições deste território fragmentado, que abriga ocupações irregulares e pobreza no entorno de um núcleo comercial e de prestação de serviços pulsante. A identidade *benfiquense* é repartida também pelos novos vínculos sociais e simbólicos que se estabelecem com a urbanidade. Por outro lado, ao final, a fala dos jovens intercalada com os mais velhos, sobre os problemas, as sociabilidades e o futuro de Benfica corrobora para uma a ideia de “retrato projetivo” (ABRAMO, 1997, p. 29) daquela sociedade. Essa mudança de ritmo na edição do passado para o presente, pois os cortes são acentuados e os temas tratados de maneira mais superficial, intercalados com o trecho de rap e cenas de funk na rua possuem afinidade com outras produções cinematográficas da época. Talvez, até a entrada dos jovens, decidida já na finalização do documentário, esteja relacionada a reverberações do cinema nacional naquele contexto, quando o mercado da ficção emplacava o gênero *favela movies*<sup>119</sup> que além de ter como pano de fundo a vida entre a favela e o asfalto, marcada pela violência e tráfico de drogas, utilizava jovens atores das comunidades retratadas, numa espécie de compensação social pela exploração daquela temática e território.

Na verdade, o que tentamos expor na análise do *projeto estético* do documentário *Benfica da gente* é que o dialogismo presente nesta obra, despreziosa artisticamente, caracteriza a *intertextualidade* identificada por Julia Kristeva, segundo Robert Stam (1992).

Esse conceito multidimensional e interdisciplinar do dialogismo, se aplicado a um fenômeno cultural como um filme, por exemplo, referir-se-ia não apenas ao diálogo

<sup>119</sup> Entre os expoentes do gênero *favela movie* que estão *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles; e *Cidade dos Homens* (2007), de Paulo Morelli e baseado na série homônima exibida em televisão aberta em quatro temporadas do ano de 2002 a 2005.

dos personagens no interior do filme, mas também ao diálogo do filme com filmes anteriores, assim como ao "diálogo" de gêneros ou de vozes de classe no interior do filme, ou ao diálogo entre as várias trilhas (entre a música e a imagem, por exemplo). Além disso, poderia referir-se também ao diálogo que conforma o processo de produção específico (entre produtor e diretor, diretor e ator), assim como às maneiras como o discurso fílmico é conformado pelo público, cujas reações potenciais são levadas em conta. (STAM, 1992, p. 34)

Considerando o *projeto estético*, verificamos que a representação que elaboramos de Benfica para seus moradores estava tomada pelas reverberações do seu processo de produção como também das nossas *bagagens* e, ainda, das práticas discursivas cinematográficas daquele contexto.

### 3.2 O projeto ético

A justificativa para a obtenção de recursos na Lei Municipal de Incentivo à Cultura considerava a existência de uma “pluralidade de identidades locais”, como também aspirava motivar os jovens a se perceberem como “atores dessa realidade” e, ainda anunciava o “interesse” da proponente por “colocar em prática *na sua própria comunidade* ações por ela vistas e estudadas” (JUNQUEIRA, 2004, p. 7, grifo nosso), seguindo uma proposta *comunitária* de construção “democrática, participativa e horizontalizada”.

O resultado do projeto *Benfica da gente* era uma apresentação pública do documentário no antigo cinema da região e apenas 35 cópias distribuídas entre alunos, escolas públicas, associações de moradores e outras entidades locais. Estas características, entre outras, aproxima-nos dos *acadêmicos* da Baixada Fluminense, como mencionamos no segundo capítulo. A intenção de promover uma “transformação social” a partir da valorização da memória dos moradores e do trabalho com jovens na produção do documentário configura o *projeto ético* do documentário, orientado socialmente para motivar reflexões e possíveis mudanças na comunidade retratada e nas pessoas que nele se envolveram.

Um documentário é a apresentação de um enunciado, com uma visão de mundo que parte do argumento e vai ao *encontro* de fundamentações para criar uma representação que convença ou provoque os espectadores. Não estamos tratando aqui o gênero como

“espelho” da realidade, nem estamos ignorando aqueles que se propõem à “auto-reflexividade” radicalizada no “antidocumentário” (DA-RIN, 2004). Todavia, produzir essas narrativas parte do desenvolvimento de uma ideia, pela captura da câmera, cujo material é arranjado pelo realizador para que haja, em certa medida, uma manipulação da apropriação e da interpretação de sentidos daqueles que assistirem a obra finalizada.

No nosso caso, estamos nos referindo a um documentário centrado na *palavra*, no *enunciado*, entendendo-os como arenas de negociação de sentidos, de disputas de poder, ideologicamente estabelecidos (BAKHTIN, 2006). Por mais que haja a experiência particular do autor no campo, para a realização da sua obra, Bakhtin (1997) preconiza que este se localiza numa posição *exotópica* e leva em conta a *responsabilidade* da sua organização sócio-discursiva.

Para refletir o *projeto ético* do documentário *Benfica da gente*, tomamos as considerações de Robert Stam (1992) que propõe o “uso-valor crítico” dos conceitos bakhtinianos na análise cinematográfica. Apesar do autor se deter mais à ficção, consideramos pertinente trazer alguns de seus apontamentos para pensar a voz, ou as vozes, do nosso produto. Neste aspecto, fazemos uso de seu outro trabalho, *Crítica da imagem eurocêntrica*, em conjunto com Ella Shorrat (2006).

Primeiramente, esclarecemos que não havia um argumento definido para a realização do documentário em questão. Até mesmo porque, em princípio, pensava-se em fazer um vídeo de trinta minutos. No processo de produção a proposta foi sendo alterada. Por envolver os jovens nas “descobertas” sobre a memória e história da região, o viés memorialista ia cedendo, os poucos, lugar às inquietações dos moradores, tanto dos alunos quanto nossas.

Assim, o projeto foi negociando com o *campo de possibilidades* que se abria no percurso, tendo em conta que nós, realizadores, pertencíamos também àquela comunidade. Não tecíamos a representação do outro, mas de nós mesmos, condição mais acirrada com a chegada do tempo presente. Essa imersão no objeto não evidenciada nos planos pode ser percebida na edição das entrevistas. A responsabilidade de quem produz um “retrato” do seu lugar é grande, tanto que ainda hoje ganhamos bônus e ônus deste trabalho.

Com material vasto, a orquestração das vozes era uma tarefa complexa, principalmente, porque tentávamos levar a cabo nosso *projeto ético*. Nestas circunstâncias, a

*responsabilidade* tornara-se um *fardo*, que pesava mais quando o documentário se aproximava do presente, mas também nos impelia a tentar abranger a variedade de pontos de vistas sobre os temas abordados. Agora, passados anos da sua realização e com uma nova *bagagem* acadêmica, pondero que essas questões foram determinantes no resultado final.

A abertura do vídeo, com as versões para o nome Benfica, seja a apresentada pelo negro trabalhador rural Raimundo, a registrada por Lindolfo Gomes contada pelo memorialista ou a narrada por Conrado Barbosa, descendente da família proprietária da fazenda evidencia a nossa disposição de apresentar ao público diversos repertórios. Avaliando o tempo destinado a cada tema, observam-se de imediato, três ritmos no documentário. Dos 72 minutos de vídeo, os trinta primeiros são dedicados ao passado do território, numa cronologia pouco rigorosa. Os assuntos são bem arrematados, apresentados por cartelas e com o *memorialista* Vanderlei Tomaz passando o fio condutor nas suas 13 inserções. Mas ao mesmo tempo, incluímos *elos tradicionais*. A neta de “escravo de confiança” Almerinda aparece 11 vezes, seguida do descendente da família proprietária da antiga fazenda *Bemfica*, por 9 vezes. Por aí, percebe-se a variedade de *entonações* na exposição dos temas, como também de *vozes* que se confrontam com a narrativa do especialista em história local. Se Vanderlei ressalta as batalhas no território como decisivas na Revolução de 30, os moradores antigos comentam sobre a saída de suas terras, os saques em suas casas e as relações com os soldados.

Notamos a presença forte de um *elo tradicional* recorrente nas entrevistas com os idosos: a fábrica de munição, ocupando nove minutos. Apresentamos a história da empresa que foi militarizada, privatizada e sucateada. Revelamos que a lembrança do operário Filinto do período de maior produção não passava de uma estratégia política de Getúlio Vargas, porque toda a munição fabricada para a Segunda Guerra Mundial foi estocada pelo Exército Brasileiro, segundo o Coronel Ribeiro. Demos importância à instituição para o desenvolvimento local e, ainda, destacamos o dia da explosão, com os relatos de quatro personagens.

A partir daí, não há aprofundamento nos temas que ocupam de um a dois minutos e meio. O Distrito Industrial, por exemplo, é abordado por dois pontos de vista, pela moradora remanescente, Etelvina, e pelo seu ex-marido José Reis, o Zé Caetano, que foi o empregado que tomava conta das terras do estado administradas pela CDI. O tema da *emancipação* é tratado por um diálogo entre Vanderlei Tomaz, que analisa todo o contexto e desfecho, e o

líder do movimento Domingos Sobreira, revisando sua atuação. Completa com a fala de Filinto, este mais fiel ao seu engajamento no passado.

Em seguida, rapidamente, o documentário vai tratar de três personalidades que participaram da cena política local: o jornalista José Alves de Castro, o comunista Manoel Rosa e o vereador Inácio Halfeld, todos já falecidos. Enquanto o primeiro é citado pelos outros, geralmente, criticando suas publicações, os dois outros são mencionados por seus familiares, além de pessoas que conviveram com eles.

O trecho *memorialista-tradicional* do documentário encerra por uma passagem breve da Família Garcia, protagonizada pelos seus descendentes reiterando que foram proprietários daquelas terras. Vanderlei Tomaz arremata atribuindo o “impulso” de Benfica nos anos 1940 ao loteamento realizado pela matriarca Inês Garcia e não entra mais no vídeo. Estes depoimentos, como explicamos na introdução deste trabalho, são reforçados por *inserts* de imagens, cenas dos cinejornais de João Carriço, fotografias e documentos que mais funcionam como “provas” ou “vestígios” das informações apresentadas, além de marcarem as passagens dos temas.

O desenvolvimento urbano é explorado na segunda parte do documentário cuja narrativa tenta encadear os *elos contemporâneos* em pouco mais de dez minutos mostrando a origem de localidades sediadas nas antigas terras da Fazenda Bemfica. A transição do passado para o presente é feita pela fusão da fotografia da região central na década de 1940 com a mesma área em 2007. Vicente Teixeira anuncia que “Benfica se fragmentou”.

A primeira área apresentada é da Ponte Preta pela narrativa da líder comunitária Almerinda da Silva Hora. Em um minuto, ela conta que a terra foi do avô, o nome em alusão ao time de futebol da família negra, a dificuldade da travessia perigosa, e todos os benefícios conquistados na “base do mutirão”. Conclui destacando a luta de 55 anos pela ponte de concreto. Logo após, a história do bairro Araújo é descrita pela moradora antiga Lourdes Berg e pelo Coronel Ribeiro em menos de um minuto e meio. Lourdes lembra-se das habitações de sapê que foram derrubadas pelo Exército para a construção das casas. Ribeiro, por sua vez, esclarece que as moradias eram do órgão militar apesar do financiamento do IPASE, o qual também custeou residências civis naquela área. A moradora argumenta que somente funcionários da fábrica de munição residiam naquelas casas, vendidas posteriormente, quando a fábrica passou a ser administrada pela Imbel, ou seja, com a iniciativa privada. A palavra



final é de Lourde Cosso que complementa estas versões ao citar o loteamento da antiga proprietária das terras Berenice, cujo sobrenome Araújo deu alcunha ao bairro.

Em um minuto e meio a localidade da Várzea ou Jardim de Fátima tem sua origem contada por Clemente, Etelvina e o japonês Syundi. O primeiro e a segunda não eram habitantes da área, residiam próximos, mas as lembranças de bois naquelas terras repetiam-se em vários depoimentos. A conclusão ficou a cargo do morador, que rapidamente expõe a mudança da vida rural para a urbana, preservando alguns resquícios como colocar cadeira na calçada. A origem de Nova Benfica também é narrada rapidamente, em um minuto. A primeira personagem, Maria Aparecida Duarte fala a “história” por ela conhecida. Diz que o bairro se originou de uma “antiga fazenda” e não tinha nada quando ela chegou. Intercalando, entra Clemente, contando que os filhos do fazendeiro, “pão duro” mas “honesto”, Chiquinho Donana, proprietário daquelas terras, lotearam a área assim que o pai morreu, sem nem aparecer. A entrevistada principal da Nova Benfica é Geralda de Oliveira. Ela descreve o início do loteamento na parte alta quando foram construídas algumas casas para a polícia e a sua luta por melhorias, em especial, pelo asfalto, que ela vai ter que “brigar para acabar de arrumar”.

Se as localidades acima foram abordadas em pouco mais de um minuto, a Vila Esperança e a Ocupação da BR ganham quase o dobro, tomando 2’ 45” cada, protagonizados majoritariamente por lideranças comunitárias. Manoel Inácio inicia a história da Vila, lembrando que as casas do bairro foram destinadas aos moradores da Vila do Sapê, a qual era localizada “praticamente no centro” de Benfica. Depois, a moradora Madalena tenta se esquivar de explicar a divisão entre Vila Esperança I e II até distinguir que a segunda pertence à “parte da invasão”. Passa-se a Onofre, da Vila II, contando como tudo começou numa cena externa. A câmera mostra-o subindo o morro e entrando no “galpão”. Ali, ele fala que a CDI “negociou” o terreno por duas pontes com a prefeitura. Entra José Reis narrando expressivamente o momento de tensão entre a polícia e os “invasores” com seus barracos de lona. Logo após, o morador João Marcos humildemente explica as razões que o levou a ocupar o lugar, mesmo consciente de que não tinha comprado nada. O assunto da Vila Esperança é encerrado por Onofre dizendo que a localidade abriga gente de “tudo quanto é canto”.

A história da Ocupação da BR representada no vídeo começa com a moradora Maria Luíza descrevendo como as pessoas entraram lá e os motivos que a levaram a

“invadir”. Mostra o Centro Comunitário e, em seguida, o líder José Alfano justificando socialmente as causas de ocupações. Há diferenças ideológicas bem demarcadas entre a fala das lideranças comunitárias e a da outra moradora. Esta se dedica a expor os problemas, relatando os “riscos” que encaram, vivendo da “reciclagem”. O outro e a colega de atuação política Gicélia destacam as conquistas que obtiveram junto ao Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). José comemorava a doação de um terreno nas proximidades, enquanto Maria Luíza precisava “ver para crer” na mudança e prefere ficar ali mesmo. A conclusão da história da Ocupação fica a cargo do líder acentuando a ausência de cidadania plena para aqueles habitantes que votam como “qualquer magnata”, mas não conseguem emprego porque seus endereços não servem de “referência”.

A passagem do trem na Estação Benfica faz uma pequena transição para a terceira e última parte que mistura os *elos contemporâneos* aos *possíveis* com poucas inserções dos *tradicionais*. O ritmo fragmentado se acentua nestes vinte e sete minutos do documentário. Começa com oito falas rápidas sobre Benfica na atualidade, alternando os alunos do projeto com outros moradores, a maioria idosa. As opiniões sublinham que o bairro é uma “cidade”, “independente”, atraindo pessoas das localidades vizinhas e sendo maior do que muitos municípios mineiros. Nova passagem, desta vez com cenas do cotidiano local (trabalhadores, feira, reciclagem etc.) ao som do rap *Batalha Desigual* cuja letra tenta sensibilizar para a luta do Brasil, tomado como um pobre trabalhador que “vende o almoço pra comprar a janta” e ainda “é feliz à pampa”. Entram considerações sobre as consequências do progresso feitas pelos moradores mais velhos e seguem três minutos de juízo acerca de segurança, violência e tráfico de drogas, *elos possíveis* mobilizados fortemente no depoimento dos alunos. Enquanto os idosos falam como as relações no bairro se alteraram, com grades nas casas, pais em dificuldades para criar os filhos, ninguém conhecendo ninguém e predomínio do desrespeito, os jovens narram suas experiências. Neste trecho aparece Edson Júnior, assistido pela Pastoral do Menor, comentando sobre o vandalismo na escola, e o “menor não identificado” contando como ele começou a roubar e a consumir drogas. Junto a estes, Suellem Barroso relata sua convivência com essa realidade nas proximidades da sua casa. Ludmara e Renata justificam que os problemas sociais resultam da ausência de “apoio” e “investimento”, tanto da família quanto do poder público. O menor não identificado encerra o assunto declarando que as crianças crescem achando que é para “fazer igual”. Ele julga necessário agir para melhorar esse “negócio”.

Imagens do Desfile Cívico passam ao som do mesmo rap que entoia: “Enquanto rola o banquete, alguém fica sem o pão. Enquanto rola o bê-a-bá, alguém fica sem lição”. Na cena, crianças seguram faixas: “Benfica, um lugar de lazer e muita animação” e “Educação, base para construção de um Brasil justo e solidário”. Os alunos do projeto *Benfica da gente*, então, relatam brevemente suas experiências com a escola. Suellen acha que não há “incentivo”. Sílvia conta que tentou estudar várias vezes, mas não conseguiu completar o Ensino Médio. Vagner fala que sempre estudou na localidade, deparando-se com um ambiente “familiar”. Roseane diz que não tem nada a reclamar e que o aprendizado depende do esforço individual. Na mesma linha, Sinval defende que para “ser alguém na vida” é preciso estudar, mas além do apoio familiar, o empenho pessoal conta. As duas futuras pedagogas, Sara e Renata, reforçam a importância de “incentivos”. A primeira delega aos pais a responsabilidade do “acompanhamento”, a segunda critica a escola que não está “preparada” para trabalhar com os jovens focando suas “realidades”. Sílvia termina o assunto mostrando-se consciente de que, no futuro, o estudo vai lhe fazer falta para obtenção de emprego. Uma cena com jovens tocando violão na escola passa rapidamente.

O desemprego é o tema seguinte. O jovem Michel Ribeiro atribui falta de trabalho à causa da violência na juventude. Para ele, os jovens não querem estudar, preferindo “ganhar dinheiro fácil”. Suellen, por sua vez, reclama que somente o estudo não assegura o emprego uma vez que se pede “experiência” registrada em carteira. Syundi Ouchi, o descendente de imigrante japonês, argumenta que “emprego sempre foi muito difícil”. Roseane ressalta que as empresas do bairro não dão emprego aos seus moradores, promovendo o deslocamento deles para o centro e vice-versa. Em seguida, Eugênio Bersan, morador antigo, confessa que acreditava mais no potencial do Distrito Industrial para a geração de emprego na região. Ele afirma que desempregada, a pessoa fica “desorientada” e se envolve em práticas ilícitas. O “menor não identificado” fala do seu “sonho” de voltar a estudar, trabalhar e ajudar os pais. Entram novamente as futuras pedagogas Renata e Sara, solicitando cursos profissionalizantes, ensino médio e faculdade na região.

Sáude é o mote subsequente, marcado por uma cena de pessoas que ficam na fila, durante toda a madrugada, para conseguirem vagas na Unidade Regional Norte, conhecida como Policlínica. A jovem Ludmara fala da necessidade de melhorar a “infraestrutura” da unidade, uma vez que não acompanhou o crescimento da demanda. O aluno Michel relata os problemas do excesso de usuários, causando “brigaiada”, “cobrança para marcação de consulta”, “falação”. A idosa Etelvina sucintamente expõe que “apesar do tumulto”

ocasionado pela falta de remédios, ainda se consegue alguma coisa. Os participantes do projeto Michel, Ludmara e Roseane apresentam sugestões para minimizar o problema da saúde. O primeiro reitera a importância de melhorar a infraestrutura, a segunda sugere um pequeno posto em cada bairro e a terceira reivindica um hospital, proposta abordada frequentemente pelos políticos que “nunca fazem”.

O *elo contemporâneo* mobilizado pelo líder comunitário da Vila Esperança I, a enchente, é abordado imediatamente. Mostra-se a imagem das manilhas, onde as águas pluviais deságuam no córrego, ao som da batida do *rap* e do ambiente. Manoel aponta e descreve o problema. Aparece Ana Isabel, remanescente da Vila do Sapé, aos 95 anos de idade, falando da “peleja” de todo ano. Madalena complementa dizendo que precisa sair de casa, carregando os móveis. Alternam descrições de suas preocupações no “tempo das águas”. A mais idosa comenta que tem que sair “carregada”, a outra reclama do poder público que prometeu arrumar e o líder pede a “dragagem” para resolver a questão. Entra a cena da enchente com adulto carregando criança nas costas, o córrego transbordado e carro de bombeiros, gravada em janeiro de 2007. O assunto finaliza com a fala de Ana Isabel, contando que, apesar dos esforços das filhas para ela morar em outro lugar, só espera a enchente passar e volta para casa.

Novamente o rap marca a passagem temática. A voz canta “Enquanto rola o hip-hop, a gente cai na diversão. É diversão, meu irmão. Pra mim é a solução” sobre uma cena de rua cheia, com efeito de câmera, sem possibilidade de identificação do público. A discussão volta-se para a praça, ocupando 4’34” do vídeo, mais que o dobro das outras abordagens que ficaram em torno de 2 minutos cada. Abre com Sílvia falando que o logradouro parece parte da “casa” dela. Além dos depoimentos dos jovens, surgem outras pessoas cujas opiniões foram tomadas no local. No primeiro minuto dedicado ao tema, os entrevistados apresentam uma visão positiva, considerando o espaço “ponto de encontro”, “cartão postal” e “lugar de lazer”. Entra uma cena com a movimentação na praça de dia e à noite (basquete, futebol, crianças, idosos, namorados etc). Seguem quase três minutos de falas dos alunos do projeto, dos moradores antigos e dos frequentadores da área sobre os problemas dali como brigas entre gangues de bairros, venda e consumo de drogas e ausência de policiamento. A cena do movimento noturno com som ambiente de funk pontua. O tema é finalizado por Paulo Elias, morador da Vila Esperança, afirmando que a praça é o “único centro de encontro” para as mais diversas atividades, pela aluna Ludmara afirmando que o local abriga uma “grande aglomeração” e pela frequentadora Nice Oliveira que declara gostar do lugar porque é

“terapia pra mente”. Segue uma cena com imagens do carnaval de 2005 ao som ambiente do refrão do *hit pop* de Ivete Sangalo *Festa no Gueto*.

Entra o *elo contemporâneo* inclusão, com Paulo Elias, enfatizando que a sua promoção depende do trabalho “dentro” do próprio espaço. A capoeira no galpão por ele organizada tem apenas um minuto de inserção, alternando a fala do mestre com cenas do seu projeto *Gingaerê*. Ele ressalta as dificuldades para promover a “interação” entre os adolescentes. Passa rapidamente a roda no galpão, evidenciando as condições precárias como o chão de cimento e a goteira no teto, ao som ambiente da música de *maculelê*, de domínio público, “Eu sou é brasileiro, o que é que eu sou”, entoada pelas crianças e adolescentes. Paulo Elias termina sua participação no documentário falando que ali “todo mundo é igual”.

Com mais tempo e entrevistados, a academia de dança *Over Jazz* é abordada pela diferença do seu trabalho. Elaine, professora, destaca que no projeto delas existem crianças negras ao contrário das apresentações no “centro” da cidade ou em outros municípios. A professora fundadora Elenize ressalta a convivência harmoniosa entre alunas de diversas “classes sociais” porque são tratadas da mesma forma na escola e são amigas fora dali. Intercalando cenas de aulas e ensaio, Elenize conta da descrença com relação ao “trabalho de bairro” que prescindiu de tempo, para adquirir “respeito”. A bailarina Áurea admite a existência de “preconceito” no passado, mas naquele momento era “muito bom” pertencer ao “grupo de Benfca”.

Ao som de foguetes, a imagem de São Cristóvão aparece introduzindo o *elo tradicional* das festas populares. O organizador Orlando, mais velho, destaca a Festa de São Cristóvão como uma forma de promover a “unidade”. O evento é abordado como um diálogo entre “fundadores” e os novos “realizadores”. Aqueles orgulhosos do encontro e por terem criado aquela tradição há 45 anos, estes contando das dificuldades atuais. Cenas da celebração, da benção e da procissão são inseridas. O desfecho ressalta a fé.

O assunto da Festa de São Cristóvão é interrompido pelo pulsar da bateria da Escola de Samba Rivals da Primavera, cujo desenvolvimento do tema toma pouco mais de um minuto do vídeo. Preparando as fantasias, a integrante Cleuza sublinha que todo bairro deveria ter sua própria agremiação, para “juntar” as pessoas. Entram imagens do “barracão”, onde o grupo predominantemente negro canta “Rivals com muito amor vem mostrar o carnaval e a Benfca de Minas Gerais, Minas Gerais”, refrão do samba-enredo daquele ano. Regina, uma das fundadoras da escola, revela que gosta mais do “brilho” e de ver o resultado

do que fazem. Passa a cena do desfile, os integrantes descendo de ônibus e apresentando-se na avenida, sob o samba e volta ao barracão. O membro Lúcio pede mais participação da comunidade na escola. Voltam as cenas do desfile na avenida.

A sequência seguinte é de ponderações sobre as relações pessoais dos entrevistados com Benfica e suas projeções para o futuro. Em tom didático, a aluna Renata abre a série recomendando que os moradores precisam “conhecer” seu bairro. Moradores antigos evocam a afetividade com o bairro, enquanto os jovens misturam angústias em relação ao futuro e espontaneamente citam o que gostam na localidade. A condição de “filho” da região e amor incondicional é expressa nas falas dos mais velhos, que não mudam o seu sentimento em virtude da “meia-dúzia” bagunceira, referida por Clemente. Já os alunos mesclam opiniões para mudar a realidade, ora descrentes, ora reconhecendo a importância dos moradores tomarem alguma atitude diante do que os incomoda. A idéia do “bairro-cidade” é retomada por Sinval e Vagner chama à responsabilidade coletiva utilizando a ideia do projeto. O tambor de Vitória encerra o documentário, revelando algumas cenas da equipe em trabalho e dos lugares que passamos.

Falar de dentro da comunidade para a comunidade foi um exercício complexo que exigiu *disponibilidade* recíproca e permanente dos realizadores, entrevistados e alunos. “Estranhar o familiar” (VELHO, 2003, 2008) não foi uma vontade, mas uma circunstância que deparamo-nos em virtude do *projeto ético* que conduziu todo o percurso para a produção do documentário *Benfica da gente*. A ausência do argumento fechado, o roteiro reelaborado, fundamentado nos encontros com os jovens e nos elos acionados pelos entrevistados tornou-nos, mesmo sem conhecimento anterior, mais acessíveis ao *leitmotiv* (POLLAK, 1986) definido pela experiência em campo.

Entendemos que praticamos não intencionalmente o dialogismo no decorrer de todo o processo, resultando em um vídeo comunitário *polifônico*, ainda que esteticamente confuso. Mas até esta indefinição estética foi motivada pela permeabilidade de nossas visões naquele momento. A primeira e a segunda parte do vídeo foram editadas, cuidadosamente, por mim e Fernando, com a contribuição da Priscila. Vasculhávamos o material bruto e tentávamos fechar uma “história” por vez. Este resultado foi apresentado aos alunos, já no ano de 2007, quando resolvemos encerrar o projeto. Os jovens gostaram do resultado apresentando poucas alterações. A última parte já teve outro critério. Seleccionávamos as falas que tinham ficado gravadas nas nossas lembranças, tentando eliminar o trabalho com temas que realmente “pouco renderam”.

Desse modo, também percebemos *acabamentos* diferentes. A parte *memorialista-tradicional*, mesmo evidenciando contradições nos depoimentos é melhor “arrematada”. A voz do memorialista Vanderlei Tomaz é o eixo condutor, ainda que seja contestada sutilmente. O andamento é lento. O segundo trecho, focado no desenvolvimento dos bairros sobre as terras da fazenda passa rapidamente, mas dá mais visibilidade às áreas de ocupação urbana recente. Já a terceira parte, direcionada à exposição das questões do tempo presente, aglutinando *elos contemporâneos e possíveis*, além de um resíduo de *elos tradicionais* é frenética. Verificamos essa diferença de *acabamento* ao analisarmos o número de inserções, personagens e tempo dedicado. Enquanto o primeiro momento tem 84 entradas de 19 personalidades por cerca de 30 minutos; o segundo apresenta 43 falas de 18 entrevistados em 10 minutos; e o terceiro, absurdamente, reúne 129 entradas de 47 pessoas em 28 minutos. Ou seja, o enunciado sobre o presente é altamente fragmentado e difuso.

Por outro viés, nossa voz, minha e de Fernando, não é evidenciada. Porém, consideramos que é neste trecho que a nossa entonação é mais viva. Tanto da *acadêmica* de perfil comunitário quanto do *acadêmico* jornalista. Ambos buscavam mostrar o “outro lado” da história de Benfica. Nós conhecemos a região para além da narrativa cronológica apresentada por Vanderlei Tomaz porque deixamo-nos ser conduzidos pelos alunos. Não teríamos entrado na Vila Esperança ou na Ocupação da BR sem eles, nem a praça seria um *elo* forte se eles não a evidenciassem nas suas falas. Educação e emprego poderiam ter uma abordagem mais *historiográfica-memorialista*, pois entrevistamos diretoras de uma escola tradicional, e poderíamos ter dado enfoque ao progresso econômico do comércio e dos serviços na região central. Eram tantas as possibilidades, que revendo todo o percurso percebemos como o *Benfica da gente* idealizado ganhando novos contornos no *encontro* de intenções, gerações e linguagem.

O jogo entre *memória do passado* e *memória do futuro* é duro. Não é o contato com os repertórios acabados esteticamente que produzem novos repertórios éticos e políticos. Se assim fosse, todos os jovens do projeto fariam do seu bairro de modo uniforme. As vivências territoriais e as interpretações das memórias são múltiplas e infinitas, sempre se organizando para uma enunciação no presente, acionando o que está disponível aqui e agora, diante de um contexto social específico. Era a primeira vez de todos – realizadores, entrevistados e alunos – na elaboração do registro audiovisual. Se por um lado, a linguagem cinematográfica deixa a desejar, por outro, o esforço de envolver o máximo de assuntos e

peças encontradas na contingência de um vídeo – com começo, meio e fim – deixa transparecer os arrolamentos do percurso.

A qualidade *polifônica* do documentário *Benfica da gente* não está atrelada a nossa vontade criadora, mas ao contexto da sua produção. Também não estamos afirmando que ele assim o é por conta do número de inserções de personagens, mas pela heterogeneidade de interlocuções que ele apresenta, sem espetacularizar nenhuma tensão. “A polifonia não consiste na mera aparição de um representante de um grupo dado, mas na criação de uma conjuntura textual onde a voz daquele grupo possa ser ouvida com força e ressonância totais” (STAM, 1992, p. 99).

Adotando outra discussão de Robert Stam, dessa vez com Ella Shohat, nosso trabalho não foi uma insurgência da “cultura popular” *benfiquense*, nem uma atitude *politicamente correta* (SHOHAT; STAM, 2006). Segundo os autores, atualmente a cultura popular está interligada à cultura de massa, numa “dinâmica tensa e viva”. Desse modo, não faz sentido pensar a “cultura popular” como uma reação uniforme à sociedade capitalista-industrial, pois através dos meios de comunicação, sua essência rapidamente é transformada e mercantilizada. A tecnocultura transnacional globalizada envolveu-a, promovendo uma pluralidade de culturas populares. A arena de disputa é mais competitiva e as questões de identidade e auto-representação estão em permanente tensão e reconfiguração. O *politicamente correto* aparece como uma “etiqueta”, um “protocolo”, para tornar a convivência possível entre comunidades com pouco relacionamento, ocupando-se majoritariamente por estabelecer códigos e condutas aceitáveis entre os diferentes. No entanto, o *politicamente correto* não necessariamente produz a subversão dos valores. Isso porque há uma “variedade enorme de relações complexas de dominação, subordinação e colaboração” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 447).

Neste sentido, deixamos de fora, *silenciamos*, algumas falas que nos pareciam ser exploração da imagem e sofrimento alheios, principalmente com relação aos adolescentes. Mas o enunciado final não mostra uma juventude “engajada” com seu bairro, buscando transformá-lo socialmente, numa proposta de dar uma “imagem positiva” aos herdeiros da memória e história de Benfica. Pelo contrário, as ambivalências e as dissonâncias são evidenciadas.

Mas se tentamos no *registro* final passar por meio da linguagem audiovisual o *encontro* de gerações e histórias para mostrar a transformação social naquele território, com todo o cuidado acima descrito, os *elos* desencadeados a partir da sua exposição pública são outros.



Com a manchete *Centenas de pessoas lotam o Centro Cultural para assistir a história de Benfica*, o jornal *Zona Norte*<sup>120</sup> (jun. 2007) publicou uma matéria que reflete a divergência de opiniões a respeito do vídeo. “Muito bom saber que existem pessoas jovens interessadas em valorizar a cultura local. Elas foram muito felizes na escolha e resultado do filme. Moro no bairro há sete anos e tudo mostrado ali foi novidade para mim”, comentou o atendente Luiz Augusto. “[Os coordenadores e equipe] se deram ao trabalho de resgatar a história da formação de uma das regiões mais importantes de Juiz de Fora, deram a ‘cara a tapa’...”, destacou a professora Márcia Alvelino. Em contraposição, Carlos Alberto, presidente da Sociedade Pró-Melhoramentos de Benfica, questionou a escolha dos entrevistados. “Como ponto de partida foi excelente, mas eles poderiam ter enriquecido o trabalho acrescentando mais fontes, ouvindo outras pessoas”. Um comerciante, que não se identificou na matéria, contestou as falas negativas dos jovens. “Até a hora que contava a história antiga eu gostei muito, depois só mostrou adolescentes falando de drogas e violência”. Leila Ribeiro, presidente do Conselho Regional de Saúde, ficou indignada. “O que foi mostrado lá não foi a história do bairro, mas sim problemas sociais da região urbana de Benfica. Aqueles adolescentes disseram coisas que não têm nada a ver...”

Destarte, concordamos com Stam. “Não há espectador unitário, então, mas uma multidão de posições possíveis para o espectador” (STAM, 1992, p. 81). Estes conferem sua própria “entonação” e “sotaque social” com os repertórios que agrupam da sua existência naquele território.

### **3.3 O documentário como *lugar de memória***

Na Baixada existem *lugares de memória* (NORA, 1993) bem demarcados como centros de memória, pesquisas acadêmicas, organizações não governamentais, com agentes e agências em constante interação alimentando versões da história do lugar, buscando, inclusive, contraposição à mídia. Em Benfica, a situação é diferente. Talvez, por isso, o documentário *Benfica da gente: a história do bairro-cidade contada por seus moradores* passou a ser um *lugar da memória* do território.

---

<sup>120</sup> O jornal *Zona Norte* é um veículo impresso local, distribuído gratuitamente, com periodicidade mensal. A matéria foi publicada na página 8, da edição nº88 de junho de 2007.

Pierre Nora (1993) distingue a *memória viva* da *memória histórica*. A primeira é dialética, suscetível a usos, latências e revitalizações, atual, ligada ao presente, afetiva, sensível, por natureza múltipla e desacelerada, coletiva e individualizada, enraizada no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história é reconstrução incompleta promovida por uma operação intelectual laicizante, tornando a lembrança prosaica, balizada em continuidades temporais e evoluções, apropriando-se da memória para transformá-la em obrigação. A memória torna-se arquivística e deixa de ser vivida interiormente para ser preservada em suportes exteriores cujo avanço tecnológico e transformações político-econômicas motivaram um número cada vez maior de grupos e pessoas a tentarem conservar suas memórias como também a ingressar na história. O historiador francês refere-se às profundas alterações no modo de fazer história com a passagem de Estado-Nação para Estado-Sociedade. Na proposição dele, a história perde sua finalidade pedagógica de transmitir valores para debruçar-se sobre si mesma, ampliando o foco para memórias particulares, tornando-se um “laboratório de mentalidades do passado” (NORA, 1993, p.12).

Pierre Nora se atém ao jogo entre *memória viva* e *memória histórica*. Mais que demarcar fronteiras, ele oferece uma leitura a partir das encruzilhadas onde se encontram os *lugares da memória*.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p.13).

Os *lugares da memória*, então, resultam da tensão entre o vivido, o desfeito e o registrado pelas reconfigurações que a própria sociedade engendra. Logo, abarcam o material, o simbólico e o funcional desde que contenham uma *aura*, ou seja, se forem investidos de significação, se habitarem o imaginário, porque sempre acontecem *novos esquecimentos e novas reencarnações*.

Logo, *lugares de memória* tem uma natureza “dialógica”. Não há completude no indivíduo, a percepção de si e do mundo dependem intrinsecamente do outro. A obra de Bakhtin se fundamenta em uma dimensão constitutiva da linguagem que extrapola o sistema de signos que a compõem. Isso porque, essencialmente, elaboramos a representação de nós mesmos a partir do jogo entre subjetividade e alteridade, e desse modo, os sentidos – tomados como representações experimentadas, vivas e materiais – são negociáveis permanentemente, sempre *inacabados*.

O indivíduo, por sua vez, é a unidade da subjetividade, mas ao invés de determinar um encerramento, ele abrange atravessamentos de fluxos de representações. Assim, as representações que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo formam-se por várias outras representações as quais não são inspirações espontâneas, mas constructos sociais. Em suma, por entender que o ser humano é processo, imbricado de valores e que estes não são dados, nem elaborados subjetivamente, tão quanto objetivamente, Bakhtin (1990), anteriormente aos *lugares da memória* de Nora (1993), percebe a *vida verbal* na relação contraditória entre as *forças centrípetas* que tentam conter, estagnar, centralizar, unificar os significados, e as *forças centrífugas* descentralizantes, mobilizadoras, plurais que os desestabilizam, criando outras significações. Aproximando-os, Bakhtin e Nora, as *forças centrípetas* que atuam na linguagem podem ser transpostas para a atuação da *memória histórica* e as *forças centrífugas* para a *memória viva*.

A aceção de Nora para *lugar da memória* concerne em deslocar o foco dos estudos históricos antes voltados à memória nacional – em virtude das mudanças conjunturais no mundo e especialmente na França – para os locais onde esta memória sobrevive, numa tentativa de preservação do que resta. A contribuição do autor amplia o campo da história, dissecando novos objetos como museus, monumentos históricos, panteões, rituais cívicos, comemorações e celebrações. Essa busca pela cristalização dos vestígios da memória nacional, entretanto, tem sua *problemática*<sup>121</sup>, como assume Nora, em uma entrevista concedida a Ana Cláudia Fonseca Brefe (1999), por meio de um argumento metodológico.

Então, a virtude dessa abordagem direta do sujeito é de “des-familiarizar”, de lhe devolver sua originalidade inicial, de “des-objetivar”. É um método muito mais etnográfico do que historioigráfico, eu diria, e que consiste em ver esses objetos como do exterior, como se não estivéssemos lá. (BREFE, 1999, p. 28)

---

<sup>121</sup> O termo está no título do texto introdutório da obra que difunde o conceito *lugares da memória* (NORA, 1993).

Assim, a *aura do lugar da memória* requer um aval que não é do estado, necessariamente, mas daqueles que o percebem e revestem-no de sentidos.

Um lugar de memória, para mim, não poderia nunca ser reduzido a um objeto material, mas sim, ao contrário. A noção é feita para liberar a significação simbólica, memorial – portanto abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte não o são. Na verdade, existem somente *lugares de memória* imateriais, senão seria suficiente que falássemos de memoriais (BREFE, 1999, p. 30).

Para Bakhtin (1981, 1990, 1993, 1997, 2006, 2011) nada tem fechamento em si, tudo é e se transforma com as relações sociais. O acabamento é a morte. Aliás, nem a morte é acabamento. Ela pode não ser um fim se reencarnada de sentidos que voltam a interagir entre os sujeitos que não são unívocos, mas dialógica e historicamente construídos, constituídos e formatados. As lembranças são vivas, é na interação – tensa – das vozes sociais que o *lugar da memória* se mantém.

As sociedades estão cada vez mais complexas. As memórias coletivas tentam se fixar externamente ao sujeito, nos aparatos tecnológicos – da escrita ao *chip* –, mas não perdem a relação dialógica que nutre e fecunda os *lugares da memória*. O movimento entre forças *centrípetas* e *centrífugas* é mais vigoroso, assim como a multiplicidade de suportes e mecanismos de contenção.

Orquestrar o enunciado final, o documentário, sobrepondo vozes consonantes e dissonantes – levando em conta que o processo de produção se pretendia *comunitário*<sup>122</sup> e cujos temas e número de moradores entrevistados foram tão diversos – resultou numa versão *polifônica* da memória coletiva daquela localidade. Pois o *trabalho* sobre as memórias dos moradores criou condições para algumas lembranças saírem do *subterrâneo*, outras *silenciadas* (POLLAK, 1989), muitas *negociadas*, ainda que pudessem reforçar ou refutarem ideias dominantes.

A posição do documentarista é privilegiada em relação aos seus entrevistados, porém limitadora. Se ao se disponibilizar às potencialidades do encontro motiva múltiplas versões, principalmente se as entrevistas movimentarem as visões de mundo dos entrevistados sobre si mesmos e sobre os outros, o registro (da gravação à edição) restringe toda a multiplicidade descoberta anteriormente para produzir um enunciado menos plural, coferindo-lhe um certo *enquadramento*. A característica de um processo intergeracional, no caso do *Benfica da gente* tencionou o intercâmbio entre quimera e existência, e abriu as possibilidades

<sup>122</sup> Conforme descrito no primeiro capítulo do presente trabalho.

de sua apropriação ao oferecer dois *acabamentos*, o estético da memória do passado e o ético, moral e político, da memória do futuro, ampliando as potencialidades de interpretação do *devir*.

A qualidade de um documentário como lugar da memória não é a sua aproximação com a realidade, mas a capacidade de fomentar múltiplas representações, ou seja, uma manipulação técnica e subjetiva inevitável ao gênero que determina o que fica na tela e pode motivar inúmeras representações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pra gente, a história começa quando a gente vem morar no lugar, mas a gente não sabe, de verdade, a origem. Pra mim mesmo, Benfica começou quando eu vim morar aqui.

Guilherme Miranda, 15 anos

Existem *elos* entre memória e juventude? Durante esta *viagem* etnográfica pelas nossas recordações, reencontrando e reinterpretando os caminhos percorridos na produção do documentário *Benfica da gente*, essa questão permaneceu. No trajeto dessa elaboração textual, com *bagagem* mais densa, sobre um trabalho realizado no passado, defrontamo-nos com os vestígios que deixamos: cadernos de anotações, folhas, planilhas e arquivos no computador velho, comentários na decupagem digital e muitos gigabytes recapturados em um HD externo. Um material acumulado e preservado desde 2003.

A primeira vez que tentamos “pensar” nessa questão, foi no trabalho de conclusão da habilitação em jornalismo *Benfica da gente: memória, juventude e negociação de sentidos*. Realizamos uma pequena experiência de estudo de recepção do documentário com um grupo de adolescentes que estudavam na mesma escola em que o projeto começou. Naquela ocasião, incomodados com a reação dos moradores que, além da matéria no jornal, encontravam conosco e reclamavam da visão dos jovens apresentada no vídeo, buscávamos entender se outros jovens da mesma escola e faixa etária e social elaborariam visões diferentes daquelas, após assistirem o vídeo.

Naquele momento, estávamos mais preocupados em avaliar a “finalidade pedagógica” do documentário que consistia em fornecer um repertório aos moradores de uma comunidade para motivá-los a se perceberem como sujeitos da história local, em especial aos jovens. Inquietava-nos o fato das ressonâncias do vídeo não se equivalerem ao “auditório social” que idealizamos. Outrossim, toda a movimentação em torno da realização e apresentação do vídeo à comunidade, bem como sua repercussão demonstrava que mais do que a reflexão sobre a dicotomia imagem positiva *versus* imagem negativa do território, o processo por si só constituiu um vasto campo para se pensar as representações intergeracionais daquela comunidade. Desse modo, diante das considerações expostas na avaliação do nosso trabalho somada a compreensão adquirida no decorrer da organização do

nosso pensamento e escrita, passamos a compreender que não aproximamos memória e juventude, mas arranjamos *elos* entre *memórias do passado* e *memórias do futuro*.

A epígrafe acima é um viés para esta discussão. O lugar só existe a partir do momento em inaugura-se a sua relação pessoal com ele. A história de um território na memória individual é a história do indivíduo neste território e esta não ocorre sem interação com os outros e com outras memórias. Neste sentido, nossa insistência em desvelar os *elos da cadeia de memória e história de Benfica*, em essência, está diretamente ligada à nossa redescoberta deste lugar, sob a perspectiva bakhtiniana, para a construção de uma narrativa, fixada no *registro* audiovisual. Em suma, parafraseando o adolescente Guilherme, a história de Benfica recomeçou para nós quando nos dispusemos a contá-la pela narrativa audiovisual, ou seja, quando estabelecemos outra interação com a nossa localidade de origem a partir de uma nova experiência deste território.

Tomando o nosso primeiro capítulo, verificamos que há uma conjuntura que favorecia o nosso olhar para o local. O avanço tecnológico propiciou a instantaneidade das informações a serviço da economia globalizada, conferindo certa homogeneidade aos lugares que, no entanto, também tentam reafirmar suas singularidades. Revendo o pensamento de SANTOS (1994, 2006, 2008), contraditoriamente, a mesma força que fragmenta para uma subordinação verticalizada ao mercado também pode promover uma união horizontalizada, sob regras e normas locais. É o “uso” do território, com seus lugares *contíguos e/ou em redes*, nas suas múltiplas vertentes – econômicas, sociais, antropológicas, culturais, históricas – que lhe posiciona neste mundo em transformação. “Muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (SANTOS, 2008, p.158).

A busca e a luta por representação das experiências de territórios singulares vai proporcionar a proliferação de um discurso acadêmico sob essa orientação, como também de produções audiovisuais. Trava-se uma disputa no campo simbólico por outras histórias. Neste contexto, a favela, as periferias tanto passam a produzir suas narrativas como são tomadas como objeto de estudo e de consumo pelo mercado. A memória torna-se um importante elemento de afirmação de singularidades, para o fortalecimento de identidades.

Compreendemos que o processo de realização do documentário *Benfica da gente* estava tomado por estas tensões. As periferias das cidades grandes tiveram suas histórias

registradas em produções de cunho *sociológico* (BERNARDET, 2003) ou mesmo ingressavam nas discussões acadêmicas e passavam a ter *lugares de memória* (NORA, 1998) institucionalizados. Também começavam a ser percebidas pelo mercado como um nicho promissor. As cidades médias, por sua vez, ao menos em Juiz de Fora, ainda estavam longe dessa pluralidade de representações discursivas registradas.

Assim, o documentário *Benfica da gente* foi concebido, transitando entre a “verdade histórica” memorialista e o encontro de “outros lados da história” deste território, influenciado tanto pelo discurso acadêmico quanto midiático daquele momento. Mas pela trajetória aqui descrita, a “orientação social” do produto final era voltada aos próprios moradores, sendo que os realizadores assim também se enquadravam. Com todas as suas limitações estéticas no uso da linguagem audiovisual, sua pequena tiragem de 35 cópias distribuídas em escolas e associações de moradores não minimizam o impacto na localidade. Por um bom tempo ele foi alugado nas locadoras de vídeo de Benfica, copiado nestes estabelecimentos. Também foi solicitado para os mais diversos trabalhos e volta e meia é utilizado como uma “apresentação” de Benfica para mobilização de grupos em trabalhos sociais. Entretanto, consideramos mais interessante ele ser “lembrado”. Lembrado pelos alunos, pelos personagens, pelos familiares dos entrevistados e por aqueles que não entraram. A sua realização foi um *acontecimento* na comunidade que provocou discussões e, por isso, evoca ressonâncias ainda hoje, garantindo-lhe o estatuto de *lugar de memória*.

Isso porque mesmo fixado num suporte material, os relatos dos diversos sujeitos históricos da localidade ali organizados ganharam vida própria nas suas apropriações diversas. Nosso trabalho de “documentarista” foi somente uma entrega à vida da palavra e da memória, como de qualquer um que se disponibiliza a contar uma história. Percebemos, então, que as narrativas – concentradas no passado ou não – são diálogos intermináveis que criam *elos contemporâneos* a partir de *elos tradicionais* e considerações sobre *elos possíveis*, recorrendo às categorias por nós utilizadas nesta pesquisa e às referências de pensamento nela implicadas.

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo



sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da grande temporalidade. (BAKHTIN, 1997, pp. 413-414)

Logo, compreendemos que o homem é um artífice das suas representações, lapidando-as com o tempo, comprometido com o *devoir*. É evidente que o *trabalho* sobre os signos é variado, pois este, sendo ideológico por natureza, é o lugar de negociação entre forças *centrípetas* que buscam estabilizá-lo e *centrífugas* que o tentam libertá-lo. O peso dessas forças vai depender do jogo entre *ideologia do cotidiano* e *sistema ideológico* visando um horizonte social. Mas estes tropos são móveis, intercambiáveis, fugidios.

Desse modo, ainda que nós, realizadores, estivéssemos guiados por uma ótica comunitária, almejando “conscientizar” os moradores para promoverem a transformação social do seu território, este projeto foi se alterando, ou melhor, foi absorvendo outras propostas. Porque durante estes três anos de vivência intensa na localidade, nossos sistemas de referência se modificaram, nossa ideologia do cotidiano se transformou. Mudou por meio do contato com aqueles entrevistados que formularam seus discursos com expectativas próprias ao momento da captação e assistiram o material editado tempos depois. Mudou pela alteração na tônica dos nossos alunos ao se tornarem personagens, pois se ao iniciarem as aulas eles eram tão semelhantes, os percursos desiguais que fizeram no território marcam suas falas.

Assim, retornamos à pergunta geral dessa pesquisa. Existem elos entre memórias e juventudes? Se essas memórias são organizadas para uma narrativa que envolva a história de um lugar, de uma comunidade, existe história sem pensar nos novos atores dessa localidade, sem “herdeiros”? O verdadeiro horizonte social do documentário *Benfica da gente*, com o auxílio dos autores aqui em diálogo, foi produzir uma reflexão crítica sobre este território, do seu passado ao presente, arranjando múltiplas vozes, para que entendêssemos seus moradores como sujeitos que criam a representação de si mesmos, como também agem para definirem os rumos desse lugar. Um trabalho *técnico* sobre o trabalho da *temporalidade*, um trabalho de tornar contínuo algo lacunar.

Estamos recorrendo a Hannah Arendt (2011) apenas nestas considerações finais, após uma curta citação na introdução desta pesquisa, porque preferimos interpretar suas ponderações acerca da *lacuna* entre o passado e o futuro para apresentar nossas inquietações finais. Até mesmo porque Arendt propõe exercícios para “pensar” e é assim que estamos tentando tomá-la agora como acréscimo a todo o desenvolvimento teórico anterior. Nossa aproximação com a autora deve-se ao fato de encontrá-la em inúmeros artigos sobre memória

e sobre juventude, não necessariamente envolvendo os dois temas simultaneamente, pois já esclarecemos a dificuldade em nos deparar com tal situação. Com uma obra elaborada sobre as “sombras” do totalitarismo, a filósofa procura compreender a tragédia que incide na sua própria vida dentro do contexto social e histórico, para refletir a história não como uma sucessão de eventos, mas como algo que irrompe. O que nos interessa como ponto para *pensar* nossas questões é a temporalidade enquanto experiência humana.

Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro. Apenas porque o homem se insere no tempo, e apenas na medida em que defende seu território, o fluxo indiferente do tempo parte-se em passado, presente e futuro;... (ARENDR, 2011, p. 37)

Consideramos, assim, que o *acontecimento* ou *processo* da produção do documentário *Benfica da gente* foi um instante de “tomada de consciência” desta *temporalidade* para nós, produtores do vídeo e para os demais moradores. Um momento de *pensar* nossas posições entre o passado e o futuro da localidade. Por sua qualidade contingente e limitante, o trabalho técnico da edição recupera a continuidade do tempo, estabelecendo uma ordenação das posições múltiplas tomadas na *interpelação* para sua compreensão e apropriação posterior, ou seja, transforma-o em *testamento* para os *herdeiros* dessa história.

Assim, afirmamos que evidenciamos os elos entre memórias do passado e memórias do futuro no projeto *Benfica da gente*, porque estes *elos* são gerados pelas relações materiais e simbólicas intergeracionais existentes no próprio *território*. As pessoas contam histórias para os outros. Os idosos organizaram seus testemunhos no documentário para deixarem vivas suas lembranças. As lideranças comunitárias fizeram suas reivindicações para que acontecessem melhorias nas suas localidades. E os jovens demonstravam suas inquietudes considerando as possibilidades de futuro. Então tivemos um *elo memorialista* que em contato com *os acadêmicos* proporcionou a construção de uma narrativa. Esta foi modificada à medida que se deparava com os *elos tradicionais, contemporâneos e possíveis* deste território, mas todos os *elos* continuamente movimentam novas narrativas que integram o lugar e são reproduzidas, remodeladas e reinterpretadas à luz do *dever*, que é inerente aos sujeitos.

Logo, a questão específica “os elos são o território ou a própria narrativa tecida no documentário?” é incongruente uma vez que território e narrativa estão imbricados em

qualquer vivência geracional. Por outro lado, nossa última indagação “a prática audiovisual com jovens de uma determinada comunidade pode estabelecer *elos* entre estes e os demais moradores para uma *versão da memória coletiva* deste território?” tem uma resposta afirmativa, pois ao trabalharmos com jovens e, também sendo jovens, colaboramos para *encadear* estes *elos* numa interpretação mais suscetível a entonações variáveis, promovendo um *registro polifônico* que, agora, também está no horizonte da lembrança, mas não será condenado ao *esquecimento*, fato ainda fortalecido com o desenvolvimento desta pesquisa acadêmica.

## REFERÊNCIAS

### Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina e SPOSITO, Marília (orgs). *Juventude e contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação, n.5/6, mai/dez. 1997, pp. 25-36.

ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília, UNESCO (2006).

ALVES, Maria Abadia da Silva. *Guerra fiscal e finanças federativas no brasil: o caso do setor automotivo*. Dissertação de mestrado – Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2001. Disponível em [http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/bf\\_bancos/e0001758.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/bf_bancos/e0001758.pdf). Acesso em: 12 jun. 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Tempo, vida, poesia: confissões no rádio*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1990.

BASTOS, Suzana Quinet de Andrade. Desafios para Juiz de Fora com a Instalação da Mercedes-Benz. In: NEVES, José Alberto P.; DELGADO, Ignácio José G.; OLIVEIRA, Mônica R. de. *Juiz de Fora: história, texto e imagem*. Juiz de Fora: Funalfa, 2004, p. 89-98.

\_\_\_\_\_. *Disritmia Espacial: análise da Estratégia de Desenvolvimento adotada em Juiz de Fora (MG) nos anos 90*. In: I Seminário de História Econômica e Social da Zona da Mata Mineira. Juiz de Fora, 2005. Disponível em: [http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/ETENE/Anais/docs/mesa4\\_texto1.pdf](http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/ETENE/Anais/docs/mesa4_texto1.pdf) Acesso em: 12 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. *Juiz de Fora: análise do desenvolvimento industrial e dos desafios colocados pela implantação da Mercedes-Benz*. In: X SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 2002. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2002/textos/D38.PDF> Acesso em 12 nov. 2012.

BAUDRY, Patrick. La société décalée. In: *Esprit critique: revue internationale de sociologie et de sciences sociales*. Vol. 14, 2011, pp. 138-146 disponível em: <http://www.espritcritique.fr/publications/1401/esp1401.pdf> (acesso em 08/08/2012)

BDMG, Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. *Minas Gerais do Século XXI : O ponto de Partida*, v. I. Belo Horizonte: Rona Editora, 2002

BENFICA, Verdun da Mantiqueira. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29 out 1930, capa.

BERNARDEI, Jean-Claude. *Cineastas e Imagens do Povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BDMG, Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. *Minas Gerais do Século XXI : o ponto de partida*, v. I. Belo Horizonte: Rona Editora, 2002

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

BOSICH, Priscila. *Entretenimento e simulação do real: o uso de novas tecnologias em jogos eletrônicos e no cinema*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação jornalismo). Juiz de Fora: UFJF, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_ *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 112-121.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? In: IPEA. *Mercado de trabalho: conjuntura e análise*. Brasília: MTE, novembro de 2012, no. 53, pp. 37-44.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASSAB, Maria Aparecida T.. Jovens pobres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade. In: CASTRO, Lucia R. de C.(org.) *Crianças e jovens na construção da cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, FAPERJ, 2001, p. 209-226.

\_\_\_\_\_ (org.). *Para construir espaços solidários: uma metodologia de trabalho com jovens*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.

CASTRO, José Alves de. *Tópicos de um jornalista refletido: advertências, censuras, et coetera*. Juiz de Fora: 1968.

CASTRO, Lúcia R.. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU Editora, FAPERJ, 2001, p.19-46.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C.. Conhecer Desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do Carnaval carioca. In: VELHO, Gilberto e KUSCHINIR, Karina (orgs). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp.118-138.

COSTA, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais; com estudo histórico da divisão territorial e administrativa*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989

COUTINHO, Eduardo Granja. Gramsci: a comunicação como política. In: \_\_\_\_\_, FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel. *Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

\_\_\_\_\_ *Velhas histórias, memórias futuras*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

DA-RIN, Sílvio. *Espelho partido: tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: v.5/6. n24, 2003, pp. 40-52.

DELEUZE, Gilles. As potências do falso. *A imagem-tempo: cinema 2*. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. Revisão filosófica de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 155-188.

DESTRO, José Augusto de Souza. Café e pecuária em Juiz de Fora: 1896-1930. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada* - Vol.1, nº 1, Jul.-Dez. 2006. Disponível em: <http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo03.pdf> Acesso em 22 jan. 2012, pp. 35-65.

DILLY, Roberto. Origens de Juiz de Fora. In: NEVES, José Alberto P.; DELGADO, Ignácio José G.; OLIVEIRA, Mônica R. de. *Juiz de Fora: história, texto e imagem*. Juiz de Fora: Funalfa, 2004, pp. 19-25.

ENNE, Ana Lucia Silva. *“Lugar, meu amigo, é minha Baixada”*: memória, representação social e identidade. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2002.

ESTEVEES, Albino. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1989.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, juventude e memória cultural. In: *Educação e Sociedade*. Campinas: Cedes, vol. 29, n. 104 - Especial, pp. 667-686, out. 2008

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 2. Os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUIA. Juiz de Fora: julho de 1963.

GUIMARÃES, Elione Silva. Memórias históricas de movimentos rurais: Juiz de Fora na passagem do século XIX ao XX. In: *Tempo*, vol. 11, nº22, jan. 2007, pp. 58-79. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=167013397004> Acesso em 20 nov. 2012

\_\_\_\_\_. *Patrimônio rural e conflitos no campo: Juiz de Fora, Minas Gerais, segunda metade do século XIX*. In: XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2006. Anais. Niterói, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos de abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 43-62.

JUNQUEIRA, Aline. *A etnografia e o documentário, um encontro possível*. Artigo apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto/MG: jun. 2012.

\_\_\_\_\_. *A mixologia da “cidade legal” com a “cidade oculta” nas cidades médias*. Artigo apresentado no V Congresso de Estudantes de Pós-Graduação e selecionado para o primeiro E-book do evento *no prelo*. Niterói: out. 2012.

\_\_\_\_\_. *Benfica da gente: memória, juventude e negociação de sentidos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação jornalismo). Juiz de Fora: UFJF, 2009.

\_\_\_\_\_. *Benfica da gente: narrativa audiovisual sob o ângulo da comunidade*. Projeto inscrito e aprovado na Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes (LMM). 16f. Juiz de Fora, 2004.

\_\_\_\_\_. [Carta]. 17 jan. 2005, Juiz de Fora [para] Secretário da LMM Augusto Costa. 4f. Apresenta relatório de atividades e solicita ampliação do prazo de entrega do produto final.

\_\_\_\_\_. *O lugar da memória no documentário*. Artigo apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza/CE: set. 2012.

\_\_\_\_\_.; VIEIRA, Rosana Lílian. *TV Comunitária a cabo em Juiz de Fora: um estudo do veículo e registro da ocupação em Juiz de Fora*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação radialismo). Juiz de Fora: UFJF, 2001.

LINS, Consuelo; MESQUITA Claudia. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. *Imagens em Metamorfose. Mídia e Comunicação*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

\_\_\_\_\_. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: Projeto História n. 10. São Paulo: PUC, novembro de 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Trad. Antônio P. Carr et al. São Paulo: Abril S. A., 1978.

MENEZES, Maria Lúcia Pires. Juiz de Fora e a moradia popular: o Alto Santo Antônio. In: *Scripta Nova, Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Vol. VII, nº 146(133), Universidad de Barcelona, 1 ago. 2003. Disponível em: [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(133\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(133).htm) Acesso em 20 nov. 2009

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Novas visibilidades políticas da cidade e suas visibilidades narrativas da violência*. In: COUTINHO, Eduardo G. (org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e*



*comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, pp. 11-26.

\_\_\_\_\_; REY, German. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, Cultura e Imaginário Urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História n. 17. São Paulo: PUC, novembro de 1998.

OLIVEIRA JR., Lourival B.; MATTOS, Rogério S. de; BASTOS, Suzana Quinet de A.. O esforço pela reindustrialização de Juiz de Fora nos anos 70 e 80: siderúrgica Mendes Júnior e Companhia Paraibuna de Metais. In: NEVES, José Alberto P.; DELGADO, Ignácio José G. (orgs.). *Juiz de Fora: história, texto e imagem*. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004, pp. 77-87.

OLIVEIRA, Paulino. *Efemérides juiz-foranas: 1698-1965*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1975.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, pp. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

\_\_\_\_\_. La gestion de l'indicible. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. França, Vol. 62-63, juin 1986. pp. 30-53. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1986\\_num\\_62\\_1\\_2315](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2315)

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA - PJF. *SIMI: diagnóstico*. Juiz de Fora, 2006a. Disponível em: <http://www.atlassocialjf.pjf.mg.gov.br> Acesso em 2 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. *O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU)*. Lei Municipal nº 9811 de 27 de junho de 2000. Disponível em <http://www.pjf.mg.gov.br/pddu/index.htm> Acesso em 2 nov 2012.

\_\_\_\_\_. *Plano de Desenvolvimento Local - PDL: Dados Comparativos*. Regiões Administrativas. Juiz de Fora: 2004a.

\_\_\_\_\_. *Plano de Desenvolvimento Local - PDL: Centro Regional Norte*. Juiz de Fora: 2006b.

\_\_\_\_\_. *Plano de Desenvolvimento Local - PDL: Pré Diagnóstico. Região Administrativa Norte*. Juiz de Fora: 2004b.

PROCÓPIO FILHO, José. *Aspectos da Vida Rural de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Esdeva Gráfica, 1973.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luís Felipe de (orgs.). *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: SENAC, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. In: *Comunicação & Sociedade*, Vol. 28, nº 47. São Paulo: Universidade Metodista (2007)

ROCHA, Adair. *Cidade Cerzida: a costura da cidadania no morro Santa Marta*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

\_\_\_\_\_. *Saber e poder: algumas implicações na relação favela/asfalto*. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1997.

ROCHA, Fernando Farias. *A influência do discurso de campanha na comunicação do governo Lula*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação jornalismo). Juiz de Fora: UFJF, 2005.

RODRIGUES, Hila Bernardete Silva. Juventude e políticas públicas na América Latina e Europa: diferentes olhares, diferentes ações. In: *Teoria & Sociedade*. Belo Horizonte: UFMG, nº16.1, janeiro-junho, 2008, pp. 174-215.

\_\_\_\_\_. *Políticas públicas para a juventude e gestão local no Brasil: agenda, desenho e implementação*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Belo Horizonte: PUC-MG, 2009.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. *Território: Globalização e Fragmentação*. São Paulo: UCITEC/ANPUR, 1994, pp. 15-20.

\_\_\_\_\_. *Guerra dos Lugares*. Folha de São Paulo, São Paulo, 8 ago.1999. Caderno Mais, p. 5-3. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc\\_3\\_5.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_3_5.htm). Acesso em 12 outubro de 2012.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da totalidade ao Lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: UFMG; Cia das Letras, 2007.

SODRÉ, Muniz. *Reiventando a Cultura*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SHIKIDA, Cláudio Djissey. *A Economia Política da Emancipação de Municípios em Minas Gerais*. In: STN (Org.). Prêmio Nacional de Monografias do STN. Brasília: Secretaria do Tesouro Nacional, 1999, v. 1. Disponível em: <[http://www.tesouro.fazenda.gov.br/Premio\\_TN/iiipremio/financas/2lugar\\_topicos\\_III\\_PTN/SHIKIDA\\_Claudio\\_Djissey.pdf](http://www.tesouro.fazenda.gov.br/Premio_TN/iiipremio/financas/2lugar_topicos_III_PTN/SHIKIDA_Claudio_Djissey.pdf)> Acesso em 12 maio 2009, indisponível em 04 de dezembro de 2012.

SHOLAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006, pp. 261- 312; 407-475.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. *Memória Coletiva & Teoria Social*. São Paulo: Anablume, 2003.

SIRIMARCO, Martha. *Cinejornalismo e populismo: ciclo da Carriço Film em Juiz de Fora*, Dissertação em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1980

\_\_\_\_\_. *João Carriço: o amigo do povo*, Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2005

STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992, pp. 48-102.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. O desafio da proximidade. In: \_\_\_\_\_ e KUSCHINIR, Karina (orgs). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp. 11-19.

\_\_\_\_\_. Observando o familiar. In: \_\_\_\_\_. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, pp.122-134.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

WIRTH, J. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

## Vídeos e filmes

ACERVO Benfica da gente, fitas Mini-DV, BG 01 a BG 72, 2004-2007, pertencente à Aline Junqueira.

ALMEIDA JÚNIOR, Thiago; GUERREIRO, Alexandre. *O fio e a cidade*. Juiz de Fora: Funalfa, 2001 (16mm, cor, 7', ficção)

ATHAYDE, Celso; BILL MV. *Falcão, meninos do tráfico*. Brasil: Produção independente, 2006 (digital, 58', documentário)

BARA, Sérgio; PEQUENO, Isabel. *Os anos dourados do rádio em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Funalfa, 2005 (suporte não informado, cor, 39', documentário)

BRANDÃO, Cristina. *Assim era o nosso rádio*. Juiz de Fora: Funalfa, 2002 (suporte não divulgado, cor, 50', documentário)

CARRIÇO, João. *Cine jornal sn 20*. Juiz de Fora, Carriço Filme, 1943-1944 (35mm, BP, 270,5m, 24q)

COUTINHO, Eduardo. *Babilônia 2000*. Rio de Janeiro: CECIP; Videofilmes, 2001 (vídeo, cor, 80', documentário)

\_\_\_\_\_ *Edifício Master*. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2002 (vídeo, cor, 110', documentário)

\_\_\_\_\_ *Jogo de Cena*. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007 (35mm, cor, 110', documentário)

\_\_\_\_\_ *Santo Forte*. Rio de Janeiro: CECIP, 1999 (vídeo, cor, 80', documentário)

GROIA, Franco. *Calçadão, onde tudo acontece*, 1999 (35mm, cor, 18', ficção)

JOFFILY, José. *O chamado de Deus*. Rio de Janeiro: Coevos Filmes, 2000 (35mm, cor, 80', documentário)

JUNQUEIRA, Aline. *A feira*. Juiz de Fora, Funalfa, 2004a, (VHS, cor, 5'41, documentário)

\_\_\_\_\_ *Benfica da gente: a história do bairro-cidade contada por seus moradores*. Juiz de Fora: Funalfa, 2007 (Mini-DV, cor, 72', documentário)

\_\_\_\_\_ *Praça Jeremias Garcia*. Juiz de Fora, Funalfa, 2004b, (VHS, cor, 5'02, documentário)

\_\_\_\_\_ *Sua ideia aqui!* Juiz de Fora, Funalfa, 2004c, (VHS, cor, 3'23, propaganda)

PADILHA, José. *Ônibus 174*. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2002. (35mm, cor, 150', documentário)

PIMENTEL, Marcos. *As princesas de Minas*. Juiz de Fora: Funalfa, 2002 (Betacam, cor, 52', documentário)

\_\_\_\_\_ *Biografia do tempo*. Juiz de Fora: Funalfa, 2004 (35mm, cor e BP, 8', documentário)

\_\_\_\_\_ *Cemitério da memória*. Juiz de Fora: Funalfa, 2003 (35mm, cor, 10', documentário)

SACRAMENTO, Paulo. *O Prisioneiro da Grade de Ferro*. São Paulo: Olhos de Cão, 2003 (35mm, cor, 123', documentário)

SETTE, José. *O rei do samba*. Juiz de Fora: Funalfa, 1998 (Super 16, cor, 80', ficção com inserção de depoimentos)

\_\_\_\_\_ *Vertigem*. Juiz de Fora: Funalfa, 2002 (35mm, cor, 8', ficção)

\_\_\_\_\_ *Labirinto de Pedra*. Juiz de Fora: Funalfa, 2003 (Digital, cor, 80', ficção)

SIRIMARCO, Martha. *João Carriço, o amigo do povo*. Juiz de Fora: Funalfa, 2000 (Betacam, 17', cor, documentário)

TENDLER, Silvio. *Jango*. Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas; Rob Filmes, 1984 (35mm, cor, 117')

\_\_\_\_\_ *Os anos JK: uma trajetória política*. Minas Gerais: Terra Filmes Ltda., 1980 (35mm, cor, 110')

TERRA, Rogério. *Os fantasmas da cidade*. Juiz de Fora: Funalfa, 2000 (35mm, cor, 10', ficção)